



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

NATHALIA BARBOSA ALVES

**MISSIVAS DA OPRESSÃO: FONTES MEMORIALÍSTICAS DA DITADURA
CIVIL MILITAR NO ESTADO DO CEARÁ, MEDIADA POR FREI TITO**

RECIFE, PE

2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

NATHALIA BARBOSA ALVES

**MISSIVAS DA OPRESSÃO: FONTES MEMORIALÍSTICAS DA DITADURA
CIVIL MILITAR NO ESTADO DO CEARÁ, MEDIADA POR FREI TITO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, do Centro de Artes e Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Ciência da Informação.

Orientadora: Prof.^a Dra. Leilah Santiago
Bufrem

RECIFE, PE

2018

Catálogo na fonte
Bibliotecário Nathália Sena, CRB4-1719

A474m Alves, Nathalia Barbosa
 Missivas da opressão: fontes memorialísticas da ditadura civil militar no estado do Ceará, mediada por Frei Tito / Nathalia Barbosa Alves. – Recife, 2018.
 202 f.: il.

 Orientadora: Leilah Santiago Bufrem
 Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação. Ciência da Informação, 2018.

 Inclui referências, apêndices e anexos.

 1. Frei Tito. 2. Ditadura Civil Militar Brasileira. 3. Missivas. 4. Informação e Memória. I. Bufrem, Leilah Santiago (Orientadora). II. Título.

020 CDD (22.ed.)

UFPE (CAC 2018-103)



Serviço Público Federal
Universidade Federal de Pernambuco
Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação - PPGCI

NATHALIA BARBOSA ALVES

***Missivas da opressão: fontes memorialísticas da ditadura civil militar
no estado do Ceará, mediada por Frei Tito***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Ciência da Informação.

Aprovada em: 27/02/2018

BANCA EXAMINADORA

Profª D^{ra} Leilah Santiago Bufrem (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Raimundo Nonato Macedo dos Santos (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Profª D^{ra} Virgínia Bentes Pinto (Examinador Externo)
Universidade Federal do Ceará

Profª D^{ra} Gabriela Belmont de Farias (Examinador Externo)
Universidade Federal do Ceará



Programa de Pós Graduação em Ciência da Informação
Av. da Arquitetura, S/N - Cidade Universitária CEP 50740-550
Recife/PE - Fone/Fax: (81) 2126-7728 / 7754
www.ufpe.br/ppgci - E-mail: ppgci@ufpe.br



*À minha vó, Raimunda Barbosa Alves,
por ser o meu maior exemplo de amor,
luta e fé, sem a qual eu nada seria.*

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus, por todo o imenso amor, Senhor da providência e do cuidado, que renovou minhas forças, guiou os meus passos e cultivou minha fé. Responsável por todos os acontecimentos bons e aprendizados durante os meus 25 anos e 4 meses de existência. Por ser o Senhor meu Deus, meu refúgio e minha fortaleza, por sua infinita bondade e misericórdia terem me seguido nessa longa caminhada chamada vida. Por ser o Senhor, meu pastor, e por nunca ter deixado nada me faltar.

À Universidade Federal de Pernambuco, por todo o apoio e credibilidade em mim depositados para a realização do sonho de cursar o Mestrado, em uma universidade fora do meu Estado, logo, UFPE, muito obrigada. Em especial ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, e todo o seu corpo docente, composto por professores extremamente competentes, que me recebeu de braços abertos e muito contribuiu para o meu desenvolvimento, não somente intelectual, mas também social e pessoal. Aproveito também, para agradecer aos demais servidores, em especial à Suzana Wanderley, sempre disposta a ajudar os alunos, com relação às questões acadêmicas e demais atividades do Programa, com competência, generosidade e eficiência.

À minha orientadora Leilah Santiago Bufrem, a quem admiro como exemplo de profissional a ser seguido, mas principalmente a quem estimo pela pessoa que é, sem a qual eu não teria conseguido realizar esta dissertação com o mesmo desempenho e qualidade. Por todas as vezes em que foi muito mais que uma orientadora, sempre estando presente com carinho, cuidado, esmero, disponibilidade, paciência e dedicação, não somente nas questões relacionadas à esta pesquisa, mas também à minha vida. Leilah, a levarei para sempre dentro do meu coração, por toda ajuda, companheirismo, lições, ânimo e, principalmente, amizade.

À banca examinadora, composta pelo professor Raimundo Nonato Macedo dos Santos, por suas imensas contribuições, aconselhamentos nas discussões acerca da temática “apagamento de memória”, e disponibilidade desde o convite até compor a banca. Às professoras da Universidade Federal do Ceará, minha primeira casa, Gabriela Belmont de Farias e Virgínia Bentes Pinto, por toda a nossa história desde a graduação, pelas enriquecedoras colaborações para o desenvolvimento desta pesquisa e pela prontidão em

compor a banca avaliadora. A eles, por serem exemplos de professores que nos estimula amar o que fazemos, fica registrado, aqui, os meus sinceros agradecimentos.

Aos professores Fabio Assis Pinho e Murilo Artur Araújo da Silveira pela disponibilidade em participar da suplência da banca de avaliação.

À Universidade Federal do Ceará, minha primeira casa, em especial ao curso de Biblioteconomia, por ter me proporcionado o conhecimento necessário para ingressar no Mestrado, mas sobretudo por me ensinar que existe um mundo para além de seus muros.

À minha avó, Raimunda Barbosa Alves, minha segunda mãe, meu maior espelho e exemplo de vida, minha melhor contadora de histórias, que tanto nos dias felizes quanto nos tristes está ao meu lado, independente das distâncias.

À minha mãe, Nádia Maria Barbosa Alves, mulher guerreira, a quem devo a vida, por ser minha heroína do raiar do dia ao cair da noite, por todo o amor incondicional, carinho, dedicação e apoio. Por nunca desistir de mim e por toda a força e fé depositada para que eu possa tornar realidade cada um dos meus sonhos.

Ao meu avô, Francisco Alves de Araujo Sobrinho, por ter sido o homem que estive comigo desde os meus primeiros passos, sendo meu guia.

Às minhas tias, Ana Vladia Barbosa Alves, Francisca Nadir Barbosa Alves, Maria Eronilza Oliveira Alves e Nadiana Barbosa Alves, por toda a compreensão e zelo em todos os momentos da minha vida até aqui.

Aos meus tios, Fábio Barbosa Alves, Flávio Henrique Barbosa Alves e Joaquim Noronha de Lima, por toda a dedicação e ajuda durante essa caminhada.

Às minhas primas, Larisse Santana Alves, Eduarda Alves de Melo, Mayra Alves, Juliana Noronha de Lima, Rejane Aparecida Ribeiro e Francisca Batista de Araujo Ribeiro, por serem lembrança de assistência e carinho.

Aos meus primos, Fabiano Santana Alves e Antônio Fabrício Oliveira Alves, por serem sinônimo de alegrias e distrações na casa dos Alves.

Ao meu amado e saudoso tio Manuel Alves Araujo (*In memoriam*), pelo incentivo em se ter fé para que somente assim se possa fazer dos sonhos realidade.

Ao meu pai, Jonas César Alves (*In memoriam*), por ser o homem que me deu a vida.

À minha turma de Mestrado 2016.1, por todo companheirismo ao longo destes dois anos, por me mostrarem que as diferenças podem ser superadas com amizade e tolerância. A vocês, que admiro pela competência e que sempre levarei guardados na minha memória, Eduarda Ferreira Figueirêdo, Alejandro Caballero Rivero, Ermeson Nathan Pereira Alves, Suellen Conceição Ribeiro, Manoel Oswaldo Guimarães Junior, Victor Galvão Celerino, Luiz Felipe Barbosa Abreu, Elisângela Vilela dos Santos, Elinildo Marinho de Lima, Adriano Edney Santos de Oliveira, João Paulo Moraes de Andrade, Felipe Mozart de Santana Nascimento, Ângela Maranhão Gandier, David Oliveira de Carvalho.

À minha turma de Doutorado, por hora fictício, composta por Denise Sampaio, vulgo 'cozinha' e Marcela Lino, por todas as nossas discussões e estudos pela madrugada, pelo compartilhamento de sonhos, encorajamento, fé e amadurecimento, pela nossa irmandade que se formou ao longo destes últimos anos. Não existem palavras suficientes na literatura para expressar o quanto sou grata e admiro vocês.

À família pernambucana que ganhei, os Teixeira dos Santos, por todo apoio, incentivo e amor em mim depositados, em especial a Flavianilda Teixeira, Tânia Maria, Francisco Teixeira, Felipe Santos, Francisco Santos, Flaudemir Santos e os demais. A vocês, sou grata por terem me acolhido como parte da família.

À Nayeli Feitosa, minha ruiva, por ter me encorajado a tentar o Mestrado, por acreditar na minha capacidade, por ser uma amiga incrível, a quem amo, sinto saudades e admiro, por todos os nossos sorrisos compartilhados e pela amizade que nem a distância foi capaz de levar.

À Katia Rabelo, por ser a minha melhor amiga, por nunca desacreditar dos meus sonhos, por nunca ter me deixado perder a fé, por ser alguém que eu quero carregar comigo por todos os dias de minha vida, compartilhando as alegrias e tristezas, por ter-me dado o maior presente que alguém pode dar a alguém, a minha princesa e afilhada Bianca Rabelo. A você, amiga, agradeço.

À Natanna Santana, pela solidariedade eminente e por sempre estar presente em todos os momentos em que precisei; amizade que mora no meu coração, por sua lealdade e companheirismo, mesmo com a falta de tempo.

À Suelene Barroso, por ser uma das melhores pessoas que a UFC me deu. A quem admiro, de quem sou completamente fã, quem tem a minha mais sincera amizade, a quem odeia os meus *spoilers*. Amo-te, Su.

À Larah Pimenta, por ser uma amiga sem igual, por todos os momentos em que passamos juntas, pelas risadas, choros, por sempre buscar enxergar o melhor das piores coisas, por seu companheirismo e amizade.

Ao meu amigo do lado esquerdo do peito, Davi Martins, por ser este cara excepcional, a quem admiro e sou grata pelo carinho.

À Mayara Lins, pela amizade incomparável e apoio incondicional. A você, que sempre me motiva.

À minha companheira de casa, Críssia Santana, pela amizade, lealdade, apoio, convívio e compartilhamento de momentos. A você, que se tornou uma grande amiga.

Ao grupo dos coloridos e agregados, composto pelos amigos Márcio Ferreira, Steffane Ramires, Marcos Augusto, Felipe Mozart, Felipe William, Cristiane Maria e Luís Henrique. A vocês, pelo companheirismo, amizade e partilha de momentos incríveis.

Ao ‘clube da Luluzinha’ que Pernambuco me deu, composto por Camila Costa e seu Mago, além de Juliana Cunha e seu ‘migos’ James. A vocês, que são os detentores do meu carinho, afeto, além de admiração, por arrancarem sorrisos até quando não se tem, por serem vocês a outra metade do meu coração.

À Fernanda Teixeira dos Santos, por todos estes três anos, de paciência, amor, cuidado, carinho e amizade. Por ser você, quem me inspira e incentiva a correr atrás dos meus sonhos todos os dias. A você, que é a minha fã número um, a quem amo, admiro como profissional e ser humano; a você, minha mulher maravilha do dia-a-dia.

À minha trupe, formada por Paloma França e Heitor Cavagnari. A vocês, que são pessoas incríveis, agradeço pela amizade, pelo companheirismo e convivência, aos quais confio a vida.

Aos meus gatos de estimação, Rony e Hermione, por todas as alegrias e distrações proporcionadas nas noites dissertando. Ao Aslan (*In memoriam*), meu cachorro, por ter sido o melhor amigo que alguém poderia ter.

Aos entrevistados desta pesquisa, Lúcia Alencar Lima, por seu emocionante e fiel depoimento; a Marcelo Lima, por fazer de sua entrevista uma aula de política e

organização do movimento estudantil; a Cleyton Monte, por contribuir com a sua experiência nos estudos acerca da temática “Ditadura Civil Militar”, a João Alfredo pelas colaborações nas falas sobre o cenário político brasileiro; e ao seu Cícero, por seu protagonismo ao relatar a sua vivência nos anos de chumbo do Brasil.

Ao Tito de Alencar Lima, ou somente Frei Tito, por sua história de luta, resistência e, principalmente, fé em um amanhã melhor, fé nas futuras gerações, fé na mudança do mundo. Obrigada, Frei Tito, por ter sido, uma inspiração que perpassa o tempo, um exemplo de humanidade, alguém que merece não somente esta, mas todas as homenagens. Obrigada por ter sido um herói brasileiro e do povo. A você, que nos ensinou que é melhor morrer do que perder a vida!

Por fim, não existem palavras que mensurem o tamanho da minha gratidão a Deus por ter cruzado meu caminho com cada um (a) de vocês. Espero que nessas poucas, mas sinceras, palavras vocês percebam o quanto foram essenciais durante a minha vivência na Pós-Graduação e o quanto são importantes na minha vida. Já que foi com cada um (a) que aprendi a ir à luta com determinação, a abraçar a vida com paixão, a vencer com ousadia, a perder com classe e, principalmente, a perceber que a vida é muito para ser apenas uma prece. Aqui fica a minha imensa e eterna GRATIDÃO!

É melhor morrer do que perder a vida!
(Tito de Alencar Lima, 1974)

RESUMO

Objetiva ressaltar informações necessárias para a construção de uma unidade de informação documental, em âmbito digital, acerca da memória de presos políticos durante a Ditadura Civil Militar no Brasil, tendo como marco a narrativa histórica de Frei Tito. Tem como objetivos específicos: a) identificar os elementos discursivos presentes na trajetória de Frei Tito como mecanismos para o não apagamento da memória da Ditadura Civil Militar; b) categorizar as missivas de Frei Tito, classificando-as segundo seu teor político, social e religioso; c) caracterizar a memória advinda das missivas de Frei Tito, como recurso informacional acerca do período da Ditadura Civil Militar. De caráter exploratório quanto aos fins, sendo documental e bibliográfica quanto aos meios, tem como corpus de pesquisa o conjunto de cartas, poesias e textos localizados no memorial Frei Tito *Online*, veiculado na *internet*, neste momento inacessível. Como instrumento de coleta de dados utiliza a entrevista semiestruturada enquanto meio de conhecimento e recurso testemunhal acerca da conjuntura política e das relações de poder, de modo a contextualizar e problematizar o objeto de pesquisa. Realiza análise de conteúdo das missivas, a fim de obter dados para a possível criação de uma unidade de informação documental em âmbito digital, acerca da memória da opressão vivida na Ditadura Civil Militar. Estuda as missivas de Frei Tito como fonte de informação acerca da Ditadura Civil Militar e trata da informação e memória como propulsoras de saber sobre o passado para a obtenção de conhecimento na contemporaneidade. Categoriza as missivas de acordo com o seu gênero, ou seja, a separação das missivas entre as categorias gerais: “carta”, “texto” e “poesia”. Traz como resultados concretos a categorização das missivas de acordo com o seu teor político, religioso e de luta social. Observa que as missivas de Frei Tito retratam os acontecimentos do Brasil dos militares, e sobretudo a luta social na busca por democracia.

Palavras-Chave: Frei Tito. Ditadura Civil Militar Brasileira. Missivas. Informação e Memória.

ABSTRACT

It aims to emphasize information necessary for the construction of a documentary information unit, in a digital scope, about the memory of political prisoners during the Civil Military Dictatorship in Brazil, based on the historical narrative of Frei Tito. Its specific objectives are: a) to identify the discursive elements present in Frei Tito's trajectory as mechanisms for not erasing the memory of the Military Civil Dictatorship; b) to categorize the missives of Frei Tito, classifying them according to their political, social and religious content; c) characterize the memory from Frei Tito's missives as an information resource about the period of the Military Civil Dictatorship. It has an exploratory nature as regards the purposes, being documentary and bibliographical as to the means, has as corpus of research the set of letters, poetry and texts located in the memorial Frei Tito Online, published on the internet, which at that moment is inaccessible. As a data collection instrument, the semi-structured interview is used as a means of knowledge and a testimonial resource about the political conjuncture and power relations, in order to contextualize and problematize the research object. It analyzes content of missives in order to obtain data for the possible creation of a documentary information unit in a digital environment, about the memory of the oppression experienced in the Military Civil Dictatorship. It studies Frei Tito's missives as a source of information about the Military Civil Dictatorship and deals with information and memory as propellers of knowledge about the past to obtain knowledge in the contemporary world. In addition, there was a categorization of the missives according to their gender, that is, the separation of missives among the general categories: "letter", "text" and "poetry". The research brought as concrete results the categorization of missives according to their political, religious and social struggle. It notes that Frei Tito's missives portray the Brazilian events of the military, and especially the social struggle in the search for democracy.

Keywords: Frei Tito. Brazilian Civilian Dictatorship. Missives. Information and Memory.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Fatores constituintes da memória conforme Pollak (1992).....	43
Figura 2 –	Manifestação dos estudantes contra a Ditadura Civil Militar.....	59
Figura 3 –	Tirinha do personagem Cascão publicada na Folha de S. Paulo de 14 de dezembro de 1968.....	63
Figura 4 –	O pau de arara é assim.....	65
Figura 5 –	Voo da Liberdade.....	70
Figura 6 –	Caminho Metodológico da pesquisa.....	77
Figura 7 –	Diagrama da Pré-Análise das missivas, conforme Bardin (1977).....	80
Figura 8 –	Apresentação do <i>site</i> Frei Tito Memorial Online.....	84
Figura 9 –	Máquina de escrever de Frei Tito.....	103
Figura 10 –	Mostra da Sala Escura da Tortura.....	107
Figura 11 –	Diagrama da Categorização das Missivas de Frei Tito.....	109
Figura 12 –	Linha temporal de escrita das missivas.....	109
Figura 13 –	Subcategorização do gênero “carta”.....	111
Figura 14 –	Linha do Tempo com local e destinatário das cartas.....	112

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Disciplinas interdisciplinares no período de construção da C.I.....	39
Quadro 2 –	Disciplinas estruturais da C.I.....	42
Quadro 3 –	Objetivos e procedimentos para a sua realização.....	76
Quadro 4 –	Categorização das missivas.....	110
Quadro 5 –	Contextualização entre as missivas, os entrevistados e as evidências teóricas.....	113

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	17
2 CONHECENDO AS TIPOLOGIAS DE FONTES DE INFORMAÇÃO.....	24
2.1 FONTES DE INFORMAÇÃO INSTITUCIONAIS.....	26
2.2 FONTES DE INFORMAÇÃO DOCUMENTAIS.....	27
2.3 FONTES DE INFORMAÇÃO PESSOAIS.....	28
3 DAS PAREDES DAS CAVERNAS AO MUNDO VIRTUAL.....	30
4 A MEMÓRIA NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO.....	37
5 DITADURA CIVIL MILITAR.....	45
6 AS PRÓPRIAS PEDRAS GRITARÃO O NOME DE FREI TITO.....	52
6.1 O RELIGIOSO TITO.....	54
6.2 O REVOLUCIONÁRIO TITO.....	58
6.3 O REDATOR TITO.....	69
7 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	74
7.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	77
7.2 CONTEXTO DA PESQUISA.....	82
7.3 INSTRUMENTOS DA PESQUISA.....	84
8 NARRATIVA REVOLUCIONÁRIA MEDIADA PELAS MISSIVAS DE FREI TITO (ANÁLISES).....	88
9 RESULTADOS.....	108
10 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	116
REFERÊNCIAS.....	119
APÊNDICE A – ROTEIRO PRÉ-ESTABELECIDO DA ENTREVISTA.....	127
APÊNDICE B – ENTREVISTAS.....	128
ANEXO A – REPRODUÇÃO DA CARTA ENVIADA AO COLEGA DE CONVENTO MAGNO VILELA.....	191
ANEXO B – FOTOGRAFIA DE TITO NO DOI-CODI.....	192
ANEXO C – CARTEIRA PROFISSIONAL DE TITO.....	193
ANEXO D– MANCHETE DO JORNAL FOLHA DE S. PAULO.....	194
ANEXO E– MANCHETE DO JORNAL DO BRASIL NO DIA 14 DE DEZEMBRO DE 1968.....	195

ANEXO F – MARCHA DOS CEM MIL.....	196
ANEXO G – FOTO TIRADA NO DOPS PARA FICHA CRIMINAL DE FREI TITO.....	197
ANEXO H – TÍTULO DE ELEITOR DE FREI TITO.....	198
ANEXO I – FREI TITO DE ALENCAR LIMA.....	199
ANEXO J – PESQUISADORA COM A ENTREVISTADA LUCIA.....	200
ANEXO K – PESQUISADORA COM A ENTREVISTADO CLEYTON.....	201
ANEXO L – TÚMULO DE FREI TITO NO CEMITÉRIO SÃO JOÃO BATISTA EM FORTALEZA	202

1 INTRODUÇÃO

As contínuas transformações nas necessidades humanas resultam de diversas modificações e evoluções no decorrer do tempo. No atual cenário, uma constante que se observa na evolução do homem é a busca por informação e conhecimento.

O homem tem deixado sua marca por onde passa, como, por exemplo, suas impressões de contexto acerca de sua situação familiar ou de suas dificuldades de *hábitat* que, até então, apenas salvaguardadas na memória, acabam por se tornarem fatores constituintes da história. A busca por conservar tais informações, por meio dos registros nas escritas das paredes das cavernas, das artes ou das disciplinas, evidenciou a necessidade do homem de não somente salvaguardá-las, mas também disseminá-las por onde quer que fosse. Logo, foram surgindo diversas expressões humanas que permitiram perpassar essas informações adiante, registrando-as para além da memória de um povo ou de uma nação, tornando-as fontes de saber de um momento, período e, até mesmo, do tempo.

Tais fontes de saber são ferramentas do conhecimento que vão para além do registro e acesso de informações, isto é, transcendem a história e podem se tornar uma medida para o não apagamento desta dita memória. Pelas palavras de Traverso (2012, p. 21), “História e memória nascem de uma mesma preocupação e partilham de um mesmo objeto: a elaboração do passado”.

A leitura de Le Goff (1996) permite observar que a memória envolve as problemáticas relativas ao conhecimento do homem enquanto sujeito transformador do meio, pela visão da antropologia, e à existência dos fatos e acontecimentos, pelo olhar da história. Todavia, ela não é exclusividade da história, já que é parte constituinte da antropologia, da psicologia, da educação e, de modo especial, da Ciência da Informação, embora tenha sua significação particular na história, pois “o estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história.” (LE GOFF, 1996, p. 426). Dessa forma, percebe-se que a memória trata também das vivências do indivíduo, por meio de um contexto no qual ele está inserido, ou seja, é o retrato do fenômeno, a partir da ótica do indivíduo.

Para Ortega y Gasset (2006), o homem herdou as formas de existência, as ideias, as experiências vitais de seus ancestrais e parte, portanto, das situações representadas pelo passado humano, concentradas sob os seus pés. Logo, sua vida é feita pela acumulação de

outras vidas. Sob essa perspectiva, pode-se afirmar conforme Galindo (2015, p. 104) que “a informação é passado registrado”, o que vem a ser percebido, aqui, como memória.

Relacionando esta ótica à concepção de Barros (1989, p. 29) quando menciona que “no ato de lembrar nos servimos de campos de significados”, e à afirmação de Queiroz (2005, p.13), ao dizer que “há cerca de vinte mil anos o homem exprime o seu pensamento através de meios gráficos”, pode-se inferir que, ao longo do tempo, as memórias registradas se tornaram verdadeiros leques de recursos informacionais, tais como hieróglifos, papiros, pergaminhos, imprensa e, mais recentemente, o computador, representando assim o acúmulo do saber humano por meio das suas impressões acerca daquilo que sempre esteve ao seu redor.

Em se tratando do *lócus* de partida da informação acumulada pelo homem, sua representação pode ser feita sob os mais variados suportes, na forma de um documento físico, sonoro, audiovisual, dentro ou fora da natureza, isto é, qualquer material que vincule um tipo de informação, independentemente de sua forma, é entendido, aqui, como fonte de informação. Dentro deste leque de fontes de informação, tem-se o destaque para o homem, já que ele pode ser considerado uma fonte de informação pessoal, a partir do repasse de suas impressões de vida, cotidiano, hábitat, momentos e lembranças, isto é, da disseminação de suas memórias.

Pelas palavras de Galindo (2015, p. 106), uma teoria defendida na Psicologia por Paul Fraisse, em sua publicação “*Psychologie du temps*” (1967), diz que a informação de variadas matizes que chega ao nosso campo sensitivo leva três segundos para se tornar passado. Por esta teoria, todas as informações que se encontram dispostas ao redor do homem são processadas, armazenadas e devidamente arquivadas, no que Galindo (2015) denomina de “sistemas de memória do cérebro”. De tal maneira, pela visão de Fraisse (1967), enxergamos a própria vida, fundamentalmente através de registros de memória.

Por conta disso, percebe-se a interligação existente entre informação e memória, pela qual conseqüentemente a memória acaba sendo a matriz para a criação da informação, fornecendo-nos, portanto, as fontes de informação. Por estas fontes de informação, vamos ampliando, diariamente, o nosso conhecimento acerca de cada evento, conhecendo o mundo. Muitas vezes, pela percepção daqueles que viveram em um dito contexto ímpar, temos a reconstrução de momentos marcantes e jamais esquecidos, evitando assim que se tenha o

apagamento de memórias de pessoas que testemunharam a construção da narrativa brasileira e interligam passado e presente, fazendo com que em todo lugar e em qualquer tempo se tenha informação. Nesse caso, o acesso à informação se dá pela ótica da memória.

Dessa maneira, pode-se dizer que, no desenvolvimento da história do ser humano, a memória e o trabalho dos profissionais que lidam com a informação têm seus campos interligados, como bem salienta Ricouer (2007), ao afirmar que a memória é inerente ao próprio reconhecimento do homem diante da história. Este pensamento associa-se ao de Klanovicz, quando diz que (2009, p. 8) “[...] a memória é o resultado aparente de um processo individual de armazenamento de informações”, e acaba por ressaltar a tamanha significância da junção de memória com aqueles que têm a informação como seu insumo de trabalho, isto é, os profissionais que lidam com a informação.

Sob esse cenário, destaca-se o trabalho dos profissionais da informação (bibliotecário, gestor da informação, museólogo, antropólogo, historiador...), os quais, como mediadores da informação, lidam diariamente com a ideia da memória como fonte de informação. Essa ideia vem ao encontro de Capurro (2007) quando afirma que não somente os bibliotecários, mas também outros profissionais da Ciência da Informação cumprem com o seu papel disseminador ao possibilitarem para o homem a experimentação de diferentes formas de tempo e espaço, por meio das distintas interpretações das informações armazenadas e cedidas pela memória.

De acordo com Oliveira (2005, p. 19), “[...] o fenômeno da informação abrange todos os aspectos da vida em sociedade e pode ser abordado por diversas óticas, como matéria-prima do conhecimento”. Assim, ao se relacionar informação e memória, tem-se, além da construção de conhecimento, a sua preservação na forma de bem social.

A informação pode até ditar os mecanismos da sociedade e seu uso pode ser associado para garantir o progresso, porém, no que tange ao destaque de problemas pertinentes ao país, cabe à memória este papel. Com isso, verifica-se o objetivo da informação de proporcionar conhecimento e o da memória de preservar, além de ser fonte desse tal conhecimento.

Pela leitura de Moraes (2015, p. 36), na parte em que fala que a “[...] a história das civilizações demonstra que a memória é fundamental para a definição dos acontecimentos e, mais ainda, para a definição da cultura e dos costumes de um povo,

principalmente, ao associar fatos ocorridos no passado”, desperta-se a necessidade de estudar a relação entre memória e informação, não apenas como produtoras e mediadoras de conhecimento, mas como propulsoras de sua preservação. De tal maneira, aqui se leva em consideração um momento de densa repercussão histórica, cultural e social para o nosso país, um momento singular para a sua história, a Ditadura Civil Militar, que, de 1964 a 1985, vigorou no Brasil, caracterizando-se pelo alinhamento da economia nacional ao padrão de desenvolvimento capitalista.

Nesta pesquisa, aceita-se o desafio de examinar a convergência viabilizada pela integração da informação com a memória no contexto brasileiro, que tem como eixo fundamental as tecnologias digitais da informação e comunicação, além da realização de um recorte dos impactos socioculturais acarretados, a partir da Ditadura Civil Militar. Com esse propósito, aqui se utiliza como pano de fundo o estudo da preservação da memória e da produção do conhecimento pelo ponto de vista da Ciência da Informação, com destaque para a riqueza cultural apresentada por meio dos capítulos que constituem a história de uma sociedade. Além disso, sobressai-se a relevância da escrita, por ser uma das primeiras fontes de saber e por ser companheira fiel da narrativa do ser humano desde os seus prelúdios, como grande recurso informacional.

Numa época de violação dos direitos humanos, com prisões arbitrárias e torturas de quem era considerado subversivo¹, usurpação de poder, instabilidade do governo, revolta popular e censura, a Ditadura Civil Militar marcou os estados brasileiros, com as suas transgressões, mais especificamente, a vida de cidadãos comuns, que mais tarde se tornaram símbolos da resistência, luta pelos direitos humanos e pela democracia. Um destes heróis do povo foi o cearense, Frei Tito de Alencar Lima, de família humilde, filho de uma dona de casa e um leitor de temáticas políticas, caçula dentre mais quatorze irmãos, frade, ativista, preso político, torturado, exilado e mártir, que, em meio à tirania do governo ditatorial,

¹ Os militares no poder procuraram sempre atuar a partir de uma “legalidade autoritária”. Mas para combater qualquer um que contestasse o regime mais diretamente, os chamados “subversivos”, não deveria haver limite jurídico, ético ou moral. Disponível em < <http://memoriasdaditadura.org.br/repressao/index.html> > Acesso em: 25 out. 2017

sofrendo abusos, não se calou em suas missivas² e retratou o contexto político, religioso e social em que se encontrava.

Logo, a fim de conhecer os rastros deste momento histórico, único na vida dos cidadãos brasileiros, de forma íntima e legítima pelo olhar hodierno da pesquisadora, foi que surgiu o seguinte questionamento: De que modo as missivas escritas por Frei Tito contribuem como fonte de informação e recurso para o não apagamento da memória da Ditadura Civil Militar brasileira? Para tanto, buscando entender esta etapa de intensa e densa repercussão política e cultural que marcou o Brasil, é estabelecida como diretriz principal nesta pesquisa, investigar como as missivas, especificamente, as cartas, poesias e textos de Frei Tito, refletem a luta do povo brasileiro contra as transgressões do Regime Militar por meio do *site* Frei Tito Memorial *Online*.

Para se estudarem as cartas, poesias e textos de Frei Tito, por representarem a troca de informações, numa época de cerceamento de direitos a liberdade de expressão no Brasil, quando estiveram presentes em ambiente virtual, o pensamento de Elias (2001), acerca da razão de ser da *internet* contribui em sua construção, ao salientar que o ciberespaço pode ser visto como uma metáfora para descrever um espaço que contém objetos (arquivos, mensagens de correio, gráficos, som, vídeo, entre outros) e modos diferentes de coleta, transporte, armazenamento, manipulação e entrega de dados. Além disso, ao se interpretar tais missivas de Frei Tito, percebe-se que “mesmo explicado ou merecido, o sofrimento guarda seu caráter de algo insondável, arredio a regras e afeito ao mistério” (RAMOS, 2011, p. 11).

De tal maneira, o *site* Frei Tito Memorial *Online*, que foi criado pela Agência de Informação Frei Tito para a América Latina e Caribe, quando estava ativo em ambiente *web*, trazia em sua concepção uma verdadeira linha do tempo, tijolo por tijolo, acerca da vida e obra de Frei Tito de Alencar Lima. Assim, se teve o suporte documental necessário para que a pesquisadora pudesse reunir um corpus consistente e testemunhal, o que se julgou suficiente para a pesquisa e a representação da informação.

² Carta; bilhete em que uma mensagem é enviada a alguém. Bilhete; mensagem enviada a alguém com o intuito de comunicar alguma coisa. Epístola; correspondência que se envia a alguém. Disponível em: <http://www.dicio.com.br/missiva/> Acesso em: 20 jun. 2016.

Sob tais considerações, esta pesquisa traz como seu objetivo geral: ressaltar informações necessárias para a construção de uma unidade de informação documental em âmbito digital, acerca da memória de presos políticos durante a Ditadura Civil Militar no Brasil, tendo como marco a narrativa histórica de Frei Tito. E traz como objetivos específicos: identificar os elementos discursivos presentes na trajetória de Frei Tito como mecanismos para o não apagamento da memória da Ditadura Civil Militar; b) categorizar as missivas de Frei Tito, classificando-as segundo seu teor político, social e religioso; c) caracterizar a memória advinda das missivas de Frei Tito, como recurso informacional acerca do período da Ditadura Civil Militar.

A partir do objetivo geral desta pesquisa, percebe-se a importância da relação entre memória, informação e tecnologia, pela qual a memória atua como acervo de lembranças acerca da Ditadura Civil Militar, enquanto a informação ressalta o seu papel como fonte de saber de um período e a tecnologia se torna a maneira prática para dar acesso a pesquisadores, a sociedade e a estudantes, a fim de impossibilitar que esta memória caia no esquecimento.

O interesse em se estudar as missivas de Frei Tito advém do grande fascínio que a pesquisadora sente pelo ‘ato da escrita’, uma das primeiras estratégias de registro do saber do ser humano, cujo papel foi fundamental na narrativa da história do homem, chega a ser um ímpeto mágico, repleto de sentimentos e significados, e como diria Goethe (1824), “uma palavra bem escrita é como se fosse uma pérola”. Aliando isso, ao fato da profunda admiração da pesquisadora ao homem, irmão, revolucionário, escritor e religioso que foi Frei Tito de Alencar Lima é que se teve a razão de ser desta pesquisa.

Além disso, foi a partir de uma participação em um projeto de preservação e restauro de obras raras na Universidade Federal do Ceará, referente à gestão da Faculdade de Direito, nesse período, que se percebeu a tamanha importância que alguns acontecimentos tiveram para a construção da história do país. Daí a motivação para se estudar a circulação de informações durante épocas marcantes da nação brasileira. Tratar a escrita como fonte de informação faz com que se ressalte a importância de se trabalhar a informação como instrumento de descrição do conhecimento implícito, além de tratar a relevância da preservação da memória. Trabalhar o fluxo informacional de uma determinada época do país se torna um passo efetivo, não somente para a área, mas para a sociedade, já que é um

exercício de cidadania, tendo ciência do contexto hostil e marcante da época e compreendendo o que foi necessário no passado para que se tivesse um presente e se objetivasse um futuro.

A estrutura da dissertação compõe-se desta seção introdutória, pela qual se visa posicionar o contexto do estudo, a justificativa, bem como os objetivos para seu desenvolvimento. Além disso, há ainda a divisão da pesquisa em nove seções, que trazem, o seguinte: a segunda faz uma explanação acerca das tipologias de fontes de informação existentes; a terceira aponta acerca da informação registrada desde os primórdios da humanidade até a chegada da *internet*; a quarta discorre sobre os aspectos da memória sob a ótica da Ciência da Informação; enquanto a quinta fala do cenário desta pesquisa, contextualizando os principais acontecimentos na Ditadura Civil Militar brasileira; a sexta aborda os principais momentos da vida e obra de Frei Tido, o personagem central desta pesquisa; a sétima seção aponta o caminho metodológico percorrido na pesquisa, com a explanação dos métodos e das técnicas utilizados para o seu desenvolvimento; no que concerne à oitava, há a realização das análises de conteúdo das missivas com base na proposta de Bardin (1977); na nona são apresentados os resultados provenientes das análises das missivas de Frei Tito; a décima, e última seção, denota uma explanação geral de tudo o que foi mostrado nesta pesquisa, apontando as suas considerações finais.

2 CONHECENDO AS TIPOLOGIAS DE FONTES DE INFORMAÇÃO

O surgimento das tecnologias da informação durante a Segunda Guerra Mundial e a criação da Ciência da Informação, consequências, segundo Capurro (2007), da explosão informacional, fundamentaram estudos para várias áreas do conhecimento, como a Sociologia, a Filosofia e a Computação. Com isso, a informação se consolidou como a ponte para o conhecimento dentro da sociedade.

Seja pelo simples prazer de conhecer (Freud), de estar informado sobre os acontecimentos políticos, os progressos da ciência e da tecnologia, ou pelo prazer menos simples de estar a par dos últimos temas e resultados das pesquisas (fatos, teorias, hipóteses, etc.), de acompanhar a vanguarda do conhecimento científico, o objetivo da informação permanece sendo a apreensão de sentidos ou seres em sua significação, ou seja, continua sendo o conhecimento; e o meio é a transmissão do suporte, da estrutura (LE COADIC, 1996, p. 5).

A partir disso, evidencia-se que, independente da forma, conteúdo, suporte, ou finalidade, a informação supera o aspecto pragmático, para alcançar a dimensão política, necessária ao exercício da crítica. Tratada como matéria-prima das mais variadas áreas, a informação visa, sobretudo, a produção, armazenamento e disseminação de conhecimento. Um ponto comum dentro da Ciência da Informação, de acordo com Oliveira (2005), diz respeito aos profissionais da informação, como, por exemplo, os da Biblioteconomia, que compartilham seu papel social e sua preocupação comum com a utilização dos registros informacionais.

Um relato a partir da memória de alguém, um livro, um filme, uma carta, uma música, até mesmo uma placa de direção na estrada, podem se configurar como exemplos ilustrativos de transmissores de informação, isto é, como fontes.

[...] Originária do cientificismo que prevalecia no século XIX, preocupada com a descoberta dos fatos verdadeiros, fonte é uma metáfora, pois o sentido primeiro da palavra designa uma bica d'água, significado esse que é o mesmo nas línguas que originaram este conceito, no francês, *source*, e no alemão, *qual*. Todos se inspiraram no uso figurado do termo *fons* (fonte) em latim, da expressão "fonte de alguma coisa", no sentido de origem, mas com um significado novo. Assim como das fontes d'água, das documentais jorrariam informações a serem usadas [...] (MORALES, 2000, p. 5).

Por outro lado, o contexto em que está inserido o indivíduo com as suas necessidades informacionais, pode influenciar no surgimento ou na busca por essas fontes de informação. Com o passar dos anos, as transmissões de informações por suas fontes se

tornaram os mecanismos que possibilitam a mistura de departamentos de documentos, como centros de informação, arquivos, bibliotecas, hospitais, escolas, lugares que antes exerciam apenas as especificidades de suas funções e que hoje se tornaram grandes núcleos urbanos de circulação, não apenas de informação, mas de prestação de serviços e estabelecimentos de relações sociais. Bibliotecários, pesquisadores, historiadores, gestores da informação, museólogos e arqueólogos são exemplos de profissionais que contam com as fontes de informação como seus instrumentos de trabalho.

Atualmente, a ideia de que o acesso à informação não é apenas um recurso social, mas um direito, traz como consequência a disseminação das fontes de informação como um leque para o acúmulo de conhecimento em todos os setores da sociedade. Todavia, com o advento da *internet*, que, conforme Nielsen (2010), ganhou o título de ferramenta de pesquisa mais eficaz e rápida do mundo, a informação passou a reger a sociedade tanto em ambiente físico como em virtual, tornando os sistemas informacionais a principal forma de interação para a tríade homem-informação-mundo e servindo de repositório para as outras fontes de informação.

Esta desenfreada propagação da informação pode ser exemplificada no ambiente virtual (*web*), onde as páginas estão lotadas com *links* de hipertextos que permitem ao usuário descobrir infinitas vertentes de áreas de pesquisa dentro de um único objeto. Logo, a fim de amenizar a desorganização das informações na *web*, o *homem pensou na criação de* páginas responsáveis em avaliar o grau de adaptação destas ferramentas de busca, constituindo assim os critérios de avaliação para a mediação, em muitos casos, além da qualidade, segurança, eficiência e eficácia da informação, a satisfação dos usuários para com a sua pesquisa.

Conforme Guinchat e Menou (1994, p. 42), as fontes de informação, assim como os textos escritos “[...] nascem a partir de um documento [...] ou pessoas fontes, que consistem em pessoas que irão garantir a autoridade acerca de determinado assunto, segundo seu grau de conhecimento e as relações profissionais por elas estabelecidas”. Tem-se como características das fontes de informação pessoais a confiabilidade e a autoridade com a qual se dissemina a informação, tendo em vista que são as opiniões das pessoas que a presenciaram ou que entendem de determinado assunto que vão considerá-la significativa para disseminá-la.

De forma geral, como define Carrizo Sainero (1994, p. 30), fontes de informação são

[...] todos os materiais ou produtos, originais ou elaborados, que trazem notícias ou testemunhos, através dos quais se acessa o conhecimento, qualquer que seja este. [...] tudo aquilo que forneça uma notícia, uma informação ou um dado. [...] onde se encontram todos aqueles elementos que, submetidos à interpretação, podem transmitir conhecimento, tais como um hieróglifo, uma cerâmica, um quadro, uma partitura Cl, uma fotografia, um discurso, uma tese doutoral e entre outros.

Como é possível observar, existe uma pluralidade de meios e ferramentas utilizados para que ocorra o repasse da informação, já que em tudo que está ao nosso redor se pode encontrar informação. Com isso, percebe-se que as fontes de informação são múltiplas e não há critérios discriminatórios para designar algum tipo de informação, isto é, existem infinitas ferramentas, maneiras, condições e suportes, que a guardam.

Em síntese, o uso das fontes de informação pela sociedade se caracteriza pelas necessidades informacionais de cada usuário, não existindo um padrão de uso; as fontes de informação podem ser utilizadas das mais variadas maneiras e formas, a depender do contexto, da situação, comportamento e do perfil do usuário e de sua aplicação.

As fontes de informação podem ser definidas, de acordo com Brigidi (2009), com base em seu tipo (institucional, documental, pessoal ou eletrônica.), o que será elucidado nas subseções, a seguir.

2.1 FONTES DE INFORMAÇÃO INSTITUCIONAIS

No mundo contemporâneo, as organizações se destacam como consideráveis fontes de informação, pois sua imensa produção, acumulação e disseminação de documentos viabiliza o conhecimento não somente sobre a própria instituição, mas também das atualizações de mercado, inovações tecnológicas, descobertas da ciência e do mundo.

Para Campello (2000, p. 37), “o acesso às informações de uma organização pode se dar através dos indivíduos a ela ligados ou aos documentos que ela gera, como relatórios, catálogos de produtos e serviços”. Com isso, as organizações constituem o próprio material gerador de lucro e construção como sendo fontes de informação para o funcionamento da empresa e até mesmo da sociedade em geral. A pluralidade existente nos tipos de organização

faz com que se tenha uma infinidade de fontes de informação institucionais condizentes ao tipo de organização, podendo ter um caráter comercial, de pesquisa, governamental, tecnológico, social, dentre outros.

2.2 FONTES DE INFORMAÇÃO DOCUMENTAIS

Em decorrência dos documentos que as veiculam, as fontes de informação classificam-se como documentais ou bibliográficas, as quais têm seu suporte físico como principal característica.

O conceito de fontes documentais ultrapassa a ideia de textos escritos e/ou impressos. O documento como fonte de pesquisa pode ser escrito e não escrito, tais como filmes, vídeos, slides, fotografias ou pôsteres. Esses documentos são utilizados como fontes de informações indicações e esclarecimentos que trazem seu conteúdo para elucidar determinadas questões e servir de prova para outras, de acordo com o interesse do pesquisador (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009, p. 5).

Conforme Guinchat e Menou (1994, p. 42), as fontes documentais “[...] nascem a partir de um documento e [...] podem ser classificadas por suas características físicas e intelectuais”, tais como: “[...] a natureza do documento; as formas de produção; modalidades de utilização; a periodicidade; coleção e forma de publicação”, isto é, a maneira com a qual o documento é produzido, os métodos necessários para a sua criação, seu tempo de produção, os objetivos para sua criação. Logo, pela natureza se sabe o suporte do documento, se é textual ou não textual; pelas formas de produção se conhecem os documentos que foram encontrados na natureza ou produzidos pelo homem; pelas modalidades de utilização se configuram o uso de aparelhos específicos para se obter a informação; pela periodicidade se mostra de quanto em quanto tempo o documento é produzido; enquanto que a coleção fala sobre as publicações seriadas e, por fim, pela sua forma de publicação se dá a classificação dos documentos.

É possível inferir que as fontes de informação documentais se destinam ao público-alvo com especialidades, cada qual com demandas distintas, o que permite a criação das subclassificações das fontes de informação de acordo com o suporte do documento.

2.3 FONTES DE INFORMAÇÃO PESSOAIS

Fontes de informação pessoais constituem o tipo de fonte mais comum, pois decorrem da comunicação pessoal, como as histórias contadas por alguém sobre determinado acontecimento ou as impressões de um coletivo cujo suporte é justamente a pessoa que disseminou a informação. Segundo Tedesco (2011, p. 23):

As fontes de caráter individual consistem em pessoas-fonte que irão garantir a autoridade acerca de determinado assunto segundo seu grau de conhecimento e as relações profissionais por elas estabelecidas. Este modo de tomar conhecimento sobre um assunto se caracteriza pela informalidade e pode ser realizado através de entrevistas, contatos por correio eletrônico, telefonemas, entre outros. Pessoas-fonte podem ser localizadas em diretórios, quem é quem, biografias, dicionários biográficos, *sites da Web*, bancos de dados e índices especializados em pessoas.

Têm-se como características das fontes de informação pessoais a confiabilidade e a autoridade com a qual se dissemina a informação, tendo em vista que são as opiniões das pessoas que a presenciaram ou que entendem de determinado assunto que vão considerá-la significativa para disseminá-la.

Quanto às fontes de informação de natureza coletiva, pode-se afirmar que são aquelas onde a transmissão de informações se dá pelas impressões de um grupo, a exemplo disso, cita-se a gestão de um centro acadêmico, um grupo de apoio ou fórum de pesquisa.

Partindo desses pressupostos, para além das fontes de informação institucionais, documentais, pessoais ou coletivas, há a *internet*, que apesar de não obedecer a um padrão único de fonte de informação, abrange outras tipologias existentes, tendo em vista que se configura como o veículo por meio do qual se fazem mais pesquisas atualmente. A cada segundo uma nova informação circula na *internet*, o que permite uma atualização frequente dos assuntos. A rápida acessibilidade e praticidade desse veículo informacional estão entre as inúmeras possibilidades que a *internet* oferece ao usuário, sem falar na mediação com as outras fontes a partir de um simples “clique” em um *site*.

Foi por meio do acesso à sua infinidade de *websites* e repositórios, que se teve o material necessário para fundamentar esta pesquisa. A partir de um levantamento de dados feito em ambiente *web*, se percebeu o *site* Memorial Frei Tito Online que, até então, veiculava as cartas, textos, vídeos, fotos, entrevistas e depoimentos acerca da vida e obra do personagem central desta pesquisa, que pelas palavras de Lúcia Alencar Lima, em entrevista

cedida à pesquisadora, em maio de 2017, representa uma ação social de suma importância para a história brasileira, logo

(...) foram quase dois anos de longas conversas, de estudar este material, de ver o que fazer, os poucos recursos como sempre, enfim. E, daí nasceu o memorial Frei Tito, [...] o primeiro memorial no Brasil a tratar da questão da Ditadura Militar. A partir do personagem, a partir de Frei Tito, nós fazemos toda uma reflexão sobre a Ditadura Militar (...).

Assim, faz-se necessário analisar a relação da *internet* com outras fontes de informação para conhecer um momento histórico do país, ou seja, o cenário desta pesquisa: a Ditadura Civil Militar. De tal maneira, considerando-se suas contribuições como principal canal de disseminação de informação da atualidade, além de sua condição de veículo que evita o esquecimento de histórias e fatos que marcaram épocas, isto é, não o apagamento da memória, faz-se necessário compreender a *internet* como sendo um imenso repositório de unidades de informações digitais, entendendo as suas relações de existência, originalidade e acessibilidade para outros tipos de fontes, como, por exemplo, as fontes documentais e fontes pessoais, fazendo assim com que se perceba a internet na condição de lócus desta pesquisa, o que irá ser melhor evidenciado na seção a seguir.

3 DAS PAREDES DAS CAVERNAS AO MUNDO VIRTUAL

Sempre que os homens sentiram a necessidade de conservar os instantes que a história comporta, a escrita se fez lei. Em todos os tempos, o homem que soube escrever foi rei (JEAN, 1998, contracapa).

De todas as criações da humanidade, talvez, a mais rica e bela delas tenha sido a escrita. Seja como forma de salvaguardar a sua própria história, como os homens das cavernas faziam, seja como forma de preservar as doutrinas da igreja, da maneira que faziam os monges copistas no período feudal, ou de modo a demonstrar o poder de uma nação, como sempre fizeram os grandes políticos da história do Brasil, a escrita denota conhecimento, que muitas vezes está repleto de razões, emoções e sentimentalismos. Muito provavelmente seja a escrita a detentora do título de ‘dona das relações humanas’, tendo em vista seu caráter universal, já que, em se tratando de cada civilização letrada que habita e habitou esta terra, desde o *Big Bang*³ com as suas próprias linguagens, idiomas e símbolos para expressar a comunicação, em cada uma delas se faz presente a escrita, não importa se é uma escrita formal, ou informal, uma escrita japonesa, brasileira, romana, todas elas se conformam como escrita.

A escrita nas sociedades letradas é a responsável por viabilizar todas as atividades do ser humano que exigem a transmissão de informação, independentemente de ser na escola, na rua, no mercado de trabalho, na igreja, no cinema, no parque, no posto de gasolina, nos cemitérios, na estrada. É a escrita que torna possível a emissão de uma mensagem entre um emissor e um receptor, independentemente dos meios incontáveis disponíveis nos dias atuais de comunicação, sendo ainda considerada como a primeira fonte de informação registrada pelo homem. Como bem salienta Queiroz,

A escrita pressupõe a existência da linguagem falada. O discurso oral consiste na presença da boca que fala e dos ouvidos que ouvem, simultaneamente no tempo e no espaço. A sua duração é fugaz, não pode ser retido com facilidade. O discurso escrito transcende o espaço e a duração. Por si mesmo, pode ser difundido, em sua totalidade, em todos os tempos e em todos os lugares, dispensando a presença de quem o fez e, conseqüentemente, suprimindo a dependência de quem o recebe. (2005, p. 3).

³ Teoria do Big Bang, de que o Universo começou a partir de um ponto extremamente denso e que, ao explodir, criou o cosmos em expansão que conhecemos. < <http://revistagalileu.globo.com> > Acesso em: 14 out. 2016.

De acordo com o Dicionário Aurélio (2009, p. 123), a escrita pode ser definida como a “representação do pensamento e da palavra por meio de sinais convencionais”, desta forma se compreende o poder de expressão da escrita, tendo em vista que seu caráter transmissor carrega consigo não somente símbolos linguísticos, bem como traz à tona a representação fidedigna do pensamento de seu emissor, esteja ele querendo retratar sua condição de vida por meio de um escrito, produzir um romance, denunciar algum tipo de violência, ou até mesmo trazer à tona alguma versão da história política de um país que ainda não foi conhecida. Conforme Higounet (2003, p. 9-10),

a escrita é mais que um instrumento. Mesmo emudecendo a palavra, ela não apenas a guarda, ela realiza o pensamento que até então permanece em estado de possibilidade. Os mais simples traços desenhados pelo homem em pedra ou papel não são apenas um meio, eles também encerram e ressuscitam a todo momento o pensamento humano. Para além de modo de imobilização da linguagem, a escrita é uma nova linguagem, muda certamente, mas, segundo a expressão de L. Febvre, “centuplicada”, que disciplina o pensamento e, ao transcrevê-lo, o organiza.

Ao ser considerada como fonte de informação, a escrita assume o papel de disseminadora de memória. Esta relação pode ser observada com a metáfora de *Mnemosyne*, deusa mãe das ninfas e inspiradora dos poetas. Segundo Le Goff (1996), *Mnemon* era o encarregado de salvaguardar a memória dos heróis após suas batalhas, conservando assim, tudo aquilo que fosse útil e que estivesse relacionado ao conhecimento religioso e jurídico. Ainda de acordo com Le Goff (1996), com a chegada da escrita, a figura do *Mnemon* pode ser interpretada, como sendo a do arquivista do mundo moderno.

Cartas, textos, poesias, enciclopédias, livros, dissertações, e-mails, independente do suporte ao qual está condicionada, a escrita é uma rica fonte de informação, já que não obedece ao simples “ato de informar”, possibilita a relação entre um autor e um leitor, de maneira íntima e legítima, fazendo com que se tenha além de criatividade e conhecimento, o compartilhamento de novas ideias, sensações e experiências. A escrita permite que se tenha acesso a relatos de quem imaginou universos, criou grandes histórias; conhecer seres humanos que habitaram esta terra em tempos passados e que sofreram com situações de cunho político, social ou econômico que se repetem nos dias atuais.

A escrita enquanto fonte de informação conecta seres desconhecidos que são diferentes, mas que compartilham das mesmas preferências, serve de ferramenta de trabalho para grandes empresas e mesmo estando no século XXI ainda provoca preconceitos quando

se é notada a sua ausência ou incoerência, a escrita se faz todo dia de diferentes maneiras, em qualquer tempo e lugar, para se fazer presente em qualquer lugar e tempo.

As transformações sofridas ao longo da história aperfeiçoaram o saber humano para além da escrita, ao ponto de a sociedade viver em decorrência de uma nova realidade, a qual traz a *internet* como impulsionadora, criando um cenário que tende a conexão de tudo e de todos, onde o que se vê é a quase que total desordem das informações.

A internet é considerada uma fonte valorosa de informação que subsidia – com seus recursos – desde pesquisas de alta tecnologia até estudantes do ensino fundamental. Os recursos possibilitam a interação com diversas formas de produção, sejam elas constituídas por textos, imagens, sons, fotos, vídeos, músicas, animação, multimídia, etc., que alcançam o usuário e o envolvem num espaço informacional com fins múltiplos: trabalhar, estudar, pesquisar, divertir-se. Cada vez mais a internet, torna-se uma fonte matizada, que compreende tanto informações comerciais, utilitárias – que nos subsidiam no dia-a-dia, acadêmicas quanto científicas, contidas em fontes internacionais, que subsidiam pesquisas, cujos resultados possivelmente se transformarão em capital social. Vista por este ângulo podemos considerar que a internet se tornou uma extensão da biblioteca (TOMAÉL; ALCARÁ; SILVA, 2008, p. 2).

Com isso, percebe-se que a *internet* é responsável por um grande e recorrente fluxo de informações, possibilitando que o usuário seja autossuficiente durante sua busca. Informações que antes só se encontravam nas grandes enciclopédias, atualmente podem ser facilmente recuperadas em inúmeros bancos de dados presentes na *internet*. Músicas, diários, filmes, textos, documentos, cartas, redes sociais, livros, dentre outras inúmeras fontes de informação, são acessados nos mais variados recursos que a *internet* oferece. Exemplos disso são os *sites* de busca, as bases de dados especializadas e os repositórios institucionais. Ainda conforme Tomaél, Alcará e Silva (2008), o uso das fontes de informação na *internet* é favorecido pela facilidade de acesso e pelo acesso em tempo real, o que proporciona ao usuário facilidade e agilidade na busca, otimizando, assim, a sua pesquisa.

Em contrapartida, porém, essa infinidade de informações presentes na *internet* muitas vezes ocasiona a inviabilidade da pesquisa, caso o usuário não siga critérios de qualidade durante a sua busca. Ocasionalmente, o próprio usuário pode editar as páginas que contêm o objeto da pesquisa, fazendo com que elas tragam informações falsas, com impressões de pessoas que não dominam o conteúdo sobre a temática pesquisada.

Alguém que passe certo tempo surfando na *Web* acaba por encontrar “o bom, o mau e o feio”, isto porque, devido à abertura do sistema, qualquer pessoa pode colocar qualquer tipo de informação na *Internet*. Não existem avaliações prévias do que é

disponibilizado. O acúmulo de informações sem relevância aponta para a necessidade de filtros que permitam a recuperação de informações de qualidade e com maior revocação (LÉVY, 1998, p. 3).

A partir disso, percebe-se que a popularização dos assuntos fez com que a sociedade se preocupasse mais com os pedaços de uma realidade que acumula informações, interligadas, do que com a própria segurança da informação. Ainda segundo Lévy (1998, p. 3):

Resultado da convergência das tecnologias da computação e da comunicação, a *Internet* representa uma verdadeira revolução nos métodos de geração, armazenagem, processamento e transmissão da informação. A rapidez de distribuição via *Internet* é fator determinante para o crescimento exponencial da informação na rede. Rapidez relacionada à somatória de elementos - interatividade, tecnologia do hipertexto, multimídia, digitalização, computação e informação distribuídas, compartilhamento, cooperação e sistemas abertos – que caracterizam a *Internet* como um sistema até então único de geração, armazenagem e disseminação.

Muitas vezes, observa-se que as páginas da *internet* estão lotadas com *links* de hipertextos que permitem ao usuário descobrir infinitas vertentes dentro de um único objeto de pesquisa. Assim, a fim de atestar a veracidade das informações presentes na rede, foram criados parâmetros de qualidade objetivando a segurança no repasse informacional. Para Lopes (2004, p. 82), “a qualidade da informação é um dos mais importantes aspectos a serem considerados, devido ao volume exponencialmente crescente de informações veiculadas na *internet*”. Tomaél, Alcará e Silva (2008) salientam que a qualidade de uma informação ou de uma fonte de informação está diretamente relacionada ao seu uso, ou seja, ao usuário que dela necessita. Com isso, observa-se que a finalidade da fonte de informação e, principalmente, a assimilação do usuário deve ser levada em consideração quando acontecem os procedimentos de avaliação das fontes de informação na *internet*, bem como em qualquer outro ambiente informacional.

Para Tomaél, Alcará e Silva (2008), durante a construção das páginas na *internet* devem ser adotados critérios que analisam o seu desenvolvimento, visando à diminuição de erros durante as pesquisas e, principalmente, a insatisfação dos usuários ao usar a *internet* como canal de informação. Por se tratar de um canal informacional, uma página da *web* deve ser clara, concisa, construída de forma organizada, rápida e eficiente, de modo a evitar descasos com o usuário, mantendo-se sempre em contato direto com o seu público-alvo.

Para identificar se uma fonte atende às necessidades básicas de uma comunidade de usuários, ou seja, determinar sua qualidade é preciso conhecer e aplicar indicadores e procedimentos que possam auxiliar profissionais da informação, professores, estudantes e pesquisadores a avaliar a conformidade da informação em relação aos padrões de qualidade que seja oportuno oferecer (OLIVER; WILKINSON; BENNET, 1997, p. 7, tradução nossa).

A partir disso, percebe-se que os indicadores adotados pelas instituições para avaliar seus *links* na *internet* se assemelham aos métodos de trabalho utilizados pelo profissional que lida com a informação, os quais garantem a confiabilidade da fonte, sendo eles: a objetividade, a atualização e a cobertura dos assuntos (TOMAÉL; ALCARÁ; SILVA, 2008).

Na *internet*, às vezes, as páginas podem ser avaliadas, a partir do grau de aceitação das pessoas, através de seus comentários na própria página, medindo a qualidade do serviço. Outro procedimento usado para verificar a qualidade da página é a utilização de páginas especializadas que se dedicam a encontrar os erros pertinentes ao *website* selecionado, como é o caso da ferramenta HERA⁴, um instrumento para rever a acessibilidade das páginas *web* de acordo com as recomendações das Diretrizes de Acessibilidade para o Conteúdo *Web* 1.0 (WCAG 1.0). Nesse caso, ocorre uma análise automática prévia da página em questão e, em seguida, a disponibilização dos erros encontrados.

Posto isso, percebe-se que a transmissão de informações na *internet* necessita de organização, como uma grande biblioteca ou centro de documentação que abrange uma infinidade de assuntos. Para essa transmissão, faz-se necessário seguir métodos de tratamento informacional para a sua recuperação durante as pesquisas, principalmente, a fim de que não se tenha um montante de informações desconstruídas pelos usuários. A ilustrar:

Na guerra, um soldado em um bombardeio tem uma boa vantagem se a interface com o usuário de seu avião para os sistemas de mira e disparo for apenas um segundo mais rápido que os do seu inimigo. Na *Web*, naturalmente, a opinião do usuário não tem um papel tão crucial. Mas isso pode determinar se seu *Website* é bem ou malsucedido (NIELSEN, 2007, p. 33).

Portanto, é de suma importância que os indicadores de qualidade da página da *web* atentem para as opiniões de quem a utiliza, onde a adaptação da página, a partir dos erros encontrados, garanta uma repercussão positiva da mesma entre os maiores interessados na busca, os usuários, sem falar que a reparação desses erros proporciona o desenvolvimento da

⁴ Disponível em: <<http://www.sidar.org/hera/index.php.pt>>. Acesso em: 16 abr. 2016.

própria página.

Pode-se verificar a existência de algumas características principais que subsidiam os critérios de avaliação das fontes de informação na *internet*, que não somente condizem com o índice de qualidade da página, mas também a aperfeiçoam, visando seu crescimento e atualização. Segundo Tomaél, Alcará e Silva (2008), são eles:

- a) Informação de identificação: dados detalhados do responsável pelo *site*;
- b) Consistência das informações: detalhamento das informações que estão dispostas na página;
- c) Confiabilidade das informações: autoridade com a qual está sendo feito o repasse informacional;
- d) Adequação da fonte: linguagem clara, concisa e de fácil assimilação por parte do usuário;
- e) *Links*: recursos que devem ser claros ao encaminhar o direcionamento do usuário na página, permitindo o acesso e navegação na própria fonte e em outras;
- f) Suporte ao usuário: páginas que devem contar com auxílio ao usuário.

Partindo desses pressupostos, observa-se que os critérios de avaliação de qualidade têm uma preocupação em salientar todo e qualquer tipo de problema que os usuários, porventura, possam encontrar dentro dos ambientes informacionais nas páginas da *web*, a fim de que os responsáveis pelo *website* possam evitar qualquer tipo de desconforto ou insatisfação do público acerca da sua fonte de informação.

Diante do que foi exposto, verifica-se que, como canal de informação, a *internet* se tornou essencial à vida humana, tendo seu comportamento semelhante a uma imensa biblioteca, com seu acervo atualizado a cada segundo, onde até mesmo as informações soltas oferecem algum tipo de sentido quando são analisadas para que se apresentem de forma satisfatória. Em seu acervo, é possível encontrar outras fontes de informação, com os mais variados assuntos, que proporcionam conhecimento para o usuário. Dentre essas outras fontes de informação disponíveis na *internet*, pode-se citar a transmissão de artigos científicos que traduzem as últimas descobertas da ciência ou as fotografias de uma exposição com grande repercussão mundial, o que evidencia a diminuição das distâncias, em qualquer

hora e em qualquer lugar, através deste canal informacional.

Como um veículo de informação, a *internet* possibilita, até mesmo, acesso à temática estudada nesta pesquisa, ou seja, as missivas escritas por Frei Tito. São claras as contribuições da *internet* para a sociedade as quais possibilitam não somente a disseminação de informações sobre os objetos de pesquisa dos usuários, mas também a disposição de variadas fontes de informação. Após se compreender a contribuição informacional advinda com a *internet*, faz-se necessário conhecer o lócus desta pesquisa, que como já foi evidenciado anteriormente, é o Memorial Frei Tito Online, a ser melhor esmiuçado, a seguir.

4 A MEMÓRIA NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Tratar das características gerais da Ciência da Informação e exaltar sua relação com a memória requer, primeiramente, que se entenda o que venha a ser informação, para que assim se conheça a história do surgimento da Ciência da Informação, os motivos que a levaram a se concretizar como ciência e, principalmente, entender a relação que esta possui com memória.

Em vista disso se faz necessário voltar no tempo, lá para meados de 1945, quando Vannevar Bush⁵ escreveu um artigo que deu início ao estudo da informação, fazendo com que tempos mais tarde a concretizasse como objeto da ciência, porventura nascendo assim, a Ciência da Informação.

As ciências vivem em constante processo de desenvolvimento, pois em qualquer tempo, estudos são elaborados e descobertas acontecem, tudo para facilitar a rotina humana. Esta noção é perceptível graças à proliferação das tecnologias, das diversas tendências, que tornaram a informação o insumo da sociedade. Historicamente, é possível inferir, que estes avanços foram possíveis pelos grandes conflitos protagonizados pelo homem.

Foi, a partir disso, que Vannevar Bush, objetivando tornar mais acessível um gigantesco estoque de conhecimento, promovido pela explosão informacional durante a Segunda Guerra Mundial, relacionou profissionais, ações e a representação da informação com seu manuseio, tratamento, organização e principalmente recuperação, associando conceitos e ideias à noção de recuperação da informação. Assim, nascia a Ciência da Informação.

A Ciência da informação tem suas origens através da combinação de diversas áreas e concepções distintas, como bem afirma Souza (2007a, p. 82).

[...] derivada e relacionada com vários campos como a matemática, a lógica, a linguística, a psicologia, a tecnologia computacional, as operações de pesquisa, as artes gráficas, as comunicações, a biblioteconomia, a gestão e outros campos similares. Tem tanto um componente de ciência pura, que indaga o assunto sem

⁵ Vannevar Bush foi um engenheiro, inventor e político estadunidense, conhecido pelo seu papel político no desenvolvimento da bomba atômica e pela ideia do *memex* — visto como um conceito pioneiro, precursor da *World Wide Web*. Sua publicação de “*As We May Think*” indicou uma mudança de paradigma em ciência e tecnologia. Ciência da informação: origem, evolução e relações. Belo Horizonte: Perspectivas em Ciência da Informação, 1996. (Disponível em: < <http://ppggoc.eci.ufmg.br/downloads/bibliografia/Saracevic1996.pdf> > Acesso em: 8 jun. 2016.)

terem conta a sua aplicação, como componente de ciência aplicada, que desenvolve serviços e produtos.

Posto isto, a Ciência da Informação pode ser compreendida como sendo o resultado da junção de várias áreas, que atreladas entre si, possibilitaram a sua criação. Segundo Vannevar Bush (1945), a Ciência da Informação:

- a) é interdisciplinar por natureza;
- b) está conectada à Tecnologia da Informação;
- c) participa ativamente na evolução da sociedade da informação;
- d) tem uma forte dimensão social e humana, pois está acima e além da tecnologia.

Saracevic (1995, p. 2) considera a Ciência da Informação como

um campo voltado à pesquisa científica e à prática profissional e que trata dos problemas da comunicação dos conhecimentos e dos registros de conhecimentos na sociedade, no contexto de usos e necessidades das informações sociais, institucionais e/ou individuais;

Em outras palavras, a Ciência da Informação é a área que engloba tanto a pesquisa científica, como a prática profissional, em outros termos, o seu conceito nasce a partir da integração destas duas concepções: teoria e prática. Entre as razões para o seu desenvolvimento está o fato da Ciência da Informação ser interdisciplinar e se inter-relacionar com as demais áreas do conhecimento. Além disso, há ainda sua ligação com a tecnologia da informação, com a tentativa constante de estudo, criação, administração e manutenção da gestão da informação por meio de dispositivos e equipamentos para acesso da informação de maneira rápida e coesa dentro da sociedade.

Logo, se poderia afirmar que estes fatores tornam a Ciência da Informação o motor da estrutura social, econômica e política da sociedade? Talvez. Em vista que esta ciência que tem por objeto de estudo a própria informação, hoje, reconhecida como sendo o motor da sociedade.

Partindo da interligação entre as teorias e práticas das áreas do conhecimento que serviram como arcabouço para a construção da Ciência da Informação, seu caráter multidisciplinar está presente desde as suas origens, o que a caracteriza como sendo uma ciência interdisciplinar, conforme exemplifica Pinheiro (1999, p. 8):

[...] as aplicações (contextos, áreas, setores, organismos), isto é, a informação científica, tecnológica, industrial ou artística, ou a aplicação em campos do

conhecimento, como na Medicina (informação em Medicina) se mesclam com a interdisciplinaridade propriamente dita.

Por este pensamento, percebe-se a aplicabilidade da Ciência da Informação nas demais áreas do conhecimento, interligando disciplinas afins, conceitos e até mesmo a criação de novas bases epistemológicas, pois, a amplitude de olhares (objeto), sob diferentes perspectivas (áreas distintas), traz a variedade na produção de novos conhecimentos.

O Quadro 1, a seguir, mostra as disciplinas interdisciplinares que, de acordo com Borko (1968), fizeram parte da construção da Ciência da Informação.

Quadro 1 – Disciplinas interdisciplinares no período de construção da CI

Matemática
Lógica
Linguística
Psicologia
Tecnologia de Computadores
Artes Gráficas
Comunicações
Biblioteconomia
Administração

Fonte: elaborado pela autora.

Desta maneira, percebe-se que a interdisciplinaridade se efetiva graças à grande variedade de pensamentos, técnica e atuação das pessoas, que a constituíram, de acordo com a sua necessidade, fazendo com que a Ciência da Informação adquirisse um caráter multidisciplinar.

A interdisciplinaridade na ciência da informação foi introduzida pelas diferentes experiências daqueles que procuram soluções para problemas. As muitas e diferentes experiências são moldadas tanto pela riqueza do campo como pelas dificuldades da comunicação e da educação. Certamente, nem todas as disciplinas têm uma contribuição igualmente relevante a dar, mas sua variedade é a responsável pela sustentação de uma característica fortemente interdisciplinar da ciência da informação (SARACEVIC, 1995, p.3).

Entre as disciplinas afins e mais relevantes com as quais Saracevic (1995) afirma que a Ciência da Informação tem fortes relações, destacam-se a Biblioteconomia, a Comunicação, a Ciência Cognitiva e a Ciência da Computação.

a) Ciência da Informação e Biblioteconomia: No que concerne à Biblioteconomia, sua relação com a CI evidencia-se no compartilhamento do papel social e no interesse geral pela utilização eficaz dos registros gráficos ou outros. Suas principais diferenças com a CI são:

1. Seleção dos problemas a serem resolvidos e o modo como se definem;
2. Questões teóricas e quadros estabelecidos;
3. A natureza e o grau de experimentação, o desenvolvimento empírico do conhecimento e as competências derivadas resultantes;
4. Instrumentos e abordagens utilizados.

b) Ciência da Informação e Comunicação:

Já com a Comunicação, sua relação é pautada pelo pensamento de que “a informação é um fenômeno e a comunicação é o processo de transferir ou de compartilhar esse fenômeno” (Saracevic, 1995). Elas têm em comum o interesse compartilhado na comunicação humana; a confluência de áreas de pesquisa; as trocas de competências; e potencial para cooperação profissional.

c) Ciência da Informação e Ciência Cognitiva:

Há, nas ciências cognitivas, duas áreas de interesse direto para a Ciência da Informação: a Inteligência Artificial (IA) e a Interação Homem-Computador. Esta relação pode ser vista nas tecnologias da informação. Saracevic afirma que por garantir vários tipos de inovação nos sistemas de informação e viabilizar importantes temas de pesquisas, esta ligação entre os campos permite compreensão dos processos cognitivos, juntamente com a CI, manifestações da mente como inteligência, correlacionando teoria e prática.

d) Ciência da Informação e Ciência da Computação:

Verifica-se, aqui, que o principal objetivo desta união é a utilização das tecnologias de computação, na recuperação da informação. A base da relação entre a Ciência da Informação e a Ciência da Computação está no uso dos computadores e da computação, dos produtos associados, serviços e redes. Saracevic (1995) defende a ideia de que enquanto a Ciência da Computação trabalha com algoritmos relacionados à informação, a Ciência da Informação atua sobre a natureza da informação e o seu uso pelos homens. Os dois interesses não competem, eles são complementares. Conduzem às agendas básicas e aplicações diferentes.

Já Pinheiro (1997) chegou a definir cinco categorias de disciplinas integrantes da Ciência da Informação, sistematizadas, categorizadas com base em sua natureza e distribuídas em:

- a) disciplinas estruturais;
- b) disciplinas de representação ou instrumentais;
- c) disciplinas gerenciais;
- d) disciplinas tecnológicas;
- e) disciplinas socioculturais ou de transferência da informação.

Estas disciplinas foram categorizadas de acordo com suas definições, aplicações e teorias, tendo como pano de fundo a Ciência da Informação, a fim de tornar claro qual seria a contribuição real que cada uma viabilizava para a concepção de CI, bem como o papel que a CI desempenhava quando correlacionada dentro de tais disciplinas.

Como resultado de pesquisa coordenada pelo professor *Chaim Zins*, da *University of Haifa*, de Israel, denominada “*Knowledge map of information science: issues, principles implications*”, com mais 40 pesquisadores de diferentes países, foi possível ampliar o número de disciplinas em cada categoria dentro da Ciência da Informação, resultando no Quadro 2, a seguir.

Quadro 2 – Disciplinas estruturais da C.I

DISCIPLINAS ESTRUTURAIS
FUNDAMENTOS DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
DISCIPLINAS INSTRUMENTAIS
ORGANIZAÇÃO E PROCESSAMENTO DA INFORMAÇÃO
DISCIPLINAS GERENCIAIS
GESTÃO DA INFORMAÇÃO
DISCIPLINAS TECNOLÓGICAS
TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO
DISCIPLINAS SÓCIOCULTURAIS
TRANSFERÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Fonte: elaborado pela autora, com base na pesquisa de Zins (2005).

A informação acabou por se tornar o motor da sociedade, e sua ciência o viés condutor para que este motor impulse os setores que configuram o tecido social. Assim, percebe-se que a Ciência da Informação se integra com diversas áreas, do que se infere o processo promissor de descobertas. Percebe-se que o seu campo interdisciplinar vai se movendo e gradativamente adquirindo novas configurações. Disciplinas e subáreas do campo e seus problemas, que exigem soluções de outras áreas, promovem transformações interdisciplinares e, inversamente, estas novas relações epistemológicas vão modificando o território da área.

Tratar a Ciência da Informação como uma ciência tão tangível à sociedade acaba por mostrar que seu interesse vai além do interesse tecnicista de uma Ciência mecânica, denota o caráter social da Ciência da Informação, faz perceber que até em estudos de memória a Ciência da Informação se faz presente.

No que tange ao papel da memória, há o reflexo das ações humanas, traz sua concepção no cotidiano do homem, onde retrata situações do dia-a-dia, tradições, lendas e

histórias que perpassam o tempo, fazendo com que tenhamos não somente lembranças, mas também uma memória compartilhada.

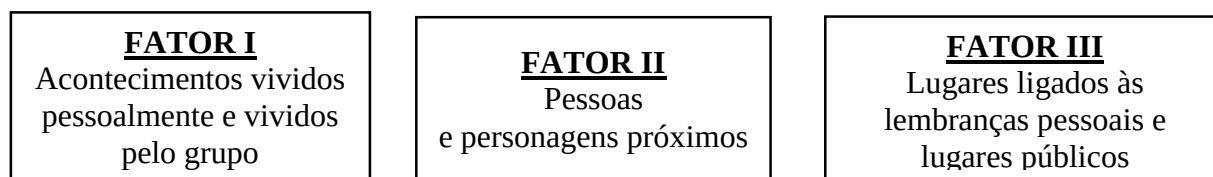
Como as fontes de informação pessoais, a memória é pessoal, individual, porém quando há a transformação do passado, depois de ter sido selecionado e reinterpretado segundo as sensibilidades culturais, as interrogações éticas e as conveniências políticas do presente, tem-se a chamada memória coletiva (TRAVERSO, 2012).

Pelas palavras de Halbwachs (2006), pode-se distinguir dois tipos de memória:

[...] a memória autobiográfica e a memória histórica. A primeira se apoiaria na segunda, pois toda história de nossa vida faz parte da história em geral. Mas a segunda seria, naturalmente, bem mais ampla do que a primeira. Por outra parte, ela não nos representaria o passado senão sob uma forma resumida e esquemática, enquanto que a memória de nossa vida nos apresentaria um quadro bem mais contínuo e denso (2006, p. 55)

A título de ilustração, esta memória histórica é a responsável por evidenciar as passagens de construção da narrativa de um país, onde se tem um indivíduo como a fonte pessoal do fornecimento de tais informações, o que pode ser elucidado, aqui como a transmissão de informações por meio da memória que fora registrada por Frei Tito em suas missivas, durante o período da Ditadura Civil Militar no Brasil. Assim, por meio de sua memória registrada, se tem acesso a interpretações, sentimentos, visões e opiniões de um momento de grande significância para a sociedade brasileira. Para Pollak (1992, p. 204), “existem três fatores que podem ser considerados constituintes da memória”, a serem ilustrados na Figura 1, em seguida.

Figura 1 – Fatores constituintes da memória, conforme Pollak (1992)



Fonte: elaborado pela autora

Pela interpretação da figura 1, a memória pode também ser inferida como a maneira de interpretar e guardar todas as passagens principais do cotidiano do ser humano, independentemente de tempo e espaço. Às vezes, por uma sutil sensação, como o cheiro, um prato

especial ou um objeto como o livro, uma imagem, carta, música ou lugar, se desperta no cognitivo do ser humano, levando-o a revisitar momentos e sensações que já foram vividos, pelo simples prazer de lembrar. Em suma, se a Ciência da Informação estuda a informação em toda e qualquer condição, a memória, que é constituída por informações assimiladas pelo ser humano, detém uma relação valiosa e de destaque dentro da CI. Acerca disso, como já outrora mencionado, Galindo (2015, p. 106) afirma que “após três segundos de processada a informação no cérebro, esta já se torna memória”. Depreende-se, assim, pelo olhar do autor, que o então objeto de estudo da Ciência da Informação é a memória.

Logo, é por meio da relação existente ente memória e Ciência da Informação que se observa uma pessoa, por exemplo, mostrando seu verdadeiro eu, suas ambições, desejos, sua busca por infinitas possibilidades, seus conhecimentos de mundo e tempo. Enquanto a memória traz a história de cada um e ao mesmo tempo a de todos, a Ciência da Informação vai procurar responder às perguntas do Jornalismo: Quem registrou? Como registrou? Por que registrou? Quando registrou? Em face disso, o canto dos pássaros, as paredes repletas de hieróglifos, as pinturas corporais das tribos indígenas, os pergaminhos na sociedade feudal, as cartas levadas pelas gigantescas naus, as missivas dos presos políticos e exilados durante a Ditadura Civil Militar são exemplos clássicos da participação da memória como fonte de informação no conhecimento da história de um povo, relato de uma vida, narração da trajetória de uma nação.

Ao se combinarem os estudos da memória com a Ciência da Informação, tem-se uma ruptura de paradigmas que vai além do estudo da informação científica. Logo, nesta pesquisa se tem a busca de informações para a reconstrução de um momento ímpar no Brasil, a Ditadura Civil Militar. As informações, aqui analisadas, são fornecidas pela ótica das missivas de Frei Tito e dos relatos dos entrevistados, logo, a fim de caracterizar este cenário, abordar-se-á a Ditadura Civil Militar na seção a seguir.

5 A DITADURA CIVIL MILITAR

Para começar a caracterização do cenário da Ditadura Civil Militar se utilizam as palavras de um preso político, principal autor desta pesquisa, que esteve presente na conjuntura política, social e econômica do Brasil durante os anos de 1964 a 1985, Frei Tito, que, em um de seus textos escritos em 1971, afirmou:

O estado militar, instaurado pelo golpe de estado de 1964, não assumiu uma política de transformação social; bem ao contrário, favoreceu o agravamento da miséria do povo, a partir do momento em que escolheu um modelo de desenvolvimento capitalista, repressivo, fundado sobre uma tecnocracia militar, que esmaga os movimentos populares, que instala o regime de força mantido pelos decretos institucionais. O cristianismo não se pode calar diante das injustiças, pois calar é trair. Seu dever é tornar-se sal da terra, luz do mundo.

Neste sentido, faz-se necessário compreender as articulações que viabilizaram a instalação do golpe de 1964, conforme depoimento:

de 1956 a 1961 quando Juscelino Kubitschek governou o Brasil e foi a época em que o crescimento econômico, o PIB cresceu em média 7% ao ano, enquanto a taxa per capita aumentou num ritmo quatro vezes maior que no restante da América Latina. Tal situação reflete as prioridades daquele governo no desenvolvimento econômico-industrial do país. Foi então, que a indústria se desenvolveu e a capital do Brasil foi levada para o centro do país, com a construção de Brasília. Em 1958, o governo lançou um plano de estabilização da economia, que incluía o combate à sempre crescente inflação. O plano previa um empréstimo norte-americano de 300 milhões de dólares, mas o governo dos EUA condicionou a liberação dessa soma à aprovação do Fundo Monetário Internacional (FMI). O Brasil alcançou patamares de desenvolvimento econômico expressivos que se opunham aos problemas sociais. O desenvolvimentismo era falho, atingia apenas algumas parcelas da população [...] (DIÁLOGOS HISTÓRICOS).

Por assim dizer, Juscelino Kubitschek preocupou-se em trazer para o Brasil “50 anos de desenvolvimento em 5 anos de governo⁶” e em cumprir com o plano de 31 metas que se ocupava com o desenvolvimento econômico e investimentos nos setores energéticos.

Nesta busca por desenvolvimento econômico no governo de JK, para garantir investimentos, empréstimos eram feitos, objetivando a concretização do Plano de Estabilização Econômica (Plano de 31 metas), que, mais tarde, levou o Brasil a sucumbir em dívidas. Com um país afundado em dívidas, iniciou-se o breve governo de Jânio Quadros.

6 O lema do governo do presidente JK, “50 anos em 5”, sintetizava seu ideal nacional desenvolvimentista: conduzir o Brasil a um rápido e sólido crescimento econômico, apoiado em três setores essenciais da economia: indústria, transporte e energia. Disponível em < <https://www.algosobre.com.br/historia/milagre-economico-o.html> > Acesso em 20 maio 2017.

Já em 1962, quando se instalou o governo de João Goulart, o Brasil se encontrava numa mistura de ideais e rupturas de pensamento.

Os antecedentes remotos de João Goulart podem ser encontrados em Getúlio Vargas, seu criador. Tais origens, entretanto não estão na fase direitista de Vargas, mas sim na sua transformação ideológica, que evoluíra de uma posição direitista, bem assinalada na sua simpatia inicial pela causa da Alemanha Nazista e no seu ostensivo anticomunismo para uma posição mais à esquerda, ao assumir, em fase posterior de seu longo governo, uma atitude populista, que o tornou popular perante a massa dos trabalhadores e as classes despossuídas. Não obstante, a constante perseguição, o partido comunista passou a considerar Vargas um aliado na luta contra o fascismo, fase em que ele foi cognominado “pai dos pobres” precedendo de muito tempo idêntica atitude da Igreja Católica (...). Essa evolução ideológica veio a impregnar muitos de seus discípulos, entre os quais João Goulart (COUTO, 1999, p. 21).

Com governos marcados pela busca de destaque econômico e dívidas, o Brasil se caracterizou nesse período pelo ápice dos ideais políticos, desigualdades sociais e repressões a quem ousasse ser contrário ao sistema vigente. A partir do momento em que os militares ganharam apoio das elites dominantes, iniciam as manifestações contra o conjunto de ações propostas por Jango que não beneficiavam os grandes proprietários (Golpe de 1964). O representante do Movimento Estudantil no Ceará, Marcelo (2017), em entrevista cedida à pesquisadora, questiona-se: “o que são os militares sozinhos neste país? Eles não são muita coisa” responde, dando continuidade à sua reflexão:

[...] nós não podemos tirar o peso político que tinham os latifundiários do Brasil, que ainda têm hoje na bancada do agronegócio. Nós não podemos tirar o peso político e econômico que tem, por exemplo, a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo ou da Confederação Nacional das Indústrias (CNI) que, na época, entre os anos 50 e 60, já tinha poder político fundamental e hoje continua a ter. P’ra falar do campo da comunicação, nós não podemos esquecer, por exemplo, o papel do jornal “O Globo”. Naquela época ainda, você não tinha televisões em grandes proporções, o papel que o jornal “O Globo”, a imprensa, assim como todas as outras empresas de comunicação brasileira, comunicação impressa em apoio ao golpe é exorbitante.

De tal maneira, instalou-se o Regime Militar no país: um período marcado por represálias, autoritarismo e decisões arbitrárias para com os brasileiros; sem falar nos crimes contra aqueles que não se adequavam ao novo sistema político. Ou seja, instalou-se uma política opressora e desenvolvimentista que objetivava um governo que impedisse o povo de se pronunciar com relação às questões da nação, sendo visadas apenas as formas de obtenção de lucros.

Acerca disso, o professor Cleyton (2017) narrou: “você tem em um determinado período, final da década de 1960 e meados da década de 1970, [...] um grande crescimento econômico no Brasil, teve um ano que o PIB cresceu 12%. De certa forma, você tem um desenvolvimento tecnológico, econômico”. Porém, ressaltou que “este desenvolvimento tecnológico, econômico, acontece em um processo de entraves políticos, num processo de cerceamento de liberdades, num processo de censura”.

Aliando o pensamento do professor Cleyton ao de Sader (2012, p. 47), tem-se a caracterização do cenário em que se teve a militarização da política brasileira:

[...] os planos golpistas não se detiveram e acabaram desembocando em primeiro de abril de 1964 no golpe, que contou com amplo processo de mobilizações da classe média contra o governo, com participação ativa da igreja católica, da mídia, das entidades empresariais, que desembocou na ação da alta oficialidade das FFAA (forças armadas), que liquidou a democracia que o Brasil vinha construindo e instaurou o regime do terror que passou a vigorar no país. Foi o momento mais grave de virada regressiva da história brasileira. Interrompeu-se o processo de democratização social, de afirmação econômica e política do país, para impor a opressão econômica e política, a subordinação externa, mediante uma ditadura brutal. O país, sob o comando dos militares, da Doutrina de Segurança Nacional, do grande empresariado nacional e internacional, do governo dos EUA, optou por um caminho que aprofundou suas desigualdades sociais, colocando o acento no mercado externo e na esfera de alto consumo do mercado, no arrocho salarial, na desnacionalização da economia e na opressão militar.

De tal maneira, uma questão bastante recorrente e que causa discordância teórica nos estudos acerca da temática do regime militar é a compreensão da utilização da nomenclatura Ditadura Civil Militar para designar o período em que os militares estavam no governo. Sobre a questão, o professor Cleyton argumenta que

[...] a Ditadura Militar aconteceu no Brasil porque ela teve apoio de grupos sociais, evidentemente. Notadamente quem? O empresariado, parte do empresariado, principalmente os industriais, boa parte da imprensa, os setores conservadores da igreja católica e o que a gente chamaria hoje de ruralistas também. Então você tem alguns grupos que se articularam e se posicionaram a favor do movimento das tropas, o movimento das forças armadas. Só que estes grupos, é aí que eu quero frisar, estes grupos não assumiram poder decisório na Ditadura.

Em contrapartida, existem grupos de estudiosos que defendem a ideia de que a Ditadura Militar brasileira não aconteceu apenas em virtude da mobilização dos militares, e que graças ao investimento dado pelas elites dominantes, ou seja, a mídia, os industriais, os latifundiários, é que o movimento das tropas teve forças para se concretizar e se manter. Acerca disso, Marcelo (2017) fez a seguinte reflexão em sua entrevista:

Colocar os militares naquele momento não era uma questão só militar, era uma questão civil. É compreender que parcela desta sociedade civil se apropria destes militares, faz alianças com eles, p'ra que eles assumam o poder, p'ra reestabelecer uma ordem e aí obviamente, porque a desordem era o perigo comunista nos anos 50 e 60, mas quem detém ao fim o poder é a fração burguesa nacional em aliança com a burguesia internacional.

De tal maneira, como disse Marcelo (2017), “colocar uma terminologia só ditadura militar e tirar de canto a ‘civil’ é quase que tornar inofensiva a grande importância de força, sobretudo força do dinheiro e da comunicação que setores da burguesia brasileira tiveram no processo da ditadura” e tendo ciência das articulações entre os militares e a sociedade civil, é que vai se adotar nesta pesquisa a nomenclatura Ditadura Civil Militar. Acerca disso, outro entrevistado da pesquisa, o vereador de Fortaleza, João Alfredo, ainda corrobora

Como você bem denomina, a ditadura foi civil porque o que se teve foi um golpe civil militar, pois os militares são chamados para garantir a lei e a ordem, lembrando agora deste último ato aí do Temer, a lei e a ordem na perspectiva desta classe dominante. Tinha a promessa de que eles passariam pouco tempo e entregariam o governo ao povo, através de eleições diretas para presidente da república, mas o que a gente viu foi um golpe dentro do golpe. Porque em 1968, quando a junta militar ficou lá e o Castro e Silva baixou o AI-5 e aí acabou com o habeas corpus, fechou o Congresso, cassou vários parlamentares, então foi um endurecimento muito grande do golpe até para tentar barrar as resistências que começaram a aparecer pelo país. Se você olha em 1964, foi uma forma de manter a hegemonia deste grupo dominante que estava ameaçado pelo crescimento da luta sindical, da luta política, você tinha o crescimento do sindicalismo muito forte naquela época, você teve a luta das ligas camponesas, em Pernambuco, Goiás, então o golpe foi dado p'ra retirar os poucos direitos que a população alcançou.

Os militares se pautaram na justificativa de que deveriam impedir o mal do comunismo de invadir o Brasil, e por isso tinham que assumir o poder, já que caso os comunistas assumissem, haveria a desordem instaurada no país, além disso, havia ainda a alegação da ingovernabilidade de João Goulart, em vista que o até então presidente buscava empreender na conjuntura política brasileira um caráter reformista, acerca disso o professor Cleyton explicou:

[...] a ideia de que os militares assumiram para evitar que os comunistas assumissem é completamente equivocada, porque os comunistas no Brasil nunca foram plenamente organizados. Todo o governo tem que criar uma metáfora, uma linguagem do inimigo, quem é o inimigo? O comunismo, o comunista. O Brasil vai virar comunista! Nisso, p'ra você vê, há o resquício da ditadura, porque foi algo que colocou no Lula em 1989, o que que o Collor e os partidos ligados ao Collor falavam? Ah, porque o Lula é comunista, ele vai invadir a casa das pessoas [...] uma das desculpas era justamente esta do comunismo, além da ingovernabilidade

do João Goulart e da anarquia no país, mas de fato o que houve mesmo foi um cerceamento de liberdades e uma ilusão de segurança.

Dentre as características que se sobressaem no cenário brasileiro no período militar estão a ocorrência das torturas e a truculência com a qual eram reprimidas as manifestações sociais por democracia. Logo, a opressão era tanta que ficou proibida a disseminação de informações que afetassem, o que o poder constituído entendia como a moral e os costumes da época. Os militares tomaram posse de grande parte dos veículos de comunicação, já não se podia haver a criação de peças teatrais ou mesmo de qualquer tipo de propaganda, pois poderiam atentar contra o governo. Caso isso ocorresse, seus responsáveis deveriam responder às devidas autoridades. Sob essa nova ordem, as repressões eram as mais radicais imagináveis, desde agressões físicas até mesmo o exílio (SADER, 2012). De acordo com o *site* Cyberpolícia (2011), a Guarda Civil e os investigadores passaram a ter treinamentos voltados para confrontos de rua com estudantes, professores e pessoas ligadas a movimentos de resistência ao militarismo e os delegados a receberem conhecimentos voltados à inteligência de Estado e a utilização da informação para obtenção de resultados⁷.

Pelas palavras do professor Cleyton, as marcas representativas da Ditadura Civil Militar foram “os porões da ditadura, as torturas e a censura que cortou movimentos artísticos, logo o rompimento da democracia, de uma forma geral.”. Tal pensamento remete a uma fala de Frei Tito, ao denunciar as torturas e a opressão que sofreu quando estava na condição de preso político, ao mencionar que “o Brasil que é conhecido como o país do futebol, do Pelé, do carnaval, é o país da tortura”.

Mesmo com a inflação em alta e as péssimas condições de vida da população, ninguém podia se opor ao governo vigente, pois se o fizessem estariam indo contra a sua pátria e, conseqüentemente, deveriam sofrer represálias. Ou seja, o brasileiro não podia de forma alguma se manifestar contra o governo, nem exigir os seus direitos mediante a Constituição.

[...] O projeto político [era] caracterizado pelo despotismo, pela extinção dos direitos constitucionais, perseguição política, encarceramento e longo sofrimento dos opositores, além da determinação da censura aos meios de comunicação e à indústria cultural, englobando a editoração de livros e revistas, a produção cinematográfica e teatral, a composição de músicas, que às vezes eram censuradas

⁷ Disponível em: <<http://www.cyberpolicia.com.br/index.php/historia/decadas/166-decada-60>>. Acesso em: 30 abr. 2017.

unicamente pelo nome escolhido pelo compositor, e até mesmo a programação televisiva (SANTANA, 2012, p. 2).

Como forma de tentar evitar qualquer manifestação cultural urbana, o governo ordenava que as mídias de telecomunicações passassem a ideia de que estava tudo na mais perfeita ordem. Todavia, a população queria mudanças, nas ruas ecoavam os protestos contra as arbitrariedades do governo.

Em 1964, o Brasil vivia uma percepção aguda dos problemas sociais e do subdesenvolvimento. Às greves e à radicalização do clima político, equivalia uma agitação cultural sem precedentes, com o envolvimento da juventude universitária como grupo privilegiado de circulação e produção de uma cultura nacionalista e de esquerda (EGG, 2011, p. 5).

Em sua entrevista, João Alfredo disserta acerca da luta social empreendida pela juventude na resistência ao governo militar, assim ele denotou que:

A nossa militância naquela época, era de reabertura da UNE e tudo mais, era uma militância que se somava ao resto do Brasil inteiro, principalmente aos estudantes e também a classe operária que realizava, naquele momento, as primeiras grandes greves do ABC Paulista.

Pichações nos muros, protestos, movimentos políticos transgressores, crimes de exílio, manifestações, assassinatos, censura, agitações, casos de corrupção, autoritarismo e revolta marcaram a narrativa do Brasil entre os anos de 1964 e 1985.

No que concerne ao processo de militarização política cearense, outro entrevistado da pesquisa, o veterano da Ditadura Civil Militar no Ceará, Cícero Rodrigues conta que houve a presença de “governos marcantes de coronéis no estado, o Cesar Calls de Oliveira Filho, depois o Adauto Bezerra e, posteriormente, o Coronel Virgílio Távora”, onde ocorria o revezamento do poder político no governo, por estes três coronéis. Ademais, o professor Cleyton contou em sua entrevista, que outra característica marcante no cenário cearense da ditadura, foi a presença dos movimentos de resistência aos militares, assim ele contou que:

Estes movimentos de resistência foram muito comuns nas grandes cidades cearenses, principalmente Fortaleza, é onde você tinha um movimento maior de resistência, principalmente vindo de onde? Da classe média urbana, do Movimento Estudantil, sindicalistas, profissionais da imprensa, alguns jornalistas, são grupos que passam a se organizar e vão combater os governos, cada um de uma forma diferente. Você vai ter estudantes que vão participar de barricadas, greves,

movimentos de ruas, você vai ter um jornalista que vai escrever artigos incendiários [...].

Desta maneira, corroborando à fala do professor Cleyton, João Alfredo denotou acerca da formação política passada pelos militantes mais experientes que atuavam mesmo estando na clandestinidade, assim como maneira de perpassar o conhecimento político e ensinar as novas gerações lições da luta social contra os militares. Em sua fala também ressalta a participação dos jornais de esquerda no combate as ideias militares em cidades como Fortaleza, logo ele contou que:

os militantes antigos daquela época, mais velhos do que a gente 10 anos, eles vieram com a anistia e passaram a fazer formação política p'ra gente. Tinha a imprensa, tinha os jornais da esquerda que circulavam, sofriam censura, mas as vezes escapavam. Você tinha jornais como o “jornal movimento” que trazia estas informações. Evidentemente como o Movimento Estudantil tinha sido fechado, tinha toda esta movimentação. Aqui mesmo no Ceará tivemos o jornal chamado “Mutirão” que trazia uma outra visão da ditadura, uma movimentação que estava ligada aos partidos de esquerda, para fazer formação política com os jovens daquela época.

Atualmente, os sentimentalismos e descasos da época são retratados em livros, peças de teatro, rádio, televisão e, principalmente, na *internet*. Definida pelo homem como sendo o maior canal de informações do mundo (CAMPELO; CAMPOS, 1988), foi através da *internet* que se teve acesso, para embasamento desta pesquisa, a uma das mais ricas fontes de informação da história, a escrita que carrega em suas letras o retrato fiel da situação vivida pelo povo brasileiro no período militar e que se teve a junção de informações para a formação da base documental da pesquisadora acerca da vida e obra do personagem central desta pesquisa, ou seja, Frei Tito, a ser melhor evidenciado na próxima seção.

6 AS PRÓPRIAS PEDRAS GRITARÃO O NOME DE FREI TITO

O filho caçula do casal Ildefonso e Laura, cearenses, pais de mais 14 filhos e não filiados a partidos políticos, apreciavam as prosas da calçada com os vizinhos acerca da atual conjuntura política no Brasil de 1945, nasceu no dia 14 de setembro carregando consigo o nome do único irmão de sua mãe: Tito. “Muito amado pela família, as irmãs o chamavam de anjinho barroco, por assemelhar-se às esculturas que retratam anjos gorduchos, de cabelos cacheados e sorriso maroto” (ACIOLI, p, 16, 2007).

Tito teve uma infância feliz e brincalhona, sendo definido por sua irmã Nildes, que o acolheu na condição de uma segunda mãe (1999), como um garoto arteiro que gostava de ouvir as músicas do rádio, principalmente quando se tratava do ritmo Maracatu, principalmente quando a irmã cantava a música “Patativa”, de Vicente Celestino, para o embalar a dormir e que vivia de mãos e joelhos machucados por jogar futebol. Logo, se percebe que o menino Tito teve uma infância feliz ao lado de sua família, envolto em cuidados de seus pais e carinho de seus irmãos.

Neste contexto, onde também havia uma preocupação com a formação moral e religiosa, em um universo regado a contações de histórias para dormir e brincadeiras de roda, Tito cresceu. Estudioso das leis cristãs desde muito cedo, Tito foi encaminhado junto aos seus irmãos, por Laura a passar a frequentar as atividades dos Congregados Marianos⁸, onde desenvolveu logo cedo as suas aspirações de liderança, escrita e trabalho em equipe. No Liceu do Ceará, “ingressou na Juventude Estudantil Católica, a JEC⁹, envolvendo-se intensamente nas ações, a partir da premissa que a mensagem do Evangelho não poderia ser desvinculada de um profundo compromisso político e social. Em outras palavras: ver, julgar e agir.” (Disponível em < <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/caderno-3/a-paixao-segundo-frei-tito-1.6368> >) Acerca da passagem de Tito na escola Liceu do Ceará, sua sobrinha Lúcia, em entrevista à pesquisadora, comentou que:

⁸ Movimento que acontecia na paróquia do Cristo Rei, onde os jesuítas Pe Barbosa e Pe Marques organizavam reuniões e trabalhos de evangelizações nos bairros pobres, buscando a conscientização cristã. Disponível em < <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/caderno-3/a-paixao-segundo-frei-tito-1.6368> > Acesso em 25 jun. 2017.

⁹ A JEC surgiu pouco antes da Segunda Guerra Mundial, tornando-se mais difundida nos anos 60. O grupo era um dos braços do movimento que surgia dentro da Ação Católica para chamar ao trabalho de evangelização jovens de vários segmentos da sociedade. (ACCIOLI, p.23, 2007).

[...] esta semana eles foram visitar a sala que era a antiga sala do grêmio, que ficava embaixo das escadas, então assim, acharam um acervo, um negócio maravilhoso. As atas do grêmio! Então, certamente nestas atas do grêmio existe algum registro sobre Frei Tito, porque ele foi do grêmio, ele criou uma cooperativa de estudantes dentro do grêmio.

Embasado nestas três diretrizes da JEC (ver, julgar e agir), que correspondiam respectivamente a perceber a realidade, fazer julgamentos do contexto ao qual está inserida esta realidade e tomar providências para modificá-la, Tito passou a trabalhar em conjunto com a Ação Católica, em favor de ajudar os mais necessitados. Conforme Acioli (2007), os meninos da JEC tinham as suas rotinas pautadas no estudo, trabalho e na vivência mística, em que Tito, com seu jeito despojado, e seus colegas desenvolviam as atividades com dedicação.

Com o passar dos anos, o jovem Tito foi se destacando e assumiu a liderança regional da Juventude Católica no Nordeste, tendo a agenda preenchida com viagens para encontros com representantes da Ação Católica de outros estados. Tito passou a morar na cidade do Recife, em Pernambuco, onde se aproximou, cada vez mais, da igreja e da comunhão com o trabalho de evangelização, o que o fez se motivar para a missão do sacerdócio. Ainda de acordo com Acioli (2007, p. 27-28),

Pensou em ingressar na Ordem dos Irmãozinhos de Foucauld, mas optou pela Ordem dos Frades Pregadores de São Domingos, os dominicanos. O trabalho desta ordem era muito parecido com o que Tito vinha desenvolvendo na JEC. Os dominicanos tinham presença alegre, culta e evangélica dentro da Ação Católica, o que atraiu muitos jovens da JEC na década de 60. A decisão foi tomada ainda em Recife, o convite para ingressar na Ordem dos dominicanos partiu de Frei Betto, em um encontro nacional da JEC em Recife. Perto de terminar o 2º grau, Tito enviou uma carta a Nildes pedindo-lhe que preparasse o espírito da família, pois havia decidido ser frade. Ildefonso, de início, não aceitou. Imaginava que seu filho poderia seguir uma bela carreira profissional. Os irmãos ficaram divididos, mas Laura ficou muito feliz com a notícia. Havia preparado os filhos para seguir uma vida de fé. Nildes apoiou a decisão do irmão caçula e imediatamente iniciou os preparativos do pequeno enxoval que o noviço precisava levar para o convento. Em 10 de fevereiro de 1967, no convento da Serra de Belo Horizonte, Tito assumiu seus votos de obediência, pobreza e castidade. A partir deste dia, passou a ser chamado de Frei Tito.

Logo, se revela que a devoção de Tito para com o sacerdócio o acompanhou desde seus primeiros anos de vida, tendo em vista que sua mãe Laura fazia questão de que seus filhos vivessem guiados sob os ensinamentos da igreja católica. De fato, foi a admiração que sua mãe tinha pela doutrina cristã e a vivência sempre humilde que o incentivou a tomar

a decisão de ser não somente um frade, bem como um defensor das causas humanitárias, um evangelizador que, além de levar o pão aos pobres, ensinava também como era a vida em comunhão com o próximo.

Aqui, Tito se caracteriza como sendo um típico jovem brasileiro de família humilde, apaixonado por músicas, carinhoso com os irmãos e os pais, além de ser rodeado de amigos, por ter uma personalidade comunicativa, alegre e, pelas palavras de Nildes (1999), travesso. Cheio de vida, Tito partiu para o sacerdócio, a fim de colocar em prática os ensinamentos que teve de antemão em sua própria casa, onde não havia distinção entre os filhos por Ildefonso e Laura, o que se tinha era o retrato de uma família feliz, unida, que se considerava “cheia de graça” por ser numerosa. Tito cresceu com fortes ensinamentos de moral e ética, sabendo distinguir sempre a vontade de Deus perante o povo e assim saiu de casa tentando entender a vontade do povo perante Deus.

6.1 O RELIGIOSO TITO

A fé sempre foi a companheira leal de Frei Tito, tanto que após a leitura proferida pela pesquisadora, esta é a constante mais observada em suas missivas, em cada uma de suas palavras se tem o sentimento “fé” como instrumento palpável. Assim, para o leitor de suas missivas a crença em Deus e na doutrina da igreja católica é presença constante e chama atenção. A seguir, a ilustrar um trecho da poesia “*Lasciate ogni speranza, voi ch'entrate!*”, escrita em L'Arbresle, datada de 1973

[...] Senhor, vós vivestes esta hora junto ao vosso pai amado. Para que buscaste esta forma de vida? Por que oraste? Por acaso não sois vós Deus? Que pedias? Por que não disseste aos teus amigos teus encontros e noites escuras e de trevas? Afastado num monte, belo, simples como toda beleza tu pediste ao teu Pai, a tua paz, o teu sentido da tua missão, da tua paixão, da tua solidão. Algumas vezes, quando te encontro te vejo só. Incompreendido. Também abandonado. Pai, meu pai, por que me abandonaste? Senhor, será que teu Pai te abandonou? [...]

Ao se concentrar no convento dominicano da Serra de Belo Horizonte, em 1967, Tito continuou com a sua devoção à evangelização, além da realização de estudos intensos na liturgia da bíblia, até que foi transferido para o convento de São Paulo. Lá, relatava à sua família, por meio de suas cartas, o quão feliz era, pois além das atividades realizadas como frade da ordem dos dominicanos, também estava imerso em outros campos, como bem

salienta Accioli (2007) ao dizer que Tito dividia-se entre as práticas de yoga, judô, além de estar ingressando no curso de filosofia da Universidade de São Paulo (USP), quando foi surpreendido pela notícia da morte de sua mãe, Laura.

Cabe ressaltar, aqui, que se a fé era a premência constante em suas missivas, o mesmo acontecia com a relação próxima à sua família, que não lhe caía no esquecimento, mesmo com a distância, tanto que, atualmente, existe um acervo pessoal de posse da família e inacessível ao público que reúne as missivas originais, fotografias, desenhos, e tantos outros materiais não catalogados, cuja autoria é de Frei Tito, salvaguardados em caixas, não catalogadas em um arquivo pessoal. Acerca disso, Lúcia contou em entrevista à pesquisadora que:

[...] objetos que a família foi guardando ao longo do tempo (VER ANEXO C), que são poucos objetos, porque na verdade ele era um frei, uma vida muito despojada não tem nada, e o pouco que se tem... por exemplo, no memorial nós tínhamos os óculos dele, e os óculos foram roubados, um descaso com a coisa pública, o prédio público. Nós temos as missivas. Elas, hoje estão com o Instituto, as cartas [...] então, assim, a gente guarda, mas não estão comigo, elas estão guardadas em um lugar mais seguro e de melhor tratamento p'ra elas também, porque elas precisam de um tratamento, e a gente não pode guardar de qualquer jeito, então nós temos estas cartas, as originais (VER ANEXO A) [...] elas não são de acesso [as missivas], nós apenas guardamos em um local para no futuro disponibilizar. Porque a gente começou a ficar, porque são tão poucas coisas que a gente tem, e aí se você não colocar em um lugar realmente que vá se ter um cuidado, você corre o risco de perder o pouco que se tem, como aconteceu com os óculos.

Um dos objetos que sempre esteve presente na vida de Frei Tito foi a Bíblia Sagrada, da qual foi seu leitor cativo, fez rabiscos, remontando pregações e meditações, além de interpretações de diversos versículos, fazendo a sua inter-relação com a vida cotidiana no convento, a presença de Deus na vida dos homens e o posicionamento da igreja perante os acontecimentos políticos durante a Ditadura Civil Militar. Há ainda marcações nos versículos com anotações.

De tal maneira, um dos grandes amigos de Frei Tito, a fim de disseminar as informações contidas na Bíblia, as reuniu no ano de 2014 em uma edição artesanal. Sobre sua relação com Frei Tito, Plassat (2014, p. 11) afirma que “juntos, viajamos, cantamos, choramos, rezamos, xingamos, desafiamos. Partilhamos do melhor e do pior. O chão que vem e o chão que vai.”

A seguir, seguem algumas das passagens escritas nos versículos da Bíblia de Frei Tito, divulgadas por Xavier Plassat (2014, p. 55-57).

Evangelho: São Lucas, capítulo 4, 16-24

Cristo: o libertador por excelência

- a mesma história

“Não é este o filho de José?” (versículo 22)

Não há duas pobreza: pois somente aqueles que não possuem este mundo (pecado) são aptos para o reino de Deus.

- O apelo do evangelho a libertação

Lutar contra toda a sociedade opressora, vazia e mentirosa

Evangelho: São Lucas, capítulo 11, 37-54

Jesus rompe com as estruturas do seu tempo.

Ele quer uma revolução em profundidade. Ele quer transformar o Homem todo.

Sua convicção de que não se pode por vinho novo em odres velhos.

Ele quer a VERDADE, a Justiça e o Amor.

(verdadeiros adoradores)

A verdadeira imagem da Igreja no mundo: eles a matarão e a perseguirão.

-Abaixo a omissão!

Evangelho: São Mateus, capítulo 25, 14-30

- Não há fé sem engajamento. Quem são os maus ricos e os Lázarus de hoje?

“Muito tempo depois”

“Tive fome, tive sede”

cinco talentos: a cada um segundo as suas capacidades

-ganancioso. “sabia que és um homem ganancioso”. Versículos 31-46: sobre o juízo final- a ideia que temos de Deus. MESTRE: Deus. Servidores: nós, os homens.

1) os que fazem as vontades de Deus

2) os que não a fazem

quer dizer:

3) o que é fazer a vontade de Deus: é se comprometer com os outros

Participar da vida de Deus é, unido aos outros, comprometer-se

Servir aos outros: servir os pobres

“Responderá o Rei: Em verdade eu vos declaro: todas as vezes que fizestes isto

a

um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim mesmo que o fizestes.”

Hebreus 9,22 - Êxodos 20

O homem é um ser feito para amar. Sua realidade íntima é exatamente essa.

Nosso ser se mede pelo nosso comportamento com os outros, se mede pela nossa comunicação. O amor é a busca do outro no dom de si mesmo (desprendimento: o fato de se prodigalizar). É a perda de referência a si mesmo, a perda do egoísmo infantil. Ninguém foi feito para se amar a si mesmo, nem para a solidão. A solidão é o vazio real de nós mesmos. Todos nós temos necessidades dos outros. Temos também necessidade da mulher, no plano psicológico.

Meditação - Mateus 25, 31- 46

“É um servo inútil, jogai-o nas trevas exteriores: ali haverá choro e ranger de dentes”.

Mt 25, 31-45: não há fé sem engajamento

O conteúdo da pregação dos apóstolos:

1 - que eles queriam:

a) em relação à sociedade

b) em relação à construção da igreja.

Atos dos apóstolos

“Descerá sobre vós o Espírito Santo e vos dará força, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Samaria e até os confins do mundo” (At 1,8)

A pregação da palavra de Deus (At 6, 1-7) e o anúncio da ressurreição de Cristo (At 5, 29-33).

Divulgava-se sempre mais a Palavra do Senhor. Multiplicava-se consideravelmente o número de discípulos em Jerusalém. Também grande quantidade de sacerdotes aderiu à fé (At 6,7).

Com relação às colocações de Frei Tito em sua Bíblia, percebe-se uma total imersão no estudo da espiritualidade, suas interpretações buscavam entender o que de fato significava cada versículo, cada sentimento e situação vivida pelo homem. Há ainda relatos que trazem a incitação da luta contra a opressão por ele vivida e a busca por um mundo sem distinções entre o rico e o pobre. Pautado em uma literatura envolta por sentimento, é compreensível o exame de sua fé para a justificativa de trabalho do ser humano, ao dizer que “não há fé, sem engajamento”, ou seja, mesmo que o homem acredite em uma entidade superior, que governa e faz tudo no mundo sob a sua vontade, é necessário o posicionamento do homem, suas atitudes, motivação, empenho e trabalho, além de dedicação em virtude da realização de algum feito. Frei Tito nos faz perceber que para se ter fé é necessário primeiro se posicionar dentro da sociedade.

O caráter religioso de Frei Tito revela o homem que crê não somente na doutrina, mas nos sentimentos, nas sensações do homem e que tem esperança no mundo habitado por este homem, ele fala de uma “fé” que vai além do mundo imaginário, quando a relaciona a suas interpretações de cotidiano. A fé de Tito não é baseada em sua peregrinação na Igreja Católica, é algo que esteve sempre presente em sua vida, ao longo dos anos, algo que nos é remetido em cada uma de suas palavras. Seu sentimento de “fé” é passado para quem lê seus relatos, como sendo algo material, uma ferramenta de conquista, um socorro, um prelúdio, uma necessidade. A fé de Tito é de encher os olhos bem como o coração.

Quando foi libertado, juntamente com outros 69 revolucionários brasileiros em troca do Embaixador da Suíça no Brasil, cujo sequestro fora organizado pelo Comando de Juarez de Brito, da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), e mandado para o Chile, escreveu um texto acerca da situação da igreja no Brasil, no período militar. Assim, o que se sobressai em suas palavras, além da incitação à luta por direitos humanos e igualdade social,

é a fé, como se pode perceber no trecho abaixo.

[...] depois de muitos séculos de conservadorismo e de falsas tradições, a Igreja do Brasil mostra sinais de uma profunda transformação que nasce de uma consciência evangélica que se desenvolveu nos homens em coerência com sua missão terrena. Nós não existimos para salvar as almas, mas para salvar as criaturas, os seres humanos vivos, concretos, no tempo e no espaço bem definidos. Temos uma compreensão histórica profunda de Jesus. De todos os debates teológicos conciliares, é sem dúvida o referente à história da salvação que influenciou de modo decisivo nossa concepção de Igreja, da sua razão de ser, e de sua missão: A história da libertação do povo hebreu, eleito por Javé para tornar-se povo de Deus. É esta ideia de um "Povo de Deus" que orienta do ponto de vista teológico as transformações da Igreja no Brasil. Para nós, quem é o povo de Deus, concretamente? - São os trabalhadores, os operários, os explorados, os oprimidos, enfim toda a massa imensa que tem uma condição de vida desumana. Entre tais, Jesus toma o nome de Zeferino ou Antônio, um qualquer. Vivemos em um país onde reina o analfabetismo, a miséria e a injustiça: limitações que se desenvolveram ainda mais nos últimos anos. O índice do desemprego cresceu geometricamente e os desequilíbrios sociais nos estados do Nordeste aumentaram ainda mais com as tentativas de implantação da indústria. As secas periódicas, por sua vez, aprofundam ainda mais a miséria do povo rural onde o imperialismo mantém o homem isolado, vítima secular da estrutura agrária primitiva. A realidade social impôs um problema aos Bispos e à Igreja. Há dez anos os sacerdotes de todas as regiões do país procuram, na perspectiva de um desenvolvimento humano e justo, uma solução mais adequada dos problemas sociais. Somos herdeiros de quatro séculos e meio de latifúndios e de colonialismo. Comprometemo-nos de um modo consciente com a luta pelo desenvolvimento econômico e social do país, sabendo que a solução de nossas calamidades sociais deve ser profunda e radical. De que serviria remendar um trapo? É preciso lutar por uma nova sociedade [...]

Parafraseando Acioli (2007), vê-se que antes de conhecer o ódio e a violência de seus torturadores e opressores, Tito de Alencar Lima foi um jovem alegre, apelidado como um ‘anjinho barroco’ pelos irmãos, que lutava judô, gostava de músicas de Maracatu, dedicava-se aos estudos e ao trabalho comunitário. Alguém que fez da fé um instrumento, não só de evangelização, mas de denúncia e cobrança por humanidade e esperança.

6.2 O REVOLUCIONÁRIO TITO

Quando começou a residir em São Paulo, Frei Tito, na condição de estudante do curso de Filosofia da USP, entrou para o Movimento Estudantil (ME) que, em 1968, no auge da Ditadura Civil Militar no Brasil, atuava com passeatas, manifestações organizadas, reuniões estruturadas e apoio logístico aos grupos contrários ao regime ditatorial. Pelas palavras de Müller (2007, p. 52), “não há momento mais marcante na história do ME brasileiro, e porque não dizer na história dos movimentos estudantis em todo o mundo, que o ‘mágico’ ano de 1968”. Entre os fatos mais marcantes de 1968, Müller (2007) destaca a

morte do estudante secundarista Edson Luís¹⁰, a Passeata dos Cem Mil¹¹(VER ANEXO F) e o Congresso de Ibiúna, este último sob a organização ativa de Frei Tito, como sendo o retrato fiel da indignação e rebelião dos estudantes contra as imposições do período militar.

Figura 2 – Manifestação dos estudantes contra a Ditadura Civil Militar



Fonte: Arquivo Público do Ceará, 2014.

Aqui, a atenção é voltada para o famoso Congresso de Ibiúna, que aconteceu em decorrência do aumento das imposições dos militares para com os estudantes, isto é, segundo Accioli (2007), com a extinção da União Nacional dos Estudantes ¹² (UNE) e das diversas demissões dos professores universitários e o cerceamento da autonomia estudantil, era necessário que o ME se reagrupasse para tomar medidas de oposição mais fortes ao regime militar. Uma destas medidas foi justamente a organização de um encontro clandestino de estudantes para que houvesse a eleição do novo presidente da UNE, o 30º Congresso

¹⁰ “O Edson Luís era uma pessoa meio que adotada pelo movimento. Não era uma liderança, mas uma pessoa muito querida. Foi morto porque estava numa passeata contra o fechamento de um restaurante estudantil. Foi o primeiro morto da minha militância estudantil, no dia seguinte a sua morte foi que comecei a ter noção do quanto custa para os opressores do povo matarem um estudante de 17 anos a tiros porque ele está pedindo que não fechem um restaurante” (Depoimento de Bernardo Jovilly, São Paulo, 8 de novembro de 2004).

¹¹ Denominação com que ficou conhecida a manifestação realizada no Rio de Janeiro em 26 de junho de 1968, da qual participaram cerca de cem mil pessoas que protestavam contra as violências praticadas pela polícia alguns dias antes no centro da cidade, atingindo estudantes e populares. Promovida pelo movimento estudantil, a marcha contou também com a participação de intelectuais, operários, profissionais liberais e religiosos, além da adesão maciça de populares. As principais reivindicações dos manifestantes eram o restabelecimento das liberdades democráticas, a suspensão da censura à imprensa e a concessão de mais verbas para a educação. Disponível em < <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/passeata-dos-cem-mil> > Acesso em 25 jun. 2017.

¹² Desde sua criação em 1938, a União Nacional dos Estudantes (UNE) exerceu papel ativo nos principais eventos políticos e culturais da história de nosso país. (Müller, 2007, p. 52)

Nacional da UNE, sediado em São Paulo.

A articulação para o congresso se deu entre, os integrantes do Movimento Estudantil, Frei Tito, Euriale Zerbini e Terezinha Zerbini, assim Tito conseguiu um sítio em Murundu, nas trincheiras de São Paulo e Sorocaba, por ser amigo do dono Domingos Gusmão, membro da VPR (Vanguarda Popular Revolucionária), “a estratégia assumida para que pudessem se deslocar foi escolher pontos no centro da cidade, onde os participantes deveriam estar portando a última edição da Revista Veja” (ACCIOLI, 2014, p. 33), com esta ‘senha’ eram identificados e guiados até o local. Assim, em 9 de outubro de 1968, deu-se início o congresso que contava com a participação de 170 mulheres e 536 homens brasileiros que decidiram se arriscar na luta social por melhorias para a pátria verde e amarela.

Em entrevista à pesquisadora, o professor Cleyton conta que Frei Tito “foi preso no congresso dos estudantes, lá em São Paulo, um congresso clandestino da UNE, os militares tinham informações de ligações dos dominicanos com o grupo do Marighella, mas era muito boato” e Marcelo, outro entrevistado, complementa dizendo “[...] teve mais de mil estudantes detidos, ou seja, fazer uma atividade subversiva neste caso. Dentro de uma perspectiva da ditadura, o Tito foi um subversivo e assumir uma posição de subversivo aos olhos do estado, na situação na qual ele estava sendo um membro da igreja, isso é super revolucionário”.

No seu depoimento, cedido ao Jornal Cruzeiro do Sul¹³, o ex-estudante Osvaldo Francisco Noce relatou que

alguns líderes do movimento estudantil gostariam que o congresso fosse realizado no CRUSP (Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo), mas a maioria votou para que a sede fosse num sítio afastado, no interior. Eu desconfiava (que poderia ser descoberto) porque ninguém esconde mil, mil e duzentas pessoas em um lugar como aquele.

E de tal forma, o congresso foi revelado. Pela imprudência de alguns estudantes que passaram a fazer compras em grandes quantidades por Ibiúna, uma cidade pacata, os moradores começaram a desconfiar da presença de tantos forasteiros na cidade. “Uns cabeludos, outros de barbichas. Em Ibiúna não se falava de outra coisa. Eram moços diferentes, como nunca se vira na cidade” (Jornal da Tarde, 14 de outubro de 1968). Com a

¹³ Disponível em < <http://www.une.org.br/2015/03/ibiuna-guarda-marcas-do-30%C2%BA-congresso-clandestino-da-une-contra-a-ditadura/> >. Acesso 10 jul. 2017

atenção da cidade voltada para o sítio, foi enviada uma denúncia da existência de um acampamento com uma grande concentração de estudantes, pelo delegado de Ibiúna ao Departamento de Ordem e Política Social (DOPS), logo uma operação policial foi armada, dando início, pelas palavras de Gaspari (2014, p.257), “ao maior arrastão da história brasileira, onde se capturaram 920 estudantes. Era o congresso clandestino da UNE. O movimento estudantil se acabara”.

Eis a manchete (Ver ANEXO D) do dia 13 de outubro de 1968, estampada no jornal “O Folha” de São Paulo

Cerca de mil estudantes que participavam do XXX Congresso da UNE, iniciado clandestinamente num sítio, em Ibiuna, no Sul do Estado, foram presos ontem de manhã por soldados da Força Pública e policiais do DOPS. Estes chegaram sem serem pressentidos e não encontraram resistência. Toda a liderança do movimento universitário foi presa: José Dirceu, presidente da UEE, Luís Travassos, presidente da UNE, Vladimir Palmeira, presidente da União Metropolitana de Estudantes, e Antonio Guilherme Ribeiro Ribas, presidente da União Paulista de Estudantes Secundários, entre outros. Eles foram levados diretamente ao DOPS. Os demais estão recolhidos ao presídio Tiradentes. Desde segunda-feira os habitantes de Ibiuna notaram a presença de jovens desconhecidos, que iam à cidade comprar pão, carne, escovas e pasta de dentes, despertando suspeitas ao adquirir mais de NCr\$ 200 de pão de uma só vez. Essas informações foram transmitidas ao DOPS e à Força Pública, que desde quinta-feira já conheciam segundo afirmaram —o local exato do Congresso. A denúncia de um caboclo, que fora barrado ao tentar chegar até o sítio Muduru, onde estavam os estudantes, fortaleceu a convicção da Polícia de que o congresso seria realizado ali. Depois de avançar alguns quilômetros de carro e outro trecho a pé, por causa da lama da estrada, 215 policiais chegaram ao local às 7h15 de ontem, organizaram o cerco aos estudantes e dispararam algumas rajadas de metralhadora para o ar, para intimidá-los. Sem resistir, os congressistas foram colocados em fila e levados aos ônibus requisitados para transportá-los para a capital. O governador Abreu Sodré, ao ser homenageado por trabalhadores do DAE, no Horto Florestal, referiu-se ao episódio e acrescentou, referindo-se à prisão dos participantes do congresso da UNE: "Agi com energia para reprimir a agitação e a subversão quando determinei, após horas de angústia e apreensão, a prisão de estudantes subversivos que participavam do congresso da UNE.

Dentre os estudantes presos se encontrava Frei Tito, que juntamente com os outros fora conduzido para o presídio de Tiradentes, para ser fichado (VER ANEXO G), em São Paulo. No que concerne à articulação da juventude católica com outras organizações de resistência ao regime militar,

Durante o ano de 1968, o então estudante religioso de Filosofia (VER ANEXO I), Tito, começava a jornada que seria, mais tarde, sinônimo de dor, sofrimento e coragem, ao ser preso, acusado de tramar contra o governo, e torturado, incessantemente, por três dias, juntamente a outros estudantes.

Em 1968¹⁴, Tito foi preso durante o Congresso da União Nacional dos Estudantes (UNE), em Ibiúna (SP), com todos os congressistas. Em novembro de 1969, foi preso novamente, com Frei Betto e outros religiosos. Torturado ininterruptamente durante três dias pelo delegado Sérgio Paranhos Fleury, chefe do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS). Em dezembro de 1970, incluído entre os prisioneiros políticos trocados pelo embaixador suíço, Giovanni Enrico Bucker, sequestrado pelo comando da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR). Em 1971, foi para Roma, Itália, e, em seguida, para Paris, França, onde foi acolhido no convento Saint Jacques.

Marcelo contou em entrevista à pesquisadora o seguinte:

Você tem uma juventude católica muito fluente, a igreja muito forte, você tinha organizações de juventude muito fortes também, você tinha a JUC (Juventude Universitária Católica), você tinha a JOC (Juventude Operária Católica). Você tinha várias expressões da juventude católica no movimento de fábrica, no movimento camponês, no movimento universitário, ou seja, os setores da esquerda da igreja católica se articulavam em torno destas organizações políticas.

Como resposta, no dia 13 de dezembro de 1968 foi decretado o Ato Institucional nº 5 (AI-5), que conforme o deputado José Bonifácio (1968, p.12) “resulta de crises e dificuldades do governo e do mal-estar do povo”. Em suma o AI-5, trazia o inferno às terras brasileiras dando direitos exorbitantes ao presidente, e principalmente poder para atacar qualquer um que se opusesse ao regime militar. Como afirma esta reportagem contida no *site*¹⁵, da 46ª turma do Programa de Treinamento em Jornalismo Diário da Folha, em 2008, relatando que o AI-5 fora

editado pelo então presidente Arthur da Costa e Silva, ele deu ao regime uma série de poderes para reprimir seus opositores: fechar o Congresso Nacional e outros legislativos (medida regulamentada pelo Ato Complementar nº 38), cassar mandatos eletivos, suspender por dez anos os direitos políticos de qualquer cidadão, intervir em Estados e municípios, decretar confisco de bens por enriquecimento ilícito e suspender o direito de habeas corpus para crimes políticos. O ministro da Justiça, Gama e Silva, anunciou as novas medidas em pronunciamento na TV à noite.

Com a promulgação do AI-5, instantaneamente ecoaram reações pelo país, o povo por outro lado “manteve-se calmo e não houve corridas aos bancos, apesar da apreensão de alguns cidadãos, que decidiram permanecer em seus escritórios ou nas ruas à espera da palavra oficial do governo através de A voz do Brasil” (VER ANEXO E) (JORNAL DO BRASIL, 1986, p. 12).

¹⁴ FREI TITO MEMORIAL ON-LINE. Apresentação. Fortaleza: ADITAL, 2009. Disponível em: <<http://www.adital.com.br/freitito/por/apresentacao.html>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

¹⁵ Disponível em < <http://www1.folha.uol.com.br/folha/treinamento/hotsites/ai5/ai5/index.html> >. Acesso 10 jul.2017.

A Figura 3 denota uma abordagem mais superficial do povo que, em vez de reagir ao AI-5 com grandes manifestações, preferiu trabalhar com mensagens subentendidas, a publicar tirinhas trabalhadas com o contexto da Ditadura Civil Militar como pano de fundo.

Figura 3 – Tirinha do personagem Cascão publicada na Folha de S. Paulo de 14 de dezembro de 1968



Fonte: Folha de S. Paulo, 1968.

Para Frei Tito, o AI-5 representou a perseguição e a observação atenta dos agentes do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS). Com o romper do ano de 1969, há a chegada da Lei de Segurança Nacional que dava subsídios legais para a repressão de qualquer pessoa que se opusesse à política do estado ou a segurança nacional. Pelas palavras do portal Memórias da Ditadura¹⁶,

qualquer contestação política moderada, um protesto por liberdades democráticas ou a emissão de uma opinião crítica ao regime ou ao sistema capitalista, poderia ser lida como “subversão”, dado o poder arbitrário e a amplitude da Lei de Segurança Nacional. O conceito de “crime político”, portanto, equivalia ao conceito de crime de guerra, ancorado na tradição dos crimes de “lesa-pátria”, isto é, contra a pátria. Como a Doutrina de Segurança Nacional entendia que a fase da “guerra psicológica” ou cultural era preparatória da “guerra revolucionária” dos comunistas contra a ordem social, uma matéria de jornal contra o regime era parte da estratégia dos “subversivos” para desgastar a ordem e tomar, futuramente, o coração do Estado.

Correlacionando isto ao pensamento de Accioli (2014), quando diz que a Lei de Segurança Nacional fez com que fossem vetadas as reuniões, a imprensa ou qualquer tipo de associação no Brasil, houve o período onde a tortura passou a ser utilizada como método

¹⁶ Disponível em < <http://memoriasdadtadura.org.br/repressao/index.html> >. Acesso 10 jul.2017.

institucional de interrogatório e as Forças Armadas a realizar as operações de repressão aos ditos ‘subversivos’.

Logo, como instrumento do governo para realizar as patrulhas e manter a população na linha, foi criado o Destacamento de Operações e Informações do Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI) que realizava aulas experimentais para ensinar os seus militares a prática da tortura e autuava os presos políticos na Operação Bandeirante¹⁷(OBAN) no Exército, a sede oficial das torturas.

Gaspari, em seu livro *Ditadura Envergonhada*, narra o acontecimento de uma aula de tortura proferida pelo professor “tenente Ailton”, em que

[...] os presos foram enfileirados perto do palco, o “tenente Ailton” identificou-os para os convidados. Tinha três sargentos por acólitos. Com a ajuda de slides, mostrou desenhos de diversas modalidades de tortura. Em seguida os presos tiveram de ficar só de cuecas. Maurício Vieira de Paiva, 24 anos, quintanista de Engenharia, foi ligado a um magneto pelos dedos mínimos das mãos. Era a máquina de choques elétricos. Depois de algumas descargas, o tenente-mestre ensinou que se devem dosar as voltagens de acordo com a duração dos choques. Chegou a recitar algumas relações numéricas, lembrando que o objetivo do interrogador é obter informações e não matar o preso. Murilo Pinto da Silva, 22 anos, funcionário público, ficou de pés descalços sobre as bordas de duas latas abertas. Pedro Paulo Bretas, 24 anos, terceiranista de medicina, foi submetido ao esmagamento dos dedos com barras de metal. Outro preso, um ex-soldado da Polícia Militar, apanhou de palmatória nas mãos e nas plantas dos pés. “A palmatória é um instrumento com o qual se pode bater num homem horas a fio, com toda a força”, explicou. No pau de arara penduraram Zezinho, que estava na PE por conta de crimes militares. Ailton explicou – enquanto os soldados demonstravam – que essa modalidade de tortura ganhava eficácia quando associada a golpes de palmatória ou aplicações de choques elétricos, cuja intensidade aumenta se a pessoa está molhada. “Começa a fazer efeito quando o preso já não consegue manter o pescoço firme e imóvel. Quando o pescoço dobra, é que o preso está sofrendo”, ensinou o tenente-professor. O Exército brasileiro tinha aprendido a torturar. (2014, p. 363-364)

O personagem de maior destaque nas ações de repressão e tortura contra os brasileiros é definido por Tavares e Godoy (2010) como sendo o símbolo do esquadrão da

¹⁷ O crescimento da guerrilha, entre 1968 e 1969, fez o governo buscar um sistema mais poderoso para combater os subversivos que estavam pegando em armas para fazer a revolução. Para isso, integrou os diversos serviços policiais de repressão política, para além dos tradicionais Dops (Delegacias ou Departamento de Ordem Política e Social) estaduais. Mantido com financiamento privado de empresários paulistas, para combater a guerrilha de esquerda que era particularmente forte em São Paulo. A Oban consolidou o método “sequestro-tortura-execução” como princípio de combate à “subversão”, atingindo os combatentes da luta armada e a rede de apoio direto e indireto às organizações clandestinas. Disponível em < <http://memoriasdaditadura.org.br/repressao/index.html> >. Acesso 10 jul.2017

morte ¹⁸ e da repressão política no país durante o regime militar, seu nome: Sérgio Paranhos Fleury. Fleury era tido como sendo o “símbolo de tenacidade, desprendimento, alto espírito de sacrifício e excepcional coragem” (GASPARI, 2002), já para a população era conhecido como alguém que gostava de praticar a tortura, pois tinha “habilidade para prender, torturar e matar impiedosamente quem julgasse ser necessário (ACIOLI, 2007, p.40).

Em entrevista à pesquisadora, Lúcia fez uma reflexão acerca de um dos instrumentos mais marcantes da Ditadura Civil Militar, a tortura: “a gente sabe que a tortura é um negócio muito sério, a tortura ela não tem a intenção de alcançar o teu corpo, a intenção é a tua alma”. Enquanto isso, o professor Cleyton ressaltou a responsabilidade do estado brasileiro em ter a tortura como método de investigação, “não era um movimento paramilitar, não era uma milícia, que praticava algo para além do estado, eram forças que, de certa forma, tinham um amparo do estado brasileiro, então personagens das forças armadas torturavam” as pessoas.

A ilustrar, segue a Figura 4 com o exercício da tortura intitulada “pau de arara”, que era praticada pelos militares da Ditadura Civil Militar, em seus interrogatórios, a fim de obterem informações dos presos políticos ou movimentos que viviam na clandestinidade.

Figura 4 – O pau de arara é assim



Fonte: Sala escura da Tortura, 2011.

¹⁸ Tratava-se de grupos de policiais envolvidos com a criminalidade. Segundo a jurista e pesquisadora Alessandra Teixeira, em depoimento à Comissão da Verdade do Estado de São Paulo “Rubens Paiva”, os envolvidos agiam em prol de diversos interesses, com ligações diretas com as economias criminais, como, por exemplo, o jogo do bicho, a prostituição e também o tráfico de entorpecentes, além de torturas e assassinatos. Disponível em < <http://comissaoдавerdade.al.sp.gov.br/relatorio/tomo-i/parte-i-cap2.html> >. Acesso em 14 jul. 2017.

Se por um lado havia o simbolismo da repressão na figura de Fleury, por outro existia também no período, aquele que fora considerado o inimigo número um da Ditadura Civil Militar, o líder da Ação Libertadora Nacional ¹⁹(ALN), Carlos Marighella.

Político, guerrilheiro e poeta, vivenciou a repressão de dois regimes autoritários. Foi um dos principais organizadores da resistência contra o regime militar e chegou a ser considerado o inimigo número um da ditadura. Teve ao todo, quatro passagens pela prisão, onde sofreu espancamentos e torturas, sendo a primeira delas aos vinte anos de idade. Militou durante 33 anos no Partido Comunista e depois fundou o movimento armado Ação Libertadora Nacional (ALN). (Disponível em < <http://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/carlos-marighella/index.html> > Acesso em 14 jul. 2017.)

Em decorrência das várias ações armadas contra o regime militar de autoria da ALN, os caminhos destes dois personagens se entrelaçaram, onde Fleury empreendeu uma verdadeira caçada ao guerrilheiro, já que este tinha a “cabeça a prêmio”, ²⁰ com sua imagem espalhada em cartazes por todo o país. Accioli (2007) revela que Fleury era obcecado com a ideia de ser ele aquele que iria prender Marighella, assim não perdia nenhuma pista que pudesse direcionar a investigação do paradeiro do militante.

Durante meses, os militares estiveram à sua procura. Para Magalhães (2012, p. 528), “a OBAN teve o rastro dele [Marighella] diante do nariz e não o enxergou”. Tais perseguições mudariam o destino não somente do militante comunista, bem como de Frei Tito que, na época, após ser fichado pelo DOPS (VER ANEXO B), no episódio do Congresso da UNE em Ibiúna, encontrava-se no convento dominicano em São Paulo. De acordo com Ratton e Patarra (2008), os frades dominicanos davam auxílio à luta armada de Marighella e o ajudavam em suas fugas. Logo Fleury acabou descobrindo, por meio das investigações a ligação existente entre os frades dominicanos com o guerrilheiro. Conforme Magalhães (2012, p. 528), a ação dos militares do DOI-CODI chefiada por Fleury para o desfecho da perseguição a Marighella teve início com a captura de Paulo de Tarso Venceslau, em 1º de outubro

¹⁹ 19 Surgiu entre o fim de 1967 e início de 1968. Chegou a ser a organização mais estruturada da guerrilha urbana, sendo também aquela em que a quantidade de mulheres vinculadas era proporcionalmente maior do que em outras organizações. Fundam o jornal “O Guerrilheiro” (abril de 1968), onde procuram adaptar o modelo castro-guevarista a certos dados da experiência brasileira. O primeiríssimo princípio é o da ação. É a ação que faz a organização e a desenvolve. Ação significa violência revolucionária, luta armada, guerrilha. A ação cria tudo a partir do nada, do zero. Disponível em < <http://blog.esquerdaonline.com/?p=5213> > Acesso em 14 jul. 2017.

²⁰ Disponível em < <https://jeocaz.wordpress.com/2009/12/02/marighella-o-inimigo-numero-um-da-ditadura/> > Acesso em: 14 jul. 2017.

barbarizaram-no com pau de arara, espancamento e os choques que dilaceraram sua língua. Indagavam ‘o tempo todo’, em suas palavras, por Marighella. Como não compartilhava seu aparelho com outros companheiros, no dia 4 ele ‘abriu’ o endereço, obtendo um respiro (...). Da papelada recolhida, constava um talão de cheques, que não lhes chamou a atenção. Os documentos foram repassados ao Dops, responsável pelas autuações processuais, e os tiras não vacilaram (...). No Dops, apuraram que era o número do convento da Ordem Dominicana, e o preso foi para o pau. (...). ‘O telefone era do Oswaldo, que era o meu interlocutor e havia se mandado para a Europa. Eu sabia desse fato. Essa informação eu abri no pau (...). O mês se passou, e ninguém foi preso por informações de Venceslau. O telefone no talão de cheques foi a peça final do quebra-cabeça cujos encaixes eram óbvios fazia tempo. O Dops montou uma campana no convento e interceptou suas ligações telefônicas. Em 31 de outubro, uma sexta-feira véspera da festa de Todos os Santos, frei Ivo combinou por telefone uma viagem ao Rio (...). Preocupado com grampos, Ivo jamais havia marcado um ponto por esse meio. Era tarde demais, a polícia o escutara (MAGALHÃES, 2012, p. 528-529).

Em sua obra “A Ditadura Escancarada”, Gaspari (2014) traz um capítulo destinado ao “início e fim de Marighella” que rememora a noite do dia 3 a 4 de novembro de 1969.

“Debaixo do nariz da polícia” estava o convento dos dominicanos da rua Caiubi, no bairro de Perdizes. Fazendo-se chamar Professor Menezes, Marighella estivera em contato com alguns de seus frades desde meados de 1967. O convento paulista continuava pipocando nos interrogatórios (...) um preso contou que recebera a tarefa de procurar um frade de nome Fernando na livraria Duas Cidades, no centro de São Paulo. A Oban e o DOPS tinham em suas celas três testemunhas da ligação entre a ALN e os dominicanos: o militante do setor logístico da VPR, medicado no convento; o ex-prisioneiro que levara o recado a frei Fernando, e o membro do GTA, que conhecia as relações orgânicas com o grupo. No final de uma das muitas sessões de tortura a que um deles foi submetido, na última semana de outubro, Fleury sabia da conexão direta dos dominicanos com Marighella. Na noite de 1º de novembro, dois frades — Ivo e Fernando — tomaram um ônibus para o Rio, onde tratariam do esquema de apoio para a chegada dos militantes que haviam saído de Cuba e cujo destino era o foco do Pará. Na manhã seguinte, estavam no Catete quando foram agarrados, metidos numa camionete e levados para o quinto andar do edifício do Ministério da Marinha, onde o Cenimar tinha a sua central de torturas. Lá, eram esperados pelo delegado Fleury. Ele os separou. De cuecas, frei Fernando foi pendurado no pau-de-arara. Deram-lhe choques nas mãos e nos pés, molharam-lhe o corpo para aumentar a intensidade das descargas. Deslocaram-lhe o maxilar. Enfiaram-lhe um fio na uretra. À noite, quando ele perdeu a consciência, Fleury sabia como Marighella marcava seus encontros com os frades.

Com as torturas realizadas nos frades Ivo e Fernando, Fleury (ACCIOLI, 2007, p.41) “armou uma emboscada usando os dominicanos para assassinar sumariamente o militante guerrilheiro, Carlos Marighella, além de responsabilizar os frades pelo atentado”. De posse da informação do endereço do convento dominicano, Fleury não demorou a agir e deu início à operação intitulada de “batina branca”, com sua equipe de soldados “invadiu espalhafatosamente o convento de Perdizes e prendeu mais cinco religiosos” (GASPARI,

2014, p. 154-155), eram eles: frei Domingos, frei Sérgio, frei Edson, que foram autuados e liberados, em seguida. O mesmo não aconteceu com frei Giorgio Callegari e Frei Tito.

Às vinte horas, conforme o combinado, Marighella caminhava pela alameda Casa Branca. Carregava uma pequena pasta preta. Fora antecedido por um olheiro que nada notara de anormal. Um Volkswagen azul, com os freis Ivo e Fernando a bordo, estava estacionado em frente ao número 806. No quarteirão da alameda Casa Branca que vai da Lorena à rua Tatuí havia 29 policiais e um cão, distribuídos em sete automóveis. O delegado Fleury saiu da noite, atirando(...) a esquerda perdera o patrono da luta armada, a ditadura ganhara no delegado um símbolo para a repressão.

Estava feito, Marighella morreria na emboscada e logo a notícia foi anunciada nos alto-falantes do estádio Pacaembu, que transmitia o jogo entre Santos e Corinthians: “Foi morto pela polícia o líder terrorista Carlos Marighella” (GASPARI, 2014, p. 155). Ao mesmo tempo, Frei Tito e Frei Giorgio eram encaminhados para o DOPS, onde seriam interrogados e prestariam esclarecimentos, aqui se dava início a sua “sucursal do inferno²¹”. Em decorrência dos eventos ocorridos em Ibiúna, Frei Tito tinha a sua ficha marcada pelo DOPS. Ao serem levados do convento, como transgressores do estado, foram submetidos, segundo Acioli (2007, p. 41), a “torturas por Fleury com choques elétricos e palmatórias. O clima de gozação à igreja era generalizado. À porta das salas dos delegados, estava escrita a palavra FREI antes de seus nomes”.

Frei Tito ficou mais de um mês à disposição de Fleury. Ele obrigava o frade a ficar de joelhos, beijar-lhe as mãos e tratá-lo de Papa. Acusava-o de traidor do Brasil e da Igreja. Obrigava-o a confessar envolvimento com assaltos a banco e outras atividades que Frei Tito desconhecia. Mandava que abrisse a boca para receber a hóstia e encostava um fio elétrico na língua do frade (ACIOLI, 2007, p. 41)

No que concerne aos momentos de tortura aos quais foi submetido Frei Tito, sua sobrinha Lúcia dissertou que “ele viveu 28 anos, isto é meteórico [...] então, assim, ele sofreu aquelas torturas loucas muito novo, ali já foi a destruição dele”. Acerca disso, o professor Cleyton ressaltou “personagens das forças armadas torturaram o Frei Tito das mais diferentes formas. E tortura no sentido, como ele mesmo diz, “tortura na alma”, e que vai alterar (ele) completamente”. E complementa, contando acerca do papel de delator do processo jurídico brasileiro que Frei Tito exerceu ao denunciar as torturas que aconteciam nos cárceres brasileiros, em suas missivas.

²¹ Expressão proferida pelo Delegado Fleury durante a sessão de tortura a qual foi submetida Frei Tito, em fevereiro de 1970. (ACIOLI, 2007, p. 25)

Frei Tito ganha relevo porque ele é um personagem internacional. Porque ele vai denunciar, não só a tortura, isso é o mais importante com relação a Frei Tito, ele vai denunciar o processo de corrupção jurídica que se tinha. Porque quando ele foi preso, não se tinha formulado de uma forma concreta os autos do processo.

O que mais impressiona, aqui, é a supremacia imposta pelos militares, com relação às outras classes. Essa supremacia é argumento para os que defendem a permanência da denominação de Ditadura Militar, em oposição à de Ditadura Civil Militar, pois os militares eram os detentores do poder, não só político, como do poder à vida, à condenação, à morte, à subjugação do outro ser, de quem violavam direitos básicos por se opor ao governo. As condições subumanas e as sessões de tortura, pelas quais passava Frei Tito, entretanto, não abalavam a sua fé e o seu desejo de lutar pela democracia, fato presente em suas missivas.

6.3 O REDATOR TITO

Na prisão, em Tiradentes, Frei Tito despertou para a escrita como rota de fuga e denúncia de todos os abusos que vinha sofrendo e para também impulsionar o Brasil a continuar lutando contra os militares por dias melhores, assim passou a escrever cartas para os familiares, amigos dominicanos e a registrar sua memória em textos e poesias.

São palavras de um homem, não de um herói. Tito nelas transparece na intensidade de sua existência, viva, lúcida, combativa, até o fim: um militante político sem trégua preocupado com a libertação do seu povo; um discípulo de Cristo confiante e desesperado como ele; um amigo e um frade de forte embora discreta sensibilidade; um brasileiro banido de sua terra, um homem exilado no seu próprio chão interior (PLASSAT, 1974, p. 13).

A escrita também foi a fiel companheira de Frei Tito durante seu exílio no Chile e, mais tarde, na França. Acioli (2007) diz que após uma manobra da VPR, que sequestrou o embaixador suíço Giovanni Enrico Bucher haveria a sua troca pela liberdade de 70 presos políticos, que deveriam ser enviados livres para o exílio em qualquer outro país, assim dentre os nomes constantes nesta lista elaborada por Carlos Lacerda, constava o nome de Frei Tito.

Figura 5 – Voo da Liberdade



Fonte: ADITAL, 2015.

Frei Tito nutria uma profunda tristeza e marcas psicológicas das torturas que sofrera, quando o convento de Saint Jacques o acolheu, juntamente com outros irmãos confrades, de onde Frei Tito continuou seu trabalho de escrita da memória, com cartas para a sua irmã Nildes, e textos que foram publicados pela imprensa internacional, além de poesias sobre o martírio das torturas e a solidão que sentia longe de sua pátria. Em sua entrevista à pesquisadora, Lúcia discorreu acerca dos momentos de Frei Tito na condição de exilado político, vivendo em outros países e da saudade que nutria por sua pátria, desta maneira contou:

na verdade, ele não queria ir, ele foi porque foi uma opção do coletivo [...] aquilo foi uma ruptura muito grande p'ra ele, ele sentia falta do país, da família dos amigos, do cheiro, da cor. Quando ele chegou na Europa, saindo do Chile, ainda foi muito atormentado... ele saiu do Chile quando o desenho começou a ser mostrado de que ali não tinha condições dele ficar, porque a direita estava avançando também, que era ilusão achar que tinha feito a revolução. Aí ele chegou na Itália, é outro baque não ser aceito naquela escola. Aí foi pra França [...]

Exilado na França, Frei Tito acreditava ainda estar sendo seguido por Fleury, mesmo estando no exílio, relembra constantemente da perseguição militar de seu algoz. Acerca disso, Lúcia relatou ser verdade tal perseguição, fato que mais tarde ficou comprovado. O delegado Fleury realmente esteve na França, não era uma alucinação de Frei Tito, como todos acreditavam ser na época, assim, ela falou que:

[...] o certo, isso hoje a gente já sabe, é que enquanto ele em Paris [...] dizia que viu o Fleury, que as pessoas diziam que ele estava louco, ele não estava louco! Fleury estava lá, Fleury esteve várias vezes em Paris. Existia um tratado entre o governo francês e o governo brasileiro do governo francês passar informação de todos os seus exilados. E hoje nós sabemos que aqueles lugares onde ele viu o Fleury, realmente ele estava ali! Aquela esquina onde ele disse ter visto o cara, realmente ele passou naquela esquina! Mas é como ele falou “é melhor morrer do que perder a vida! [...]”.

Frei Tito redigiu cartas e outros escritos, instigando e criticando o posicionamento da luta social, religiosa e política no país. Alicerçado em um posicionamento revolucionário, na condição de um religioso e escritor, Tito não se deixou abater pelos crimes que sofreu, pelo contrário, colocava no papel toda a sua indignação, fazendo um apelo para com os mais jovens e os convidando à luta, porém, defendendo uma postura pacífica e sem armas²².

Um dos relatos, feito de próprio punho por frei Tito de Alencar Lima, em fevereiro de 1970, na prisão, publicado pela revista *Look e Europeo*²³:

[...] ao chegar à OB fui conduzido à sala de interrogatórios. A equipe do capitão Maurício passou a acarear-me com duas pessoas. O assunto era o Congresso da UNE em Ibiúna, em outubro de 1968. Queria que eu esclarecesse fatos ocorridos naquela época. Apesar de declarar nada saber, insistiam para que eu “confessasse”. Pouco depois levaram-me para o “pau-de-arara”. Dependurado nu, com mãos e pés amarrados, recebi choques elétricos, de pilha seca, nos tendões dos pés e na cabeça. Eram seis os torturadores, comandados pelo capitão Maurício. Davam-me “telefones” (tapas nos ouvidos) e berravam impropérios. Isto durou cerca de uma hora. Descansei quinze minutos ao ser retirado do “pau-de-arara”. O interrogatório reiniciou. As mesmas perguntas, sob cutiladas e ameaças. Quanto mais eu negava mais fortes as pancadas. A tortura, alternada de perguntas, prosseguiu até às 20 horas. Ao sair da sala, tinha o corpo marcado de hematomas, o rosto inchado, a cabeça pesada e dolorida. Um soldado, carregou-me até a cela 3, onde fiquei sozinho. Era uma cela de 3 x 2,5 m, cheia de pulgas e baratas. Terrível mau cheiro, sem colchão e cobertor. Dormi de barriga vazia sobre o cimento frio e sujo.

Pelo relato de Tito, percebe-se que as sessões de tortura às quais eram submetidas as pessoas interrogadas pelos oficiais do Destacamento de Operações de Informações do

²² FREI TITO MEMORIAL ON-LINE. **As próprias pedras gritarão**: posições e análises. Fortaleza: ADITAL, 2009. Disponível em: <http://www.adital.com.br/freitito/por/pedras_revolucao.html>. Acesso em: 16 mar. 2016.

²³ FREI TITO MEMORIAL ON-LINE. **As próprias pedras gritarão**: Frei Tito por ele mesmo. Fortaleza: ADITAL, 2009. Disponível em: <<http://www.adital.com.br/freitito/por/pedras.html>>. Acesso em: 16 mar. 2017.

Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI)²⁴, eram pautadas na violência e na transgressão a todo e qualquer direito à vida.

Vi em duas ocasiões. O casal Antônio Carlos Bicalho Lana e Sônia trazido ao DOI para visita do órgão. Vi o casal morto, com perfurações a bala na cabeça, nos ouvidos, disse Chaves, acrescentando que supunha que isso ocorria por se tratarem de pessoas consideradas “importantes no contexto das organizações”. Os corpos de militantes torturados eram expostos ao público interno do DOI-CODI, o maior órgão de repressão aos grupos de esquerda contrários à ditadura militar (1964-85), como “troféu de vitória” (CALGARO, 2013, disponível em < <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2013/05/10/cadaveres-de-militantes-eram-expostos-no-doi-codi-como-trofeu-de-vitoria-diz-ex-sargento.htm> > Acesso em 16 mar 2017).

As marcas deixadas pelas sessões de tortura do período do regime militar ainda hoje perduram na vida de diversas pessoas, que foram abordadas, encurraladas e acusadas de disseminar ideias comunistas pelo DOI-CODI, outrora muitos estudantes e intelectuais que foram levados para interrogatório desapareceram, fazendo com que suas famílias nunca tivessem acesso aos seus paradeiros. Hoje, após exatos 32 anos do final da ditadura, ainda não se sabe exatamente quais foram as proporções dos impactos do regime na vida dos brasileiros, nem muito menos o destino de muitos que foram levados pelos agentes.

[...] quem vive nesse sistema tem a cabeça abalada
Vive só no contratempo, passa o tempo preocupada
É uma pessoa dividida, que pensa que a sua vida
Não serve não vale nada. Só mesmo numa ditadura
Um regime de exceção, se persegue uma pessoa
Por causa de opinião, impondo sérios embargos
Causando grande estragos, na vida do cidadão [...]
(MENEZES, 2016, p.7-8).

A tristeza profunda, por se sentir extremamente só, a saudade de sua pátria e o tormento com as marcas das torturas, fizeram com que no dia 10 de agosto de 1974, no *Foyer Sonacota*, Tito de Alencar Lima fosse encontrado, pendurado em uma árvore, já sem vida. Quanto às inquietações que ainda hoje existem com relação à ocasião da morte de Frei Tito, sua sobrinha Lúcia conta que:

[...] de uma forma ou de outra, ele foi morto, p’ra mim ou simularam este suicídio ou ele se suicidou, mas sobretudo ele foi morto pela Ditadura Militar brasileira,

²⁴ Órgão criado durante o regime militar para repressão daqueles que eram contra o regime. Estava presente em quase todos os estados brasileiros e também foi um local destinado à torturas e morte sigilosa de presos políticos. Disponível em < <http://governo-militar.info/ditadura-militar.html> > Acesso em: 10 maio 2017

que deixou um homem em frangalhos. E como ele na época também tem a Maria Auxiliadora Lara Barcelos²⁵, ela também se suicidou, só que na Colômbia, ela se jogou debaixo de um trem e ela também já estava chegando ao seu limite, ela dizia que “não suportava mais os dias de Sodoma” dela, porque as torturas dela foram muito pesadas, como as dele, na verdade todas as torturas foram muito pesadas. Você passar por sevícias, ser exposto, é um negócio muito doloroso.

Seu sepultamento aconteceu na França, dois dias depois de sua morte, “foi enterrado no cemitério dominicano Sainte Marie de la Tourette, em L’Arbresle, situado na floresta, embaixo de grandes árvores, com uma cruz de madeira sobre cada cova”. (ACIOLI, 2007, p. 78). Sempre foi uma constante a vontade de trazê-lo para junto da sua pátria, assim outro fato que desperta curiosidade acerca da morte de Frei Tito é o traslado de seu corpo para a capital fortalezense. Muitos pensam que o governo federal brasileiro foi o responsável em trazê-lo para a sua terra natal. Porém em sua entrevista, Lúcia contou que na verdade os responsáveis em trazer o corpo de Frei Tito, para ser velado junto à família, foram os dominicanos. Assim, ela mencionou:

O corpo dele demorou cerca de oito anos para chegar ao Brasil, ele morreu em 1974 e só chegou ao Brasil em 1983, foi a Ordem dos Dominicanos que o trouxe p’ra cá. Seu túmulo hoje é o mais visitado no Cemitério São João Batista e por conta disso ele se tornou o patrono das almas, p’ra igreja ele é um mártir e p’ra gente um herói.

Após o corpo de Frei Tito ter vindo para o Brasil, seu jazigo (VER ANEXO L) no cemitério francês permaneceu, com o mesmo texto gravado na cruz que marca o local, apenas com uma modificação, onde antes tinha a frase “Tito descansa nesta terra estrangeira”, os franceses fizeram uma homenagem pelo fato dele ter sido trasladado e colocaram o texto disposto da seguinte maneira: “*Frei da Província do Brasil. Encarcerado, torturado, banido, atormentado... até a morte, por ter proclamado o Evangelho, lutando pela libertação de seus irmãos. Tito descansa hoje junto ao seu povo*”.

²⁵ “Foram intermináveis dias de Sodoma. Me pisaram, cuspiram, me despedaçaram em mil cacos. Me violentaram nos meus cantos mais íntimos. Foi um tempo sem sorrisos. Um tempo de esgares, de gritos sufocados, um grito no escuro”.

7 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Em toda pesquisa se faz necessário entender qual tende a ser o caminho percorrido para que esta possa ter seus objetivos alcançados, logo, nesta pesquisa buscou-se ressaltar informações necessárias para a construção de uma unidade de informação documental em âmbito digital, acerca da memória de presos políticos durante a Ditadura Civil Militar no Brasil, tendo como marco a narrativa histórica de Frei Tito. Assim, teve como objetivos específicos: a) identificar os elementos discursivos presentes na trajetória de Frei Tito como mecanismos para o não apagamento da memória da Ditadura Civil Militar; b) categorizar as missivas de Frei Tito, classificando-as segundo seu teor político, social e religioso; c) caracterizar a memória advinda das missivas de Frei Tito, como recurso informacional acerca do período da Ditadura Civil Militar.

No que concerne à criação do referencial teórico desta pesquisa, optou-se por seguir a seguinte esquematização:

- a) Contextualização do cenário da pesquisa, ou seja, a Ditadura Civil Militar;
- b) Divisão dos atores principais e suas relações de poder, neste caso os governos militares e Frei Tito;
- c) Revisão de literatura para a construção do referencial teórico.

De tal maneira, dando prosseguimento ao caminho da pesquisa se evidenciaram as seguintes etapas que foram realizadas para que houvesse o alcance de seus objetivos:

- 1) Como atividade inicial, foi feito um levantamento bibliográfico, em bases de dados, como BRAPCI, SCIELO, IBICT. Além disso, foi realizada uma busca em *sites* e ambientes *web*, visando o encontro de filmes, livros, pdf's, artigos de periódicos, isto é, materiais que se condicionassem as palavras-chave que foram utilizadas na pesquisa, tais como: missivas; Frei Tito De Alencar Lima; Ditadura Civil Militar; Regime Militar; Censura; Opressão.
- 2) Foram realizadas pesquisas na Biblioteca do Centro de Artes e Comunicação, Biblioteca de Ciências Sociais da Universidade

Federal de Pernambuco (UFPE) a fim de encontrar a literatura pertinente na área de “informação e memória”, “regime militar” e “Frei Tito”.

3) Após o levantamento bibliográfico, com a formação da literatura pertinente para a construção do referencial teórico desta pesquisa, houve a reunião das missivas e fotografias provenientes do *site* memorial Frei Tito *Online* em um backup documental realizado pela pesquisadora;

4) Com a reunião das missivas se deu a escolha das categorias iniciais de análise, a partir da leitura realizada nas missivas para que assim fosse realizado o processo de coleta de dados na análise de conteúdo, com base em Bardin (1977);

5) Para além das etapas da análise de conteúdo, a serem evidenciadas na subseção a seguir, a pesquisadora realizou entrevistas se pautando em um roteiro pré-estabelecido (VER APÊNDICE A), com questões abertas;

6) Com a realização das entrevistas, a pesquisadora transcreveu as falas dos entrevistados.

7) De posse das entrevistas transcritas houve a contextualização dos dados obtidos mediante as falas dos entrevistados com o levantamento bibliográfico obtido na fase inicial da pesquisa;

8) A partir disso, houve a coleta de dados mediante as interpretações das missivas, em busca da sua categorização na análise de conteúdo.

Tendo como base a realização das etapas acima, ao final, na análise dos resultados, de acordo com Martins e Theóphilo (2009, p. 69), optar-se-á por “[...] examinar, classificar e, muito frequentemente, categorizar os dados, opiniões e informações coletadas, ou seja, a partir de proposições, teoria preliminar e resultados encontrados, construir uma teoria que ajude a explicar o fenômeno sob estudo”.

A fim de ilustrar cada procedimento citado acima, em prol da concretização dos objetivos desta pesquisa, pensou-se na criação do quadro, a seguir para melhor elucidação:

Quadro 3 – Objetivos e procedimentos para a sua realização

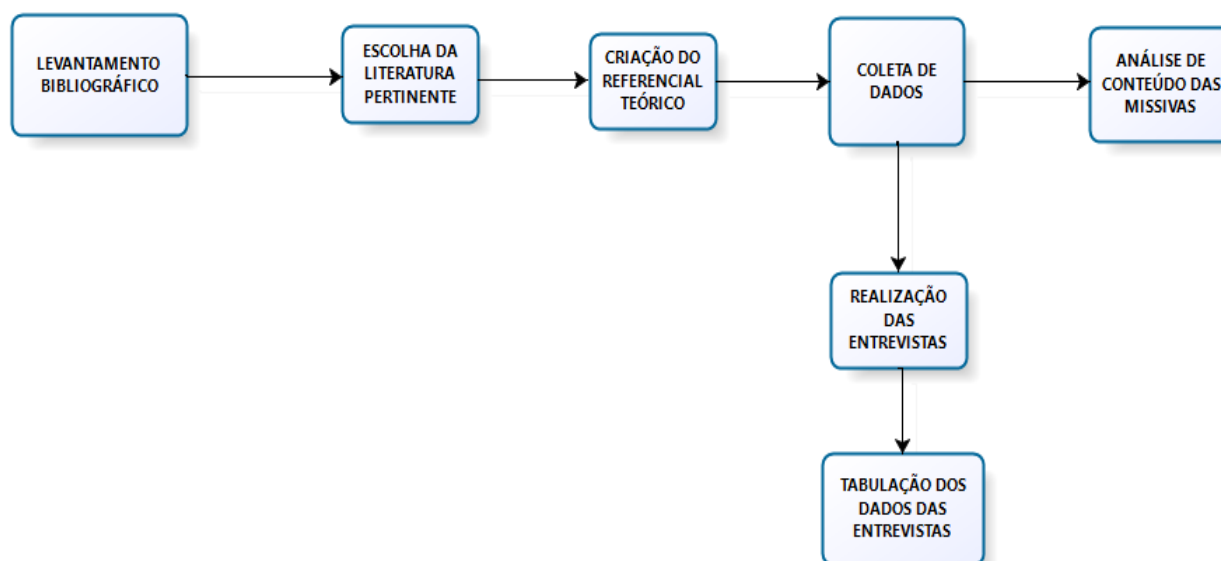
OBJETIVOS	PROCEDIMENTOS PARA A REALIZAÇÃO
Ressaltar informações necessárias para a construção de uma unidade de informação documental em âmbito digital, acerca da memória de presos políticos durante a Ditadura Civil Militar no Brasil, tendo como marco a narrativa histórica de Frei Tito	Análise de Conteúdo das missivas e Entrevistas
Identificar os elementos discursivos presentes na trajetória de Frei Tito como mecanismos para o não apagamento da memória da Ditadura Civil Militar;	Análise de Conteúdo
Categorizar as missivas de Frei Tito, classificando-as segundo seu teor político, social e religioso;	Análise de Conteúdo
Caracterizar a memória advinda das missivas de Frei Tito, como recurso informacional acerca do período da Ditadura Civil Militar.	Análise de Conteúdo das missivas e Entrevistas

Fonte: elaborado pela autora.

Em vista disso, pode-se dizer que a *análise* desta pesquisa se pautou nas etapas da análise de conteúdo, que as entrevistas realizadas serviram de recurso testemunhal para a contextualização no referencial teórico e que os *dados coletados* provenientes da análise de conteúdo auxiliaram na obtenção dos *resultados*.

A fim de sintetizar os procedimentos da pesquisa que foram elucidados, anteriormente, pensou-se na criação do processo, a seguir representado.

Figura 6 – Caminho Metológico da pesquisa



Fonte: elaborado pela autora.

7.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Quanto aos fins, como já mencionado, esta pesquisa se caracterizou como sendo de caráter exploratório, utilizando-se da pouca produção existente sobre o tema, pautando-se em entrevistas com pessoas familiarizadas com a temática e na intuição da pesquisadora, explorando estes materiais de maneira a se fazer uma investigação mais precisa.

Quanto aos meios, aqui atemo-nos a uma pesquisa bibliográfica, em vista que foi realizada uma esquematização da pesquisa para compreensão de sua temática. Assim, para Boccato (2006, p. 266),

a pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema, por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica. Para tanto, é de suma importância que o pesquisador realize um planejamento sistemático do processo de pesquisa, compreendendo desde a definição temática, passando pela construção lógica do trabalho até a decisão da sua forma de comunicação e divulgação.

Para além da pesquisa bibliográfica, é tratado aqui como corpus de estudo o conjunto das 17 missivas de Frei Tito, que foram identificadas, selecionadas e interpretadas com base na análise de conteúdo, conforme Bardin (1977), para que assim houvesse a sua categorização, dividindo-as segundo o seu teor político, social e religioso. A fim de dar mais subsídios para o entendimento da pesquisadora, recorreu-se à modalidade de estudo história de vida, pois houve um aprofundamento teórico em todo o material escrito pelo autor, neste caso Frei Tito, já que conforme Spindola e Santos (2003, p. 120) a história de vida

é aquela que designa a história de vida contada pela pessoa que a vivenciou. Nesse caso, o pesquisador não confirma a autenticidade dos fatos, pois o importante é o ponto de vista de quem está narrando [...] compreende o estudo aprofundado da vida de um indivíduo ou grupos de indivíduos. Inclui, além da própria narrativa de vida, todos os documentos que possam ser consultados, como dossiês médico e jurídico, testes psicológicos, testemunhos de parentes, entrevistas com pessoas que conhecem o sujeito, ou situações em estudo. Assim, a história de vida trabalha com a estória ou o relato de vida, ou seja, a história contada por quem a vivenciou.

Aqui, se tem ainda a configuração de uma pesquisa documental, pois se trabalhou com a informação documentada, neste caso, cartas, textos e poesias, escritos no suporte papel, que não tiveram nenhum tipo de tratamento organizacional, disseminados em ambientes *web*, veiculados por meio do *site* Frei Tito Memorial Online.

Quanto à sua concepção, esta pesquisa adquire seu dinamismo conciliando as dimensões explicitadas por Bufrem (2013). Assim, foram fundamentados caminhos e práticas, tanto do ponto de vista cognitivo, quanto epistemológico, prático, ético e político, presentes no contexto analisado. Desse modo, o trabalho de análise adquiriu uma dinâmica própria, efetivando sentidos no processo histórico dessa construção, que se embasou tanto nas informações coletadas nos escritos de Frei Tito, como nos dados tabulados das entrevistas. Houve a efetivação da análise de conteúdo das missivas de acordo com Bardin (1977), em vista que

como método de investigação, a análise de conteúdo compreende procedimentos especiais para o processamento de dados científicos. É uma ferramenta, um guia prático para a ação, sempre renovada em função dos problemas cada vez mais diversificados que se propõe a investigar. Pode-se considerá-la como um único instrumento, mas marcado por uma grande variedade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto, qual seja a comunicação. [...] A matéria-prima da análise de conteúdo pode constituir-se de qualquer material oriundo de comunicação verbal ou não-verbal, como cartas, cartazes, jornais, revistas, informes, livros, relatos autobiográficos, discos, gravações, entrevistas, diários pessoais, filmes, fotografias, vídeos, etc. Contudo os dados advindos dessas

diversificadas fontes chegam ao investigador em estado bruto, necessitando, então ser processados para, dessa maneira, facilitar o trabalho de compreensão, interpretação e inferência a que aspira a análise de conteúdo. (MORAES, 1999, p. 8)

A análise de conteúdo proposta por Bardin (1977) orienta-se por três fases para sua elaboração, sendo que a primeira fase consiste na pré-análise, pela qual ocorre a sistematização da análise com a seleção e identificação dos documentos e informações a serem estudadas, o que pode ser mais bem entendido, na Figura 8.

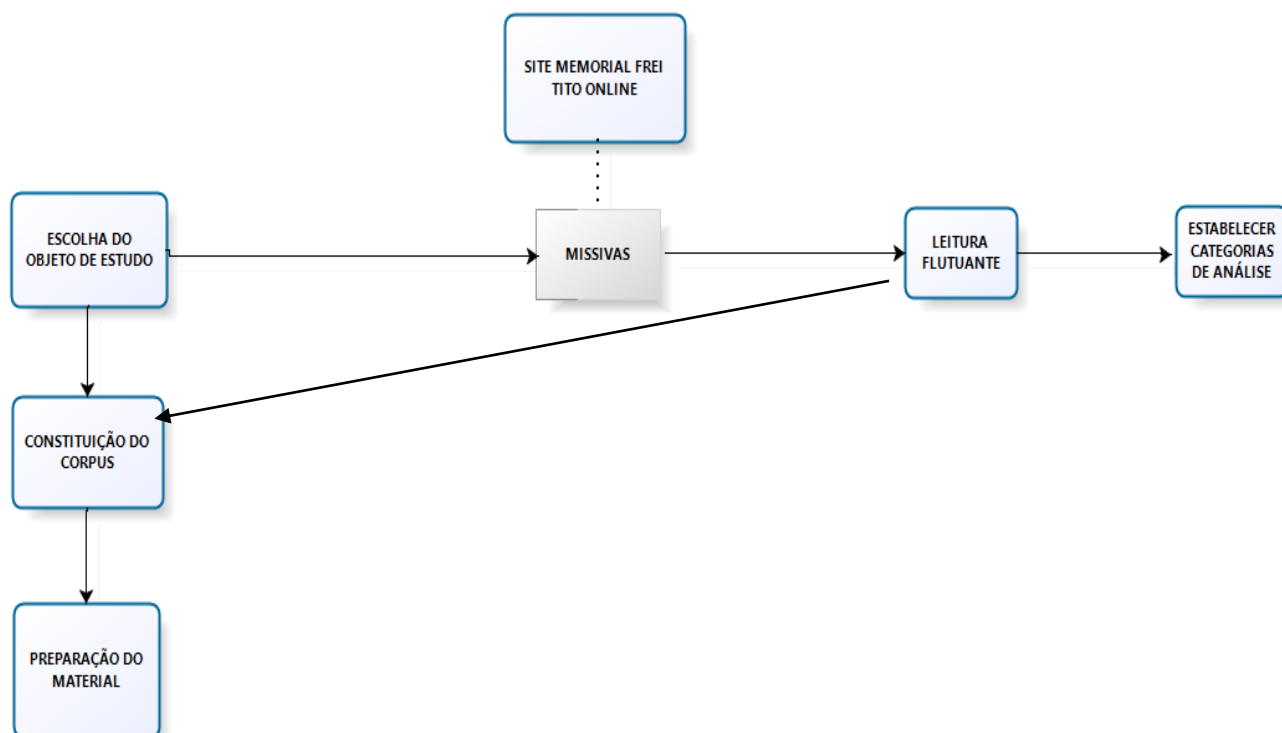
Pelo diagrama da Figura 8, tem-se o passo a passo do que foi feito na primeira fase da análise de conteúdo das missivas de Frei Tito, o que é denominado por Bardin (1977) de pré-análise, envolve a escolha do objeto de estudo da pesquisa, que pode se tratar de qualquer fonte de informação, seja música, filme, livro, ou uma instituição, aqui se detém aos escritos de Frei Tito. Dando prosseguimento à análise de conteúdo, após a demarcação do universo documental, Bardin (1977) propõe o uso de algumas regras para a categorização do corpus da pesquisa, entre elas se destacam:

- a) regra da exaustividade – quando se tem o levantamento de materiais relacionados a construção da pesquisa;
- b) regra da representatividade – há a representação do universo inicial da pesquisa, por meio de uma amostra, tendo em vista a falta de acesso ao material completo;
- c) regra da homogeneidade – aqui se prioriza a equidade de gênero, natureza ou assunto dos documentos analisados, que podem até apresentar subgêneros;
- d) regra da pertinência – existe a preocupação em se ater a utilização do objeto de estudo das análises aos objetivos, isto é, se faz necessária a correspondência total entre os objetivos da pesquisa, objeto de estudo e das análises.

No que concerne a esta pesquisa, a atenção esteve voltada para obedecer a regra de exaustividade, quando se teve a reunião das missivas viabilizada pelo *site* Frei Tito Memorial Online, pelo qual se teve acesso aos escritos por completo. Além disso, foi aplicada ainda a regra de representatividade, já que apenas os escritos entram para o corpo de análise da pesquisa, mesmo com a existência de outro tipo de material no site, tais como fotografias e documentários. Como o interesse da pesquisa é apenas em fonte de informação escrita, aqui

se tem as missivas como representantes de todo o material extensivo que estava presente no site Frei Tito Memorial Online.

Figura 7 – Diagrama da Pré-Análise das missivas, conforme Bardin (1977).



Fonte: elaborado pela autora.

Após a delimitação do objeto de estudo, por meio das regras de constituição do corpus propostas por Bardin (1977), de posse da coleta dos escritos, ocorreu a leitura flutuante²⁶ para a sua categorização. De tal maneira, a pré-análise fez com que houvesse uma preparação técnica do material coletado, ou seja, houve uma organização sistemática das missivas que foram analisadas.

Dando prosseguimento à análise de conteúdo, há a segunda fase que consiste na exploração do material, que de acordo com Bardin (1977, p. 101) “não é mais do que a administração sistemática das decisões tomadas”. Assim foi feita a classificação das

²⁶ Um primeiro contato com os documentos submetidos à análise, a escolha deles, a formulação das hipóteses e objetivos, a elaboração dos indicadores que orientarão a interpretação e a preparação formal do material. Disponível em: < <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v6n2/v6n2a03.pdf> > Acesso em: 19 maio 2017.

missivas, a partir de suas interpretações, quanto ao seu tempo, gênero, e temática, seguindo assim um padrão de categorização.

Para Moraes (1999, p. 28), as categorias

além de serem válidas e suficientemente abrangentes de modo a possibilitarem a inclusão de todos os dados significativos, também precisam ser homogêneas. Sua organização deve ser fundamentada em um único princípio ou critério de classificação. Dizer que um conjunto de categorias é homogêneo significa poder afirmar que todo o conjunto é estruturado em uma única dimensão de análise. Numa perspectiva quantitativa é dizer que deve basear-se numa única variável. Sendo a categorização um procedimento de agrupar dados considerando a parte comum existente entre eles. Classifica-se por semelhança ou analogia, segundo critérios previamente estabelecidos ou definidos no processo. Estes critérios podem ser semânticos, originando categorias temáticas. Podem ser sintáticos definindo-se categorias a partir de verbos, adjetivos, substantivos, etc. As categorias podem ainda ser constituídas a partir de critérios léxicos, com ênfase nas palavras e seus sentidos ou podem ser fundadas em critérios expressivos focalizando em problemas de linguagem. Cada conjunto de categorias, entretanto, deve fundamentar-se em apenas um destes critérios.

Ainda conforme Bardin (1977), as categorias devem obedecer algumas qualidades peculiares, tais como **a exclusão mútua**, onde as categorias não podem se repetir, cada elemento deve existir de forma independente, sem que haja a sua utilização em mais de uma categoria; **a homogeneidade**, aqui as categorias seguem o mesmo princípio de organização, o que viabilizará o princípio da exclusão mútua; **a pertinência**, nesta categoria são reveladas as intenções do pesquisador, esta categoria é considerada pertinente quando está adaptada ao material de análise; **a objetividade e a fidelidade**, a precisão e a coerência se destacam nesta categoria, pois o pesquisador deve definir claramente todas as variáveis que estão presentes na pesquisa, ou seja, destacar quais os aspectos que determinam a entrada de um elemento em uma certa categoria. Tais aspectos devem apresentar características fiéis e objetivas, evitando assim possíveis distorções entre as categorias; **a produtividade** ao indicar bons resultados, o conjunto de categorias é automaticamente produtivo, já que apresenta índices de inferências e dados exatos.

Como terceira fase da análise de conteúdo se teve o tratamento dos resultados obtidos e interpretação de maneira clara e objetiva. Para Bardin (1977, p.101), “o analista, tendo à sua disposição resultados significativos e fiéis, pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos, ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas”. Assim, foi possível perceber que a partir do conjunto de categorias

bem estabelecidas se teve a obtenção de resultados que condisseram com as hipóteses propostas pela pesquisadora. Em suma, aqui, a análise de conteúdo constou da manipulação das missivas, de sua seleção, identificação, descrição e interpretação, além da classificação em categorias, a fim de responder ao objetivo geral da pesquisa.

7.2 CONTEXTO DA PESQUISA

Tratando-se da grande representatividade cultural e política de Frei Tito, por toda a sua história de luta social no período da Ditadura Civil Militar, que ainda é desconhecida por muitos, além da grande fascinação pela narrativa escrita que possui a pesquisadora, foi que se partiu o interesse pela temática de pesquisa: Memória e Informação da Ditadura Civil Militar mediada pela fonte de informação escrita. Desta forma, levando em consideração a existência de um memorial online que traz todas as informações referentes à trajetória de Frei Tito, foi que se pensou em aliar a disseminação da informação na *web* com os estudos de memória e assim trazer à tona o cenário, baseado em uma fonte de informação (escrita), de alguém que viveu, presenciou e registrou acontecimentos ricos para a construção da história brasileira.

As missivas de Frei Tito, objeto de estudo para esta pesquisa, encontravam-se dispostas em um memorial online, considerado aqui, como sendo o *locus* da pesquisa, sob domínio da Agência de Informação Frei Tito para a América Latina e Caribe (ADITAL) de 2012 até o final de 2016.

Acerca da criação deste memorial, a entrevistada Lúcia contou que:

quando aquele memorial da ADITAL foi construído, o padre Hermano Allegri era quem dirigia a ADITAL. Nós nos sentamos com a jornalista, que foi fazer todo este trabalho, que já vinha trabalhando com a gente também no outro projeto, que foi a Sala Escura da Tortura [...] não tem e nem teve um tratamento deste material, nós começamos esta catalogação exatamente por conta do *site*, mas aí começaram a acontecer coisas maiores e você vai tendo que parar [...].

Porém, em virtude das dificuldades da ADITAL na sua auto sustentação, seus projetos foram encerrados gradativamente, incluindo a manutenção do domínio do *site* Frei Tito Memorial Online (<http://www.adital.com.br/freitito>). De tal maneira, os bancos de dados da ADITAL estão sendo repassados para o Instituto *Humanitas Unisinos* – IHU, sem

previsão de disponibilização para acesso ao público. Prevê-se o repasse de mais de 90.000 materiais em espanhol e português, que são objeto constante de pesquisas de leitores/as e profissionais da comunicação. Também haverá o repasse de toda a sua mala direta, com cerca de 100.000 endereços eletrônicos cadastrados, informação cedida pela diretoria da ADITAL. (Disponível em < <http://unisinos.br/blogs/ihu/dica-de-leitura/mudancas-na-adital-uma-boanoticia-para-nossas-leitorases/> > Acesso em 10 maio 2017.

Enquanto não ocorre a divulgação de todo este material, novamente em ambiente *web* por alguma instituição, que veicule as informações de forma segura e confiável como fazia a ADITAL, professores, pesquisadores, alunos e até mesmo curiosos ficam sem ter acesso de forma segura e registrada a uma parte importante da história do país. Esse fato demonstra uma tentativa de apagamento da memória, um descaso para com o acesso a fontes de informação que, desse modo, não são disponibilizadas para acesso material.

Não se pode deixar de mencionar que há ainda a existência de blogs pessoais na *web*, como no caso do blog do Movimento Coletivo Frei Tito Vive, denominação que representa um grupo de pessoas dedicadas aos estudos acerca da vida e obra de Frei Tito e que, mesmo sem recursos ou ajuda governamental, busca disseminar a história de luta do religioso.

De tal maneira, o *site* Frei Tito Memorial Online²⁷ que se caracterizava como um espaço dedicado ao acesso à história de um dos maiores símbolos de resistência do período da Ditadura Militar no Brasil, Frei Tito, contendo os documentos, fotos, testemunhos e missivas de acesso público, e lócus desta pesquisa encerrou as suas atividades em 2016.

A Figura 8 ilustra como era a interface de apresentação do *site* Frei Tito Memorial Online, que continha uma vasta gama de fontes de informação acerca da vida e obra de Frei Tito. Além de suas missivas, trazia entrevistas de pessoas que conviveram com ele, depoimentos de membros da ordem dos frades dominicanos, como o Frei Beto, e entrevistas com o próprio Tito.

Importa salientar que o memorial funcionava como um espaço dedicado às lutas políticas e sociais, ainda travadas em nosso país, nos tempos atuais, por direitos humanos e

²⁷ MEMORIAL VIRTUAL SOBRE VIDA E OBRA DE FREI TITO É LANÇADO. Porto Alegre: Revista Fórum, 2013. Disponível em< http://www.revistaforum.com.br/2012/02/08/memorial_virtual_sobre_vida_e_obra_de_frei_tito_e_lancado/ > Acesso em 13 maio 2017.

igualdade, ainda havia a disponibilização de notícias relacionadas a política, economia, saneamento básico, liberdade de gênero, igualdade, ou seja, uma infinidade de discussões importantes que caíram no esquecimento. No que se concerne ao contexto da pesquisa, que já foi melhor elucidado nas seções anteriores, é importante ressaltar que a partir do acesso às missivas de Frei Tito foi que se teve o embasamento necessário para que houvesse a concretização da realização desta pesquisa.

Figura 8 – Apresentação do *site* Frei Tito Memorial Online



Fonte: ADITAL, 2012.

7.3 INSTRUMENTOS DA PESQUISA

Para entender a razão de ser desta pesquisa, fez-se necessário, primeiramente conhecer o seu caminho metodológico, conhecer quais são as técnicas e instrumentos usados para sua construção, juntamente com os métodos que foram adotados, o que viabilizou a ocorrência das análises do objeto de estudo, aqui as cartas, textos e poesias de Frei Tito reunidas, a partir do *site* Frei Tito Memorial Online, lócus desta pesquisa como já foi explicitado, local de onde foram retiradas todas as missivas necessárias para a análise de conteúdo. De tal maneira, houve a concretização das etapas da análise de conteúdo conforme Bardin (1977), como já explicitado e a efetivação da entrevista semiestruturada, o que vem a ser melhor elucidado nas subseções que se seguem.

Para além dos tipos que condicionam a pesquisa, há a escolha dos instrumentos visando a sua realização, que, aqui, atém-se à aplicação de entrevista semiestruturada, já que em se tratando da entrevista semiestruturada, a atenção tem sido dada à formulação de perguntas que seriam básicas para o tema a ser investigado (MANZINI, 2003b). Logo, pensou-se este tipo de entrevista por possibilitar a interação direta da entrevistadora com o entrevistado, fazendo com que haja a aplicação de um roteiro pré-estabelecido (VER APÊNDICE A), sem questões fixas, mas que permite a inserção de novas perguntas no arrolar da entrevista, o que pode possibilitar uma entrevista mais rica em detalhes nas falas do entrevistado.

Para que houvesse a contextualização fundamental, no sentido de ilustrar o cenário desta pesquisa, consideraram-se as informações necessárias para a consecução dos objetivos, assim como as fontes pessoais a serem selecionadas. Como a realização de entrevistas exige a definição de critérios para seleção dos sujeitos que compõem o universo ou amostra de investigação, adotou-se como pressuposto que a quantidade de componentes do grupo a entrevistar dificilmente pode ser determinada a priori, pois isso vai depender da qualidade das informações obtidas em cada entrevista, assim como da profundidade e do grau de recorrência e divergência das informações.

Identificaram-se para isso os principais atores envolvidos na conjuntura analisada, juntamente com as suas respectivas relações, selecionando-se cinco pessoas caracterizadas pela ligação direta ou indireta com Frei Tito: Lúcia de Alencar Lima, sua sobrinha; o professor Cleyton Monte, doutor em Ciências Políticas da Universidade Federal do Ceará; o historiador Marcelo Lima, representante do Movimento Estudantil no Ceará; o senhor Cícero Rodrigues, veterano da Ditadura Civil Militar no Ceará e o professor João Alfredo Telles Melo, vereador de Fortaleza e ex-membro do Diretório Central dos Estudantes na década de 1970..

A escolha dos entrevistados efetivou-se pautada na relação de proximidade que cada um apresentava com o personagem e o cenário central da pesquisa, isto é, Frei Tito e a Ditadura Civil Militar. Desta maneira, os entrevistados se caracterizam como a prova testemunhal para fundamentar a base documental da pesquisadora. Assim, a procura pelos entrevistados se deu por aqueles que tivessem o maior grau de proximidade com Frei Tito,

ou seja, seus parentes. Entre os parentes, foi escolhida sua sobrinha (VER ANEXO J), Lúcia Alencar, como o ator de maior proximidade dentre os entrevistados.

Na tentativa de ter representantes do cenário “Ditadura Civil Militar”, buscou-se o discurso de um ator que fosse ligado à conjuntura política brasileira, ao mesmo tempo que tivesse ligações com o Movimento Estudantil, para dar um caráter de pessoalidade a pesquisa, já que Frei Tito foi também um militante. Foi, então, que se teve acesso ao historiador Cleyton Monte, ao representante do Movimento Estudantil no Ceará e historiador Marcelo Lima e ao vereador de Fortaleza e ex-membro do Diretório Central dos Estudantes na década de 1970, o professor João Alfredo Telles Melo.

A fim de ter um representante das camadas populares, que testemunhou o acontecimento da Ditadura Civil Militar e que tem um posicionamento político a favor do regime, é que se chegou ao o senhor Cícero Rodrigues.

Com a intenção de estabelecer uma conversação pessoal entre a pesquisadora e os entrevistados, para a obtenção de informações necessárias à investigação, foi planejada uma entrevista que se configurou como semiestruturada, visando-se a flexibilidade necessária para adaptação aos sujeitos e às circunstâncias em que se desenvolveu a entrevista. Logo, pensou-se este tipo de entrevista por possibilitar a interação direta da entrevistadora com o (a) entrevistado (a), para que houvesse a aplicação de um roteiro pré-estabelecido (VER APÊNDICE A), sem questões fixas, o que permitiu a inserção de novas perguntas e aprofundou a discussão no desenrolar da entrevista, possibilitando assim o enriquecimento em detalhes nas falas do entrevistado (a).

Desse modo, os depoimentos dos entrevistados foram obtidos à medida que se ampliavam as possibilidades de análise, até que se obtiveram os resultados suficientes para encerrar o trabalho.

O processo em que se deram as entrevistas foi iniciado com os primeiros contatos com o grupo de pessoas que foram entrevistadas. De tal maneira, inicialmente foram feitas buscas na *internet*, para as primeiras comunicações com algum familiar de Frei Tito, visando-se à primeira troca de informações, o que acarretou na descoberta do Instituto Frei Tito De Alencar, com sede na capital de Fortaleza.

Após inúmeras tentativas por telefone para contatar o Instituto, sem sucesso, a pesquisadora utilizou uma rede social (*Facebook*) na tentativa de conversar com a senhora

Lúcia de Alencar, sobrinha de Frei Tito. Logo, por meio de mensagens, fez o convite para a participação na pesquisa, não obtendo sucesso imediato de resposta. Em uma terceira tentativa de contato, a pesquisadora, por meio da mesma rede social, conversou com o coletivo Frei Tito Vive!²⁸, um grupo de cinco pessoas de São Paulo que se dedica a rememorar a história de Tito, por meio de reuniões e realização de eventos com a temática da história de Tito. O seu representante, Bruno Santiago Alface, viabilizou o contato direto de Lúcia de Alencar, que aceitou conceder a entrevista.

Os contatos com o professor Cleyton se deram via e-mail e mensagens enviadas também pelo *Facebook*, onde foi feito o convite para a participação na pesquisa. Após duas semanas de espera, o professor confirmou à pesquisadora a sua participação.

Com relação ao terceiro entrevistado, o representante do Movimento Estudantil no Ceará, Marcelo Lima, a pesquisadora entrou em contato via telefone, com ligações para o celular de Marcelo e ao explicar as contribuições que a pesquisa traz para o não apagamento da memória, ele também aceitou fazer parte do estudo.

Quanto ao quarto entrevistado da pesquisa, o senhor Cícero Rodrigues, a pesquisadora o contactou pessoalmente, ao ir até a sua residência e fazer o convite para a pesquisa, este prontamente aceitou. No que concerne ao último entrevistado, a pesquisadora, primeiramente entrou em contato com a Assessoria de Imprensa da Câmara dos Vereadores do Ceará, onde foi direcionada a conversar com a secretária de João Alfredo, para que pudesse agendar um contato com o vereador. Assim, a pesquisadora o fez e conseguiu o assentimento do político para a participação na pesquisa. Logo, após a realização das cinco entrevistas, a pesquisadora conseguiu suporte testemunhal para contextualizar os fatos históricos de sua fundamentação teórica.

²⁸ Criado em 2013 para pensar e organizar atividades que cultivem a memória dos 40 anos do martírio de Frei Tito de Alencar Lima, o Coletivo Frei Tito Vive é composto por homens, mulheres e movimentos sociais que encontraram, na figura de Tito, inspiração para "uma ação aqui e agora", conforme escreveu Adélia Bezerra de Menezes. Disponível em: < <https://freititovive.wordpress.com/about/> > Acesso em 10 nov. 2017.

8 NARRATIVA REVOLUCIONÁRIA MEDIADA PELAS MISSIVAS DE FREI TITO (ANÁLISES)

Neste capítulo, após o conhecimento das sessões anteriores acerca da relação da informação com a memória, analisar é analisado o corpus documental desta pesquisa, escrito por Frei Tito, de forma a interpretar as cartas, os textos e as poesias para realizar a segunda fase da análise de conteúdo que consiste na exploração do material, buscando reconhecer nas missivas, a memória da história brasileira. Seguindo a linha cronológica, proposta pela primeira categoria geral evidenciada, ou seja, o **tempo**, a primeira carta escrita por Frei Tito no período da Ditadura Civil Militar foi em 12 de fevereiro de 1970, destinada a Frei Paulo Domingos.

Caro Domingos

Antes de mais nada, aceite meu abraço de irmão.

Senti profundamente não estar presente corporalmente no dia de sua profissão solene. Muitas vezes, somos arrastados para onde não queremos ir. Temo que isso venha a acontecer também com o conjunto da igreja do Brasil. Se isto vier, e se for como consequência de uma fidelidade e de uma responsabilidade mais profunda ao Evangelho, que seja bem-vinda essa hora.

Certas horas, chego a ter inveja de sua pessoa. O mundo de hoje carece de pessoas de seu tipo: decidida.

Ao ser preso, senti isso demais, em minha pessoa. Como ainda oscilo nas minhas opções, o que em parte é bom, mas no global é profundamente pernicioso. O chamado “clero jovem” da ordem perdeu-se por não saber fazer o mesmo que você fez.

Na cadeia, tenho descoberto o evangelho de São Mateus – o “Stalinismo” da Igreja. O troço tem que ser ou pão ou pedra. Noutras palavras, acho que ele nos convida a sermos simplesmente homens. É impressionante como os marxistas vivem isso até às últimas consequências.

Outro dia dizia-me um jovem o seguinte: “não falei nada por que fiz uma opção e diante dela morrer ou não, é secundário”.

Espero que sua decisão seja em função dos pobres. Sirva até cansar, ou até morrer, pois Jesus assim o fez. Não se perca com os nossos intelectualismos. Eles são muitas vezes tentadores. Amar parece-me cada vez mais que é uma atitude firme e corajosa.

Conte comigo e com minhas pobres orações,

TITO.

Percebe-se, aqui, na carta a Frei Domingos, um caráter político, invertido em palavras subliminares, em que Tito esboça uma preocupação em aliar à instituição “igreja” à luta que vinha ocorrendo no Brasil de 1970. Enquanto sua pátria se vangloriava na mídia pela conquista da copa de 1970, Tito buscava na cadeia se manter fiel à sua devoção de religioso e a se reafirmar como um homem de coragem, com convicções fortes, antes de mais nada um homem atuante na luta. O acontecimento da Copa de 1970, como uma manobra para esconder os métodos de investigação com torturas pelos militares, foi narrado na entrevista de João Alfredo à pesquisadora, assim ele contou que:

nesta época, era a época do Brasil “ame-o ou deixe-o”, era a época da copa do mundo de 70, a copa, inclusive, foi toda utilizada para esconder o que estava acontecendo nas cadeias, as torturas, as mortes. Até vai acontecer uma coisa curiosa, quem vai ser o treinador no Brasil na copa do México vai ser o Zagallo, mas quem tinha começado a treinar a seleção era o João Saldanha e ele era do Partido Comunista, então precisava tirar o João Saldanha da seleção, por conta da vivência dele na resistência. Então, a gente viveu uma época muito fechada, de censura na imprensa, de pessoas sendo desaparecidas, mortas e torturadas.

Ainda em sua carta a Frei Domingos, correlaciona trechos de conversas com desconhecidos que denotam o medo que existia na sociedade brasileira em se opor ao regime militar, “não falei nada porque fiz uma opção e diante dela morrer ou não, é secundário”, todavia ao mesmo tempo se percebe o estímulo ao posicionamento político da juventude brasileira, no trecho “[...] O chamado “clero jovem” da ordem perdeu-se por não saber fazer o mesmo que você fez [...]” no qual Tito denuncia uma preocupação para com a juventude no Brasil.

No ano de 1971, Tito escreveu ao Frei Domingos Maia Leite, em 20 de fevereiro, a fim de dar notícias e lhe manter informado acerca do que vinha acontecendo em sua vida, ao longo de sua estadia em Santiago.

Caro Fr. Domingos

Aproveito a ida do p.p de Santiago para lhe dizer algo. Tenho mantido correspondências com o pe. Vincent de Couesnongle. Espero deixar Santiago logo-logo, pois a documentação já começou a “andar”.

Tive uma vida muito movimentada aqui em Chile. Por eleição ou delegação, fui eleito para fazer parte da comissão de imprensa. Fiz bastante declarações aos jornais latino-americanos, europeus, dentro da linha que combinamos com os 3 no presídio Tiradentes. Procurei ser moderado naquilo que disse, evitei questões de organização e pautei-me a apresentar a linha da nova igreja no Brasil, as decisões do encontro de Mendes e Medelin estiveram bem vivas nas minhas declarações.

Particpei do 2º encontro latino-americano em comemoração à morte de Camilo Torres. Sua mãe Isabel Restrepo, não pode comparecer, mas enviou a mãe de “Inti” e “Côco” Paredo em seu lugar.

Encontro-me bem do ponto de vista físico e psicológico. Todavia, chegando na Europa, farei exames médicos, inclusive um neurológico.

Recebi carta do Minga que ainda não o respondi. Ao papai, fi-lo uma pequena carta.

Estamos com poucas notícias do Brasil e de vocês. Soubemos da morte do “Coqueiro”, através dos jornais de Santiago. Ele havia passado por Santiago e foi visto por outros brasileiros residentes aqui.

A “infiltração” na colônia está crescendo. O Fleury esteve há poucos dias no Chile. Está montando seu esquema por aqui.

Um padre italiano, de Salvador, que se diz amigo do Callegari, procurou-me recentemente, chama-se Paulo. Não me senti à vontade diante dele. Algumas de suas atitudes pareceram-me bastante liberais.... É preciso cuidado com os padres de esquerda que andam entre os asilados brasileiros aqui, ou na Europa. Confiar desconfiando, foi sempre o meu lema. Diga ao Betto que escreverei da Europa. Nesse momento, acho cedo.

Um abraço do filho e irmão em S. Domingos,

TITO

Nesta carta a Frei Domingos, Frei Tito demonstra sua total inserção na luta social, pautando-se em seu pensamento político, mesmo estando em exílio no Chile, longe de sua

terra natal. Além disso, é possível perceber em suas palavras as marcas das torturas, mesmo com a mente e o corpo desgastados, ele não se abateu e passou a denunciar as transgressões da Ditadura. O curioso desta carta se atém ao fato da menção de Tito aos padres de esquerda, quando fala que “é preciso cuidado com os padres de esquerda que andam entre os asilados brasileiros aqui, ou na Europa. Confiar desconfiando, foi sempre o meu lema”. Por tal trecho, se percebe uma das justificativas dadas pelos militares para a instauração do golpe, justamente a necessidade de defender o Brasil das garras do comunismo e pôr fim a ameaça de ‘esquerdização do governo’ (GASPARI, 2002). Em sua carta Tito na condição de revolucionário, ressalta a preocupação com a infiltração de padres ditos de esquerda entre os exilados do regime militar, o que poderia dar continuidade a perseguição aos ex-presos políticos.

Acerca da sua participação na comissão de imprensa, que Frei Tito relata em sua carta a Frei Domingos Maia Leite, Lúcia em entrevista à pesquisadora contou que: “ele passou a ser muito procurado p’ra entrevistas, então ele se sentiu útil, mas a vida do exilado é uma coisa muito severa, você não tem uma pátria, tem a pátria dos outros.”. Ainda sobre as denúncias proferidas por Frei Tito no delato das torturas que aconteciam no Brasil, outro entrevistado da pesquisa, o professor Cleyton contou que:

[...] tinha violência, mas também tinham políticas militares, principalmente nas grandes cidades, extremamente repressivas. Não tinha ainda esta luta pelos Direitos Humanos, que vai ser reforçada pelo Frei Tito, um dos ícones dos Direitos Humanos. Ele vai trazer esta bandeira nas entrevistas dele. No Chile ele deu entrevistas denunciando as técnicas de tortura [...] de certa forma, ele faz este trabalho de desmascarar este discurso do estado.

Com a data de 10 de janeiro de 1971, Frei Tito escreveu a uma pessoa que denomina como Wanderley e o que chama a atenção nesta carta é o caráter idealista que Frei Tito apresenta ter, fazendo uma analogia ao nome de Tiradentes, o herói brasileiro da Inconfidência Mineira e ao mesmo tempo uma crítica por este ter sido o nome dado a um presídio da Ditadura Civil Militar que ficou conhecido por ser o local onde ocorriam as torturas, que o próprio Frei Tito foi vítima, o texto da carta segue:

Carta a Wanderley

Para mim foi motivo de grande satisfação ter convivido com você durante 12 meses no presídio Tiradentes. Sob o signo deste herói que, infelizmente, virou nome de cárcere, reuniremos os grandes ideais que o futuro do povo brasileiro tanto anseia: a construção do socialismo. E só os verdadeiros homens é que foram chamados para este grande ideal. Contra isso, nada vence; nem tortura e nem perseguições.

Companheiro, aqui no Exterior estaremos sempre reunidos pelos mesmo princípios. Até a vitória final!

S.Paulo, 10/1/71

F. Tito de Alencar Lima o.p.

No que concerne à vertente marxista de Frei Tito e à Teologia da Libertação que ele tentava colocar em prática nas lutas diárias pelo socialismo, o professor Cleyton mencionou que:

Frei Tito fez parte da juventude católica. O que era a juventude católica neste período? O grupo que era ele, o Frei Betto, um intelectual importante que participou da fundação do PT, este grupo trabalhava numa perspectiva de conscientização da população, queriam que a igreja fosse além dos seus muros, tentavam oxigenar a igreja católica neste momento. Se orientavam na perspectiva da Teologia da Libertação, que era um contato entre o evangelho, o novo testamento e leituras do marxismo.

Acerca disso, Marcelo esboça o cenário em que Frei Tito assumiu esta postura pela luta social, levando em consideração a sua relação com a Igreja Católica e a sua vertente marxista:

[...] no começo dos anos 60 até os anos 80, a igreja vai se voltar para a educação política dos sujeitos do campo, ao passo que também fazem a alfabetização destes sujeitos. Hora, um país onde boa parte da população nos anos 50 e 60 era analfabeta, eles conseguiam conjugar a palavra do senhor, a educação política e o exercício cidadão de ensinar as pessoas a ler. Este é o papel da igreja, de uma igreja de esquerda e aí o Frei Tito, obviamente, não se furta. Então, eu acho que o Frei Tito está nesta ambiência histórica de uma igreja mais inserida na população, de uma igreja mais envolvida com as questões do povo brasileiro, com a questão da terra, do território

Tito escreveu uma carta a Frei Daniel, que não se encontra datada, mas que traz ricas informações acerca de seu notório posicionamento político, e de já estar na Europa, recém-saído do Chile.

Daniel:

Imagino como o teu tempo deve estar absolutamente tomado. A longa ausência que tiveste da América Latina te trouxe forte acúmulo de trabalhos. Sei também o quanto é difícil por a vida em ordem nos primeiros dias.

Aos poucos vou me acostumando à solidão européia. Da América Latina, só guardo lembrança de algumas belas canções do Altiplano Andino, ou algumas equatorianas (Vajiraderro).

Alimento continuamente meu espírito terceiro-mundista para não ser tragado pela corrente contagiosa do velho-mundo. Ainda verei a chama do espírito latino-americano brilhar bem alto, para dar ao novo mundo que nasce o testemunho vivo do verdadeiro humanismo. Ainda hei de ver o esplendor de nossa cultura dizer bem forte o quanto tínhamos para dar mas, infelizmente, os donos do mundo impediram-nos.

É assim que sinto minha responsabilidade como cristão e dominicano. Nossa geração terá que ser profundamente criadora.

Gostaria de não repetir o espírito pusilânime de que foram vítimas alguns de minha geração que também tinham os mesmos ideais, mas que, muito cedo sucumbiram diante das tentações. Os que combateram a igreja comprometida com o sistema, estão hoje, comprometidos com o mesmo sistema que tanto atacaram.

Na medida do possível, procuro estar em dia com as novidades do nosso continente, através de alguns amigos que estão sempre a me enviar notícias. Vivi os últimos acontecimentos do Chile como se fosse meu próprio país.

Apesar de ainda angustiado, estou cheio de esperança. Nem um só momento de minha vida lamentei o que fiz. Estou asilado, banido e longe de minha pátria, mas estou firme e disposto a continuar a lutar, embora minha resistência psicológica tenha reduzido bastante após os 14 meses de prisão. Iniciarei uma psicoterapia para ver ser a recupero o mais rápido possível. Meu provincial já respondeu favoravelmente ao meu pedido. Aguardo um lugar, pois, no momento, estão todos lotados (Ilenos).

Estou estudando firme a teologia. Nas horas vagas, aproveito o tempo para ler os clássicos do marxismo. Esta tarefa parece-me de extrema urgência tendo em vista a forte influência que ele exerce nos países subdesenvolvidos particularmente na América Latina.

Após meu longo “sejour” na Europa, penso regressar para os meus, com os quais sinto-me virtualmente comprometido. México está nos planos. Tudo irá depender de vocês, ou você. Sei o quanto será difícil este sonho, pois minha situação pessoal é delicada. São poucos os países que aceitam dar asilo político às pessoas trocadas (canjeadas) por embaixadores. Estou na França, graças ao prestígio dos dominicanos da província de Paris.

Zamagna continua em Roma e, como sempre, muito dedicado aos estudos. Espera ficar por mais um bom tempo. Tudo indica que tenha desistido de ir à Jerusalém. Frai Pinto de Oliveira continua no mesmo lugar de sempre. Acho que este vai morrer europeu. Osvaldo é o próprio cidadão Strasbourguense.

Bem, querido hermano, aqui fica meu grande abraço de amizade.

Até breve, Frei Tito de Alencar op.

Até agora, percebe-se que as quatro cartas que Frei Tito escreveu de 1970 a 1971 denotam o incentivo à luta social, refletem a caracterização da conjuntura política do Brasil e denunciam as torturas que aconteciam no sistema penitenciário do país. Para além disso, suas cartas se concentram em aliar a sua responsabilidade social como um membro de uma instituição religiosa aos seus estudos marxistas.

Em entrevista à revista Gallo em abril de 1972, Frei Tito respondeu à pergunta feita por Cláudio Zanchetti acerca de seu posicionamento ser marxista:

de um certo ponto de visto, sim. Aceito a análise marxista da luta de classes. Para mim a doutrina de Marx é de um rigor teórico exemplar. Para quem pretende mudar as estruturas da sociedade, Marx é indispensável. A sociedade é formada por classes e uma delas está dominando a outra. No Brasil temos a ditadura da burguesia ligada ao capital estrangeiro, ao monopólio, ao imperialismo. Nosso objetivo é fazer com que a classe operária acesse ao poder. Dito isso, é óbvio que a visão do mundo que eu tenho enquanto cristão é diferente da visão marxista.

Durante o ano de 1971, redigiu um relato de tortura na prisão, que fora publicado clandestinamente pela Revista americana *Look* e a italiana *L'Europeo* (PLASSAT, 2014), cujo texto segue na íntegra.

Fui levado do presídio Tiradentes para a "Operação Bandeirantes", OB (Polícia do Exército), no dia 17 de fevereiro de 1970, 3ª feira, às 14 horas. O capitão Maurício veio buscar-me em companhia de dois policiais e disse: "Você agora vai conhecer a sucursal do inferno". Algemaram minhas mãos, jogaram-me no porta-malas da perua. No caminho as torturas tiveram início: cutiladas na cabeça e no pescoço, apontavam-me seus revólveres.

Preso desde novembro de 1969, eu já havia sido torturado no DOPS. Em dezembro, tive minha prisão preventiva decretada pela 2ª auditoria de guerra da 2ª região militar. Fiquei sob responsabilidade do juiz auditor dr Nelson Guimarães. Soube posteriormente que este juiz autorizara minha ida para a OB sob "garantias de integridade física".

Ao chegar à OB fui conduzido à sala de interrogatórios. A equipe do capitão Maurício passou a acarear-me com duas pessoas. O assunto era o Congresso da UNE em Ibiúna, em outubro de 1968. Queriam que eu esclarecesse fatos ocorridos naquela época. Apesar de declarar nada saber, insistiam para que eu "confessasse". Pouco depois levaram me para o "pau-de-arara". Dependurado nu, com mãos e pés amarrados, recebi choques elétricos, de pilha seca, nos tendões dos pés e na cabeça. Eram seis os torturadores, comandados pelo capitão Maurício. Davam-me "telefones" (tapas nos ouvidos) e berravam impropérios. Isto durou cerca de uma hora. Descansei quinze minutos ao ser retirado do "pau-de-arara". O interrogatório reiniciou. As mesmas perguntas, sob cutiladas e ameaças. Quanto mais eu negava mais fortes as pancadas. A tortura, alternada de perguntas, prosseguiu até às 20 horas. Ao sair da sala, tinha o corpo marcado de hematomas, o rosto inchado, a cabeça pesada e dolorida. Um soldado, carregou-me até a cela 3, onde fiquei sozinho. Era uma cela de 3 x 2,5 m, cheia de pulgas e baratas. Terrível mau cheiro, sem colchão e cobertor. Dormi de barriga vazia sobre o cimento frio e sujo.

Na quarta-feira fui acordado às 8 h. Subi para a sala de interrogatórios onde a equipe do capitão Homero esperava-me. Repetiram as mesmas perguntas do dia anterior. A cada resposta negativa, eu recebia cutiladas na cabeça, nos braços e no peito. Nesse ritmo prosseguiram até o início da noite, quando serviram a primeira refeição naquelas 48 horas: arroz, feijão e um pedaço de carne. Um preso, na cela ao lado da minha, ofereceu-me copo, água e cobertor. Fui dormir com a advertência do capitão Homero de que no dia seguinte enfrentaria a "equipe da pesada".

Na quinta-feira três policiais acordaram-me à mesma hora do dia anterior. De estômago vazio, fui para a sala de interrogatórios. Um capitão cercado por sua equipe, voltou às mesmas perguntas. "Vai ter que falar senão só sai morto daqui", gritou. Logo depois vi que isto não era apenas uma ameaça, era quase uma certeza. Sentaram-me na "cadeira do dragão" (com chapas metálicas e fios), descarregaram choques nas mãos, nos pés, nos ouvidos e na cabeça. Dois fios foram amarrados em minhas mãos e um na orelha esquerda. A cada descarga, eu estremecia todo, como se o organismo fosse se decompor. Da sessão de choques passaram-me ao "pau-de-arara". Mais choques, pauladas no peito e nas pernas a cada vez que elas se curvavam para aliviar a dor. Uma hora depois, com o corpo todo ferido e sangrando, desmaiei. Fui desamarrado e reanimado. Conduziram-me a outra sala dizendo que passariam a carga elétrica para 230 volts a fim de que eu falasse "antes de morrer". Não chegaram a fazê-lo. Voltaram às perguntas, batiam em minhas mãos com palmatória. As mãos ficaram roxas e inchadas, a ponto de não ser possível fechá-las. Novas pauladas. Era impossível saber qual parte do corpo doía mais; tudo parecia massacrado. Mesmo que quisesse, não poderia responder às perguntas: o raciocínio não se ordenava mais, restava apenas o desejo de perder novamente os sentidos. Isto durou até às 10 h quando chegou o capitão Albernaz. "Nosso assunto agora é especial", disse o capitão Albernaz, ligou os fios em meus membros. "Quando venho para a OB - disse - deixo o coração em casa. Tenho verdadeiro pavor a padre e para matar terrorista nada me impede... Guerra é guerra, ou se mata ou se morre. Você deve conhecer fulano e sicrano (citou os nomes de dois presos políticos que foram barbaramente torturados por ele), darei a você o mesmo tratamento que dei a eles: choques o dia todo. Todo "não" que você disser, maior a descarga elétrica que vai receber". Eram três militares na sala. Um deles gritou: "Quero nomes e aparelhos (endereços de pessoas)". Quando respondi: "não sei" recebi uma descarga elétrica tão forte, diretamente ligada à tomada, que houve um descontrole em minhas funções fisiológicas. O capitão Albernaz queria que eu dissesse onde estava o Frei Ratton. Como não soubesse, levei choques durante quarenta minutos. Queria os nomes de outros padres de São Paulo, Rio e Belo Horizonte "metidos na subversão". Partiu para a ofensa moral: "Quais os padres que têm amantes? Por que a Igreja não expulsou vocês? Quem são os outros padres terroristas?". Declarou que o interrogatório dos dominicanos feito pela DEOPS tinha sido "a toque de caixa" e que todos os religiosos presos iriam à OB prestar novos depoimentos. Receberiam também o mesmo "tratamento". Disse que a "Igreja é corrupta, pratica agiotagem, o Vaticano é dono das maiores empresas do mundo". Diante de minhas negativas, aplicavam-me choques, davam-me socos, pontapés e pauladas nas costas. À certa altura, o capitão Albernaz mandou que eu abrisse a boca "para receber a hóstia sagrada". Introduziu

um fio elétrico. Fiquei com a boca toda inchada, sem poder falar direito. Gritaram difamações contra a Igreja, berraram que os padres são homossexuais porque não se casam. Às 14 horas encerraram a sessão. Carregado, voltei à cela onde fiquei estirado no chão.

Às 18 horas serviram jantar, mas não consegui comer. Minha boca era uma ferida só. Pouco depois levaram-me para uma "explicação". Encontrei a mesma equipe do capitão Albernaz. Voltaram às mesmas perguntas. Repetiram as difamações. Disse que, em vista de minha resistência à tortura, concluíram que eu era um guerrilheiro e devia estar escondendo minha participação em assaltos a bancos. O "interrogatório" reiniciou para que eu confessasse os assaltos: choques, pontapés nos órgãos genitais e no estômago palmatórias, pontas de cigarro no meu corpo. Durante cinco horas apanhei como um cachorro. No fim, fizeram-me passar pelo "corredor polonês". Avisaram que aquilo era a estréia do que iria ocorrer com os outros dominicanos. Quiseram me deixar dependurado toda a noite no "pau-de-arara". Mas o capitão Albernaz objetou: "não é preciso, vamos ficar com ele aqui mais dias. Se não falar, será quebrado por dentro, pois sabemos fazer as coisas sem deixar marcas visíveis". "Se sobreviver, jamais esquecerá o preço de sua valentia".

Na cela eu não conseguia dormir. A dor crescia a cada momento. Sentia a cabeça dez vezes maior do que o corpo. Angustia-me a possibilidade de os outros padres sofrerem o mesmo. Era preciso pôr um fim àquilo. Sentia que não iria aguentar mais o sofrimento prolongado. Só havia uma solução: matar-me. Na cela cheia de lixo, encontrei uma lata vazia. Comecei a amolar sua ponta no cimento. O preso ao lado pressentiu minha decisão e pediu que eu me acalmasse. Havia sofrido mais do que eu (teve os testículos esmagados) e não chegara ao desespero. Mas no meu caso, tratava-se de impedir que outros viessem a ser torturados e de denunciar à opinião pública e à Igreja o que se passa nos cárceres brasileiros. Só com o sacrifício de minha vida isto seria possível, pensei. Como havia um Novo Testamento na cela, li a Paixão segundo São Mateus. O Pai havia exigido o sacrifício do Filho como prova de amor aos homens. Desmaiei envolto em dor e febre.

Na sexta-feira fui acordado por um policial. Havia ao meu lado um novo preso: um rapaz português que chorava pelas torturas sofridas durante a madrugada. O policial advertiu-me: "o senhor tem hoje e amanhã para decidir falar. Senão a turma da pesada repete o mesmo pau. Já perderam a paciência e estão dispostos a matá-lo aos pouquinhos". Voltei aos meus pensamentos da noite anterior. Nos pulsos, eu havia marcado o lugar dos cortes. Continuei amolando a lata. Ao meio-dia tiraram-me para fazer a barba. Disseram que eu iria para a penitenciária. Raspei mal a barba, voltei à cela. Passou um soldado. Pedi que me emprestasse a "gillete" para terminar a barba. O português dormia. Tomei a gillete. Enfiei-a com força na dobra interna do cotovelo, no braço esquerdo. O corte fundo atingiu a artéria. O jato de sangue manchou o chão da cela. Aproximei-me da privada, apertei o braço para que o sangue jorrasse mais depressa. Mais tarde recobrei os sentidos num leito do pronto-socorro do Hospital das Clínicas. No mesmo dia transferiram-me para um leito do Hospital Militar. O Exército temia a repercussão, não avisaram a ninguém do que ocorrera comigo. No corredor do Hospital Militar, o capitão Maurício dizia desesperado aos médicos: "Doutor, ele não pode morrer de jeito nenhum. Temos que fazer tudo, senão estamos perdidos". No meu quarto a OB deixou seis soldados de guarda. No sábado teve início a tortura psicológica. Diziam: "A situação agora vai piorar para você, que é um padre suicida e terrorista. A Igreja vai expulsá-lo". Não deixavam que eu repousasse. Falavam o tempo todo, jogavam, contavam-me estranhas histórias. Percebi logo que, a fim de fugirem à responsabilidade de meu ato e o justificarem, queriam que eu enlouquecesse.

Na segunda noite recebi a visita do juiz auditor acompanhado de um padre do Convento e um bispo auxiliar de São Paulo. Haviam sido avisados pelos presos políticos do presídio Tiradentes. Um médico do hospital examinou-me à frente deles mostrando os hematomas e cicatrizes, os pontos recebidos no hospital das Clínicas e as marcas de tortura. O juiz declarou que aquilo era "uma estupidez" e que iria apurar responsabilidades. Pedi a ele garantias de vida e que eu não voltaria à OB, o que prometeu. De fato, fui bem tratado pelos militares do Hospital Militar, exceto os da OB que montavam guarda em meu quarto. As irmãs vicentinas deram-me toda a assistência necessária Mas não se cumpriu a promessa do juiz. Na sexta-feira, dia 27, fui levado de manhã para a OB. Fiquei numa cela até o fim da tarde sem comer. Sentia-me tonto e fraco, pois havia perdido muito sangue e os ferimentos começavam a cicatrizar-se. À noite entregaram-me de volta ao Presídio Tiradentes. É preciso dizer que o que ocorreu comigo não é exceção, é regra. Raros os presos políticos brasileiros que não sofreram torturas. Muitos, como Schael Schneider e Virgílio Gomes da Silva, morreram na sala de torturas. Outros ficaram surdos, estereis ou com outros defeitos físicos. A esperança desses presos coloca-se na Igreja, única instituição brasileira fora do controle estatal-militar. Sua missão é: defender e promover a dignidade humana. Onde houver um homem sofrendo, é o Mestre que sofre. É hora de nossos bispos dizerem um BASTA às torturas e injustiças promovidas pelo regime, antes que seja tarde. A Igreja não pode omitir-se. As provas das torturas trazemos no corpo. Se a Igreja não se manifestar contra essa situação, quem o fará? Ou seria necessário que eu morresse para que alguma atitude fosse tomada? Num momento como

este o silêncio é omissão. Se falar é um risco, é muito mais um testemunho. A Igreja existe como sinal e sacramento da justiça de Deus no mundo "Não queremos, irmãos, que ignoreis a tribulação que nos sobreveio. Fomos maltratados desmedidamente, além das nossas forças, a ponto de termos perdido a esperança de sairmos com vida. Sentíamos dentro de nós mesmos a sentença de morte: deu-se isso para que saibamos pôr a nossa confiança, não em nós, mas em Deus, que ressuscita os mortos" (2Cor, 8-9). Faço esta denúncia e este apelo a fim de que se evite amanhã a triste notícia de mais um morto pelas torturas. Frei Tito De Alencar Lima, OP

Pela interpretação do relato de Tito, percebe-se toda a dor e o sofrimento pelos quais ele passou, e é possível sentir a emoção com a qual ele retrata cada tortura física e psicológica que sofreu, fazendo-nos ir até o mundo das ideias e nos indagar acerca da crueldade humana. Aqui, também se observa a incitação à participação mais atuante da igreja, Tito clama por uma igreja que não se cale frente às arbitrariedades as quais eram submetidos os brasileiros, simplesmente por incorporarem ideologias ou, até mesmo, pelo fato de ocuparem lideranças expressamente contrárias ao regime, como no caso de Tito, que por ser líder da faculdade de filosofia e teologia da USP e integrante da União Nacional dos Estudantes (UNE) foi preso. A seguir, um trecho da entrevista cedida por Tito à revista italiana *II Galo*, em abril de 1972, quando, ao ser indagado pelo entrevistador, acerca do motivo de sua prisão, respondeu (PLASSAT, 2014, p. 28):

Como os demais dominicanos, por causa da nossa participação na revolução. No meu caso pessoal, porque na qualidade de líder da faculdade de filosofia e teologia, eu apoiava abertamente a luta armada e não escondia minhas opções revolucionárias. Fui preso pelo esquadrão da morte, cujo chefe é o sinistro Sérgio Fleury. Quando este veio para me prender disse-me friamente “com gente da tua estirpe não temos piedade alguma. Somos pagos para isso. Sabemos que você tem muito para contar. Se não quiser falar será pior para você. Te torturaremos”.

No que concerne à grande participação de resistência que a juventude católica teve durante a Ditadura Civil Militar, com forte inclinação para a esquerda brasileira, João Alfredo dissertou em entrevista à pesquisadora, o seguinte:

Eu acho que ali você tinha uma situação muito interessante, o que era? Setores da igreja que resistiam à Ditadura Civil Militar. Os dominicanos em São Paulo ajudaram muito a uma organização da época, a Ação Libertadora Nacional (ANL) da qual fazia parte o Carlos Marighella, então eles como frades, tem muito a ver isso com a Teologia da Libertação, que foi muito forte na América Latina e no Brasil, em particular.

Ainda no ano de 1971, Frei Tito escreveu a poesia “Xadrez”, o texto “Em outro papel, uma proposta” e o texto “A situação da igreja no Brasil”, ambos escritos na mesma

linha cronológica. Onde a primeira se refere ao medo que Frei Tito nutria devido à perseguição militar que sofrera, demonstrando uma instabilidade emocional em decorrência de sua militância na resistência, ao mesmo tempo em que traz um ímpeto de liberdade e justiça, mostra-se frágil e triste com o fato de não poder voltar para a sua terra natal, assim se pode perceber na poesia seguinte:

Xadrez

Medo de deixar a Ordem e sofrer atentados à vida (estou sendo perseguido); Não posso voltar ao Brasil; Medo de estar sendo difamado; Medo de não poder ser mais aceito na esquerda brasileira; Medo de ser morto ou torturado no Brasil; Medo de passar necessidade fora da Ordem; Não encontrei uma mulher; medo de desestruturar psicologicamente; Medo de fracassar na universidade; pessimismo face à minha resistência física e psicológica; Incapaz.

Sempre fui conhecido como um cara de esquerda; tenho um longo passado de militância; tenho fama de haver resistido às torturas e de tê-las denunciado; tenho certa cobertura. Resistir contra tudo e todos.

Em outro papel, uma proposta

O que é principal hoje? Construir uma frente democrática; dar às lutas de massas o caráter principal e primordial desta etapa. Finalidade: unir o povo e os patriotas em geral; objetivo das lutas de massas — criar uma consciência política e uma consciência de classe, dando destaque à construção, a longo prazo, de um partido dos trabalhadores.

1947 — Vietnam

1954 : R..D.V.

É melhor morrer do que perder a vida.

Corda (suicídio) 60". opção Bacuri

1918 — 1920 — 1974.

Neste segundo texto de 1971, Frei Tito tenta estruturar o que denomina de “frente democrática”, onde monta objetivos e traça rotas para a construção de uma reconfiguração da política brasileira que consiste na união da população e na conscientização das classes enfatizando a construção de um partido voltado para as demandas dos trabalhadores. Ou seja, Frei Tito atribuiu às lutas das massas a vertente democrática. Com relação a esta luta dos trabalhadores, com o apoio dos membros da igreja, o professor Cleyton relatou o seguinte:

estas figuras tinham uma certa abertura com uma pequena parte da imprensa, porque a imprensa era censurada, então diversos padres atuaram até em cidades do interior, que também tinham esta postura, mas eram silenciados. No final da década de 1970, que a ditadura ‘destencionou’, você tinha muitos padres ligados ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais e estes padres sediam os espaços para as reuniões do sindicato, o que incomodava a elite daquela região, o que muitas vezes chegava ao bispo, que afastava esta pessoa de um espaço para outro, era uma prática bem comum.

Ainda falando desta questão da “frente democrática” proposta pelo texto de Frei Tito de 1971, com a conscientização das classes, Marcelo exemplificou o trabalho dos padres no campo, voltado para politização dos camponeses no Ceará, logo ele contou que:

A título de exemplo, aqui no Ceará, no começo dos anos 60 até os anos 80, a igreja vai se voltar para a educação política dos sujeitos do campo, ao passo que também fazem a alfabetização destes sujeitos. Hora, um país onde boa parte da população nos anos 50 e 60 era analfabeta, eles conseguiam conjugar a palavra do senhor, a educação política e o exercício cidadão de ensinar as pessoas a ler. Este é o papel da igreja, de uma igreja de esquerda e aí o Frei Tito, obviamente, não se furta.

Em agosto de 1971, Frei Tito escreveu um texto juntando as ideias do evangelho com a emancipação política do que ele chama de “povo de Deus”, referindo-se as minorias oprimidas e que têm condições de vida desumana, usando as analogias da Bíblia Sagrada, Frei Tito cita o nome de Jesus como exemplo de “trabalhador, operário, explorado e oprimido”. A seguir, o texto na íntegra.

A situação da igreja no Brasil

A jovem Igreja do Brasil é um produto da missão profética de João XXIII. Depois de muitos séculos de conservadorismo e de falsas tradições, a Igreja do Brasil mostra sinais de uma profunda transformação que nasce de uma consciência evangélica que se desenvolveu nos homens em coerência com sua missão terrena. Nós não existimos para salvar as almas, mas para salvar as criaturas, os seres humanos vivos, concretos, no tempo e no espaço bem definidos. Temos uma compreensão histórica profunda de Jesus. De todos os debates teológicos conciliares, é sem dúvida o referente à história da salvação que influenciou de modo decisivo nossa concepção de Igreja, da sua razão de ser, e de sua missão: A história da libertação do povo hebreu, eleito por Javé para tornar-se povo de Deus. É esta idéia de um "Povo de Deus" que orienta do ponto de vista teológico as transformações da Igreja no Brasil. Para nós, quem é o povo de Deus, concretamente? - São os trabalhadores, os operários, os explorados, os oprimidos, enfim toda a massa imensa que tem uma condição de vida desumana. Entre tais, Jesus toma o nome de Zeferino ou Antônio, um qualquer.

Vivemos em um país onde reina o analfabetismo, a miséria e a injustiça: limitações que se desenvolveram ainda mais nos últimos anos. O índice do desemprego cresceu geometricamente e os desequilíbrios sociais nos estados do Nordeste aumentaram ainda mais com as tentativas de implantação da indústria. As secas periódicas, por sua vez, aprofundam ainda mais a miséria do povo rural onde o imperialismo mantém o homem isolado, vítima secular da estrutura agrária primitiva.

A realidade social impõe um problema aos Bispos e à Igreja. Há dez anos os sacerdotes de todas as regiões do país procuram, na perspectiva de um desenvolvimento humano e justo, uma solução mais adequada dos problemas sociais.

Somos herdeiros de quatro séculos e meio de latifúndios e de colonialismo. Comprometemo-nos de um modo consciente com a luta pelo desenvolvimento econômico e social do país, sabendo que a solução de nossas calamidades sociais deve ser profunda e radical. De que serviria remendar um trapo? É preciso lutar por uma nova sociedade.

O estado militar, instaurado pelo golpe de estado de 1964, não assumiu uma política de transformação social; bem ao contrário, favoreceu o agravamento da miséria do povo, a partir do momento em que escolheu um modelo de desenvolvimento capitalista, repressivo, fundado sobre uma tecnocracia militar, que esmaga os movimentos populares, que instala o regime de força mantido pelos decretos institucionais.

O cristianismo não se pode calar diante das injustiças, pois calar é trair. Seu dever é tornar-se sal da terra, luz do mundo.

O movimento universitário foi um dos primeiros a se erguer contra o regime de força que se instalava. Por ocasião da transferência do Arcebispo Dom Helder Câmara do Rio de Janeiro para Recife (Nordeste), criamos uma ofensiva para denunciar a arbitrariedade do poder jurídico e militar. Em 1967, a Ação Católica Operária

do Nordeste distribuiu um documento denunciando o nível de vida dos operários da região que recebiam um salário de fome. Em 1968, Dom Cândido Padin publicou um documento onde analisava a doutrina da Segurança Nacional, dos militares, à luz da mensagem evangélica. Nesse documento encontra-se excelente crítica à concepção pseudo-positivista dos grupos militares brasileiros. Os bispos do Nordeste se organizaram para a publicação de uma série de documentos que testemunham uma maturidade política e cristã notáveis, em defesa dos direitos do homem. “Ouvi os clamores do povo” é o bem escolhido título desse pronunciamento. Hoje, um terço da Igreja do Brasil se compromete: nós renunciamos a uma revolução cristã e estamos decididos a participar na luta do povo por seus direitos fundamentais. Para essa luta estão convidados todos os que desejam um mundo mais justo e mais humano.

O atual regime brasileiro persegue a Igreja em razão de sua consideração pelo Concílio. As decisões da Encíclica “Gaudium et Spes”, e da reunião dos Bispos da América Latina em Medellín, Colômbia, são reprimidas de modo violento pelo regime do General Médici, através dos Órgãos repressivos, tais como CENIMAR (Centro de Informações da Marinha), e CODI (Centro de Operações da Defesa Interna). Os militares brasileiros, isto é os oficiais mais graduados, se encarregam de aplicar os choques elétricos e a tortura aos sacerdotes de muitas paróquias do Brasil.

Mais de 50 párocos foram torturados. Um deles, Pe. Henrique Pereira, do Recife, foi assassinado pelo DOPS (Departamento de Ordem Política e Social) da cidade.

No decorrer deste texto, Frei Tito disserta sobre o cenário brasileiro da Ditadura Civil Militar, demonstrando a sua indignação com os problemas que assolavam o Brasil do regime militar, como o analfabetismo, altos índices de desemprego, desequilíbrios sociais no Nordeste e a miséria vivida pelos camponeses da zona rural brasileira. Acerca disso, Marcelo, em entrevista à pesquisadora, expressou sobre a participação camponesa no regime militar, logo ele disse que:

[...] (No regime militar) no nordeste do país, onde há o surgimento de verdadeiras organizações políticas, através dos sindicatos, através de sociedades mútuas, no próprio nordeste brasileiro. Em Pernambuco, Ceará, teve o surgimento de organizações políticas dos próprios camponeses que vão tomar a terra do latifundiário, ou seja, isso é central para compreender o que é o processo de desenvolvimento da ditadura, a que eles vêm.

E continua sua reflexão dizendo:

Talvez a luta pela terra seja uma questão central, em um país que vivia até 1970, em um país agrário e exportador e boa parte de sua população ainda residia no campo, depois disso você começa a ter um processo volumoso de imigração para as cidades. Então, a grande questão nos anos 50 e anos 60, sobretudo ligado a questão da igreja é a questão da terra no Brasil, é a questão do latifúndio. E aí não podemos tirar o Tito que é este personagem deste contexto [...] Frei Tito está nesta ambiência histórica de uma igreja mais inserida na população, de uma igreja mais envolvida com as questões do povo brasileiro, com a questão da terra, do território, inclusive com ligações com o movimento estudantil [...]

Referindo-se à época, ele afirmou: “[...] hoje, um terço da Igreja do Brasil se compromete: nós renunciamos a uma revolução cristã e estamos decididos a participar na luta do povo por seus direitos fundamentais. Para essa luta estão convidados todos os que

desejam um mundo mais justo e mais humano”. Na entrevista do professor Cleyton, há o seguinte discurso acerca da luta concreta da frente religiosa no embate ao regime militar.

[...] naquela época isto estava muito fortemente estabelecido, você tem os dogmas da igreja, claro, é uma estrutura hierarquizada, é uma estrutura que segue as diretrizes do Vaticano, é uma estrutura historicamente conservadora. Mas que de certa forma, como você tem diversas ordens e tendências dentro da igreja católica, você tem movimentos insurgentes que existem dentro da igreja, então você tinha grupos que se manifestavam abertamente, contra a ditadura, como no caso do Dom Hélder, se manifestava abertamente, fazia críticas e outros freis, frades, padres e desconhecidos.

Correlacionando isso ao pensamento de Marcelo quando diz que “[...] os lutadores, eles querem, na verdade um jargão bem cristão que é a justiça social e paz [...]”, compreende-se a fala de Frei Tito na carta, quando disse que “o cristianismo não se pode calar diante das injustiças, pois calar é trair. Seu dever é tornar-se sal da terra, luz do mundo.”

No decorrer da linha cronológica viabilizada pela interpretação das missivas de Frei Tito, na segunda fase da análise de conteúdo, conforme Bardin (1977), no ano de 1972, Frei Tito escreveu estas duas poesias, que seguem.

Porque foges?

Por que foges, quando todo meu corpo te procura?
 Por que não me respondes?
 Minha voz está rouca de te chamar.
 Onde estás?
 Talvez, foste embora bem longe,
 Mas, para onde?
 Para qual estrela refugiastes?
 Se lá estivesses, transformaria meus olhos em telescópio
 Todas as noites falaria contigo,
 pertinho de ti.
 No jardim de teu planeta colheria as mais belas flores
 para fazer de teu corpo puro perfume
 E ser desejado com todo ardor de meu sexo.

O Retirante

Longe vem o retirante
 Calmo e tranquilo com seu passo
 cadente.
 Vem de muito longe, de terras sem fim.
 Quem dará abrigo para ele?
 Sua túnica precisa ser mudada,
 seus olhos precisam estar limpos,
 suas mãos asseadas.
 Precisa de repouso.
 de paz.
 Chega para anunciar a vida.
 Vem dizer que nos esquecemos de
 amar.
 Ah! quem me dera estar com ele para ...

A primeira poesia intitulada “Porque foges” denota um sentimento de angústia, Frei Tito faz uma prece ao que parece ser uma entidade feminina, mesmo com a poesia tendo sido escrita na data posterior a seus votos de obediência, pobreza e castidade proferidos em 10 de fevereiro de 1967 (ACIOLI, 2014, p. 28). Já a segunda poesia, escrita também no ano de 1972, demonstra a situação vivida por aqueles que eram exilados, obrigados a ficarem longe de sua pátria, sem saber como ou de que maneira iriam sobreviver. Tal poesia vai de

encontro aos valores cristãos de pobreza, pois no trecho “seus olhos precisam estar limpos, suas mãos asseadas”, Frei Tito faz uma crítica ao capitalismo, ao dinheiro, à burguesia, já que pela lógica da poesia, o retirante teria abrigo se tivesse “sua túnica mudada”, “seus olhos limpos”, “suas mãos asseadas”. Em 1973, Frei Tito escreveu um texto em Paris, onde discute a estratégia da luta armada como forma de enfrentamento ao regime militar, para ele a resposta ao regime deveria ser feita de maneira politizada e não com a violência, assim segue o texto na íntegra.

Não se faz de noite uma revolução que é para o dia

É necessário e urgente responder politicamente à ditadura. Nessa perspectiva, penso que a luta armada, como forma da luta principal, é um erro. Ela não chega a ser um instrumento político hoje, nem pode gerar um processo político de consciência e organização do povo. Em outras palavras, ela não tem como nesta fase criar no meio do povo as condições objetivas para uma luta armada. Por quê? Entre nós, faz muita falta uma visão política que seja capaz de conduzir o povo a uma guerra direta contra a ditadura. Perpetuar a luta – como forma principal – seria prosseguir na política de esvaziamento de quadros e aumentar cada vez mais nosso isolamento. Se hoje estamos facilmente vencidos e minados pelo aparelho repressivo, é porque ele consegue, de maneira inteligente, isolar-nos do povo. Foi no contexto desse “vazio político” que o governo Médici firmou-se e edificou-se as bases econômicas e políticas do fascismo hoje vigente no país. Esse vazio político é fruto direto de uma concepção de luta equivocada, como demonstra a prática (critério da verdade). Essa concepção foi marcada por uma estratégia (o campo) e uma tática (a guerrilha). É através desse prisma que proponho uma revisão séria de nossos objetivos táticos e estratégicos. Análise a terminar. [...] Assistimos à volta da política ‘Truman’: a América aos americanos. Precisamos nos tornar extremamente vigilantes em relação à questão da luta ou da ação armada no continente e especialmente no Brasil. Ainda mais se considerarmos nossas características históricas. Nosso proletariado é jovem. Sua tradição não é das mais ricas para que aceite o projeto imediato e aberto da luta armada. É minha convicção: não é amanhã que nosso proletariado abandonará essa concepção. E se as vanguardas armadas não a abandonarem, vão perder cada vez mais e ampliar o fosso que nos separa das massas. A partir de 1964, a luta de classe no Brasil entrou em novos caminhos. A crise abriu nova perspectiva para a classe operária, mas somente para o longo prazo. [...] Não se faz uma revolução da noite para o dia. A classe operária e seus aliados só podem tomar o poder quando estiverem politicamente maduros para essa missão. O proletariado brasileiro não tem uma tradição de luta mais sólida para que se envolva numa luta mais decisiva, tendo a luta armada como forma principal. Continuar a experiência iniciada a partir de 1968 é bater em ferro frio e adiar a tomada do poder. Eu não sou derrotista, mas realista. Eu seria derrotista se achasse que a ditadura militar eliminou a luta de classe no Brasil a ponto de levar o povo a assimilar o sistema vigente. Eu não sou derrotista porque penso que a nossa situação atual é uma experiência a mais a ser adquirida. Meu esforço é muito mais otimista do que pensam aqueles que me criticam. Agora, só sairemos do buraco se soubermos explorar e aprofundar essa experiência. Ao pensar no futuro, não quero negar o passado, negar a missão de Marighela na luta revolucionária no Brasil. Mas acredito que Marighela cometia profundos erros na concepção tático-estratégica da luta revolucionária! Para mim Marighela fica no limite de alguém que conseguiu entender a crise brasileira. Conseguiu perceber que um novo período se abria na luta de classes. Mas não ficou claro em suas propostas no que diz respeito ao quando, como e onde de nossa luta. É assim que vejo a digna e heróica contribuição de Marighela no marxismo brasileiro. Ele enxergou muito bem a brecha que o golpe de 1964 abriu no capitalismo brasileiro, mas não soube ir além. Era marcado pelo modelo urbano e a estratégia da OLAS. Viu a crise, mas logo a esqueceu (quando recorreu a Cuba). Não viu a crítica, embora já antiga, do “debrayismo”. A violência revolucionária é necessariamente a violência de uma classe e não a de uma vanguarda. A vanguarda limita-se a orientar politicamente essa violência. No Brasil, foi a vanguarda que decretou a violência revolucionária, sem orientar politicamente a classe operária. O que foi que aconteceu então? A guerra tornou-se uma guerra de vanguardas confusas e desorientadas. Não foi a guerra do povo, mas a guerra pelo povo. Nesse sentido, assumiu um papel eminentemente ético (a guerra é justa). Mas não assumiu um papel político (a guerra é correta). Terminamos

confrontando dois exércitos: o do inimigo levou uma enorme vantagem, a ponto de nos isolar. “O guerrilheiro é o peixe dentro d’água”. É somente através dessa imagem que o guerrilheiro pode existir e sobreviver politicamente. Uma canção popular brasileira diz: “Como pode o peixe vivo viver fora d’água fria?”. Fomos este peixe vivendo fora d’água. Por isso é que chegamos a esse impasse e a essa total falta de clareza política. Então precisamos mudar, modificar isso. Seremos guerrilheiros no dia em que tivermos livre trânsito no meio das massas. Fora disso, realmente, eu não vejo saída, e só assistiremos a mais prisões e mortes, uma depois da outra. E fico temendo um certo extermínio: o extermínio de uma geração de líderes marxistas, militantes de esquerda. Fascismo e nazismo repousam sobre a idéia de extermínio de um povo, uma raça, uma classe. Na Alemanha, exterminaram os judeus; reduziram ao silêncio, de maneira brutal, o maravilhoso movimento operário da época de Marx e de Rosa Luxemburgo. No Brasil, o fascismo assume uma política de extermínio, não mais de uma raça, mas de uma geração de revolucionários, reduzindo ao silêncio o movimento operário oriundo do período populista. É sobre essa realidade que quero chamar a atenção de milhares de patriotas e de revolucionários. Repito: não sou pessimista; procuro ser realista. Se estiver errado, estou disposto a fazer minha autocrítica. Não tenho nenhum interesse em fazer o “jogo” do inimigo. Essa é a minha opção histórica.

Estou disposto a prosseguir na luta dos trabalhadores até a vitória final.

No que concerne a este texto de Frei Tito, percebe-se a sua defesa à estratégia política no enfrentamento ao regime militar. Em contrapartida, o entrevistado Marcelo, em seu discurso à pesquisadora, disse:

[...] você tem uma expressão ampla do que viria a ser o Movimento Estudantil neste período. São várias as organizações, tinha o MR-8²⁹, o histórico movimento que a Dilma fez parte e aí o MR-8 faz menção, obviamente, ao dia do assassinato do Che-Guevara, lá na Bolívia, que era uma organização que optou pela luta armada, assim como outras organizações, também como a ALN (Ação Libertadora Nacional) que era dirigida pelo Marighella. Então, você tem aí várias táticas, várias formas de luta, desde o *folkismo* na guerrilha, como te falei, passando pelas juventudes católicas em vários espaços, passando pela luta armada nas cidades, assaltos a bancos, sequestros a embaixadores que vinham ao Brasil e aí a tática era sequestrá-los para poder barganhar a soltura de presos políticos.

Ainda em 1973, Frei Tito escreveu três poesias, a primeira carrega uma releitura do Salmo 91 da Bíblia Sagrada, onde cita passagens do texto bíblico, fazendo uma poesia em francês no formato de oração, buscando exaltar a palavra de Deus, demonstrando uma fé inabalável, mesmo em meio às tristezas e o sofrimento por estar na condição de exilado.

²⁹ Nome adotado sucessivamente por dois grupos revolucionários que pretendiam derrubar, através da luta armada, o regime militar instaurado no Brasil em abril de 1964. O dia 8 de outubro corresponde à data da morte de Ernesto “Che” Guevara, líder da Revolução Cubana, assassinado na Bolívia em 1967 quando preparava núcleos guerrilheiros para dar início à revolução socialista nesse país. Disponível em: < <http://www.fgy.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/movimento-revolucionario-8-de-outubro-mr-8> > Acesso em 10 já, 2018.

Francisco, Francisco
 Mon Eglise est en ruine
 Mon Eglise est en ruine
 Je lève les yeux vers les monts
 Et recherche le Dieu de mon âme
 Ma maison est sa maison
 Ma vie est son tabernacle
 Je marcherai en sa présence
 Ses chemins sont ma lumière
 En ses mains je trouve refuge
 Car le Seigneur est miséricorde
 Vous êtes le Sel de la terre;
 Vous êtes la lumière du monde

Francisco, Francisco
 Minha Igreja está em ruínas
 Minha Igreja está em ruínas
 Eu olho para as montanhas
 E busque o Deus da minha alma
 Minha casa é sua casa
 Minha vida é seu tabernáculo
 Eu andarei em sua presença
 Seus caminhos são minha luz
 Em suas mãos eu encontro refúgio
 Pois o Senhor é misericordioso
 Você é o sal da terra;
 Você é a luz do mundo

De tal maneira, a segunda poesia, escrita por Frei Tito em 1973, foi uma ode à mulher, pois se observa que em seu escrito ele exalta a existência feminina, de modo a endeusá-la e assemelhá-la a uma figura angelical.

Mulher
*Vestiste de brancas nuvens e de sol azul
 Foste musa dos deuses;
 de Baco, foste a primeira dama.
 Alegreste corações, criaste profundezas.
 Nos teus seios, pousou a mais bela borboleta
 porque os tornaste esplendorosos como uma Rosa.
 Rosa que cheira;
 Rosa que atenta;
 Rosa que ama.
 Sois toda pura,
 Ó formosa e bela mulher*

Encerrando o arco do ano de 1973, Frei Tito escreveu a poesia “Quando secar o rio da minha infância”, uma de suas obras mais conhecidas, internacionalmente.

Quando secar o rio da minha infância
*Quando secar o rio de minha infância,
 secará toda dor.
 Quando os regatos límpidos de meu ser secarem,
 minh'alma perderá sua força.
 Buscarei, então, pastagens distantes
 Irei onde o ódio não tem teto para repousar.
 Ali, erguerei uma tenda junto aos bosques.
 Todas as tardes me deitarei na relva,
 e nos dias silenciosos farei minha oração:
 Meu eterno canto de amor: expressão pura de minha mais profunda angústia
 Nos dias primaveris, colherei flores para
 meu jardim da saudade.
 Assim, exterminarei a lembrança de um passado sombrio.*

Na interpretação desta poesia, percebe-se que Frei Tito apresentava o comportamento de uma pessoa depressiva, que sofria em silêncio por conta dos traumas que sofrera no Brasil do regime militar. Pelas palavras de sua sobrinha Lúcia, em entrevista à pesquisadora, “[...] a Ditadura Militar brasileira deixou um homem em frangalhos”.

Assim, por este escrito, é possível fazer uma inflexão acerca da dor que ele nutria, ao lembrar-se de seu passado nos cárceres brasileiros, o que denota também o uso de expressões que dão a entender que no ano de 1973 ele já premeditava atentar contra a própria vida, valendo-se da morte como escapatória de seu sofrimento, onde somente assim haveria o extermínio da lembrança de seu passado sombrio. A ilustrar, a seguir, a figura 9 da máquina de escrever de Frei Tito, que hoje se encontra na sala do Memorial em sua homenagem, no Museu do Ceará.

Figura 9 – Máquina de escrever de Frei Tito



Fonte: Frei Tito Memorial Online, 2016.

No que concerne ao ano de 1974, Frei Tito se debruçou na escrita de três poesias, que se encontram dispostas, a seguir:

Si le ciel est terre

*Si mon âme est morte, qui la ressuscitera?
 Des nuits sombres,
 des lumières opaques,
 Mon esprit gémit de douleur
 Mon coeur bat comme le tic-tac d'une horloge
 À la recherche de l'être, quand cet être est le Néant
 Ma vie se répand en un éternel dilemme
 l'être et le non-être.
 Vivre c'est voir.
 Voir des étoiles
 Voir des fleurs.
 Voir l'infinie beauté d'un être Créateur.
 Je ne cherche pas le ciel, mais peut-être la terre,
 un paradis perdu.
 Si le ciel est terre, en elle je me meurs comme un être
 moribond: Expérience, expérience de ma vie.
 En lumières et ténèbres se répand le sang de mon
 existence.
 Qui me dira le comment de l'exister?
 Expérience du visible ou de l'invisible?
 Si l'invisible est le visible, à quelle fin voir?
 Pour moi, voir c'est souffrir dans un monde vidé de ma
 profondeur: ma singularité.
 Peut-être ma simplicité compliquée.
 Il ya une raison pour être ou ne pas être,
 car dans le néant, dans le vide,
 je trouve un flamme qui ouvre un absolu.
 Mais où?
 En quelle terre?
 Je regarde tous les soirs les étoiles, regard singulier
 Sur un infini aussi vaste que la distance d'un éclair.
 Peut-être sont-elles les yeux de Dieu, du Dieu Créateur.
 Sur un infini aussi vaste que la distance d'un éclair.
 Peut-être sont-elles les yeux de Dieu, du Dieu*

Se o céu é terra

Se minha alma é morta, quem a ressuscitará?
 De noites sombrias,
 de luzes opacas.
 Meu espírito geme em dores.
 Meu coração bate como o tic-tac de um relógio
 em busca do ser quando este ser é o nada.
 Minha vida freme* em um eterno dilema:
 O ser e o não-ser,
 viver é ver,
 ver estrelas,
 ver flores,
 ver a infinita beleza de um ser criador.
 Não busca o céu, mas talvez a terra,
 um paraíso perdido.
 Se o céu é terra, nele eu me movo como um ser
 moribundo: experiência, experiência do meu
 viver.
 Em luzes e trevas derrama o sangue da minha
 existência.
 Quem me dirá como é o existir
 Experiência do visível, ou do invisível?
 Se o invisível é o visível para que ver?
 Meu ver é um sofrer, no mundo oculto* de
 minha profundidade: minha singularidade.
 Talvez minha simplicidade complicada.
 Há razões para o não-ser,
 pois no nada, no vazio,
 Encontro uma chama que procura por absoluto.
 Mas aonde?
 Em que terra?
 Olho todos os dias as estrelas, olhar singelo
 de um infinito, tão vasto quanto a distância de
 seu brilho.
 Talvez elas sejam os olhos de Deus, do Deus
 criador

Pela poesia acima, percebe-se Frei Tito apresentava sinais de instabilidade emocional, utilizando de analogias para expressar, que mesmo anos após ter sido torturado, ele ainda guardava em suas lembranças, a dor e o sofrimento daqueles árduos momentos na prisão brasileira. Contudo, em meio as suas divagações acerca da existência, mostra-se com fé em uma entidade maior, a qual denomina de “criador”, a quem responsabiliza pela criação da terra e de tudo o que nela existe. Seu caráter religioso se sobressai neste escrito em meio às divagações que narrava.

Ainda em 1974, Frei Tito escreveu a poesia “Dorme, criança”, onde o autor faz referência aos dias de infância, ao mesmo tempo em que usa, mais uma vez, termos de histórias da Bíblia Sagrada, como denota o texto da poesia seguinte:

Dorme, criança
*Dorme, criança, pois teu sonho é paz,
 Embale, em tu'alma, o canto profundo
 De um amor imenso que apagaste
 Em cantos mil.
 Dormes, dormes, o amanhã é ternura
 É dia de sol,
 É dia de luz.
 Canta teus cantos,
 Brincas teus pássaros,
 Faz da tua vida a beleza d'uma ventura
 Que é a graça, também dom de Deus.
 Sonhas, sonhas, ó infância amada
 Que em poetas acalanta o descanso de ti.
 Em teus braços frágeis trazes flores
 Para enfeitar um mundo de dores
 Onde a alma não encontrou as dores
 Para uma realidade maior.
 Faz de tua paz, a nossa paz,
 De teu olhar, nosso sentido
 Mesclado de claro-escuro
 Dimensão de todo ser,
 Profundo,
 Imenso
 Sopra a encher um espaço vazio
 Não encontrado no infinito do amor.
 Dize-me em que braços andas,
 Que sonham teus sonhos,
 Para que veja a clareza de teu Espírito.
 Faz dele o sonho do Nazareno
 Que também foi criança,
 Sonhando como tu sonhaste,
 Enfeitou uma pequenina aldeia de Esperança,
 Uma Nazaré humana, abrigo dos pobres,
 Sustento dos fracos,
 Grandeza dos pequenos como tua pequenez.*

Assim, seguindo a linha cronológica da análise de conteúdo, a última missiva de Frei Tito, que se encontra com a data de 1974 e foi escrita no período do seu exílio na França, é a poesia “*Lasciate ogni speranza, voi ch'entrate!*”

Lasciate ogni speranza, voi ch'entrate!
*São noites de silêncio.
 Vozes que clamam num espaço infinito
 Um silêncio do homem e um silêncio de Deus.
 Talvez seja esta a voz humana, de nosso tempo.*

Quem o entende? quando fala?
 E quando fala, o que diz?
 Senhor, vós viveste esta hora junto ao vosso pai amado.
 Para que buscaste esta forma de vida?
 Por que oraste? Por acaso não sois vós Deus?
 Que pedias? Por que não disseste aos teus amigos teus encontros e noites escuras e de trevas?
 Afastado num monte, belo, simples como toda beleza,
 tu pediste ao teu Pai, a tua paz, o teu sentido
 Da tua missão,
 Da tua paixão,
 Da tua solidão
 Algumas vezes, quando te encontro te vejo só. Incompreendido.
 Também abandonado.
 Pai, meu pai, por que me abandonaste?
 Senhor, será que teu Pai te abandonou?
 Quanto a mim, estou só. Num mundo, não sei qual mundo.
 Talvez da incerteza, mas também da Esperança:
 De um dia de ver-te face-a-face.
 Como gostaria de ver,
 E de perguntar apenas:
 O que queres de mim?
 Por acaso não me chamastes à vida?
 E por que me abandonas?
 Ou será que meus ouvidos já estão
 surdos à tua voz?
 Vozes do silêncio,
 Vozes das dores,
 Voz de um sofrimento mesclado com tua maneira
 de ser diante de mim.
 Qual é a palavra do teu silêncio?
 O meu, tu bem sabes.
 Nem mesmo compreendo.
 Não retires de mim teu Espírito
 Vê minha face,
 Mas que eu a veja
 Mostrai-me tua visagem, para que seja um acalanto.
 Um canto de ninar
 A uma criança que se entrega totalmente aos teus braços de consolo e paz.

Pela interpretação desta poesia, percebe-se nitidamente que Frei Tito, nesta missiva, fez uma prece recordando-se de sua dor e sofrimento que ainda o acompanhava desde as sessões de torturas no Brasil, em 1969. Além de deixar claro que estava se sentindo completamente sozinho, ao dizer na frase, “quanto a mim, estou só. Num mundo, não sei qual mundo”. Sentindo-se abandonado por Deus, buscava então refúgio em suas orações. Logo, ele fez uma analogia ao calvário da cruz enfrentado por Jesus Cristo, nas frases que diz “Pai, meu pai, por que me abandonaste? “Senhor, será que teu Pai te abandonou? “. Assim, é possível perceber que a última poesia que escreveu, antes de sua morte, traz os seus gritos de dor e sofrimento, mostrando o quão ele ainda estava atormentado pelos traumas da

ditadura. Acerca disso, a sobrinha de Frei Tito, Lúcia, em entrevista à pesquisadora disse: “ele sofreu aquelas torturas loucas muito novo, ali já foi a destruição dele, porque a gente sabe que a tortura é um negócio muito sério, a tortura ela não tem a intenção de alcançar o teu corpo, a intenção é a tua alma, você vai se tornar um refém, mas é a tua alma e não o teu corpo”. Para fins de ilustração, segue a Figura 11 com a exposição da Sala Escura da Tortura, um projeto de exposição construído, a partir dos depoimentos de presos políticos.

Figura 10 – Mostra da Sala Escura da Tortura



Fonte: Sala Escura da Tortura, 2011.

9 RESULTADOS

Para tanto se utilizou, inicialmente, uma divisão dos escritos entre categorias gerais, levando em consideração as qualidades propostas anteriormente por Bardin (1977), conforme a seguir: **tempo**, **gênero** e **temática**. Adotando-se essa estratégia, as categorias gerais pensadas são mutuamente excludentes, já que se diferem e não se repetem, sendo ao mesmo tempo homogêneas, pois se referem ao. Tais categorias revelaram a intenção da pesquisadora em ordenar as missivas de maneira a proporcionar a sua disseminação e acesso com a sua proveniente inserção em uma unidade de informação digital com consequente preservação da memória política brasileira, se enquadrando na terceira qualidade de Bardin (1977), isto é, a pertinência.

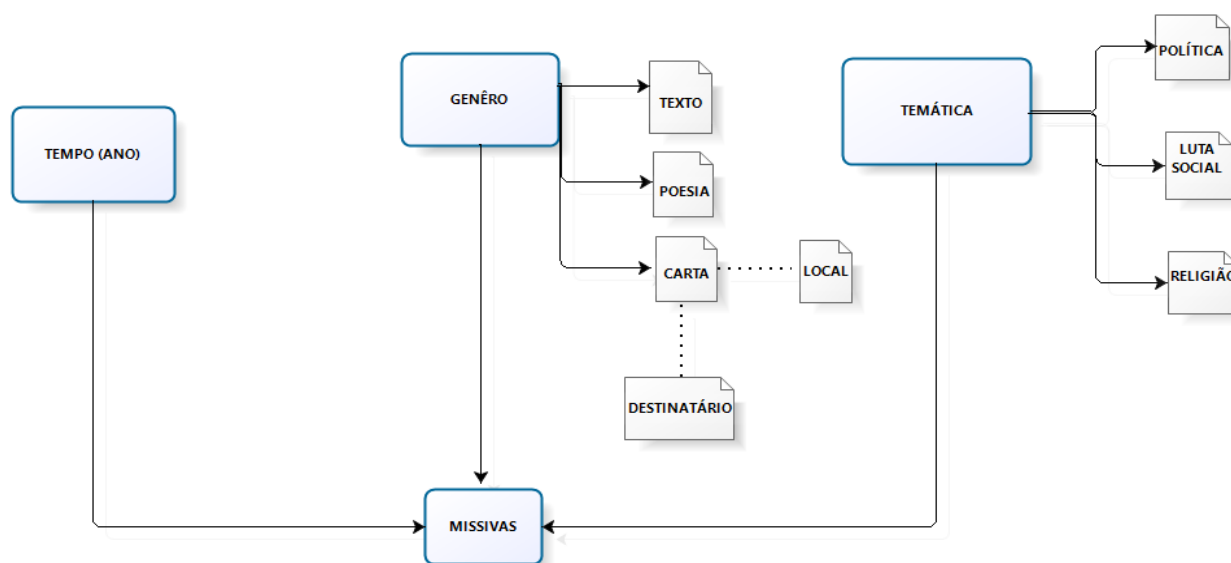
No que concerne à regra de homogeneidade da análise de conteúdo, proposta por Bardin (1977), os escritos obedecem a uma linha temporal, são da mesma natureza, de gênero diferente e retratam temáticas diferentes. Enquanto que no cumprimento da regra da pertinência, percebe-se claramente o alinhamento existente entre os objetivos desta pesquisa, que são de analisar as missivas, fazer a sua categorização, a fim de ressaltar informações necessárias para a construção de uma unidade de informação documental em âmbito digital, acerca da memória de presos políticos durante a Ditadura Civil Militar no Brasil, tendo como marco a narrativa histórica de Frei Tito, com a análise da pesquisa e seu objeto de estudo.

As categorias gerais propostas pela pesquisadora são ainda objetivas e fieis, já que buscaram classificar e agrupar as missivas com base em suas características próprias, o que as difere uma das outras. Ou seja, no que concerne a categoria **tempo**, esta classificou as missivas de acordo com o seu “ano” de escrita; no que concerne a categoria **gênero**, houve a divisão das missivas entre “carta”, “texto” ou “poesia”, e com relação a categoria **temática**, as missivas foram alocadas em cunho “político”, “luta social” ou “religioso”.

Por fim, obedecendo a qualidade da produtividade, o conjunto de categorias gerais proposto possibilitou a existência de subcategorias, como no caso da categoria gênero “carta” que pôde se subdividir ainda em subcategoria “destinatário” e “local”.

Abaixo, a figura 11 representa o esquema de categorização das missivas de Frei Tito.

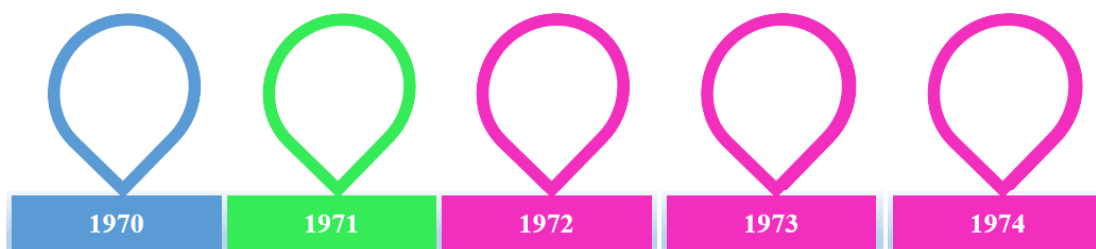
Figura 11 – Diagrama da Categorização das Missivas de Frei Tito



Fonte: elaborado pela autora.

Assim, foram reunidas 17 missivas de Frei Tito, que se encontravam disponíveis no *site* Frei Tito Memorial Online, desta forma, foram feitas as seguintes divisões com base na leitura flutuante e interpretação provenientes da análise de conteúdo de Bardin (1977) e na adoção do sistema de classificação lógica em cores, já que para Simão, Schercher e Neves (1993, p. 30), a Classificação em cores é “um sistema de cores que reúne as obras ou elementos através das cores convencionadas para representar o assunto e seus aspectos, pode estar aliado aos sistemas de localização fixa ou relativa ou se constituir em modalidade independente”. De tal maneira, é possível evidenciar a cor verde para missivas do gênero carta, a cor azul para missivas do gênero texto e a cor rosa para missivas do gênero poesia.

Figura 12 – Linha temporal de escrita das missivas



Fonte: elaborado pela autora.

No conjunto das 17 missivas de Frei Tito, percebe-se a existência de **4 cartas, 9 poesias e 4 textos**. A partir disso, no quadro 4, utilizando uma classificação lógica em cores para visualização, há a separação em categorias das missivas, quanto ao seu ano de escrita (tempo), ao seu gênero (carta, texto ou poesia) e a sua temática (política, social e religiosa).

Quadro 4 – Categorização das missivas

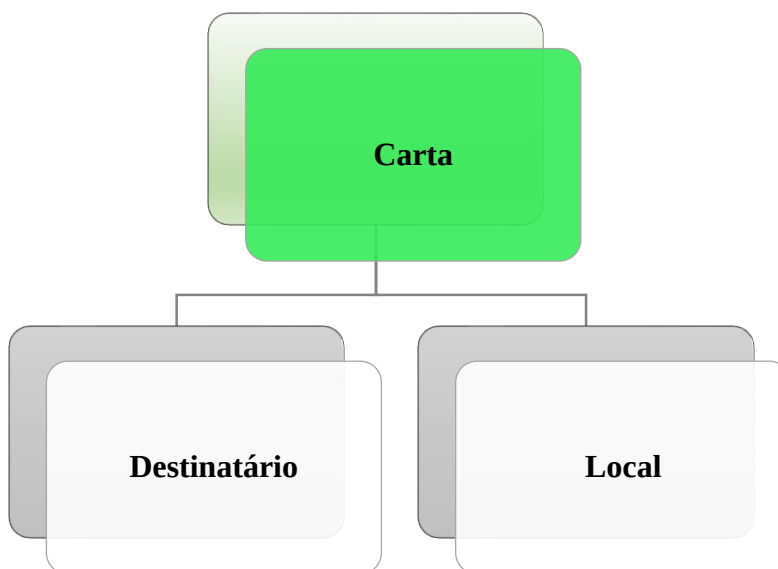
TEMPO	GENÊRO	MISSIVA	TEMÁTICA
1970	Carta	Carta a Frei Paulo Domingos	Política
1971	Texto	Relato de Tortura	Luta Social
1971	Carta	Carta a Frei Domingos Maia Leite	Política
1971	Carta	Carta a Wanderley	Social
Sem Data (S.D)	Carta	Carta de Frei Tito ao Frei Daniel	Política, Luta Social e Religiosa
1971	Poesia	Xadrez	Política
1971	Texto	A situação da igreja no Brasil	Religiosa
1972	Texto	Diálogo com Tito de Alencar	Política, Luta Social e Religiosa
1972	Poesia	O retirante	Luta Social
1972	Poesia	Porque foges?	Política
1973	Texto	Não se faz de noite uma revolução que é para o dia	Política
1973	Poesia	Francisco Francisco	Religiosa
1973	Poesia	Mulher	Luta Social
1973	Poesia	Quando secar o rio da minha infância	Luta Social
1974	Poesia	<i>Si le ciel est terre</i>	Política
1974	Poesia	Dorme Criança	Luta Social
1974	Poesia	<i>Lasciate ogni speranza, voi ch'entrate!</i>	Política, Luta Social e Religiosa

No que concerne à categoria de temática das missivas, observou-se que em 3 escritos havia simultaneamente tendências políticas, sociais e religiosas, além disso pode-se inferir o seguinte quantitativo, de modo isolado:

- a. Categoria Política: 7
- b. Categoria Religiosa: 2
- c. Categoria Social: 5

Em vista disso, pode-se verificar a subcategorização do **gênero** “carta”, de acordo com a Figura 13.

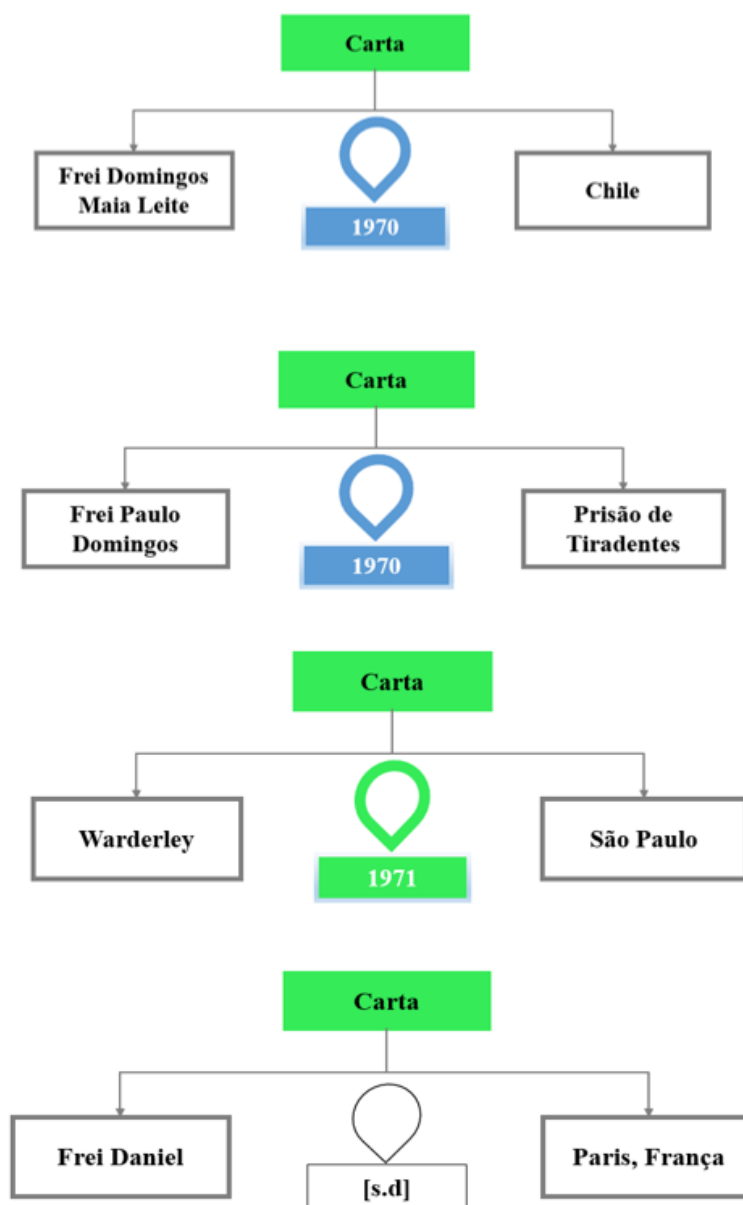
Figura 13 – Subcategorização do gênero “carta”



Fonte: elaborado pela autora.

Em decorrência da análise das quatro cartas, mediante interpretação pelas etapas da análise de conteúdo de Bardin (1977), percebe-se que entre os anos de 1970 e 1971 houve a escrita prioritariamente de cartas, a partir de locais distintos e enviadas a destinatários diferentes. Com isso, se evidencia a subcategorização, a seguir.

Figura 14 – Linha do Tempo com local e destinatário das cartas



Fonte: elaborado pela autora

Pela análise de conteúdo das missivas, conforme Bardin (1977), percebeu-se que a categoria “tempo” obedece uma linha de escrita das missivas que perpassa o intervalo de 1970 a 1974, havendo, no espaço de tempo de 1970 a 1971, maior predominância na escrita de cartas, enquanto que, entre os anos de 1971 e 1974, Frei Tito dedicou-se a escrever somente textos e poesias.

Com a intenção de fundamentar a pesquisa e corroborar para a sua validação como uma fonte de informação confiável, foi construído o quadro 5, que traz a contextualização entre as principais informações contidas nas missivas de Frei Tito, as entrevistas que foram realizadas pela pesquisadora e as evidências documentais do referencial teórico.

Quadro 5 – Contextualização entre as missivas, os entrevistados e as evidências documentais

Trecho da Missiva de Frei Tito	Fala do Entrevistado (a)	Evidência Documental
“A “infiltração” na colônia está crescendo. O Fleury esteve há poucos dias no Chile. Está montando seu esquema por aqui. ”	<i>“ [...] Fleury esteve várias vezes em Paris. Existia um tratado entre o governo francês e o governo brasileiro do governo francês passar informação de todos os seus exilados. ”.</i> <i>(Lúcia Alencar Tito)</i>	[...] a maioria dos políticos que tiveram seus direitos políticos cassados, como Juscelino Kubitschek era vigiado e espionado por autoridades francesas. Nas palavras de seu biógrafo Ronaldo Costa Couto, o ex-presidente vive um cotidiano “infernol”, ao ponto de JK jamais ter retornado à França, país pelo qual era “apaixonado” antes do exílio. Disponível em: < http://pt.rfi.fr/brasil/20140326-terra-de-exilio-para-brasileiros-franca-tambem-foi-proxima-do-regime-militar > Acesso em 10 jan. 2018.
“Fui levado do presídio Tiradentes para a “Operação Bandeirantes”, OB (Polícia do Exército), no dia 17 de fevereiro de 1970, 3ª feira, às 14 horas. O capitão Maurício veio buscar-me em companhia de dois policiais e disse: “Você agora vai conhecer a sucursal do inferno”. Algemaram minhas mãos, jogaram me no porta-malas da perua. No caminho as torturas tiveram início: cutiladas na cabeça e no pescoço, apontavam-me seus revólveres. [...] dependurado nu, com mãos e pés amarrados, recebi choques elétricos, de pilha seca, nos tendões dos pés e na cabeça. Eram seis os torturadores, comandados pelo capitão Maurício. Davam-me “telefones” (tapas nos ouvidos) e berravam impropérios. Isto durou cerca de uma hora. Descansei quinze minutos ao ser retirado do “pau-de-arara”. O interrogatório reiniciou. As mesmas perguntas, sob cutiladas e ameaças. Quanto mais eu negava mais fortes as pancadas”	<i>“Frei Tito ganha relevo porque ele é um personagem internacional. Porque ele vai denunciar, não só a tortura, isso é o mais importante com relação a Frei Tito, ele vai denunciar o processo de corrupção jurídica que se tinha. [...] uma denúncia para servir de algo, tem que ter provas, tem que ter algo concreto, substancial. Então prenderam ele, torturam nas mais diferentes instâncias, logo chancelado pelo governo brasileiro, não era um movimento paramilitar, não era uma milícia, que praticava algo para além do estado, eram forças que, de certa forma, tinham um amparo do estado brasileiro, então personagens das forças armadas torturam o Frei Tito das mais diferentes formas”.</i> <i>(Cleyton Monte)</i>	Uma pesquisa coordenada pela Igreja Católica com documentos produzidos pelos próprios militares identificou mais de cem torturas usadas nos “anos de chumbo” (1964-1985). Esse baú de crueldades, que incluía choques elétricos, afogamentos e muita pancadaria, foi aberto de vez em 1968, o início do período mais duro do regime militar. A partir dessa época, a tortura passou a ser amplamente empregada, especialmente para obter informações de pessoas envolvidas com a luta armada. A coisa piorava nas delegacias de polícia e em quartéis, onde muitas vezes havia salas de interrogatório revestidas com material isolante para evitar que os gritos dos presos fossem ouvidos. “Os relatos indicam que os suplicios eram duradouros. Prolongavam-se por horas, eram praticados por diversas pessoas e se repetiam por dias”, afirma a juíza Kenarik Boujikian Felipe, da Associação Juízes para a Democracia, em São Paulo. Disponível em: < https://mundoestranho.abril.com.br/historia/quais-foram-as-torturas-utilizadas-na-epoca-da-ditadura-militar-no-brasil/ >. Acesso em 10 jan. 2018.
“O movimento universitário foi um dos primeiros a se erguer contra o regime de força que se instalava. Por ocasião da transferência do Arcebispo Dom Helder Câmara do Rio de Janeiro para Recife	<i>“Eu acho que ali você tinha uma situação muito interessante, o que era? Setores da igreja que resistiam à Ditadura Civil Militar. Os dominicanos em São Paulo ajudaram muito a uma organização da</i>	Pouco a pouco, as autoridades mais influentes dentro da Igreja passaram a assumir uma postura mais crítica com relação aos governos militares, opondo-se veementemente à tortura e à violência repressiva. Por outro lado, ao opor-se de modo cada vez mais firme

(Nordeste), criamos uma ofensiva para denunciar a arbitrariedade do poder jurídico e militar. Em 1967, a Ação Católica Operária do Nordeste distribuiu um documento denunciando o nível de vida dos operários da região que recebiam um salário de fome.”	<i>época, a Ação Libertadora Nacional (ALN) da qual fazia parte o Carlos Marighella, então eles como frades, tem muito a ver isso com a Teologia da Libertação, que foi muito forte na América Latina e no Brasil, em particular. ”</i> (João Alfredo)	contra a ditadura, a Igreja atraiu diferentes grupos e setores sociais que também estavam sendo vítimas da repressão policial. Dentro da Igreja, algumas das mais importantes e influentes autoridades eclesiais se destacaram publicamente em razão do empenho com que abraçaram a causa em defesa dos direitos humanos. Disponível em: https://www.documentosrevelados.com.br/repressao/orcas-armadas/resistencia-da-igreja-catolica-a-ditadura/. Acesso em 10 jan. 2018.
“[...] fui eleito para fazer parte da comissão de imprensa. Fiz bastante declarações aos jornais latino-americanos, europeus, dentro da linha que combinamos com os 3 no presídio Tiradentes. Procurei ser moderado naquilo que disse, evitei questões de organização e pautei-me a apresentar a linha da nova igreja no Brasil, as decisões do encontro de Mendes e Medellín estiveram bem vivas nas minhas declarações.”	<i>“Eu conheci a história de Frei Tito, já quando ele estava exilado lá na França. Ele escreveu muitas coisas por lá como forma de manifestação contra aquela tortura da ditadura”.</i> (Cícero Rodrigues)	Na prisão, Frei Tito escreveu sobre a sua tortura. O documento correu pelo mundo e se transformou em símbolo da luta pelos direitos humanos. Disponível em: < http://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/frei-tito-de-alencar-lima/index.html > Acesso em 10 jan. 2018.
“O movimento universitário foi um dos primeiros a se erguer contra o regime de força que se instalava. Por ocasião da transferência do Arcebispo Dom Helder Câmara do Rio de Janeiro para Recife (Nordeste), criamos uma ofensiva para denunciar a arbitrariedade do poder jurídico e militar. Em 1967, a Ação Católica Operária do Nordeste distribuiu um documento denunciando o nível de vida dos operários da região que recebiam um salário de fome. Em 1968, Dom Cândido Padin publicou um documento onde analisava a doutrina da Segurança Nacional, dos militares, à luz da mensagem evangélica.”	<i>“Você tem uma juventude católica muito fluente, a igreja muito forte, você tinha organizações de juventude muito fortes também, você tinha a JUC (Juventude Universitária Católica), você tinha a JOC (Juventude Operária Católica). Você tinha várias expressões da juventude católica no movimento de fábrica, no movimento camponês, no movimento universitário, ou seja, os setores da esquerda da igreja católica se articulavam em torno destas organizações políticas. São várias as organizações, tinha o MR-8, o histórico movimento que a Dilma fez parte, que era uma organização que optou pela luta armada, assim como outras organizações, também como a ALN (Ação Libertadora Nacional) que era dirigida pelo Marighella. [...] você tem aí várias táticas, várias formas de luta, desde o folkismo na guerrilha, passando pelas juventudes católicas em vários espaços, passando pela luta armada nas cidades, assaltos a bancos, sequestros a embaixadores que vinham ao Brasil e aí a tática era sequestra-los para poder barganhar a soltura de presos políticos. ”</i> (Marcelo Lima)	O movimento estudantil foi um dos principais protagonistas da luta contra o regime militar no Brasil. Inconformados com o autoritarismo e a repressão, muitos estudantes tiveram a coragem de enfrentar as forças repressoras, dispostas a massacrar jovens idealistas e contestadores, ou qualquer um que simpatizasse com ideias consideradas subversivas. Lutavam por um mundo melhor e mais justo, para tornar realidade seus sonhos revolucionários, defendiam a liberdade e os direitos humanos [...] o movimento estudantil universitário buscou diferentes formas de atuação e de sobrevivência, a depender de cada realidade. Em muitos lugares, como na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), o Diretório Central dos Estudantes (DCE) e todos os centros acadêmicos (CA) foram fechados, restando aos estudantes somente as representações por turma. Na USP, o grande pilar do movimento durante esse tempo foi o Conselho dos Centros Acadêmicos. Nesses anos de recrudescimento do regime militar, o movimento estudantil foi uma base de apoio à guerrilha urbana. Diversos militantes e líderes das entidades estudantis também faziam parte de grupos de luta armada como a AP, a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) e a Aliança Libertadora Nacional (ALN). Os estudantes continuaram sua luta de diversas formas, não mais apenas no movimento estudantil. Disponível em: < http://memoriasdaditadura.org.br/estudantes/index.htm > 1 > Acesso em 10 jan. 2018.

Com base no Quadro 5, compreende-se que as missivas de Frei Tito trazem elementos discursivos que revelam acontecimentos na Ditadura Civil Militar, o que é corroborado pelas falas dos entrevistados e pelas evidências documentais do referencial teórico desta pesquisa. De tal maneira, as missivas, as entrevistas e as evidências documentais foram contextualizadas pela pesquisadora, logo constatou-se a autenticidade e a veracidade das informações contidas nos escritos de Frei Tito.

A análise de conteúdo realizada nas 17 missivas de Frei Tito apresentou como resultado a categorização dos escritos em “tempo”, que se refere ao ano de escrita da missiva; “gênero”, que caracterizou a missiva na condição de carta, texto ou poesia; e “temática”, que viabilizou a organização das missivas conforme o tema que retratam, podendo ser de cunho político, luta social ou religioso. Além disso, com a análise de conteúdo das missivas foi possível realizar a subcategorização do gênero “carta”, a partir de sua esquematização entre destinatário e local, o que proporcionou o conhecimento acerca das relações de poder que existiam entre Frei Tito e a igreja brasileira; Frei Tito e as organizações políticas; Frei Tito e as organizações internacionais; Frei Tito e as organizações de resistência ao regime militar.

Assim, foi possível construir uma linha do tempo de escrita destas missivas, que correlacionadas com as falas dos entrevistados e as evidências documentais, retratam o contexto brasileiro da Ditadura Civil Militar, portanto devem ser consideradas fontes de informação da memória social brasileira.

Com este cenário, a organização documental das missivas, mediante a sua categorização, viabiliza a criação de uma base documental em ambiente *web*, acerca da memória de ex-presos políticos do regime militar no Brasil, tendo em vista a existência de todo este material, que abrange tanto as fontes de informação documentadas, no caso das missivas, como as fontes de informação pessoais, no que se refere aos recursos testemunhais, ou seja, as entrevistas que foram coletadas para a realização desta pesquisa.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste momento, faz-se necessário entender o caminho de construção desta pesquisa, verificando o que foi realizado para a sua consolidação. Atemo-nos aqui a um fato curioso que ocorreu durante a sua construção. Como corpus documental para análise desta pesquisa, selecionou-se a reunião de cartas, textos e poesias de Frei Tito, materiais que estavam disponíveis no *site* Frei Tito Memorial Online que, como já foi exposto, saiu do ar em decorrência das dificuldades de sua manutenção pela ADITAL. O fato ocorreu durante o prosseguimento desta pesquisa, quando, por questões de segurança da informação, a pesquisadora havia decidido fazer uma cópia de todas as missivas de Frei Tito que estavam no *site* e salvaguardá-las em seu arquivo pessoal. Caso essa providência não houvesse sido tomada, todo esse corpus documental estaria perdido, o que, além de inviabilizar esta pesquisa, seria também um prejuízo ao acesso do acervo documental.

Este fato exemplifica um apagamento da memória da Ditadura Civil Militar, que vem acontecendo gradativamente, pois não há uma preocupação em se construir meios para contar esta história, nem muito menos em revelar esta memória, uma vez que ainda é possível obter informações de muitas das fontes pessoais que vivenciaram este período e que podem servir de base testemunhal sobre este momento de repressão da democracia, assim como aconteceu aqui nesta pesquisa com as missivas de Frei Tito. Quando não se tem o acesso a estas informações, as pesquisas se tornam inviáveis, o que faz com que este momento de tanta importância para a narrativa brasileira caia no esquecimento.

No que concerne a esta pesquisa, o que se pode afirmar é que foi feita a caracterização da memória advinda das missivas de Frei Tito, como recurso informacional acerca do período da Ditadura Civil Militar, com base nas etapas da análise de conteúdo de Bardin (1977), o que permitiu a construção de uma linha temporal das 17 missivas analisadas mediante a sua seleção, reunião, interpretação e categorização.

Além disso, houve ainda a categorização das missivas de acordo com o seu gênero, ou seja, a separação das missivas entre as categorias gerais: “carta”, “texto” e poesia”. De tal maneira a pesquisa trouxe como resultados concretos a categorização das missivas de acordo com o seu teor político, religioso e de luta social, podendo-se evidenciar também a distribuição quantitativa de cada tema analisado, além da subcategorização do gênero “carta”, em “destinatário” e “local”. Dando continuidade aos resultados obtidos, houve o cotejamento

contextualizado entre as missivas e as evidências documentais a partir da revisão de literatura proveniente da tabulação das entrevistas.

A análise de conteúdo, a partir dos dados obtidos e das relações possíveis graças à percepção de que a riqueza da conjuntura se evidenciou com as missivas e as entrevistas, permitiu inferir ainda que o Regime Militar foi um dos momentos de maior sofrimento por parte da população, mas também uma época de muito suor e lutas por amor à pátria. Com base nas missivas, pode-se conhecer uma parte da memória social do Brasil. Além disso, de posse das entrevistas realizadas se pôde ter acesso a inúmeras informações que fundamentaram a contextualização desta pesquisa. Todos os relatos carregados com bastante conhecimento, gratidão e emoção, no que diz respeito à história de vida de Frei Tito.

Pôde-se conhecer muito mais que o período do regime militar ao longo desta pesquisa, visto que se conheceu também a vida e a obra de um dos maiores símbolos da resistência na luta pelos Direitos Humanos na América Latina, quiçá no mundo, que trouxe em suas missivas pavor, traumas, censura e crimes contra a vida, cometidos com o aval do governo brasileiro entre os anos de 1964 e 1985.

Quanto à concretização dos objetivos desta pesquisa, percebe-se que foi possível ressaltar as informações necessárias para a construção de uma unidade de informação documental em âmbito digital, acerca da memória de presos políticos durante a Ditadura Civil Militar no Brasil, constatando-se que isso é uma necessidade para a revelação da memória brasileira, onde não é importante apenas o acesso a esta memória, bem como a sua manutenção em ambientes físicos ou digitais, para que as futuras gerações não sejam obrigadas a terem esta memória apagada.

Foi também possível perceber, por meio da contextualização realizada entre as entrevistas, as missivas e as evidências teóricas, que as missivas de Frei Tito retratam os acontecimentos do Brasil dos militares, quando não somente havia torturas, mas também cerceamento de liberdades, censura e uma conjuntura política desfavorável à condição cidadã. Logo, entende-se as missivas de Frei Tito como fontes de informação que caracterizam a memória da Ditadura Civil Militar e que devem ser disponibilizadas o quanto antes para que todos conheçam quem foi Frei Tito e sobretudo como se deu a luta social por democracia que por ele foi travada durante a Ditadura Civil Militar, porém, o mais importante é fazer com que esta memória não caia no limbo do esquecimento.

Na visão da pesquisadora, muito ainda deve ser feito para conhecer a narrativa da Ditadura Civil Militar, porém não somente conhecer, como também reconhecer que tivemos uma época no Brasil sem liberdades, sem democracia e sem respeito aos direitos humanos básicos. Para que tais situações não sejam apagadas, faz-se necessário revelar estas memórias, denunciar estas histórias, mas principalmente atribuir valor a personagens tão significativos como Frei Tito, um brasileiro comum, humilde, que entregou sua vida à fé e a luta por igualdade entre os homens, que sem ter superpoderes, deve ser considerado um herói do povo. Pelas palavras de sua sobrinha Lúcia, você deve fazer “esta memória, contar esta verdade, já que não tem a justiça”.

Com relação à temática de estudo, pelas palavras da pesquisadora, estudar a memória é algo necessário nos dias de hoje e relacionar os estudos da memória à Ciência da Informação nos faz perceber ainda mais a sua interdisciplinaridade. Rememorar a vida de Frei Tito foi uma experiência muito emocionante, e por que não dizer uma experiência marcante. Impossível deixar de se sensibilizar com as suas missivas e, ao mesmo tempo, de se orgulhar pelo fato de no Brasil ter nascido alguém com uma fé tão inabalável, de coragem e humano, que colocava os ensinamentos de Deus sempre em primeiro plano.

Ainda pelo relato da pesquisadora, é surpreendente saber que no país a tortura foi algo tão cotidiano, ver que havia uma banalização da vida e a supremacia de um ser humano sobre outro, o que nos faz entender quão necessário é que a sociedade brasileira conheça a sua história, entenda a vida de personagens como Frei Tito, que foram tão essenciais na construção do Brasil que temos hoje.

No encerramento desta dissertação, percebe-se que a pesquisadora buscou criar um ‘antídoto ao esquecimento’, ao se debruçar no estudo da Ditadura Civil Militar, salientando as fontes memorialísticas de Frei Tito para alertar a sociedade acerca do apagamento desta memória como dispositivo das forças de opressão. Sua temática é detentora de grande enriquecimento, ao ponto de se almejar que esta venha a ser apenas o primeiro passo para o grande aporte teórico, que tende a viabilizar com a efetivação de publicações de artigos e de uma futura tese de doutorado com a construção de um memorial de ex-presos políticos da Ditadura Civil Militar, tendo em vista que ainda há muito a se estudar sobre a memória da narrativa brasileira. Afinal, pelas palavras de Frei Tito “*se os discípulos se calarem, as próprias pedras clamarão.*”

REFERÊNCIAS

- ACIOLI, Socorro. **Frei Tito**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007. 106p.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARROS, Myriam Moraes Lins de. Memória e Família. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p. 29-42, 1989.
- BETTO, Frei. **Batismo de Sangue**: guerrilha e morte de Carlos Marighella. 14ªed. São Paulo: Rocco, 2006. 416p.
- Bocato VRC. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Revista de Odontologia da Universidade Cidade de São Paulo**, 2006 set-dez; 18(3)265-274.
- BLOG ESQUERDA ONLINE. “**O princípio era a ação**” a trajetória de Carlos Marighella. São Paulo. Disponível em < <http://blog.esquerdaonline.com/?p=5213> > Acesso em 14 jul. 2017.
- BLOG MANIFESTO JEOCAZ LEE-MEDDI. **Marighella**: o inimigo número um da ditadura. São Paulo. Disponível em < <https://jeocaz.wordpress.com/2009/12/02/marighella-o-inimigo-numero-um-da-ditadura/> > Acesso em: 14 jul. 2017.
- BLOG IHU. **Mudanças na ADITAL**: uma boa notícia para nossas/os leitoras/es. Rio Grande do Sul: Instituto Humanitas Unisinos. 2016. Disponível em < <http://unisinos.br/blogs/ihu/dica-de-leitura/mudancas-na-adital-uma-boa-noticia-para-nossasos-leitorases/> > Acesso em 10 maio 2017.
- BORKO, H. Information Science: what is it? **American Documentation**, v.19, n.1, p.3-5, Jan. 1968.
- BUFREM, Leilah Santiago. Configurações da pesquisa em ciência da informação. **DataGramaZero** - Revista de Informação, Rio de Janeiro, v.14 n. 6, dez, 2013.
- BUSH, Vannevar. (1945). **As we may think**. Atlantic Monthly, 176 ,(1),101-108.
- BRIGIDI, Fabiana Hennies. **Fotografia uma fonte de informação**. Porto Alegre: UFRGS, 2009.
- CALGARO, Fernanda. Cadáveres de militantes eram expostos no DOI-Codi como troféu de vitória. **Revista UOL**, 2013. Disponível em < <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2013/05/10/cadaveres-de-militantes->

eram-expostos-no-doi-codi-como-trofeu-de-vitoria-diz-ex-sargento.htm > Acesso em 16 mar 2017

CAMÂRA, Hoffmam. Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. Minas Análise de Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia, 2013, p.179-191. Disponível em: <
http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v6n2/v6n2a03.pdf > Acesso em: 19 maio 2017.

CAMPELLO, Bernadete Santos. Encontros Científicos. In: CAMPELLO, Bernadete Santos; CENDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Marguerite. **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

CAMPELLO, Bernadete Santos; CAMPOS, Carlita Maris. **Fontes de informação especializada**: características e utilização. Belo Horizonte: UFMG, 1988.

CAMPOS, Claudinei José Gomes. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 57, n. 5, p. 611-614, 2004. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/reben/v57n5/a19v57n5.pdf>. Acesso em: 16 out. 2015.

CAPURRO, Rafael; HJORLAND Birger. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan./abr. 2007.

CARRIZO SAINERO, Glória; IRURETA-GOYENA SÁNCHEZ, Pilar; QUINTANA SÁENZ, Eugenio López. **Manual de fuentes de información**. Madrid: Confederación Española de Gremios y Asociaciones de Libreros, 1994.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, Roberto da. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2007.

COUTO, Adolpho João de Paula. **Revolução de 1964**: a versão e o fato. Porto Alegre: Gente do Livro, 1999.

CHIAVENATO, Júlio Jose. **O golpe de 1964 e a Ditadura Militar**. São Paulo: Moderna, 2014. 200p.

CRUZ, Maria do Rosário Lustosa da. **Frei Tito de Alencar**: um cristo brasileiro. Barbalha: Secretaria de Cultura e Turismo. Literatura de Cordel. 2009.

CYBERPOLÍCIA. **Décadas II**: 60 anos de chumbo. [S.l.: s.n.], 2011. Disponível em:
<http://www.cyberpolicia.com.br/index.php/historia/decadas/166-decada-60>. Acesso em: 30 abr. 2017.

DIARIO DO NORDESTE. **A paixão segundo Frei Tito**. Fortaleza, 2004. Disponível em <
http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/caderno-3/a-paixao-segundo-frei-tito-1.6368 > Acesso em 25 jun. 2017.

DIÁLOGOS HISTÓRICOS. **Brasil anos 60 e 70**. [S.l.: s.n.], [201-?]. Disponível em: <<http://dialogoshistoricos.wordpress.com/historia/brasil-anos-60-e-70/>>. Acesso em: 30 nov. 2016.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. [S.l.: s.n.], 2016. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/missiva/>> Acesso em: 20 jun. 2016.

DUARTE-PLON, Leneide; MEIRELES, Clarisse. Um homem torturado: nos passos de Frei Tito. 1. ed. Rio de Janeiro: **Civilização Brasileira**. 2014

EGG, André. **História e música**: os anos 60. Paraná: IFPR, 2011. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/blogs/historia-cultural/historia-e-musica-os-anos-60-minha-palestra-no-ifpr/>>. Acesso em: 20 jan. 2016.

ELIAS P. S. **O entrelaçamento de espaços e tempos sociais no ciberespaço**. julho/2016. [online]. Disponível em: <<http://www.direitodainformatica.com.br/artigos/011.htm>> Acesso em: 20 jul. 2016.

FERREIRA, Aurelio Buarque de Holanda. **Dicionário escolar Aurélio de língua portuguesa**. São Paulo: Positivo, 2009.

FGV CPDOC. **PASSEATA DOS CEM MIL**. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/passeata-dos-cem-mil>> Acesso em 25 jun. 2017.

FOLHA DE SÃO PAULO. **1968**: ato institucional nº 5. São Paulo: Programa de Treinamento em Jornalismo Diário da Folha. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/treinamento/hotsites/ai5/ai5/index.html>>. Acesso 10 jul.2017.

FORTALEZA EM FOTOS. O golpe Militar de 1964 no Ceará. Fortaleza: Tribuna do Ceará. Disponível em: <<http://www.fortalezaemfotos.com.br/2010/11/o-golpe-militar-de-1964-no-ceara.html>>. Acesso em 10 dez. 2017.

FRAISSE, Paul. Psychologie du temps. 2ed. Paris, **Presses universitaires de France**, 1967.

FREI TITO MEMORIAL ON-LINE. Fortaleza: Adital, 2009. Fortaleza: Adital, 2009. Disponível em: <<http://www.adital.com.br/freitito/por/index.html>>. Acesso em: 20 mar. 2015.

FUNDACIÓN SIDAR. **HERA**. [S.l.: s.n.]. Disponível em: <<http://www.sidar.org/hera/index.php>>. Acesso em: 16 abr. 2016.

GALINDO, Marcos. Memória em Sistemas Complexos. In: _____. **Ensaio sobre informação e memória**. Recife: UFPE, 2015.

GASPARI, Elio. **A ditadura envergonhada**: as ilusões armadas. Rio de Janeiro: Intrínseca. 2ed, 2002, 2014. 432p.

GASPARI, Elio. **A ditadura escancarada**: as ilusões armadas. Rio de Janeiro: Intrínseca. 2ed, 2002, 2014. 528p.

_____. **A ditadura derrotada**: o sacerdote e o feiticeiro. Rio de Janeiro: Intrínseca. 2ed, 2003, 2014. 544p.

_____. **A ditadura encurralada**: o sacerdote e o feiticeiro. Rio de Janeiro: Intrínseca. 2ed, 2003, 2014. 528p.

_____. **A ditadura acabada**. Rio de Janeiro: Intrínseca. 1ed, 2016. 428p.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOETH, Johann Wolfgang von. **Uma palavra escrita é semelhante a uma pedra**. 1824. Disponível em < <http://www.citador.pt/frases/uma-palavra-escrita-e-semelhante-a-uma-perola-johann-wolfgang-von-goethe-2026> > Acesso em: 12 maio 2015.

GUINCHAT, Claire; MENOUE, Michel. **Introdução geral às ciências e técnicas de informação e documentação**. Brasília: IBICT, 1994.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro Editora, 2006. 224p.

HIGOUNET, Charles. **História concisa da escrita**. Tradução Marcos Marcionilio. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

JEAN, Georges. La escritura: memoria de la humanidad. Tradução Enrique Sánchez Hormigo. Barcelona: **Ediciones B, S. A.**, 1998.

JORNAL DA TARDE. Congresso de Ibiúna. Brasília: Biblioteca do Senado, 1986.

Disponível em: <

http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/35/browse?order=DESC&rpp=20&sort_by=2&etal=-1&type=dateissued > Acesso em 25 jul. 2017.

JORNAL O FOLHA DE SÃO PAULO. Congresso da UNE: todos presos. São Paulo: Acervo Folha. Disponível em < <http://acervo.folha.uol.com.br/> > Acesso em 25 jul. 2017.

JORNAL DO BRASIL. Governo baixa ato institucional e coloca Congresso em recesso por tempo ilimitado. Rio de Janeiro, sábado, 14 de dezembro de 1968, n. 213, p. 12.

KERDINA PRODUÇÃO. **O governo militar**. [S.l.]: Produção Editorial LTDA. Disponível em < <http://governo-militar.info/ditadura-militar.html> > Acesso em: 10 maio 2017

KLANOVICZ, J6. **Memória, fotografias e algumas versões**: um estudo de caso sobre o papel da memória no Sul do Brasil. Iberoamericana, [Madrid], v. 9, n. 34, p. 7-20, 2009.

LE COADIC, François. **A Ciência da Informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 1996.

LE GOFF, Jacques, **História e memória**. 4. ed. -. São Paulo: UNICAMP, Instituto de Artes, 1996. 553 p.

LOPES, Ilza Leite. Novos paradigmas para a avaliação da qualidade da informação recuperada da Web. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 33, n. 1, p. 81-90, jan./abr. 2004.

LÉVY, Pierre. Um sistema autoregulador. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 12 abr. 1998. Caderno Mais, p. 3.

LIFSCHITZ, Javier Alejandro. La memoria política y sus espectros: el terrorismo de estado en América Latina. España: Editorial Académica Española, 2015.

MAGALHÃES, Mário. **Marighella**: o guerrilheiro que incendiou o mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MANZINI, E. J. Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada. In: MARQUEZINE, M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE, S. (Org.). Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial. Londrina: **Eduel**, 2003b. p.11-25.

MARTINS, Gilberto de Andrade; THEÓPHILO, Carlos Renato. Metodologia da investigação científica para Ciências Sociais Aplicadas. 2. ed. São Paulo: **Atlas**, 2009.

MENEZES, Otávio. Os tormentos de Valéria. Literatura de Cordel. Fortaleza: **Instituto Frei Tito**, 2016.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MORALES, Walter Fernandes. Resenha da obra “A cultura material e arqueologia histórica”. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 43, n. 1, p. 309-313, 2000.

MORAIS, Natanna Santana de. **Vivo se vê, vivo se lê**: a representação indexal de fotografias como ferramenta de preservação da memória coletiva. Fortaleza: UFC, Centro de Humanidades, 2015. 86p [monografia].

MÜLLER, Angélica. **1968**: memória dos atores e seus reflexos. São Paulo: História Oral, v. 10, n. 2, p. 51-64, jul.-dez. 2007.

NIELSEN, Jakob. **Top ten mistakes in web design**. Fremont: Nielsen Norman Group, 2011. Disponível em: <<http://www.useit.com/alertbox/9605.html>> Acesso em: 12 maio 2015.

NIELSEN, Jakob; LORANGER, Hoa. **Usabilidade na web**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

OLIVEIRA, Marlene de. Origens e evolução da Ciência da Informação. In: _____. **Ciência da Informação e Biblioteconomia: novos conteúdos e espaços de atuação**. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

OLIVEIRA, Eliane Braga. **O conceito de memória na Ciência da Informação no Brasil: uma análise da produção científica dos programas de pós-graduação**. Brasília: UNB, 2010, 196f [tese].

OLIVER, Kevin; WILKINSON, Gene; BENNET, Lisa. **Evaluating the quality of internet information sources**. Calgary: University of Georgia, 1997.

ORTEGA y GASSET. **Missão do bibliotecário**. Tradução de Antonio Agenor Briquet de Lemos. Brasília: Briquet de Lemos, 2006. 82 p.

PLASSAT, Xavier. **As próprias pedras gritarão: escritos, ideias e poemas de Frei Tito**. Edição Artesanal. Aragominas, 2014. 104p.

PORTAL ALGO SOBRE. O milagre econômico. [S.l.: s.n.] 2017. Disponível em: < < <https://www.algosobre.com.br/historia/milagre-economico-o.html> > Acesso em 20 maio 2017.

PORTAL MEMÓRIAS DA DITADURA. São Paulo: Instituto Vladimir Herzog. Disponível em < <http://memoriasdaditadura.org.br/index.html> > Acesso em 10 ju. 2017.

PORTAL MEMORIAL DA DEMOCRACIA. São Pulo: Instituto Lula. Disponível em: < <http://memorialdademocracia.com.br/card/diretas-ja> > Acesso em: 10 jan. 2018.

PORTAL VERDADE ABERTA. Relatório Tomo I. São Paulo: Comissão da verdade do estado de São Paulo Rubens Paiva. Disponível em < <http://comissaodaverdade.al.sp.gov.br/relatorio/tomo-i/parte-i-cap2.html> >. Acesso em 14 jul. 2017.

PINHEIRO, Carlos Eduardo. **Memória dos presos políticos no período ditatorial brasileiro**, São Paulo, 2015. [dissertação]

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. **Ciência da Informação: desdobramentos disciplinares, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade**. IBICT, 1997.

_____. Configurações disciplinares e interdisciplinares da Ciência da Informação no ensino e pesquisa. **IBICT**, 1999.

_____. Fontes ou recursos de informação: categorias e evolução conceitual. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, João Pessoa, v. 1, n. 1, p. 1-5, 2006.

PLON-DUARTE, Leneide; MEIRELES, Clarisse. Um homem torturado: nos passos de Frei Tito de Alencar. Rio de Janeiro: **Civilização Brasileira**, 2014. 420p.; 23cm.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, nº 10, 1992, p.200-212.

QUEIROZ, Rita. **A informação escrita**: do manuscrito ao texto virtual. Universidade Estadual de Feira de Santana, 2005.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **Frei Tito**: Cartas de Compaixão. Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar, 2013, 196p.

RATTON, Helvécio; PATARRA, Dani. **Roteiro do filme Batismo de Sangue**. São Paulo: Imprensa Brasil. Coleção Aplauso Cinema Brasil, 2008. 210p.

REVISTA GALILEU. Rio de Janeiro: **Editora O Globo**. Disponível em: <<http://revistagalileu.globo.com> > Acesso em: 14 out. 2016.

RICOUER, Paul. Da memória à reminiscência. In:_____. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas, SP: Unicamp, 2007. p. 25-134.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, [S.l.], ano 1, n. 1, p. 1-15, jul. 2009.

SADER, Emir. **O golpe de 64 e a Ditadura Militar**. Porto Alegre: Carta Maior, 2012. Disponível em: <<http://www.viomundo.com.br/politica/emir-sader-o-golpe-e-a-ditadura-militar.html> >. Acesso em: 30 set. 2015.

SARACEVIC, Tefko. **Interdisciplinarity nature of Information Science**. Ciência da Informação, Brasília, v.24, n.1, p.36-41, 1995.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da informação: origem, evolução e relações. Belo Horizonte: **Perspec. Ci. Inf.**, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996. Disponível em: <<http://ppggoc.eci.ufmg.br/downloads/bibliografia/Saracevic1996.pdf> > Acesso em: 8 jun. 2016.

SANTANA, Miriam Ilza. **Censura no período da Ditadura**. [S.l.]: InfoEscola, 2016. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/historia/censura-no-periodo-da-ditadura/>>. Acesso em: 30 nov. 2016.

SIMÃO, Maria Antonieta Rodrigues; SCHERCHER, Eroni Kern; NEVES, Iara Conceição Bitencourt. **Ativando a biblioteca escolar**. Porto Alegre: Sagra-DC Luzzato, 1993

SPINDOLA, Telma; SANTOS, Rosângela da Silva. Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa(dora?). São Paulo: Ver. Esc. Enferm. USP. 2003, p. 119-126.

SOUSA, Paulo Henrique Martins de. Música. In: _____. **Música e poesia como fontes de informação para a sociedade**. Natal: UFRN, 2008.

SOUZA, Maria da Paixão Neres de. Abordagem inter e transdisciplinar em ciência da informação. In: TOUTAIN, Lidia Maria Batista (Org.). **Para entender a ciência da informação**. Salvador: EDUFBA, 2007a.p. 75-90.

TAVARES, Bruno; Marcelo Godoy. Governo demite filho de símbolo da ditadura. **Jornal O Estadão de São Paulo**, 2010. Disponível em < <http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,governo-demite-filho-de-simbolo-da-ditadura-imp-,560980> > Acesso em: 16 dez. 2016.

TODOROV, Tzvetan. **Los abusos de la memoria**. Buenos Aires: Ediciones Paidós Ibérica, 2000.

TRAVERSO, Enzo. **O passado, modos de usar: história, memória e política**. Lisboa: UNIPOP, 2012.

TEDESCO, Felipe Chagas. **Fontes de informação para a cadeia produtiva da música**. Porto Alegre: UFRGS, 2011.

TOMAEÍL, Maria Inês; ALCARÁ, Adriana Rosecler; SILVA, Terezinha Elizabeth. Critérios para avaliar fontes de informação na internet. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE BIBLIOTECONOMIA “PROF. DR. PAULO TARCÍSIO MAYRINK”, 3., Marília, set. 1999. **Anais...** Marília: Unesp, 1999.

_____. Fontes de informação na Internet. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS DA AMÉRICA LATINA, 11., Florianópolis, 2000. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2000.

_____. **Fontes de Informação na Internet: critérios de qualidade**. In: TOMAEÍL, Maria Inês (Org.). Fontes de informação na internet. Londrina: EDUEL, 2008. p. 3 – 28.

UNIÃO NACIONAL DOS ESTUDANTES. São Paulo. Disponível em: < <http://www.une.org.br/2015/03/ibiuna-guarda-marcas-do-30%C2%BA-congresso-clandestino-da-une-contr-a-ditadura/> >. Acesso 10 jul. 2017

SPINDOLA, Thelma; SANTOS, Rosângela da Silva. Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa (dora?). USP: **Rev Esc Enferm**, 2003; 37(2):119-126.

APÊNDICE A – ROTEIRO PRÉ- ESTABELECIDO DA ENTREVISTA

Missivas da opressão: a memória da Ditadura Civil Militar no estado do Ceará mediada por Frei Tito

1. Como se caracterizaria o momento histórico conhecido por “Ditadura Militar” ou “Ditadura Civil Militar” no Brasil?
2. O que você conhece sobre a atuação de Frei Tito neste período?
3. Você acredita que a memória da Ditadura Militar foi totalmente revelada e está acessível para a população?
4. Como foi o processo da Ditadura Militar no Ceará? Em relação ao comportamento da sociedade e a sua reação ao regime?
5. Quais os resquícios (marcas) da Ditadura Militar que ficaram intrínsecos na conjuntura política atual?

APÊNDICE B – ENTREVISTAS

Lúcia de Alencar Lima

Na manhã do dia 18 de maio de 2017, uma quinta-feira, aproximadamente às dez horas, a pesquisadora encontrou a sobrinha de Frei Tito, Lúcia de Alencar Lima, em Fortaleza, em seu escritório na Coordenadoria Especial de Políticas Públicas em Direitos Humanos do Governo do Estado do Ceará, sendo recebida pela assistente que a guiou à sala onde se deu a entrevista. Inicialmente, a pesquisadora se apresentou, descreveu o caminho que percorrera até chegar à entrevistada e explicou a finalidade da pesquisa, bem como esclareceu não haver problema em ser interrompida no decorrer da entrevista, caso Lúcia sentisse desconforto decorrente de algum tipo de colocação indevida. A pesquisadora, então, ressaltou a significância do depoimento da entrevistada, por se tratar de um familiar próximo a Tito, e percebeu que ela já demonstrava emoção por saber da existência de uma pesquisa que trazia os fatos da vida de seu tio como personagem principal. A partir desse primeiro momento, foi notável a admiração e enaltecimento da pessoa que fora Frei Tito, iniciando-se, então, a entrevista.

Iniciando, Lúcia relatou acerca da criação do memorial Frei Tito:

O memorial foi uma articulação do Instituto (Instituto Frei Tito de Alencar) com o Museu do Ceará. Na época o diretor era o professor Régis Lopes, historiador, cearense e, a partir de uma provocação, era uma semana Paulo Freire, que tinha todos os anos no museu do Ceará durante a gestão dele, então a partir da provocação dele, eu coloquei os poucos objetos que estavam na família à disposição p'ra que se construísse o memorial dele também.

Acerca da construção do memorial, Lúcia ainda disse:

E aí foram quase dois anos de longas conversas, de estudar este material, de ver o que fazer, os poucos recursos como sempre, enfim. E daí nasceu o memorial Frei Tito, [...] o primeiro memorial no Brasil a tratar da questão da Ditadura Militar. A partir do personagem, a partir de Frei Tito, nós fazemos toda uma reflexão sobre a Ditadura Militar. Não sei se você percebeu ali como as coisas estão dispostas, né? É exatamente p'ra também não só falar da vida dele, mas contextualizar a vida, a morte, e a obra dele.

Ainda falando do trabalho de contextualização e disseminação da história de vida de Tito, desempenhado pela criação do Instituto com as ações que rememoram o seu nome, Lúcia, discorreu:

O Instituto hoje funciona na Antônio Sales. Hoje as nossas ações são mais ações [filantrópicas] que não são nestes estilos aí, é esta fala, aqui, agora nossa, são as idas às escolas, que a gente tem feito muito este trabalho junto às escolas, então nosso trabalho neste momento é este daí, e eu acho que é este trabalho de base mesmo, é o que tem que ser feito, o de divulgação.

Esse trabalho de reconstrução recorre aos dois tipos de memória, conforme a compreensão de Halbwachs, a autobiográfica e a histórica, pois toda história de vida faz parte da história em geral, bem mais ampla, mas alimentada pela memória de vida, que apresenta continuidade e densidade. (2006, p. 55). Ao ser perguntada se existe algum apoio governamental para essas atividades, ela respondeu:

Não, não, o Instituto se mantém por meio da ajuda de amigos e algumas pessoas da família.

Quando questionada se a coleção envolve objetos pessoais, referiu-se aos

objetos que a família foi guardando ao longo do tempo, que são poucos objetos, porque na verdade ele era um frei, uma vida muito despojada não tem nada, e o pouco que se tem... por exemplo, no memorial nós tínhamos os óculos dele, e os óculos foram roubados, um descaso com a coisa pública, o prédio público. Então é isso, temos as publicações, aqui no Ceará tem as publicações, a da Socorro e agora a do Museu do Ceará, que é uma coleçãozinha, um projeto editorial do museu, que praticamente não existe mais, mas foram publicados mais de 70 volumes e um dos primeiros volumes foi **Frei Tito em nome da memória**.

Lúcia continua sua narração, falando das lutas que envolvem o nome de Frei Tito:

Hoje, é uma luta também do Instituto, a questão do tombamento da casa dele, porque o nosso desejo e a luta, é que a casa dele se transforme em um Centro de Memória Coletiva Frei Tito de Alencar. Não só p'ra falar desta memória dele, mas da memória do Movimento dos Direitos Humanos no Ceará, que nós ainda não temos nada disso, enfim, então, nós trabalhamos este processo de tombamento com

agendas, todo ano a gente faz um trabalho, lá no dia da morte dele, no sentido de sensibilizar.

Ao ser questionada se tais atividades aconteciam com a ajuda do IPHAN, Lúcia disse:

Não, a sociedade civil mesmo, chamam movimentos. Ano passado, inclusive foi uma ação, aqui da Coordenadoria, por conta que a Coordenadoria criou através de decreto um **GT de Memória e Verdade**, aqui no Ceará. Então tem esta questão do memorial, tem estes livros, e é basicamente, aí são escolas que você tem em Fortaleza com o nome dele, são casas paroquiais que tem o nome dele, o Movimento Sem Terra também sempre usa, o que eu acho muito lindo isso daí, muito significativo, então são estes movimentos. O Centro Acadêmico de História da UFC é Frei Tito de Alencar, que ele vive, Frei Tito Vive. Você veja, aqui no Ceará você tem o escritório de Direitos Humanos Frei Tito de Alencar, que é o escritório ligado a Assembleia Legislativa, onde atende especialmente casos, questões fundiárias e é muito interessante porque quando tão nestas ocupações e tudo mais, o pessoal do escritório que está chegando, diz assim: “Lá vem Frei Tito”, então quer dizer, **ele vive, de todas as formas ele vive. Existe este problema da memória, mas o problema da memória no Brasil é seríssimo, não é um mérito da memória de Frei Tito.**

Com relação à memória de Frei Tito presente em ambiente virtual, em decorrência de sua atuação no período da Ditadura Civil Militar, Lúcia interrompeu a sua fala durante o momento em que narrava acerca das ações impulsionadas pela família e amigos que rememoravam a trajetória de Tito e ressaltou:

A memória presente na internet era através do memorial da ADITAL. O Instituto também tinha um *site*, mas nós tiramos também do ar. Nós estamos pensando em fazer uma página do *Facebook*, pelo menos para as pessoas acharem, porque a gente saiu totalmente de circulação, mas vamos voltar com uma página no *Facebook*.

Neste momento, Lúcia foi informada acerca de uma das questões que envolvem esta pesquisa, isto é, “por que não criar uma biblioteca digital contendo todas as informações, todo este material referente a temática da vida e obra de Frei Tito?” Lúcia respondeu:

É, era este o nosso projeto, inclusive tinha neste projeto a “Sala Escura da Tortura”, que é uma exposição construída pelo Coletivo Antifascista, em Paris, na década de 70. Ainda hoje, estes quatro

artistas vivem, estão pela Europa. E a sala escura da tortura foi construída, a partir dos depoimentos deles das torturas. Então, durante uns seis anos, o Instituto trabalhou com esta exposição, que era exatamente esta questão da memória, que nós resolvemos contar esta história, pois esta história precisa ser contada. Porque ficou aquele desconforto entre ele ser ‘rechaçado’ pela direita e ser ‘rechaçado’ pela esquerda, porque ficou aquela percha na época de que Marighella foi morto por conta dos dominicanos. Isto não existe!

A resposta anterior de Lúcia denota a preocupação que a família de Frei Tito tem em fazer com que a sua memória seja revelada. Toda esta movimentação que é realizada, hoje pela família, carrega a intenção de fazer com que o nome de Frei Tito não caia no esquecimento e nem muito menos que a Ditadura Civil Militar seja um capítulo apagado da memória nacional. Para tanto, se justifica a criação de uma unidade de informação digital, contendo outras inúmeras fontes de informação acerca da vida e obra de Frei Tito, como suas cartas, textos, poesias, entrevistas e fotos, assim como Lúcia disse, “a intenção é fazer com que todos saibam quem foi Frei Tito”.

Lúcia conta acerca da luta dos dominicanos que apoiavam Carlos Marighella:

Os dominicanos apoiados, quer dizer, não os dominicanos, mas assim membros da ordem apoiaram o Carlos Marighella lá no Iêmen, mas não foi, a história não foi esta, tanto que hoje está aí para ser contada, você tem documentos hoje que foram revelados. Então, durante um tempo nós andamos com esta exposição no sentido, exatamente de contar esta história, fazer esta reflexão, isto foi um jogo da direita, a direita queria dar este papel, que eles não se transformassem em mártires. E neste sentido nós passamos uns seis anos ou mais, andando com esta exposição, fomos a Brasília, São Paulo, a Vitória, a Niterói, a Petrópolis.

Assim, ela continua a sua fala relatando acerca das ações que são feitas nos dias de hoje à revelia dos militares:

Abrimos, inclusive no Palácio Rio Negro em Petrópolis, e foi uma coisa muito interessante que aconteceu, que no dia da abertura da exposição, o comando do Exército, que funciona em Petrópolis, pediu para que eles pudessem ter acesso a exposição, antes que de ser aberta ao público, isto em 2011 ou 2012. Mas também a questão de abrir a exposição lá, é porque a gente sabe que Petrópolis serviu também de certa forma como cérebro da Ditadura, porque o palácio

Rio Negro era casa de campo do exército, servia ao exército. Foi em Petrópolis também que foi criada a casa da morte, uma casa bárbara que só sobrou uma pessoa que foi a Inês Etienne, que morreu agora este ano. Enfim, então nós precisávamos contar isto, falar desta história em Petrópolis, porque é muito difícil para a população local falar isso, então é bom quando chega alguém de fora e trata da questão. Inclusive no dia da abertura da exposição também foi o dia do lançamento de um abaixo assinado para que a casa da morte fosse tombada e se transformasse em um espaço de memória.

Ao ser questionada acerca do modo pelo qual é disseminada a memória de Tito nos dias atuais, Lúcia relatou:

Hoje, na internet a disseminação da memória de Tito é feita apenas pelas *fanpages* no *Facebook*, com informações do movimento, porque o repositório não se tem mais, se perdeu já que a ADITAL não conseguiu se manter ativa, o Instituto também não tem mais, confesso! Nós continuamos trabalhando, não paramos não, a gente só não está na mídia, existe um interesse do Instituto em construir um repositório, nós retomamos o trabalho de formiguinha.

Continuando, Lúcia ressaltou a importância do acesso a estas informações relacionadas à vida e à obra de Tito, nos dias de hoje, por ele ser símbolo de luta social e representatividade da resistência durante a Ditadura Civil Militar:

Nós estamos vivendo um golpe, que tem dia para começar, mas a gente não sabe o dia que vai terminar. Então, nós vamos retomar a disseminação desta memória na internet, inclusive é um compromisso, porque existe até uma exigência muito grande, exatamente das pessoas, quando eu vou às escolas, dos estudantes. Porque, agora, a gente tem trabalhado muito nesta área do Ensino Médio, pois é uma faixa etária que não viveu a Ditadura e não tem conhecimento da Ditadura. No meio acadêmico, tudo bem, pode não ter vivido este momento, mas o acesso a esta informação é maior, então a gente tem este déficit com o Ensino Médio, então você tem que prepara-lo para isso. Hoje em dia, o nosso trabalho é muito neste sentido, a gente reúne alguns amigos que foram presos políticos e vamos às escolas, às universidades também, mas especialmente às escolas.

Assim, ao ser indagada acerca da vivência de Tito no período da Ditadura Civil Militar, Lúcia continuou a narrar, bastante emocionada:

A gente percebe um interesse da juventude em Tito, porque ele era um estudante, então o legal que eu acho de Frei Tito é porque ele era uma pessoa comum, ele não era aquele cara que tava lá, não, ele era como eu, como você e que tinha amigos, e que era um jovem e que tinha ideais e que lutou por estes ideais e lutou até as últimas consequências, então isso você se identifica muito, a juventude se identifica demais, é um exemplo!

Voltando a falar acerca das atividades desempenhadas hoje, no estado do Ceará, para contar a história da Ditadura Civil Militar, Lúcia relatou:

Eu estou aqui na Coordenadoria de Direitos Humanos, e vim também avançar um pouco esta luta, vamos dizer não esta luta, mas este aspecto da educação para os direitos humanos que existe no Ceará, é uma forma de levar esta memória, na frente dos bastidores, quero que ela seja instituída, enquanto uma matéria mesmo, p'ra uso em sala de aula. Então, eu aceitei este convite p'ra isso, aqui. Eu faço a articulação de educação em direitos humanos, vim p'ra cá praticamente p'ra cuidar do Comitê Estadual de Educação em Direitos Humanos, em construir o Plano Estadual de Educação em Direitos Humanos e p'ra cuidar deste **eixo Memória e Verdade**. Então, eu fui chamada p'ra fazer esta política pública. Nós já criamos o GT Memória e Verdade, que é um decreto do governador, este GT é formado por secretarias, Secretaria de Cultura, Secretaria de Justiça e Secretaria de Educação, e aqui a Coordenadoria e também tem a sociedade civil.

Lúcia continua seu discurso sobre o GT-Memória e Verdade:

Nós abrimos vaga p'ra sociedade civil e aí na sociedade civil veio o Comitê Memória, Verdade e Justiça do Ceará, que é um movimento, nós abrimos não só p'ras instituições oficiais, mas para movimentos também. Então, houve a inscrição do Comitê, Memória, Verdade e Justiça, houve também o Grêmio do Colégio Liceu do Ceará, o Instituto Latino Americano de Estudos Sobre Política e Democracia e o CEBRAPAZ. Então, estas quatro instituições entraram, já aconteceu a primeira reunião, que já conta com uma série de ações, inclusive o tombamento da casa de Frei Tito.

A fim de ilustrar sua fala, quanto ao Grêmio do Colégio Liceu do Ceará, Lúcia ainda acrescentou que:

Nesta gestão agora deles, a gente começou a dar algumas orientações sobre memória, sobre o que se dizia: olha em tal lugar no colégio funcionava isso! Então, esta semana eles foram visitar a sala que era

a antiga sala do grêmio, que ficava embaixo das escadas, então assim, acharam um acervo, um negócio maravilhoso. As atas do grêmio! Então, certamente nestas atas do grêmio existe algum registro sobre Frei Tito, porque ele foi do grêmio, ele criou uma cooperativa de estudantes dentro do grêmio. Eu tô louca p'ra pegar estes documentos também, A gente tá fazendo uma parceria com o arquivo público, que eu acho que aí a gente vai ter mais um acervo com este material.

Ao ser questionada quanto à existência, ao acesso e à guarda do acervo físico das missivas, composto por cartas, textos e poesias de Frei Tito, escritas no período de sua prisão e exílio (1970 -1974), além de seus objetos pessoais, como a escrivadinha e seu diário, Lúcia mencionou:

Nós temos as missivas. Elas, hoje estão com o Instituto, as cartas. Estão guardadas, porque você sabe que as instituições, as ONG's, que nós não somos ONG's, somos associação, que é ONG também, enfim, nós temos dificuldades financeiras enormes. Até hoje, o Instituto funciona onde eu moro, sempre a sede do Instituto é onde a gente mora, a gente sempre reserva uma sala, um ambiente, e como a casa da gente sempre foi uma mistura de tudo mesmo. Então, assim, a gente guarda, mas não estão comigo, elas estão guardadas em um lugar mais seguro e de melhor tratamento p'ra elas também, porque elas precisam de um tratamento, e a gente não pode guardar de qualquer jeito, então nós temos estas cartas, as originais. Nós tivemos o cuidado, de deixar em um lugar que tivesse estas formas de guardar documentos.

Ao ser ressaltado pela pesquisadora que tais missivas são obras raras, logo necessitam de medidas específicas de acondicionamento, foi indagado a Lúcia se, em algum momento, existiu algum interesse da Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel em ceder um espaço de salvaguarda para o acervo de missivas de Frei Tito, em seu setor de “Obras Raras”, como aconteceu com as obras raras da escritora cearense Rachel de Queiroz, Lúcia respondeu:

Nós nunca conversamos nada sobre isso não. Na verdade, quanto mais publicizar melhor, eu acho assim, que Frei Tito não pertence à família, até mesmo porque ele não fez a opção pela família, ele fez a opção pela luta do povo brasileiro, então assim, eu acho que ele não é da família, ele é do povo brasileiro, por esta luta pela democracia! Elas não são de acesso [as missivas], nós apenas guardamos em um local para no futuro disponibilizar. Porque a gente começou a ficar, porque são tão poucas coisas que a gente tem, e aí se você não colocar

em um lugar realmente que vá se ter um cuidado, você corre o risco de perder o pouco que se tem, como aconteceu com os óculos.

Neste momento da entrevista, Lúcia contou sobre um episódio revoltante acerca da luta pela rememoração da história do Frei Tito:

Você tem uns óculos, que é super significativo, foram os óculos que acharam debaixo da árvore quando ele se suicidou, você tá entendendo? Então assim, foram os óculos que viveram com ele todo o tormento, eu sei que é um objeto, mas são as poucas coisas que a gente tem, de uma riqueza enorme, a partir destes óculos você pode falar tantas coisas...E aí, roubam os óculos! Então, e é dentro de um prédio público, você tá entendendo? Os óculos estavam expostos lá no Memorial, e foi retirado de lá. Naturalmente, com certeza, o lugar destes documentos é num lugar público, quanto mais público melhor, ele tem que ser publicizado, mas a gente tem que ter o cuidado de saber qual é este lugar. Por enquanto, tá lá no Memorial, o pouco que se tem, a gente deixou lá: livros, o diário dele, aquelas fotos. Então, estão lá, acho que tem que ficar lá, o Memorial tem que ficar lá. O Memorial não tem que sair de lá. Ah! Porque a família quer p'ra fazer o seu memorial, não, tem que nascer outros memoriais. Este Memorial tem que ficar lá, porque ele cumpre um papel importantíssimo, o Museu do Ceará tem uma visita muito alta, um dos equipamentos do estado, que talvez, seja o mais visitado, são mais de quatro mil alunos por mês e todos passam pelo Memorial. Então, o Memorial hoje funciona no Museu do Ceará, no Instituto não tem nada, só tem caixas de livros, porque nós temos um projeto editorial também, temos algumas coisas sobre esta questão de mortos e desaparecidos, um bom acervo sobre anistia, assim temos uma biblioteca legal.

No que concerne a construção do Memorial Virtual Frei Tito pela Agência de Informação Frei Tito para América Latina (ADITAL), Lúcia narrou que:

Quando aquele memorial da ADITAL foi construído, o padre Hermano Allegri, era quem dirigia a ADITAL. Nós nos sentamos com a jornalista, que foi fazer todo este trabalho, que já vinha trabalhando com a gente também no outro projeto, que foi a Sala Escura da Tortura, que nós produzimos um livro, o livro “Sala Escura da Tortura”. Este livro está esgotado, existem poucos exemplares, pois foi uma edição bem cara. Você sabe, que, não, tudo bem, por isso que a gente editou o livro durante algum tempo, o Instituto. Porque este tema, ele é um tema muito difícil, ele não é uma coisa

agradável, simpática, porque você acha que até hoje, não houve nenhuma Comissão da Verdade no Ceará? Exceto a dos jornalistas da UFC, que tá tudo lá guardadinho dentro de seus armários, porque será? Entende? Então assim, é difícil, no Ceará é muito difícil, você tratar esta questão, porque existe uma direita muito forte, sempre existiu. Não sei se você sabe, mas quando houve o golpe de 1964, Jango, um dos lugares que ele não ganharia no Brasil, era aqui no Ceará. Pesquisas feitas, não sou eu quem está falando, são documentos da época, pesquisas publicadas, enfim.

Para fundamentar a fala de Lúcia, acerca da predominância da direita no Ceará, a revista *Fortaleza*³⁰, em seu quarto fascículo, pelas palavras de Garcia (2010) relata que, na década de 1960, Virgílio Távora era quem detinha o título de governador do estado. Entre suas relações políticas, se destaca a proximidade com o governo do presidente João Goulart, já que precisava das verbas federais e do apoio técnico para a modernização do estado, mesmo se mostrando contrário ao posicionamento do reformismo de Jango.

Dando continuidade à entrevista, ao ser questionada acerca do interesse da igreja católica em disseminar a memória da luta de Frei Tito, Lúcia disse:

Isto existe sempre por meio dos dominicanos e pela Teologia da Libertação, então nos movimentos sociais, nos acampamentos, nos encontros **existe sempre este interesse em transformar ele numa memória viva**. Mas, a igreja não mudou muito não, mudou o papa! No mais da igreja, ela continua extremamente reacionária.³¹

Neste momento, a pesquisadora perguntou a Lúcia, se estando na condição de alguém tão próximo a um personagem que viveu um momento histórico marcante na construção da política brasileira, como membro de sua família, sendo sua sobrinha, Lúcia acreditava que a memória da luta de Frei Tito, nos dias atuais, era uma memória acessível, e seu nome reconhecido como símbolo da resistência por direitos humanos na Ditadura Civil Militar.

³⁰ Disponível em: < <http://www.fortalezaemfotos.com.br/2010/11/o-golpe-militar-de-1964-no-ceara.html> >. Acesso em 10 dez. 2017.

³¹ Os conservadores reagiam contra o que chamavam de articulações comunistas no Ceará. A ala conservadora da igreja Católica local fazia intensa pregação anticomunista, e acenava para as forças armadas na defesa da ordem pública, do regime e da pátria. Disponível em: < <http://www.fortalezaemfotos.com.br/2010/11/o-golpe-militar-de-1964-no-ceara.html> >. Acesso em 10 dez. 2017.

Não, não. Acho que ainda falta muito a se falar de Frei Tito. Ainda é preciso fazer filmes, mais livros. Porque você vê o “Batismo de Sangue”, mas não é a história de Frei Tito, aliás se você tirar o personagem Frei Tito deste filme, o que é que fica? Ele impulsionou o filme, mas ali não é a história dele, é a história do livro.

Lúcia ainda acrescentou acerca da necessidade de mais estudos com a temática da Ditadura Civil Militar, de uma maior disseminação desta memória, ressaltando o envolvimento de personagens cearenses na luta contra o regime militar:

Um dos nossos trabalhos do GT – Memória e Verdade é exatamente fazer a cartografia da memória do Ceará, **é você fazer esta memória, contar esta verdade, já que não tem a justiça.** Então, nós temos, por exemplo, em uma das nossas ações do GT – Memória e Verdade a construção desta cartografia, porque Fortaleza foi efervescente durante a Ditadura. Você tinha vários bairros aqui que tinham ações que enfrentaram a Ditadura Militar. Você tinha ações dos estudantes, você tem muitos acontecimentos interessantíssimos na época da Ditadura, que a juventude foi protagonista e você não encontra isso, você quer pesquisar, vai aqui e vai acolá e não acha isso, porque não existe um local, um acervo p’ra isso. Ainda tem muito a ser feito, esta memória dele vive nos movimentos sociais, **os movimentos sociais são os guardiões da memória de Frei Tito, são eles que fazem Frei Tito estar vivo.**

No que diz respeito ao acervo físico, com as missivas e fotografias de Frei Tito, foi questionado a Lúcia se houve algum tipo de tratamento deste material para fins de organização documental durante o processo de construção do Memorial Virtual Frei Tito. Então Lúcia respondeu:

Não tem e nem teve um tratamento deste material, nós começamos esta catalogação exatamente por conta do *site*, mas aí começaram a acontecer coisas maiores e você vai tendo que parar, porque este negócio de você trabalhar com projetos demanda muito tempo e nós somos poucos, o Instituto não tem “o presidente”, “o secretário”, “o tesoureiro”, praticamente quem está à frente do Instituto hoje, sou eu, o professor Valter Pinheiro e Régis Lopes, que nos apoia com palestras, o resto praticamente, quem toca sou eu e Valter, os tios estão bem velhinhos e nós não temos o interesse de ser “aquela instituição”, nosso interesse é fazer o trabalho de base mesmo. Eu tenho um material vastíssimo, que é exatamente o que eu quero retomar p’ra colocar isso em acesso, está tudo guardadinho. Temos todo o material dele também do Arquivo Nacional, em Brasília, nós

pegamos todos os interrogatórios dele, todas as perseguições. Embora, também, assim muito ‘furado’, é porque na Ditadura, por exemplo, a milícia ia fazer uma ação, aí este mesmo documento ia p’ra todos os outros órgãos, o braço da milícia bandida do DOI-CODI chegava até lá, enfim, então são muito repetitivos, mas tem muita coisa. O acesso a este material a gente quer fazer por esta mídia, a *internet*, por que é ela quem fala hoje, principalmente neste sentido de propagar, ela é mais rápida.

Quanto à vivência de Frei Tito, Lúcia emocionada, relembrou o pouco tempo que seu tio tivera de vida e contou um pouco mais acerca da formação do acervo com suas obras, assim:

o acervo é pequeno mas tem um valor simbólico muito grande, começam a aparecer fotos novas dele, sempre, as pessoas que mandam, porque eram poucas coisas dele, a máquina de datilografia nós temos e está no museu. Na verdade, assim, ele viveu 28 anos, isto é meteórico, é você pegar um estudante e você não tem um acúmulo de coisas quando você é estudante, tem livros, muito papel. Então, assim, ele sofreu aquelas torturas loucas muito novo, ali já foi a destruição dele, porque a gente sabe que a tortura é um negócio muito sério, **a tortura ela não tem a intenção de alcançar o teu corpo, a intenção é a tua alma, você vai se tornar um refém, mas é a tua alma e não o teu corpo.**

Lúcia ainda deu continuidade à sua fala, discorrendo acerca da criação do projeto Centro de Memória Coletiva Frei Tito de Alencar, a partir da idealização do tombamento da casa onde morou Frei Tito, em Fortaleza:

A história da casa foi assim: lá tem um grafite com o rosto dele na entrada, a casa não era da família, a casa era alugada e aí a casa passou a ser ocupada por outras pessoas, até que um senhor, dono de umas pousadas, comprou a casa e aí ele começou a destruir a casa por dentro, porque ele queria fazer uma pousada de uma rua a outra, então ele deixou a fachada, ele foi muito esperto! É, porque a gente já vinha fazendo ação de tombamento na porta e tudo mais. E aí foi quando nós corremos e pedimos a vários políticos, mas quem nos atendeu de imediato foi o João Alfredo, que na época era vereador e a Luiziane Lins, que era prefeita, então agora está o trâmite, entrou com o pedido de tombamento e a construção parou, não pode vender e nem derrubar a casa, a prefeitura tem que comprar a casa, tombar. A Luiziane, inclusive, deu recursos neste sentido. O projeto da casa era ser o Centro de Memória Coletiva Frei Tito de Alencar e nesta casa a gente abrigar outras instituições da área de direitos humanos, que a gente sabe que não tem condições de sobrevivência, não que

nós temos mais do que os outros, mas a gente pode administrar isso aí no coletivo, é possível, funciona em todo canto na Argentina. A Luiziane deu uma verba do gabinete dela, já no seu mandato de deputada federal, para a compra dos equipamentos, e por enquanto isso vai funcionar no Museu do Ceará, já que lá tem o Memorial, até definir esta questão da casa. Este negócio de dizer que não tem acervo no Ceará, no Ceará tem acervo sim, eles só não são tratados com a devida condição que eram p'ra ser tratados, são abandonados.

Quando questionada se existem ações no Ceará que buscam o não apagamento da memória de personagens que vivenciaram a Ditadura Civil Militar, Lúcia afirmou:

O Ceará tem a mania de literalmente ‘rebolar as coisas no mato’ e um problema com o passado que eu nunca vi, parece que tudo que lembra o passado, é uma coisa de fome, de tristeza, de desgraça, de seca, só quer lembrar, a partir de Fortaleza. Então, tem que lembrar antes que isso acabe, antes que estes documentos acabem, antes que as pessoas que viveram isso não possam mais dar os seus relatos. Por exemplo, foi neste sentido, que nós fizemos quatro filmes, que é uma série **Memória e Verdade**, uma trilogia que nós idealizamos, é um roteiro nosso, fizemos uma parceria com a TV CE, levamos esta proposta de fazer uma trilogia sobre a Ditadura Militar no Ceará, no sentido de como que ela sobreviveu? Então, nós pegamos três aspectos: “o preso político” (eu fui preso político), “a família deste preso” e os “amigos deste preso”. Nós concluímos “os presos”, pegamos o depoimento de quatro presos políticos, três mulheres e um homem e estamos concluindo “os filhos” que é “um beijo na família e nas crianças”, nesta série que a gente trata dos filhos. Em agosto, a gente lança “os amigos” que é “o do lado esquerdo do peito”. **As pessoas só sobreviveram na ditadura por conta da família e dos amigos.**

Voltando a questão da disponibilização do acervo físico de Frei Tito para o acesso da população, Lúcia ressaltou o interesse da família em disseminar esta memória, que ainda não se encontra revelada:

o interesse de publicizar ao máximo este acervo existe sim, por exemplo, pequenas coisas, muito do que a gente tinha tá lá no museu, a bíblia, a máquina, o rosário, os poucos livros da biblioteca dele, então estão lá, até a certidão de nascimento original. A gente sabe que este pouco que se tem, você pode fazer um grande acervo. Nós temos, por exemplo, uma carteirinha de endereço dele, quando ele esteve em Paris, que é muito interessante, porque são os contatos dele em Paris, dos amigos que ele procurava, das casas que ele frequentava, então tem o endereço do Paulo Freire, o endereço da

Violeta Arraes, que eram casas que ele tinha contado em Paris. Então são coisinhas que fazem parte deste acervo.

Ainda falando sobre a vida e obra de Frei Tito, Lúcia alertou para o envolvimento político e social de sua família, desde os tempos de seus avós, até os dias atuais, como algo que é passado de geração em geração:

o irmão mais velho dele, meu pai, o João, foi quem fez a cabeça desta turma. O papai foi da Juventude Comunista, então foi através do papai que os mais novos tiveram contato com esta literatura, mais de esquerda. A família sempre esteve envolvida na luta. Frei Tito foi o único. Mas de geração em geração sempre aparece lutadores, bravios. Na nossa família não foi só o Tito que foi perseguido, tenho outro tio que é irmão do Tito, que também foi perseguido. Quando em 1962 ele foi fazer um curso na União Soviética, na escola de Economia de lá, uma bolsa de estudos que ele recebeu, foi um concurso, ele passou, ele foi com tudo pago e quando ele chegou lá deu o golpe. Então ficou difícil ele voltar para o Brasil, mas mesmo assim ele voltou, voltou por outras cidades até chegar em Fortaleza. Aí começou a perseguição, ele era funcionário do Banco do Nordeste, concursado, tinha passado em ótima colocação, aí ele não pode mais trabalhar, ele fez concurso p'ra Petrobrás em primeiro lugar e não pode entrar, ele fez vários concursos e sempre tirando boas notas, mas não podia entrar. Ele ficou sem trabalhar, quem deu emprego a ele aqui em Fortaleza foi Elano de Paula, que tinha um banco, enfim, mas a polícia federal ia lá e mandava ele sair. Aí ele fazia o trabalho em casa, ou entrava pelos fundos, e não podia trabalhar, mesmo sendo um profissional qualificado, por causa da censura.

Ao mencionar a perseguição sofrida por sua família, Lúcia também lembrou de outros parentes e amigos, além de Frei Tito que também foram vítimas da opressão e da tortura no regime militar, salientando que:

meu pai também sofreu perseguição, durante o golpe teve que se ausentar, passar um tempo fora de casa. A nossa casa sempre foi frequentada pelos amigos dele, comunistas. Inclusive, eu lembro sempre do Pedro Jerônimo de Sousa, que morou ali na Parquelândia, era do Partido Comunista, ele foi sequestrado em um ônibus, indo para o trabalho depois do almoço, ele foi preso e com menos de dois dias ele se suicidou. Seu Pedro era um homem quase da altura desta porta, não tinha condições dele se suicidar, precisava de um local mais alto para ele se jogar e se enforcar. No caso de Tito não temos como saber, o certo, isso hoje a gente já sabe, é que enquanto ele em Paris que ele dizia que viu o Fleury, que as pessoas diziam que ele

estava louco, ele não estava louco! Fleury estava lá, Fleury esteve várias vezes em Paris. Existia um tratado entre o governo francês e o governo brasileiro do governo francês passar informação de todos os seus exilados.

Neste momento de sua fala, Lúcia mostra-se bastante emocionada, por relembrar o sofrimento de Tito, continuando:

E hoje nós sabemos que aqueles lugares onde ele viu o Fleury, realmente ele estava ali! Aquela esquina onde ele disse ter visto o cara, realmente ele passou naquela esquina! Mas é como ele falou “é melhor morrer do que perder a vida!” Eu realmente não me sinto muito apropriada p’ra falar destas questões não, mesmo porque de uma forma ou de outra, ele foi morto, p’ra mim ou simularam este suicídio ou ele se suicidou, mas sobretudo ele foi morto pela Ditadura Militar brasileira, que deixou um homem em frangalhos. E como ele na época também tem a Maria Auxiliadora Lara Barcelos, ela também se suicidou, só que na Colômbia, ela se jogou debaixo de um trem e ela também já estava chegando ao seu limite, ela dizia que “não suportava mais os dias de Sodoma” dela, porque as torturas dela foram muito pesadas, como as dele, na verdade todas as torturas foram muito pesadas. Você passar por sevícias, ser exposto, é um negócio muito doloroso.

Dando prosseguimento à entrevista, Lúcia discorreu sobre a trajetória de Tito no exílio, falando abertamente da saudade que Frei Tito nutria por sua pátria:

Na verdade, ele não queria ir, ele foi porque foi uma opção do coletivo, que eu particularmente acho que não tinha nada a ver, mas ele era muito fervoroso do centralismo democrático, então fazer o que? Mas aquilo foi uma ruptura muito grande p’ra ele, ele sentia falta do país, da família dos amigos, do cheiro, da cor. Quando ele chegou na Europa, saindo do Chile, ainda foi muito atormentado... ele saiu do Chile quando o desenho começou a ser mostrado de que ali não tinha condições dele ficar, porque a direita estava avançando também, que era ilusão achar que tinha feito a revolução. Aí ele chegou na Itália, é outro baque não ser aceito naquela escola. Aí foi pra França, na França ele ‘deu uma respirada’, porque ele passou a ser muito procurado p’ra entrevistas, então ele se sentiu útil, mas a vida do exilado é uma coisa muito severa, você não tem uma pátria, tem a pátria dos outros. **P’ra família e p’ra quem o conheceu ficou a saudade, e p’ra’ quem não o conheceu ficou a curiosidade.** O corpo dele demorou cerca de oito anos para chegar ao Brasil, ele morreu em 1974 e só chegou ao Brasil em 1983, foi a Ordem dos Dominicanos que o trouxe p’ra cá. Seu túmulo hoje é o mais visitado

no Cemitério São João Batista e por conta disso ele se tornou o patrono das almas, p'ra igreja ele é um mártir e p'ra gente um herói.

Pela análise da entrevista da Lúcia se ressaltam três importantes aspectos, sendo eles:

1. A necessidade da criação de ações interventivas na sociedade, como a instituição do ensino da temática “Ditadura Civil Militar brasileira”, na condição de disciplina obrigatória, fazendo com que todas as gerações conheçam desde a base o que representou este momento na história do Brasil.
2. O vínculo social da memória de Frei Tito, ao fazer com que sua memória individual se torne uma memória social, como define Lifschitz (2015) ao afirmar que a memória social se constitui, a partir das experiências vividas por grupos sociais e se articula com a sociedade civil. Ao escrever suas cartas, textos e poesias, Frei Tito registrou acontecimentos da sociedade brasileira no regime militar, documentando além do seu sofrimento, o contexto histórico do país, logo a sua memória individual se constituiu como sendo uma memória social.
3. O direito ao não apagamento da memória a todos os cidadãos brasileiros, a partir da, como chama Thiesen (2014) “documentação da ditadura”, pois a existência das missivas de Frei Tito, além dos testemunhos coletados servem de base para atestar a existência desta memória social, tão importante para o conhecimento da construção histórica do país e que não deve cair no esquecimento

A análise dos principais momentos da entrevista permite a reafirmação de que a memória e o trabalho dos profissionais que organizam seus registros articulam-se, como argumenta Ricouer (2007), ao afirmar que a memória é inerente ao próprio reconhecimento do homem diante da história, como resultado do dinâmico processo de memória com aqueles que têm a informação como seu insumo de trabalho, isto é, os profissionais da informação.

Outra questão que sobressai da entrevista da Lúcia é o interesse que a família de Tito possui em disseminar a sua memória, o incentivo dado à discussão social da sua história. Como Lúcia disse “Frei Tito não pertence à família, pertence a luta social brasileira”, logo

se percebe a busca por disseminar esta memória, seja em meio acadêmico, em meio político, com ações interventivas nas ruas, nas escolas, a família sempre esteve motivada a fazer com que a memória de Frei Tito fosse revelada.

Cleyton Monte

Na tarde do dia 18 de maio de 2017, aproximadamente por volta das 17h00, na sala do Laboratório de Estudos sobre Política, Eleições e Mídia do curso de História (LEPEM) da Universidade Federal do Ceará, o professor Cleyton (VER ANEXO K) recebeu a pesquisadora, entusiasmado com a proposta da entrevista. Assim, a pesquisadora deu início a sua fala justificando o interesse por esta pesquisa e contando como vinha acontecendo o processo de sua construção. Além disso, esclareceu que, se em algum momento houvesse a aplicação de alguma questão que causasse constrangimento ou desconforto, haveria a sua interrupção de maneira imediata. De tal maneira, o professor Cleyton ressaltou o seu empenho em estudar a temática da Ditadura Civil Militar, afirmando ser esta área, uma das áreas que lhe despertam grande interesse.

Eu sou um curioso deste período, eu acho importante a história. Eu acho importante a gente remontar um pouco esta formação da identidade política brasileira, que passa indiscutivelmente pela Ditadura Militar. Você só consegue entender o movimento de 1964, se você entende o que aconteceu no Brasil, a partir da década de 1930, ou seja, a partir de Vargas. O que acontece, a partir de 1930? A partir de 1930, a gente tem a formação do estado moderno no Brasil. A partir de 1930 é que você passa a ter basicamente a consolidação do estado-nação, é que você passa a ter instituições nacionais de fato. É quando você tem uma lógica de planejamento, de administração pública nacional, é quando você tem a centralização política de fato, que foi o grande projeto do Getúlio, ao longo de décadas de poder. E isso, de certa forma criou uma mística de polos favoráveis e contrários, ao que se convencionou chamar “getulismo” ou depois chamaram de “desenvolvimentismo”.

Neste momento, foi questionado como poderia ser caracterizada a Ditadura Civil Militar no Brasil? O professor Cleyton, respondeu que:

a partir da década de 1930, o estado brasileiro se desenvolve, se moderniza. Este movimento começa com Vargas, se aprofunda com Juscelino Kubitschek, tem uma queda com o João Goulart, por questões de ingovernabilidade, ele não consegue fazer uma agenda e ele se aprofunda no governo militar, na Ditadura Militar. O que é que a Ditadura Militar faz? Ela começa a investir, primeiro, um programa que tenta descentralizar investimentos, o Ceará foi um estado beneficiado com isso, o Ceará, Pernambuco e a Bahia. Porque você vai ter planos regionais de desenvolvimento, a gente teve aqui a criação do polo industrial, você teve o polo de Camaçari na Bahia, que são os polos de desenvolvimento regional. Então, eles investem em desenvolvimento, eles investem em obras estruturantes, de certa forma.

Acerca desta caracterização da Ditadura Civil Militar, o professor Cleyton exaltou o crescimento econômico que o Brasil apresentou, em meio ao contexto da repressão militar, afirmando:

E você tem em um determinado período, final da década de 1960 e meados da década de 1970, você tem um grande crescimento econômico no Brasil, teve um ano que o PIB cresceu 12%. De certa forma, você tem um desenvolvimento tecnológico, econômico, só que **este desenvolvimento tecnológico, econômico acontece em um processo de entraves políticos, num processo de cerceamento de liberdades, num processo de censura e num processo que os estudiosos tentam compreender, aqui no Brasil, que foi de semi-funcionamento das instituições, ou seja aqui foi uma experiência em que a Ditadura funcionou junto com o Congresso Nacional, o Congresso Nacional, ele praticamente não foi fechado, uma única exceção.**

Em sua fala sobre a manutenção do funcionamento do Congresso Nacional na Ditadura Civil Militar, o professor Cleyton ressaltou a preocupação que o governo militar tinha com a imagem do Brasil que era apresentada para o exterior, lembrou, então de um fato da vida de Frei Tito durante a sua prisão, que servia de exemplo para tal:

Em quase todo momento da Ditadura Militar, o Congresso Nacional funcionou, diferente das outras experiências como aconteceu na Argentina, no Chile. Por quê? Porque os militares não queriam vender uma ideia de Ditadura Militar repressiva, eles queriam controlar a imagem que se tinha do Brasil no exterior. Tanto é que no caso, pegando até o teu objeto de pesquisa, o Frei Tito, a grande questão, naquela tentativa dele de suicídio, ele é levado p'ro hospital do exército e quando chega lá os militares dizem: “não podem deixar

ele morrer, o que que as pessoas do exterior vão pensar? Faça de tudo, mas não pode deixar Frei Tito morrer! Entupa ele de remédios, coloque ele no tratamento intensivo, mas a equipe não pode deixar ele morrer”. Justamente por causa da imagem que o Brasil, que o governo queria passar, eles queriam passar uma ideia de crescimento econômico, florescimento, do desenvolvimento, do patriotismo.

Neste momento o professor Cleyton contou que a imagem criada pelos militares de um Brasil pautado no desenvolvimento e sem extremos possibilitou a existência de grupos que, até hoje, são favoráveis ao regime:

Existem grupos, que são pequenos, ou que foram de certa forma, sobreviventes da Ditadura, estavam em espaços de poder como militares e familiares de militares e pessoas próximas a eles, ou de certa forma, pessoas que tem uma visão ou tinham uma visão da ditadura como um regime em que você tem dois elementos básicos, que é o que as pessoas sentem falta no Brasil de hoje, que existia na ditadura. Primeiro, **a ditadura, na visão destas pessoas não tinha corrupção**, que é algo que a história destruiu. E de que, **na ditadura não tinha violência**, violência no sentido de violência cotidiana, logo o que significa violência cotidiana e a violência repressiva? Quem era preso, era preso porque era comunista, subversivo, eram aquelas pessoas que afrontavam o regime, que não eram muitas, eram grupos localizados. Você vê quase que um discurso saudosista de você dizer “eu conseguia andar em Fortaleza, às 23h00 ou 00h00 e não tinha violência”.

Ao ressaltar que a violência cotidiana não era frequente nos dias da Ditadura, como nos dias de hoje, o professor Cleyton explicou o motivo:

Porque que não tinha violência? Tinha violência, mas também tinham políticas militares, principalmente nas grandes cidades, extremamente repressivas. Não tinha ainda esta luta pelos Direitos Humanos, que vai ser reforçada pelo Frei Tito, um dos ícones dos Direitos Humanos. Ele vai trazer esta bandeira nas entrevistas dele. No Chile ele deu entrevistas denunciando as técnicas de tortura. Tem uma fala dele que eu acho interessante, **“o Brasil que é conhecido como o país do futebol, do Pelé, do carnaval, é o país da tortura”**. De certa forma, ele faz este trabalho de desmascarar este discurso do estado. Naquele momento, primeiro de uma política temporária, porque eles nunca se afirmaram como permanentes, o próprio Castelo Branco quando assumiu o poder em 1964, ele assumiu o poder para passar quatro anos. E, é isso que eu sempre falo quando eu vejo alguém que defende soluções autoritárias e militares, o militar e de certa forma, qualquer pessoa que chega ao poder, se ela não tiver

freios, ela quer permanecer, ela vai tentar encontrar formas ou ela ou permanecer o seu grupo naquele espaço de poder. E isso aconteceu com os militares, seriam quatro ou no máximo cinco anos, seria um governo de transição segundo Castelo Branco, porém durou 21 anos.

Neste momento da entrevista, o professor Cleyton discorreu acerca do uso da expressão “Ditadura Civil Militar”, elucidando a razão pela qual muitos estudiosos a utilizam para se referir ao regime militar:

na ciência política, a gente usa muito questões relacionadas ao poder decisório, instâncias de poder. O que é que aconteceu? A Ditadura Militar aconteceu no Brasil porque ela teve apoio de grupos sociais, evidentemente. Notadamente quem? O empresariado, parte do empresariado, principalmente os industriais, boa parte da imprensa, os setores conservadores da igreja católica e o que a gente chamaria hoje de ruralistas também. Então você tem alguns grupos que se articularam e se posicionaram a favor do movimento das tropas, o movimento das forças armadas. Só que estes grupos, é aí que eu quero frisar, estes grupos não assumiram poder decisório na Ditadura.

A fim de ilustrar esta questão, o professor Cleyton citou nomes de personalidades que, inicialmente, apoiaram a Ditadura Militar no pré-golpe, ou seja, na configuração da conjuntura política brasileira antes do domínio militar, contudo este apoio não foi reconhecido pelos militares, quando houve a instauração do golpe de 1964, conforme elucidou:

O Carlos Lacerda e o Juscelino Kubitschek, que inicialmente apoiaram a Ditadura Militar, esperavam ser contemplados, e o que aconteceu com os dois, que eram duas grandes lideranças do Brasil pré-golpe? Os dois foram afastados, o JK foi cassado³², assim não tiveram nenhuma influência na estrutura do estado. Toda a estrutura do estado na Ditadura Militar, desde o Palácio do Planalto, as empresas de administração direta, os governos dos estados, as estatais, todas elas estavam nas mãos dos militares. Alguns poucos civis, de certa forma, tinham alguma influência, como no caso do

32 O presidente Castelo Branco assinou à noite passada decreto cassando o mandato legislativo do senador Juscelino Kubitschek e suspendendo os seus direitos políticos por dez anos. A propósito, o sr. Kubitschek declarou: “Este ato não marcará o fim do arbítrio. O vendaval de insânias arrastará na sua violenta arrancada mesmo os meus rancorosos desafetos. Um por um, eles sentirão os efeitos da tirania que ajudaram a instalar-se no poder” (CORREIO DA MANHÃ, 1964, p. 7). Disponível em: < <http://midia.cmais.com.br/assets/image/original/eed63050cf5f5d892935161164eee49d830b4ad5.jpg> > Acesso em 10 jan. 2018.

Delfim Netto, mas era algo tão residual e era uma participação quase que tutelada. Ou seja, o Delfim Netto estava lá, participava da equipe econômica, mas as suas decisões sempre passavam pelo crivo de uma equipe de militares, sempre passava por uma equipe daqueles que realmente detinham o poder.

Continuando sua fala, o professor Cleyton ressaltou a discussão que existe entre os pesquisadores que utilizam a expressão “Ditadura Civil Militar” e os que usam apenas “Ditadura Militar”, pela visão do professor Cleyton o “poder sempre esteve nas mãos dos militares”:

há uma discordância teórica quanto a esta expressão, tem vários historiadores que usam esta expressão “Ditadura Civil Militar”, mas quem detinha o poder eram os militares. Qualquer governo p’ra chegar ao poder, seja civil ou militar, ele tem que ter apoio na sociedade. Se você pegar um regime nazifascista, eles tiveram apoio da sociedade, eles tiveram governos autoritários, totalitários e tudo, mas o Hitler passou por um regime de votação, ele se tornou chanceler, o Mussolini, então estes tiveram apoio na sociedade. Agora uma questão, principal, que eu acho importante saber, é, que mesmo tendo o apoio destes grupos, quem deteve poder no Brasil de 1964, principalmente até a década de 1970, porque no final de 1970 ‘destensiona’, de 1964 a 1978 foi muito fortemente os militares.

Durante este momento da entrevista, o professor Cleyton narra como se apresentava a conjuntura política do Ceará no período da Ditadura Civil Militar:

O que aconteceu com o Ceará? O Ceará ele tem uma característica pela natureza do estado, uma natureza econômica, nós temos historicamente uma elite política e econômica frágil, no sentido de que nós temos uma economia muito precária, se comparado a Pernambuco e Bahia, são os três estados mais importantes, mas nós temos uma economia precária. Então, o estado de certa forma, sempre tem uma lógica de dependência muito grande do governo federal. Então o que aconteceu aqui, no caso do Ceará? Você teve uma lógica de acomodação das elites ao regime de ditadura.

O professor Cleyton explica que esta “acomodação das elites ao regime da ditadura” aconteceu no Ceará, em virtude da união dos partidos políticos no governo de Virgílio Távora, salientando:

Quem governava o Ceará nesta época era o Virgílio Távora, na década de 1960. O Virgílio Távora governava dentro de um governo

“todos pelo Ceará”, era uma espécie de Cid Gomes da década de 1960, pré-moderno. Juntava todos os grandes partidos daquele momento, era um governo de união. O que que aconteceu? O Virgílio Távora não foi afastado do poder em 1964, diferente de outros governadores, porque ele passou, de certa forma, a criar laços, o primeiro presidente militar cearense, então Virgílio Távora começou a criar pontes com o governo federal. E depois você vai ter toda uma construção de acomodação destas elites ao regime da ditadura. Aqui, você teve focos de resistência, prisões, truculência, da mesma forma que a gente viu país a fora. Aqui mais fraco, não foi tão explosivo como a gente teve no Rio de Janeiro, São Paulo, Recife. Tem nomes que participaram muito fortemente, aqui, no combate à Ditadura, tem nomes de mulheres importantes, como a Ana Rosa da Fonseca³³, a Maria Luiza Fontenele³⁴, que foram presas, passaram por todo tipo de pressão.

Ao relembrar a memória destas cidadãs cearenses que sofreram com o regime militar, porém que não se negaram a lutar pela democracia, o professor Cleyton destacou a importância internacional de Frei Tito como delator, não somente das torturas que aconteciam no Brasil dos militares, bem como do processo de corrupção jurídica que ocorria nas unidades de investigação:

Frei Tito ganha relevo porque ele é um personagem internacional. Porque ele vai denunciar, não só a tortura, isso é o mais importante com relação a Frei Tito, ele vai denunciar o processo de corrupção jurídica que se tinha. Porque quando ele foi preso, não se tinha formulado de uma forma concreta os autos do processo contra ele. Ele foi preso no congresso dos estudantes, lá em São Paulo, um congresso clandestino da UNE, os militares tinham informações de ligações dos dominicanos com o grupo do Marighella, mas era muito boato.

³³ **Rosa da Fonseca**, ativista do grupo Crítica Radical, foi presa e torturada durante três meses. Ela recorda que sua mãe teve um papel fundamental durante seu período de prisão. “Ela denunciou a tortura que eu sofria para todos que podia. Escreveu cartas para a Igreja, para o papa, para o ditador do momento”. (Disponível em: < <https://www20.opovo.com.br/app/opovo/politica/2014/05/23/noticiasjornalpolitica,3255044/encontro-traz-relatos-de-vitimas-do-regime-militar-brasileiro.shtml> > Acesso em 10 jan. 2018.

³⁴ **Maria Luiza Fontenele** nos remete ao ano de 1985, quando foi eleita a primeira mulher prefeita de capital brasileira por voto direto em Fortaleza. Essa eleição marcou o fim dos “anos de chumbo”, período de 21 anos de ditadura nos quais a política brasileira pautou-se pela mão de ferro dos militares. E marcou não só por trazer de volta a democracia, mas por sonorizar o grito rebelde de uma população ansiosa por mudanças. A maioria escolheu então a jovem petista que radicalmente apregoava discurso mudancista. (Disponível em: < <https://www20.opovo.com.br/app/opovo/politica/2012/11/27/noticiasjornalpolitica,2961098/2012-2711po1710a.shtml> > Acesso em 10 jan. 2018.

Ainda falando acerca de Frei Tito, o professor Cleyton chama a atenção para a responsabilidade do estado brasileiro em utilizar a tortura, como método de investigação, segundo ele, isto foi o que alterou completamente a vida de Frei Tito:

Ele tinha ligação com estes grupos, depois se confirmou, mas uma denúncia para servir de algo, tem que ter provas, tem que ter algo concreto, substancial. Então prenderam ele, torturam nas mais diferentes instâncias, logo cancelado pelo governo brasileiro, não era um movimento paramilitar, não era uma milícia, que praticava algo para além do estado, eram forças que, de certa forma, tinham um amparo do estado brasileiro, então personagens das forças armadas torturam o Frei Tito das mais diferentes formas. E tortura no sentido, como ele mesmo diz “tortura na alma”, e que vai alterar completamente, é, muito chocante os textos dele.

Ao que se concerne a trajetória de Frei Tito, o professor Cleyton falou acerca da incitação à luta social pelos Direitos Humanos e pela democracia, como assuntos frequentes nos textos e entrevistas do religioso, mencionando:

Frei Tito fez parte da juventude católica, que eu nem sei se ainda existe isso. O que era a juventude católica neste período? O grupo que era ele, o Frei Betto, um intelectual importante que participou da fundação do PT, este grupo trabalhava numa perspectiva de conscientização da população, queriam que a igreja fosse além dos seus muros, tentavam oxigenar a igreja católica neste momento. Se orientavam na perspectiva da Teologia da Libertação, que era um contato entre o evangelho, o novo testamento e leituras do marxismo.

Posto isto, o professor Cleyton esclareceu acerca do posicionamento da igreja católica dentro do regime militar:

Quando a gente fala igreja, a gente tem que ter consciência, que são muitas igrejas dentro da igreja, isto até hoje, naquela época isto estava muito fortemente estabelecido, você tem os dogmas da igreja, claro, é uma estrutura hierarquizada, é uma estrutura que segue as diretrizes do Vaticano, é uma estrutura historicamente conservadora. Mas que de certa forma, como você tem diversas ordens e tendências dentro da igreja católica, você tem movimentos insurgentes que existem dentro da igreja, então você tinha grupos que se manifestavam abertamente, contra a ditadura, como no caso do Dom Hélder, se manifestava abertamente, fazia críticas e outros freis, frades, padres e desconhecidos.

Quanto à existência destas minorias dentro da igreja católica, que se opunham ao regime, o professor Cleyton confirmou sua atuação:

estas figuras tinham uma certa abertura com uma pequena parte da imprensa, porque a imprensa era censurada, então diversos padres atuaram até em cidades do interior, que também tinham esta postura, mas eram silenciados. No final da década de 1970, que a ditadura ‘destensionou’, você tinha muitos padres ligados ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais e estes padres sediam os espaços para as reuniões do sindicato, o que incomodava a elite daquela região, o que muitas vezes chegava ao bispo, que afastava esta pessoa de um espaço para outro, era uma prática bem comum.

Em se tratando da oposição ao regime militar, o professor Cleyton frisou a importância das manifestações sociais que ocorreram de forma legítima no período, como forma de resistência as imposições dos militares:

As manifestações de resistência eram legítimas, porque quando você tem um golpe de estado, você se pergunta “porque foi um golpe de estado?” Porque também há uma disputa sobre esta terminologia, tem algumas pessoas que chamam de revolução, enfim como aconteceu? O João Goulart fez uma viagem à China, uma viagem como presidente e decretaram a vacância do cargo dele, então ele não se licenciou. O João Goulart não tinha vice, porque ele já era vice do Jânio Quadros, que tinha renunciado, então o vice do João Goulart era o presidente da Câmara dos Deputados, então de certa forma ocorreu uma articulação golpista, no sentido golpista, mas em que sentido?

O professor Cleyton respondeu a sua própria indagação relacionando isto ao uso do termo “golpista” nos dias atuais:

Este termo ‘golpista’ hoje está muito banalizado, golpe no sentido de rompimento das instituições democráticas, golpe no sentido de afronta a constituição, já que a constituição não estabelecia este tipo de manobra, tiraram um presidente que foi eleito. Naquela época o presidente e o vice-presidente podiam ser eleitos sendo de chapas diferentes, hoje já não existe isso, naquele tempo se podia fazer este tipo de arranjo.³⁵ Então tiraram o mandato do João Goulart, ele foi

³⁵ Para vencer, Jânio Quadros teria de conquistar votos “nacionalistas” ou “populistas do adversário. A solução encontrada foi uma espúria “dobradinha” com João Goulart. Este, por sua vez, ante a iminência de perder as eleições caso permanecesse fiel a candidatura Lott, estimulou a “dobradinha” Jan-Jan (Jânio e Jango – este último nome de guerra de João Goulart). Este arranjo tornou-se possível

praticamente exilado, ele não conseguiu voltar, ele perdeu espaço, perdeu força no Exército, na Marinha e Aeronáutica.

Ainda falando acerca da configuração política brasileira no pré-golpe, o professor Cleyton mencionou a participação dos Estados Unidos no processo de instauração do golpe de 1964, salientando o poderio bélico americano:

foi um movimento que teve o envolvimento muito grande dos EUA, isso já está comprovado em vários documentos, o governo americano interferiu, deu apoio logístico aquele movimento dos quartéis, porque o que aconteceu? Eles praticamente cercaram o governo, a movimentação de tropas cercou o governo. Muito parecido com o que fizeram com o Getúlio Vargas em 1946, cercaram o Palácio Guanabara. Naquele tempo, o governo federal era lá no Distrito Federal e no Rio de Janeiro, aí cercaram o Palácio Guanabara e foi um militar lá e disse: “você não é mais presidente”, “o que que você vai fazer? Ou você renúncia, ou você é preso e a sua família também”, “o que é que você quer? ”, aí já levaram um papel p’ra ele assinar. Só que a diferença é que naquela época o Getúlio era um ditador, ele estava na liderança do estado novo, um ditador. Então era um golpe ilegítimo contra um governo ilegítimo, **no caso de 1964 foi um movimento ilegítimo, ilegal contra um governo democraticamente eleito.**

De tal maneira, neste momento da entrevista, o professor Cleyton traçou uma linha do tempo elucidando o pré-golpe, contando quais eram as forças políticas que mais se articulavam em meados de 1964:

Você teve uma articulação entre os parlamentares, naquele tempo quais era os partidos fortes? Você tinha a UDN, o PSD, o PTB, que era o partido do João Goulart, e de certa forma os partidos contrários ao governo, que se articularam e juntamente com as forças armadas e todos estes grupos que falei, anteriormente, parte da igreja, a imprensa, então conseguiram criar um clima de deposição do governo. Aí as pessoas dizem assim, por exemplo, os militantes, os comunistas: “aí, mas o governo deveria ter resistido mais”, mas a gente não sabe até agora, em que circunstâncias aquilo ali ocorreu. Porque como é que se depõe um presidente? Chega uma junta militar armada e se você não tiver articulação você vai ceder.

graças ao “jeitinho” de as elites brasileiras caçarem votos. Na época a legislação permitia estas alquimias eleitorais: votar no candidato a presidente de uma chapa e escolher para o seu vice o de outra. (CHIAVENATO, 2014, p. 16).

Quanto às marcas que foram deixadas pela Ditadura Civil Militar na conjuntura da política brasileira dos dias atuais, o professor Cleyton ressalta que:

as instituições políticas são conectadas historicamente, então as nossas elites políticas ainda têm um manejo muito conservador. Ficou muito claro, que o que aconteceu em 2016, todo o processo de *impeachment* contra a Dilma, ele foi um processo dentro da constitucionalidade, mas não foi um processo com legitimidade, com bases substanciais, porque os processos que ela teve que responder foram processos frágeis e quando os deputados e senadores iam justificar os votos deles, muitos justificavam assim: “estou votando pelo conjunto da obra”. Mas pelo sentido de que a economia estava ruim, de que era uma presidente que não tinha governabilidade, do que propriamente por crime de responsabilidade.

Desta maneira, o professor Cleyton continuou a sua fala explanando acerca da ruptura da democracia que vem acontecendo na política brasileira do século XXI:

O que se fala no meio político e na academia, nós temos muita consciência disso, que não existiu de fato crimes de responsabilidade que pudessem chegar num processo de *impeachment*, porque você tem o que? Questão de transação com os bancos públicos, isso vem sendo feito há muito tempo, suplementos de empréstimos, questões muito mais contábeis, que se o governo tivesse sustentação parlamentar não iam mexer no mandato dela. Por isso que se utiliza este termo “golpe”, justamente porque foi outro rompimento da institucionalidade, outro rompimento das instituições democráticas, porque você tem também uma presidente eleita, 54 milhões de votos. Porque que se frisa muito isso de 54 milhões de votos? Porque esta é a base da democracia representativa liberal, este modelo que as sociedades criaram, principalmente ao longo do século XX tem como premissa básica o respeito ao voto, então se esta premissa básica não é respeitada no sentido de que você vota em alguém, mas você não sabe se esta pessoa vai terminar o mandato, isto principalmente no presidencialismo, isso de certa forma fragiliza a democracia.

Ainda falando das marcas que foram deixadas pelo regime militar não somente no âmbito da política brasileira, mas nas relações humanas dentro da sociedade, o professor Cleyton frisou que:

Existe ainda vários resquícios da ditadura, ainda existe uma força muito grande do desenvolvimentismo, do estatismo, que é esta visão de que o estado vai resolver as questões da sociedade, de que ele vai intervir muito fortemente, isso é algo que começa com o Getúlio,

perpassa a ditadura e acredito que se mantém. Está muito presente a truculência das elites, a de reprimir movimentos, reprimir manifestações, o insulamento da elite política. Por exemplo, se o Temer renunciasse, assume o presidente da Câmara, que é o Rodrigo Maia, e dentro de 30 dias, ele tem que organizar uma nova eleição indireta, mesmo formato que era feito na ditadura militar.

Quanto à construção da política no Ceará, o professor Cleyton afirma que até hoje sobrevivem as marcas do regime militar:

O Ceará desde 1986, ele é governado pelo mesmo conjunto de princípios, que na literatura se denomina de “mudancismo³⁶”, que foi o regime de governo criado pelo Tarso Jereissati, então teve o Tarso, o Ciro, o Lúcio, o Cid, o Camilo, eles seguem praticamente os mesmos princípios de desenvolvimento econômico, que foi iniciado lá pelo Tarso. Então, todos os governos que a gente tem hoje, eles foram criados, a partir de um contraponto ao regime militar, porque a eleição de 1986 ela foi uma disputa entre o Tarso e os coronéis, que no caso foi o Adauto Bezerra. Porque quem foi que dominou o Ceará na ditadura? Três coronéis, que foi Adauto Bezerra, o Virgílio Távora e o César Calls, que foram três governadores, que formaram três grupos e foram os três homens mais poderosos do Ceará no governo militar. Tinha um governo, eles dividiam entre eles, porque não era um único grupo poderoso, como hoje nós temos o dos Ferreira Gomes, você tem um grande grupo muito forte, naquele tempo não, naquele tempo você tinha uma divisão de postos e influências entre o Cesar Calls, Virgílio Távora e Adauto Bezerra, claro que entre eles o mais forte era o Virgílio Távora, mas dividia espaço com os outros dois.

Durante este momento da entrevista, o professor Cleyton mencionou os movimentos de resistência que aconteciam em Fortaleza com práticas combativas ao regime militar:

Estes movimentos de resistência foram muito comuns nas grandes cidades cearenses, principalmente Fortaleza, é onde você tinha um movimento maior de resistência, principalmente vindo de onde? Da classe média urbana, do Movimento Estudantil, sindicalistas, profissionais da imprensa, alguns jornalistas, são grupos que passam

³⁶ Com o processo de redemocratização do país, em 1985, teve início no estado um movimento político-econômico que veio a chamar-se mudancismo, que se contrapôs ao coronelismo (1968-1986). O mudancismo tem sido marcado por uma série de reformas de estado (Administrativa e Fiscal, 1986-1990; Saúde, 1986-1990; Infraestrutura e Privatizações, 1991-1999 e Educacional, 1995-2000). Do ponto de vista econômico, o mudancismo é responsável pela segunda onda de industrialização do estado, com a instalação, entre 1991-1999, de 450 empresas cujo modelo veio a se mostrar como concentrador de renda, mesmo o Ceará tendo crescido mais que a média nacional. (NASPOLINI, 2001, p. 169).

a se organizar e vão combater os governos, cada um de uma forma diferente. Você vai ter estudantes que vão participar de barricadas, greves, movimentos de ruas, você vai ter um jornalista que vai escrever artigos incendiários, tanto é que uma das grandes vitórias p'ro movimento e uma das grandes derrotas p'ra ditadura militar, foi a vitória em 1962 da Maria Luiza Fontenele, a ditadura ainda existia, mas assim Fortaleza se mostrou em oposição ao regime militar.

Neste momento, o professor Cleyton discorreu acerca do que acredita ter sido aquilo que mais o impactou com seus estudos sobre o regime militar, destacando, assim os seguintes pontos:

O que eu acho que define a ditadura militar enquanto sistema, uma marca da ditadura, foi duas instituições, primeiro o DOI-CODI, DOPS, departamento que realizou torturas, que é muito importante a gente deixar isso claro, porque cria-se o discurso de que a ditadura foi branda, e agora que a gente tá conhecendo a ditadura, pela Comissão da Verdade, porque a história é assim, ela não é contada neste momento, talvez a gente só possa compreender o que está sendo agora em 2017, daqui há 20 anos ou 30 anos, talvez a gente só esteja entendendo agora, o que aconteceu naquela época da ditadura militar. Então, **as marcas representativas da ditadura militar foram os porões da ditadura, as torturas e a censura que cortou movimentos artísticos, logo o rompimento da democracia, de uma forma geral.**

Ao ser questionado se a memória da Ditadura Civil Militar no Brasil já tinha sido completamente revelada, o professor Cleyton respondeu:

Não, não foi toda revelada, eu acho que até a Comissão da Verdade, ela não teve acesso a todos os documentos, eu acredito nisso, claro que eu não vou generalizar, dentro das forças armadas você tem militares progressistas, esta nova geração, talvez, tenha uma outra formação, mas eu acredito que não interessa a alguns grupos de militares que todos os documentos venham à tona.

Complementando a sua fala anterior, o professor Cleyton salientou que em sua vivência na docência, percebe um interesse das gerações mais novas em conhecer a história da Ditadura Civil Militar, juntamente com os seus personagens mais marcantes, afirmando:

Eu estou notando um maior interesse de uns anos p'ra cá, eu percebo que as pessoas discutem mais política, procuram mais saber sobre, porque assim, que tipo de sociedade que a gente vive? A gente vive numa sociedade hiper midiática, hoje todo mundo comenta tudo, todo

mundo é analista, todo mundo está no *Facebook* escrevendo sobre alguma coisa, comentando alguma coisa, isso é muito comum. Isto não é problema não, é interessante nas redes sociais as pessoas se manifestarem, agora elas manifestam muito mais ódio, muito mais paixões, não há uma deliberação, uma busca pela História, muitas vezes. Como eu disse, eu acho que isso está começando a mudar de uns anos p'ra cá, eu acho que há um interesse maior da juventude, este grupo intermediário, tenta entender o que a gente está vivendo, a gente teve grandes manifestações.

Quando questionado em que momento houve uma mudança no interesse da população em saber mais sobre política brasileira, o professor Cleyton disse:

Acho que isso começa a se transformar, a partir das grandes movimentações de 2013, começa a alterar a cultura política brasileira. Você tem em 2013 um movimento da sociedade, participação muito forte dos jovens, claro, ainda são jovens da classe média, com alta escolaridade, renda alta, porque até nisso a sociedade é desigual. Porque p'ra você pensar, você tem que ter tempo, p'ra você se dedicar a um mestrado, você tem que ter tempo, então quando você tem que estudar e trabalhar, é muito difícil você se debruçar a tentar compreender esta realidade, a pesquisar sobre algo, porque quando a gente fala juventude, na verdade são juventudes, grupos distintos que pensam diferente.

O professor Cleyton acrescentou à sua fala anterior, que a Ditadura Civil Militar poderia ter sido evitada e que o Brasil de hoje não é o mesmo da década de 1960:

É um outro Brasil, porque o Brasil que a gente vive hoje foi um Brasil que foi produzido no fim da ditadura, que foi na década de 1980 com a Constituição de 1988, mas como o tempo histórico guarda lembranças, não é a mesma coisa, o Brasil de hoje não é o Brasil da década de 1960. É um outro Brasil, o Brasil de hoje é um Brasil mais urbano, moderno, tecnológico. A ditadura poderia ter sido evitada, a gente tinha uma experiência democrática que começou em 1946, poderiam ter ocorrido eleições, tinham eleições já praticamente marcadas, mas a solução das elites naquele momento foi uma intervenção.

Ainda falando das mudanças que ocorreram no Brasil com a modernidade, o professor Cleyton correlaciona isto, ao discurso da ditadura, explanando a justificativa dos militares para a existência de uma intervenção no país, um golpe de estado, então ele afirmou:

O discurso da ditadura era de que os políticos não eram capazes de modernizar o Brasil, porque eles eram corruptos, porque eles eram viciados, porque eles eram populistas e este discurso era o discurso que visava trazer o poder p'ra eles, mas o que acontece? O poder p'ra eles significava retirar o poder do povo.

Sobre esta questão da luta pelo poder, o professor Cleyton ainda ressaltou outra ideia muito difundida pelos militares, a de que os comunistas queriam tomar o Brasil, assim ele informou:

O que que acontece? Na ditadura militar e antes da ditadura militar, você tem o clima da guerra fria, aquela tensão, hora explícita, hora velada, entre a hegemonia capitalista americana e a hegemonia soviética comunista de repercussão marxista, o que que você vai ter? E, isso vai ter desdobramentos pelo mundo inteiro, aqui também você teve uma série de movimentos, o Partido Comunista do Brasil, você teve a figura do Luís Carlos Prestes. Este movimento comunista, era um movimento que estava participando muito das lutas sindicais, das greves, principalmente dos trabalhadores urbanos e de certa forma este movimento comunista passou a ser associado a anarquia, a paralisação de trabalhadores e isso esbarrava com os interesses daquela burguesia daquele período, ou seja, você trazer ideias subversivas para os trabalhadores. Então, criaram toda uma tensão, colocaram o Partido Comunista na clandestinidade, não necessariamente pela ideologia do Partido Comunista, mas também porque o Partido Comunista era um partido de base, que participava das lutas operárias. Depois o movimento anarquista foi mais presente, muitos comunistas foram perseguidos, muitos comunistas foram exilados.

Ainda sobre a presença do comunismo no Brasil, o professor Cleyton falou acerca disso ter sido uma das justificativas dadas pelos militares para o golpe de 1964, logo ele afirmou

A ideia de que os militares assumiram para evitar que os comunistas assumissem é completamente equivocada, porque os comunistas no Brasil nunca foram plenamente organizados. Eles tentaram, o Luís Carlos Prestes tentou uma revolução, isto está documentado, ele mesmo fala, tem naquele filme “Olga”. Em 1935 ele tentou uma revolução e não conseguiu porque ele não tinha apoio na sociedade. O Partido Comunista estava muito ligado aos trabalhadores industriais, ele não tinha o apoio dos ‘rincões’ do país, ele não tinha apoio em todo o país, então ele não tinha poder p'ra tomar o governo. Agora, claro, que toda pessoa que tem ambição no poder, ela tem que criar um bode expiatório, qual foi o bode expiatório do Hitler? Os

judeus, os judeus são inimigos. Todo o governo tem que criar uma metáfora, uma linguagem do inimigo, quem é o inimigo? O comunismo, o comunista. O Brasil vai virar comunista! Nisso, p'ra você vê, há o resquício da ditadura, porque foi algo que colou no Lula em 1989, o que que o Collor e os partidos ligados ao Collor falavam? Ah, porque o Lula é comunista, ele vai invadir a casa das pessoas.

Ao caracterizar as justificativas dadas para a instauração do regime militar, o professor Cleyton lembrou dos atos que eram considerados opositores ao governo, além da falsa sensação de segurança que os militares tentavam demonstrar para a sociedade e que por isso motivavam a ação repressora do estado, assim ele contou:

Uma das desculpas era justamente esta do comunismo, além da ingovernabilidade do João Goulart e da anarquia no país, mas de fato o que houve mesmo foi um cerceamento de liberdades e uma ilusão de segurança. Por exemplo, você tem um indivíduo que pratica assaltos em uma determinada rua, aí chegava uma patrulha lá, pegava esta pessoa, espancava ela quase até a morte e retirava esta pessoa da rua. Então era esta a sensação de segurança, porque quando não existiam direitos humanos, direitos fundamentais, a justiça era paralisada com relação à ditadura, se tinha a ideia de que o estado era mais eficiente. O que se taxava como sendo “criminoso”, ou “terrorista”, era qualquer pessoa que se posicionava contra o governo. O que que o governo dizia ser era algo contrário? Primeiro, insuflar a população a se revoltar, movimentos de greve, organizações sindicais, jornalistas que denunciavam atividades do governo. O que aconteceu com alguns grupos que faziam aqueles movimentos de sequestrar embaixadores, assaltar bancos, eles colocavam como atos contrários ao governo, porque de certa forma feriam a identidade nacional.

Para além disso, o professor Cleyton afirmou que outro resquício advindo do regime militar e que se mantém até hoje, é a atuação da polícia militar, acerca disso, ele mencionou

A nossa polícia militar ainda tem muito resquício da ditadura militar, tem gente até que defende a desmilitarização da polícia, justamente por conta disso. A nossa polícia ainda não está preparada para atividades democráticas, você tem uma manifestação, como é que você controla uma manifestação? Ela é p'ra ser controlada? 15 mil pessoas se juntam lá na Praça da Bandeira, ou lá no Marco Zero no Recife, isso é p'ra ser controlado? Como seria este controle? Eu acredito que a polícia não tem o preparo p'ra fazer este tipo de diálogo com os movimentos, com manifestações, devido a estes

resquícios da ditadura. Então, isso vai de encontro a cultura democrática, porquê? Porque a cultura democrática necessita de participação, e se o cidadão se tornar apático e resignado, ele não vai participar, e se ele não participar, ele não vai criticar, ele vai assinar um cheque em branco para qualquer governo de plantão.

No que concerne a visão que o resto do mundo tinha do Brasil na época da Ditadura Civil Militar, o professor Cleyton falou que

Se sabia devido a ações de escritórios que estavam no Brasil, no caso até do Frei Tito, se informavam muito sobre este tipo de ação, isto dependia muito do país. Como os EUA tinham uma aliança com o governo brasileiro não se divulgava tanto estes atos, principalmente os atos de tortura, mas se reconhecia que o Brasil era um país que não vivia em democracia plena, era algo reconhecido na França, nos EUA, na Europa, de uma forma geral. Hoje, o Brasil é visto como um país instável, que a democracia foi rompida, que a democracia corre risco, um governo de centro direita, que está criando uma agenda de retrocessos em relação a uma série de direitos.

Continuando sua fala, o professor Cleyton dissertou acerca da atuação da imprensa dos dias de hoje, com a imprensa censurada do regime militar.

Não são governos arbitrários, porque você tem instituições diferentes. Por exemplo, por mais que se critique a imprensa, hoje, a imprensa tem um nível maior de liberdade, a imprensa de outrora não, o governo tinha o pleno poder de fechar um jornal. Ontem, o jornal “O Globo” noticiou um vazamento de propina do presidente, ele poderia pegar e mandar fechar o jornal “O Globo”, se fosse nos tempos da ditadura. Você tem hoje, mais liberdades e instituições funcionando. A gente não tem, hoje, este movimento de repressão, você tem repressão por parte da polícia, você tem outros tipos de perseguição, não é opressão como a opressão dos militares, com atos violentos, é opressão de perseguição. Por exemplo, o governo tem como, se você for um intelectual impedir certos canais de investimento a você, mas não que seja uma repressão de tortura, de violência.

Na opinião do professor Cleyton, o Brasil do século XXI não está sujeito a um novo golpe militar, em vista da existência de fervorosos grupos que defendem a constituição, acerca disso, ele comentou:

Eu acredito que não. Eu vejo que não. Não tem movimento neste sentido, não tem lideranças militares se colocando neste sentido, em

1964 tinha, as forças armadas eram mais ativas politicamente, sim, claro que existem grupos dentro das forças armadas, insurgentes, mas ao mesmo tempo você tem grupos que equilibram e que são grupos legalistas, defendem a constituição, defendem a manutenção das forças armadas para o que a constituição lhe atribui.

Ao longo de sua fala anterior, o professor Cleyton falou também das tentativas do povo de se manifestar no regime militar, da repressão da polícia com violência a tais manifestações e da criação dos atos institucionais que deram um caráter mais opressor a ditadura, logo ele afirmou:

Era difícil ter manifestações abertas na ditadura, porque o que acontece? As manifestações eram dispersas por movimentos da polícia, a polícia reprimia, não é que não reprime hoje, mas reprimia com violência, era caso de atirar, prender as pessoas. Naquele tempo, os atos institucionais tiraram a liberdade do cidadão, por exemplo, a pessoa era presa e não tinha como pedir um *habeas corpus*, hoje tem. Os atos institucionais do governo estabeleceram um cerceamento das liberdades, hoje você tem um espaço maior de liberdade de expressão, de contestação pública que não tinha naquela época. Com o AI-5, o ato reconhecido como de mais truculência, ou de fato o momento em que a ditadura se torna mais ferrenha, mais dura, porque ele vai suspender as liberdades, vai cassar mandatos, vai estabelecer o controle total por parte do governo militar das ações políticas em todos os estados, há o esmagamento da oposição que ainda existia, que ainda se manifestava.

Ao ser questionado se ainda existem lideranças dentro da igreja católica que aliam a luta social a religião, como o fez Frei Tito, por seu caráter de militância, o professor Cleyton respondeu:

Eu vejo grandes nomes da igreja que não fazem este chamado, Padre Reginaldo Manzotti, Padre Marcelo, estes padres não tocam na nossa realidade, não se envolvem com o nosso momento. Um dia destes o Padre Reginaldo estava pedindo orações pelo Brasil, mas totalmente diferente de Frei Tito. Então você tem que se perguntar se é possível uma figura como o Frei Tito nesta nossa estrutura? Que alia a fé ao ativismo? Porque os problemas existem ainda, não é a tortura, mas a gente tem desigualdade social extrema, crise política, escândalos, misérias, será se pode existir uma figura como o Frei Tito?

Na entrevista do professor Cleyton, se tem um destaque para a luta dos direitos humanos, a partir da caracterização do cenário em que se encontrava o Brasil tanto na esfera

social, quanto política e econômica. Por suas palavras, se tem acesso a reconstituição de diversos fatos que aconteceram no Brasil antes e depois da instalação do golpe militar, em 1964. Além disso, há o debate acerca do posicionamento da igreja com relação à resistência e a representatividade da figura de Frei Tito como símbolo da luta pelos direitos humanos, em virtude das missivas que escreveu denunciando as torturas que sofrera na sua prisão durante o regime das tropas armadas, como citou o professor Cleyton.

O professor Cleyton se preocupou em deixar claro, a responsabilidade que o governo brasileiro detinha com as formas de interrogatório mediante torturas e mortes que aconteciam no regime militar. Além disso, ressaltou quão importante é salientar que a ditadura não ocorreu de forma leve e tranquila no país, como muitas pessoas ainda pensam, que na verdade houve um “cerceamento de liberdades” e uma “afronta à constituição”. Por sua entrevista também foi possível conhecer o processo em que se deu a Ditadura Civil Militar no Ceará, com a presença do coronelismo no estado. Assim, ainda fez questão de frisar a discordância teórica que existe no uso do termo “civil” na denominação Ditadura Civil Militar, pois de acordo com o professor Cleyton “o poder sempre esteve nas mãos dos militares” e não da sociedade civil, ademais acentuou que a maior marca deixada pelos militares na narrativa política do Brasil é o rompimento da democracia.

Marcelo Lima

Na tarde do dia 29 de maio de 2017, por volta das 14h30, o representante do Movimento Estudantil no Ceará e historiador Marcelo Lima se disponibilizou a receber a pesquisadora para a realização da entrevista, em sua casa, no bairro Panamericano, em Fortaleza. De início, a pesquisadora informou ao entrevistado os objetivos e as motivações da pesquisa, falando acerca da importância de Frei Tito para a história do Brasil, considerado um herói da luta contra a tortura. Além disso, a pesquisadora deixou claro que a qualquer momento a entrevista poderia ser interrompida, caso houvesse algum tipo de constrangimento ou desconforto causado por parte das questões aplicadas. Desta maneira, Marcelo começou a entrevista narrando um pouco de sua própria trajetória, assim ele disse:

Sou morador de Fortaleza, meu contato com Frei Tito é na universidade, eu não conhecia quem seria ou quem era o Frei Tito até entrar na universidade. Eu entro na graduação em história na UFC, em 2011.2, no primeiro ENEM e em 2012, ou seja, no meu segundo semestre eu já pego uma greve. Na época era uma greve contra um corte que o governo Dilma tinha feito em torno de 3 bilhões do Ministério de Educação (MEC) e aí fizemos aquela greve na época. Isso, uma questão mais centrada, mas obviamente havia outras questões secundárias que giravam em torno da greve também, que foi uma greve do Movimento Estudantil, mas também foi uma greve docente e dos servidores técnico-administrativos, então foi uma greve geral da educação. Ali, foi o meu primeiro momento político, ali dentro da universidade, anteriormente eu não tinha nenhuma trajetória ligada à questão política. Em 2013, a gente formou chapa p'ro Centro Acadêmico de História e é aí onde entra toda a minha relação com Frei Tito, compreendendo o nosso Centro Acadêmico de História aqui da UFC que é chamado Centro Acadêmico Frei Tito de Alencar.

Com relação ao Centro Acadêmico (C.A) de História da Universidade Federal do Ceará ter recebido o nome de Frei Tito de Alencar, a fim de homenagear a trajetória de lutas de Frei Tito, Marcelo afirmou

O Centro Acadêmico de História se chama Frei Tito de Alencar desde a sua fundação, que gira em torno de 1980, porque teve um período em que eles foram fechados, os Centros Acadêmicos e os Diretórios Centrais Estudantis (DCE's), tendo em vista o processo de Ditadura Civil Militar no Brasil. E aí o processo de redemocratização, de reabertura política, os C. A's e os DCE's, eles vão voltando, um dos primeiros, aqui na UFC é o do Direito, inclusive foi reaberto pelo João Alfredo e esta geração toda que hoje está no PSOL. O de História é fundado neste processo de reabertura política aí, em meados de 1980, desde o início teve esta escolha política de colocar o nome do Centro Acadêmico de Centro Acadêmico Frei Tito de Alencar.

Continuando a entrevista, Marcelo explicou que na condição de estudioso da história brasileira e ativista político, pelo seu olhar, a Ditadura Civil Militar no Brasil pode ser caracterizada da seguinte forma:

Na época que eu estava na gestão do Centro Acadêmico, a gente até fez uma semana sobre os 50 anos da Ditadura Civil Militar. Inclusive com o golpe agora do governo Michel Temer isso volta à tona, o

debate sobre golpe, sobre ditadura, é muito importante. Porém, quando a gente vai pegar o debate sobre ditadura, que aí eu vou usar o termo Ditadura Civil Militar, eu faço a compreensão, a leitura de que este debate, por mais que ele seja muito feito, ele é feito essencialmente nos âmbitos acadêmicos. O que que marca a Ditadura Civil Militar brasileira? Uma ausência de democracia institucionalizada, oficializada durante 1964 a 1985 (Período em que os militares ocuparam o governo brasileiro, com a promulgação de atos institucionais que legitimavam a ausência de democracia). A gente pega outro elemento, por exemplo, a militarização do poder político, você pega uma democracia burguesa como o Brasil, a democracia representativa, geralmente são sujeitos políticos civis que assumem cargos políticos, e aí você vê um processo de militarização deste poder político.

De tal maneira, o depoimento de Marcelo sobre a militarização do poder político vai ao encontro do que foi considerado um dos motivos para a instauração do regime militar, ou seja, o argumento sobre a necessidade de defender o Brasil das garras do comunismo, portanto, da ameaça de ‘esquerdização do governo’, (GASPARI, 2002). Marcelo salientou que a caracterização da Ditadura Civil Militar também deve ser feita com os processos de resistência à ditadura no campo e não somente nas cidades, algo que era lembrado por Frei Tito:

Os processos de resistência à ditadura não foram feitos somente nas cidades, pelos partidos políticos, organizações de esquerda e Movimento Estudantil, mas também houve um forte processo de resistência no campo brasileiro. Quando a gente vai p’ro campo da historiografia, da escrita da história, da produção científica em história, há uma produção enorme, exorbitante, do processo de resistência das organizações de esquerda das cidades, com relação a ditadura, mas pouco se vê ou se lê a historiografia que fala sobre as resistências do campesinato, dos sujeitos do campo do Brasil, com relação a ditadura. Havia uma efervescência política no final de 1950 e começo de 1960 com relação à reforma agrária, havia ali no centro do debate político a questão da terra, o questionamento do latifúndio brasileiro, o questionamento dos assassinatos no campo, o direito à terra daqueles trabalhadores. Então, **é central demarcar no debate sobre Ditadura Civil Militar a fundamental importância do debate do campesinato no Brasil** e o debate que o latifúndio entrava neste momento.

Ainda complementando a sua fala anterior, Marcelo se atém a defender o uso da nomenclatura “Ditadura Civil Militar”, explicando o contexto nacional que se apresentava no Brasil na década de 1960:

Tenho que compreender que a nomenclatura correta é “Ditadura Civil Militar”, compreendendo que entre os civis, o peso dos latifundiários é primordial. Nos anos 50 se tem uma efervescência política enorme e aí p’ra citar um exemplo, não posso esquecer do caso do Engenho Galileia e das ligas camponesas³⁷, sobretudo no nordeste do país, onde há o surgimento de verdadeiras organizações políticas, através dos sindicatos, através de sociedades mútuas, no próprio nordeste brasileiro. Em Pernambuco, Ceará, teve o surgimento de organizações políticas dos próprios camponeses que vão tomar a terra do latifundiário, ou seja, isso é central para compreender o que é o processo de desenvolvimento da ditadura, a que eles vêm.

Após explicar o contexto nacional, Marcelo se preocupou em caracterizar o contexto internacional que se tinha entre as décadas de 1950 e 1960:

Em 1959 nós temos a revolução cubana, em 1950 nós temos a revolução na China, então isso causa um certo estranhamento, sobretudo quando a imprensa internacional estadunidense vai olhar p’ro nordeste brasileiro e vai falar: **“Este nordeste brasileiro pode virar uma próxima Cuba, o que a gente faz para impedir isso?”** Este era um debate que estava colocado na imprensa norte-americana dos anos 50”. O professor Josué de Castro chega a falar que o Brasil tem duas descobertas, a descoberta de 1500 com os portugueses e a redescoberta do Brasil nos anos 50 e 60 pela imprensa norte-americana.

Neste momento da entrevista, Marcelo complementou a sua fala, destacando o papel que algumas potências mundiais tiveram nos acontecimentos antecedentes à

³⁷ As Ligas Camponesas foram um movimento de luta pela reforma agrária no Brasil iniciado na década de 1950, organizaram milhares de trabalhadores rurais que viviam como parceiros ou arrendatários, principalmente no Nordeste brasileiro, utilizando o lema “Reforma Agrária na lei ou na marra” contra a secular estrutura latifundiária no Brasil. A ação das ligas camponesas pela reforma agrária constituiu-se como mais um dos motivos encontrados pelos militares, apoiados pelas forças conservadoras do país, para executarem o golpe de Estado em 1964. Disponível em: < <http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiadoBrasil/as-ligas-camponesas.htm> > Acesso em 10 jan. 2018.

instauração do regime militar no Brasil, principalmente alerta para a participação norte-americana neste processo, assim ele disse:

Aí é onde os Estados Unidos vão tomar visão da problemática que pode vir a ser o Brasil num cenário onde a China está fazendo a revolução, onde Cuba também está fazendo a revolução em 1959, está expropriando terra, tirando latifúndio. Então há este elemento nacional, obviamente, que eu estou colocando, mas também há o elemento internacional. Então é importante a gente ter este panorama e aí o nacional e o internacional se interligam na avaliação do que é a Ditadura Civil Militar brasileira. Nós não podemos tirar o papel histórico que os Estados Unidos tiveram e ainda têm no processo de imperialismo na América Latina, não só no Brasil, mas na ditadura argentina, chilena. Então assim é este elemento primordial p'ra entender a Ditadura Civil Militar brasileira.

Ainda se voltando para a nomenclatura “Ditadura Civil Militar”, Marcelo defendeu o seu posicionamento favorável a utilização desta terminologia, segundo ele, em vista que:

colocar uma terminologia só “ditadura militar” e tirar de canto a “civil” é quase que tornar inofensiva a grande importância de força, sobretudo força do dinheiro e da comunicação que setores da burguesia brasileira tiveram no processo da ditadura. O dinheiro, por exemplo, isso que eu falei anteriormente, nós não podemos tirar o peso político que tinham os latifundiários do Brasil, que ainda têm hoje na bancada do agronegócio. Nós não podemos tirar o peso político e econômico que tem, por exemplo, a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo ou da Confederação Nacional das Indústrias (CNI) que, na época, entre os anos 50 e 60 já tinha poder político fundamental e hoje continua a ter. P'ra falar do campo da comunicação, nós não podemos esquecer, por exemplo, o papel do jornal “O Globo”. Naquela época ainda, você não tinha televisões em grandes proporções, o papel que o jornal “O Globo”, a imprensa, assim como todas as outras empresas de comunicação brasileira, comunicação impressa em apoio ao golpe é exorbitante.

Então, pela visão do Marcelo, a Ditadura foi civil militar pela grande participação dos grandes empresários e a oligarquia que financiaram e inspiraram o golpe militar e a repressão política. Foram articuladores civis dos governos militares, às vezes indiretamente, mas que eram favoráveis ao golpe:

Veja, o que são os militares sozinhos neste país? Eles não são muita coisa. Historicamente, temos quantos anos de república, desde 1989 p'ra cá? Os militares nunca dialogaram sozinhos. Tudo parte da questão de como se dá a questão mundial. Se dá, a partir do dinheiro. Com o advento do imperialismo, sobretudo, nos últimos 15 anos do século XIX não tem como pensar o mundo, sem pensar o poder do dinheiro, o dinheiro foi globalizado e o poder econômico também. Colocar os militares naquele momento não era uma questão só militar, era uma questão civil. É compreender que parcela desta sociedade civil se apropria destes militares, faz alianças com eles, p'ra que eles assumam o poder, p'ra reestabelecer uma ordem e aí obviamente, porque a desordem era o perigo comunista nos anos 50 e 60, mas quem detém ao fim o poder é a fração burguesa nacional em aliança com a burguesia internacional.

Para pesquisadores que adotam o termo Ditadura Civil-Militar, ao designar o regime vivido no Brasil entre 1964 e 1985, que resultou de um conluio do extrato militar com setores empresariais civis. Assim, mesmo sem concordar com essa corrente, Pomar (2003) admite que falar em Ditadura Militar seria ignorar o “papel ativo de segmentos da burguesia no regime ditatorial, “livrar a cara” da ala civil da contrarrevolução que ensanguentou, oprimiu e humilhou o país por duas décadas”. Após esta explanação acerca da ditadura ter sido um movimento civil e não somente militar, Marcelo discorreu sobre a luta social travada, no período por Frei Tito, de tal maneira ele falou:

Engraçado que eu vou falar de um cristão, eu sendo um ateu. Mas aí o que eu acho muito saudável, inclusive p'ra hoje é que as fronteiras da luta, elas não existem. Pode haver lutador nas fileiras do protestantismo, podem haver lutadores nas fileiras do Candomblé, da Umbanda, ou seja, os lutadores estão em várias partes. Os lutadores, eles querem, na verdade um jargão bem cristão que é a justiça social e paz, então eu acho que o Frei Tito se norteava muito por isso, sobretudo pela formação da Ordem dos Dominicanos.

No decorrer de sua fala acerca de Frei Tito, Marcelo fez uma reflexão sobre a ligação de Tito com a igreja católica e a militância:

O que seria a igreja católica? Ela pode ser ao mesmo tempo um catolicismo popular, bem dos fundamentos e falar da cúpula eclesial da igreja, o bom de falar de igreja católica é isso. Eu acho, que o Tito entra neste vínculo aí, em um contexto onde a estrutura eclesiástica da igreja católica, boa parte dela, a sua maioria, vai no apoio ao golpe militar. O Frei Tito, mas não só ele, como também o Frei Betto, que

foi um grande amigo de Tito. [Só] que o Frei Tito, nos anos 60 ajudou a articular e a sediar em São Paulo o Congresso de Ibiúna, o Congresso da UNE, um congresso clandestino e que teve mais de mil estudantes detidos, ou seja, fazer uma atividade subversiva neste caso. **Dentro de uma perspectiva da ditadura, o Tito foi um subversivo e assumir uma posição de subversivo aos olhos do estado, na situação na qual ele estava sendo um membro da igreja, isso é super revolucionário.**

A propósito, nesta parte da entrevista, Marcelo atribui a Frei Tito, o título de “Primeiro Fomentador do Brasil” no contexto da luta concreta, por sua formação dentro da igreja e trabalho social, levando em conta a Teologia de Libertação. Acerca disso, Marcelo esboça o cenário em que Frei Tito assume esta postura subversiva:

Talvez a luta pela terra seja uma questão central, em um país que vivia até 1970, em um país agrário e exportador e boa parte de sua população ainda residia no campo, depois disso você começa a ter um processo volumoso de imigração para as cidades. Então, a grande questão nos anos 50 e anos 60, sobretudo ligado a questão da igreja é a questão da terra no Brasil, é a questão do latifúndio. E aí não podemos tirar o Tito que é este personagem deste contexto. A título de exemplo, aqui no Ceará, no começo dos anos 60 até os anos 80, a igreja vai se voltar para a educação política dos sujeitos do campo, ao passo que também fazem a alfabetização destes sujeitos. Hora, um país onde boa parte da população nos anos 50 e 60 era analfabeta, eles conseguiam conjugar a palavra do senhor, a educação política e o exercício cidadão de ensinar as pessoas a ler. Este é o papel da igreja, de uma igreja de esquerda e aí o Frei Tito, obviamente, não se furta. Então são vários elementos que vão confluír na história do Frei Tito p’ra que ele assuma, diante da Ditadura Civil Militar, uma postura tão subversiva, uma postura muito revolucionária.

Correlacionando a sua fala anterior, Marcelo se preocupou em narrar a formação de Tito dentro da igreja católica e o quanto isso significava a aproximação da igreja com o povo brasileiro:

Então, eu acho que o Frei Tito está nesta ambiência histórica de uma igreja mais inserida na população, de uma igreja mais envolvida com as questões do povo brasileiro, com a questão da terra, do território, inclusive com ligações com o movimento estudantil, tanto que ele vai articular o Congresso de Ibiúna, que a polícia vai acabar apreendendo muitos que estavam lá, então é este sujeito que tem muitas entradas, muitas formações. **P’ra UNE, naquela época, nos anos 50 e 60, bastante combativa e que chegava a um número enorme de**

estudantes, confiar a Frei Tito fazer a intermediação de um local para sediar o seu congresso, eu acho que isso é uma expressão do que vem ser na época a importância do Tito p'ra uma geração toda de militantes e lutadores sociais.

Neste momento da entrevista, Marcelo caracteriza a organização do Movimento Estudantil na época como o responsável pela preservação da memória da Ditadura Civil Militar, pois segundo ele “a maioria dos textos da ditadura foram escritos pelo Movimento Estudantil”:

Tentando trabalhar hoje o Movimento Estudantil é entender que **boa parte da escrita que estava organizada nos anos 60 era um arranjo do Movimento Estudantil**, nitidamente, isso nas cidades. Você tinha ali, em termos de partidos políticos, o PCB – Partido Comunista Brasileiro (isso antes do seu racha, ainda, porque em 1962 eles vão romper e aí vai nascer o que é hoje o PCDB – Partido Comunista do Brasil) e aí vai permanecer o PCB, que era gigantesco, a maior parte de sua história é na clandestinidade, é um partido que nasce no Brasil em 1922, mas só é legalizado em 1945, depois da saída do Vargas, engraçado, em 1945 eles são legalizados, aí tem o pleito eleitoral, fazem senador que é o Luís Carlos Prestes e fazem mais 14 deputados federais, mas em 1947 eles caem na ilegalidade novamente. Mas mesmo diante disso, o PCB se constitui como uma das maiores organizações de esquerda do país, isso nos anos 60 e aí você vai perceber o Movimento Estudantil também.

Dando continuidade à sua fala anterior, Marcelo cita algumas organizações políticas que tiveram destaque no cenário brasileiro na década de 1960:

Você tem a própria Ação Popular³⁸ (A.P), um dos rachas do PCB, vai ser um grupo bem fluente e vai adotar na época da ditadura uma tática que a gente chama de *folkista*, então o que é o *folkismo*? Muito orientado pela política da revolução chinesa, onde você se instaura em certas localidades do campo daquele país e, a partir daquele foco, você irradia as centelhas revolucionárias. Você vai criando um trabalho de base, você faz ali um processo de treinamento armado, você dialoga com os camponeses, então, a partir daquele foco, por isso *folkismo*, você vai irradiando a revolução p'ra outros lugares até

³⁸ Organização política de âmbito nacional, fundada durante um congresso promovido pela Juventude Universitária Católica (JUC) em Belo Horizonte, entre 31 de maio e 3 de junho de 1962. Integrada basicamente por membros da JUC e da Juventude Estudantil Católica (JEC), seu objetivo era formar quadros que pudessem “participar de uma transformação radical da estrutura brasileira em sua passagem do capitalismo para o socialismo”. Disponível em: < <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/acao-popular-ap> > Acesso em jan. 2018.

conseguir a tomada do poder. Então, você tem aí nos anos 60 no Brasil, organizações deste tipo folkista, que também bebem muito do “guevarismo”³⁹, compreendendo a leitura do final dos anos 50, quando Cuba tem a sua revolução.

Desta maneira, Marcelo continua a sua reflexão acerca das posições políticas da juventude:

Você tem uma juventude católica muito fluente, a igreja muito forte, você tinha organizações de juventude muito fortes também, você tinha a JUC (Juventude Universitária Católica), você tinha a JOC (Juventude Operária Católica). Você tinha várias expressões da juventude católica no movimento de fábrica, no movimento camponês, no movimento universitário, ou seja, os setores da esquerda da igreja católica se articulavam em torno destas organizações políticas.

No decorrer da entrevista, Marcelo relatou como era a atuação das organizações políticas de esquerda no enfrentamento direto ao regime militar, ressaltando a participação do Movimento Estudantil:

você tem uma expressão ampla do que viria a ser o Movimento Estudantil neste período. São várias as organizações, tinha o MR-8⁴⁰, o histórico movimento que a Dilma fez parte e aí o MR-8 faz menção, obviamente, ao dia do assassinato do Che-Guevara, lá na Bolívia, que era uma organização que optou pela luta armada, assim como outras organizações, também como a ALN (Ação Libertadora Nacional) que era dirigida pelo Marighella. Então, você tem aí várias táticas, várias formas de luta, desde o *folkismo* na guerrilha, como te falei, passando pelas juventudes católicas em vários espaços, passando pela luta armada nas cidades, assaltos a bancos, sequestros a embaixadores que vinham ao Brasil e aí a tática era sequestra-los para poder barganhar a soltura de presos políticos.

³⁹ O guevarismo bebe muito da teoria de Marx, à semelhança de praticamente todas as formulações teóricas socialistas e/ou comunistas. Ora, para Che, o papel de Marx consistiu em construir uma teoria e prática políticas de reunir conhecimento da realidade, juntamente com a sua transformação. Assim, Marx teve a capacidade de conhecer e interpretar a História, detectando conflitos sociais e lançando políticas alternativas numa perspectiva transformadora. Disponível em < <http://www.contextolivres.com.br/2011/02/o-guevarismo.html> > Acesso em 10 jan. 2018.

⁴⁰ Nome adotado sucessivamente por dois grupos revolucionários que pretendiam derrubar, através da luta armada, o regime militar instaurado no Brasil em abril de 1964. O dia 8 de outubro corresponde à data da morte de Ernesto “Che” Guevara, líder da Revolução Cubana, assassinado na Bolívia em 1967 quando preparava núcleos guerrilheiros para dar início à revolução socialista nesse país. Disponível em: < <http://www.fgy.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/movimento-revolucionario-8-de-outubro-mr-8> > Acesso em 10 já, 2018.

Durante a sua fala acerca da atuação do Movimento Estudantil, Marcelo deu ênfase à interação que o grupo tinha com outros movimentos durante o regime militar:

O Movimento Estudantil, como não é uma bolha, ele dialoga com muitos outros aspectos da vida política do país, ele vai se organizar com vários outros movimentos, naquela época o centro da luta do Movimento Estudantil era o combate à ditadura. Até porque, a ditadura era muito presente dentro das universidades. Você tem o aclamado decreto 477⁴¹, que autoriza a expulsão de professores e estudantes que eram considerados subversivos pela ótica da ditadura, na ótica do estado. Aqui, na UFC mesmo, tem vários do Direito, da Medicina, que foram convidados a se retirar da universidade porque eram sujeitos subversivos. Então, **não tinha separação do que era a luta pelo Movimento Estudantil e o que era a luta pela ditadura, elas se misturavam uma na outra.**

Quanto às perseguições feitas aos estudantes, Marcelo complementa a sua fala anterior, discorrendo acerca dos estudantes que foram mortos pelo regime militar, com destaque para Bergson Gurjão Farias, o primeiro morto entre os guerrilheiros do Araguaia, que por cerca de trinta anos foi dado como desaparecido político:

aqui no Ceará temos alguns casos, tem o do Bergson Gurjão, que era um militante da Ação Popular na época, que inclusive é hoje muito lembrado, teve um ritual de lembrança a ele na reitoria da UFC, há uns dois anos, porque é um militante que foi torturado e perseguido pela ditadura, até pouco tempo não se sabia onde estavam os restos mortais dele. Isso p'ra falar em termos de Ceará, mas nacionalmente se tem vários outros, presidentes de DCE, o Honestino Guimarães, inclusive é o nome do DCE da UNB, presidente da UNE, que foi perseguido e tal. O Vannucchi, que é o nome do DCE da USP, por ser mais um perseguido pela Ditadura. Tem o caso do filho da Zuzu Angel, o Stuart Angel Jones, que vai se meter com a luta armada e também é preso e torturado e morto e jogado na baía de Guanabara. Então, assim são vários os casos, inclusive de militantes do

⁴¹ O decreto-lei nº 477, de 26 de fevereiro de 1969, também chamado de “AI-5 das universidades”, foi um ato baixado pelo então ditador general Artur da Costa e Silva durante a ditadura que punia professores, alunos e funcionários de universidades acusados de subversão ao regime com expulsão. Na prática, visava inibir a “capacidade intelectual” de uma geração de acadêmicos. O processo a que se submetia o acusado era sumário. Os professores atingidos ficavam impossibilitados de trabalhar em outra instituição educacional por cinco anos, ao passo que os estudantes ficavam proibidos de cursarem qualquer universidade por três anos. Disponível em: < <https://www.documentosrevelados.com.br/repressao/forcas-armadas/lei-477-o-ai5-das-universidades/> . Acesso em 10 já. 2018.

Movimento Estudantil, sobretudo que são presos e torturados, onde até hoje os parentes não sabem onde estão os seus restos mortais.

Ao ser questionado se a memória da Ditadura Civil militar havia sido completamente revelada e se estava acessível para a população do Brasil do século XXI, Marcelo respondeu que:

Ao passo que a gente tem a palavra ‘lembrar’, a gente tem a palavra ‘esquecer’. E o trabalho da memória trabalha muito com isso, este binômio de lembrar e esquecer, aqui serve? A questão de lembrar e esquecer, muitas vezes é uma construção, fazer com que as pessoas não lembrem, esqueçam de determinadas coisas, pode ser uma construção histórica. E o que que determina isso? É a forma com que o poder dominante do presente se apropria da relação com o passado. Qual é, hoje, o interesse que este país tem, vivendo um golpe com o governo Temer, de trazer à tona uma memória com relação a Ditadura Civil Militar brasileira? É um debate capcioso. No governo Lula e no governo Dilma tinha uma intenção, porque inclusive, você tinha no poder uma presidenta que foi guerrilheira, que sofreu, foi torturada e presa pela ditadura. Ou seja, havia uma relação daquele presente ali, quando ela esteve na condição de presidente da república, no sentido de fazer uma elaboração da memória daquele passado, daquele período, que valorizasse uma perspectiva, que eu vou chamar de “uma perspectiva dos de baixos”, “dos subalternos”, ou como Benjamin gosta de chamar uma “história à contrapelo”.

Mas o silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, pode significar, segundo Pollak (1992), a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. Ainda discorrendo sobre esta temática do apagamento da memória, Marcelo fez uma reflexão, mencionando o ensino nas escolas brasileiras, onde, segundo ele “não ocorre um maior debruçamento nos estudos da ditadura”:

apesar de não vivermos um governo militar mais, hoje, os militares ainda exercem um grande poder neste país. Você pega países como a Argentina, onde os presidentes militares que a Argentina teve foram julgados e condenados à prisão. Aqui, no Brasil você teve um processo de reabertura política, onde a anistia, um dos aspectos da anistia brasileira era que a gente quase que esquecesse o que foi este período de 21 anos do domínio dos militares no poder central. Ou seja, há uma diferenciação neste sentido, há uma apropriação do presente, com relação a este período. O que faz com que, obviamente, nas escolas a ditadura militar seja, quando muito, uma aula somente, p’ra dizer quem foram os principais presidentes. “E o grosso da

parada?”. Obviamente, se restringe às produções acadêmicas, que pouco tem conseguido furar este muro que ainda é a universidade do restante da sociedade.

Neste momento da entrevista, Marcelo fez menção aos espaços fora da universidade que rememoram a história de Tito, de tal maneira Marcelo narrou:

P’ra não falar que não falei das flores, com relação a Frei Tito, ele é uma figura tão emblemática, que mesmo que a produção intelectual que tenha sobre ele, seja muito concentrada ainda na universidade, ele é um cara que consegue ainda se destacar em espaços não universitários. Veja, eu participo todos os anos da romaria do Zé Maria de Tomé. O Zé Maria foi um camarada de Limoeiro do Norte, de uma comunidade chamada Tomé, que foi assassinado em 2010, a mando dos latifundiários daquela região do Jaguaribe. Todos os anos na marcha do Zé Maria de Tomé, há um bloco, há uma fila que traz os mártires da luta do povo, isso é uma característica das marchas populares, sobretudo no campo brasileiro, é de que haja standards com fotos ou imagens de lutadores do povo brasileiro e todos os anos tem o standard do Frei Tito de Alencar, isso na Chapada do Apodi, em Limoeiro do Norte.

Dentre outros exemplos de locais que, de alguma forma, tentam rememorar o nome de Frei Tito, Marcelo contou:

Outro exemplo, eu moro num bairro chamado Panamericano e próximo ao meu bairro tem o bairro Planalto Pici e lá eu acompanho uma galera que se articula e debate política, e as pessoas mais velhas, que tinham experiência política desde os anos 80, ajudaram a formar o que a gente chama de “comunidades eclesiais de base”, que é uma forma como eu falei da igreja poder pregar a palavra, fazer a educação política e alfabetizar ao mesmo tempo. E este espaço, sabe como é o nome? Espaço Cultural Frei Tito de Alencar, na periferia de Fortaleza. Fora outros instrumentos, inclusive os instrumentos do estado, na Assembleia Legislativa tem o escritório de Direitos Humanos Frei Tito de Alencar.

Na continuidade de sua fala acerca das organizações que carregam o nome de Frei Tito como uma tentativa de revelação da memória da ditadura, Marcelo acrescentou que na luta pelos espaços de divulgação da história, existe uma relação entre a palavra “disputa” e a palavra “memória”, ressaltando:

Então, assim, há várias formas de se trabalhar a memória, neste sentido de disputa da memória. Se há uma palavra que resume ou é semelhante a memória, é a palavra disputa. E esta disputa está em jogo, pois 50 anos depois os militares saem as ruas p'ra comemorar a revolução de 64, segundo eles. Quem é o Bolsonaro, se não um disputador de memórias com relação a estes 50 anos, ne? Então, a memória dentro da academia a gente está ganhando, agora eu não sei quanto à sociedade como um todo.

Quando questionado, se existe um maior envolvimento da juventude, nos dias atuais, com relação à questão da política brasileira, Marcelo respondeu que:

Sim, eu acho que há, não só da parte dos jovens, mas dos brasileiros como um todo, um sentimento de debater mais o que é esta política, política como esta política institucional, mas também compreender que política é a forma como as pessoas se organizam em sociedade. Então, há um interesse maior das pessoas de debaterem esta política institucional. Eu acho que a gente vive um processo de corrosão do que é a democracia representativa, isso não é só no Brasil, isso é no mundo. Veja, em 1973, a gente tem a guerra do petróleo, inicia-se ali uma disputa, muito forte, de detenção por alguns grupos econômicos, das principais jazidas no mundo. Também nos anos 70, inicia-se as primeiras elaborações do que viria a ser o neoliberalismo no mundo, exemplo disso, é o Chile, o primeiro laboratório de neoliberalismo no mundo. Nos anos 80, você tem um neoliberalismo mais pulsante.

Continuando a sua resposta anterior, Marcelo relacionou o neoliberalismo a democracia representativa, contextualizando:

Então, esta ordem neoliberal tende a trazer a democracia, a democracia representativa, isto é a democracia burguesa. Tende a suplantar, ou seja, a ser muito maior do que o próprio processo de participação popular. Então você pega o Brasil, nos anos 90, o governo do FHC, o governo do Collor, foram governos que pouco atendiam as demandas populares, você pega os Estados Unidos com o Bush, que também pouco atendia as demandas populares. O poder econômico engoliu a democracia representativa. Assim, a democracia hoje é apenas um título de fachada, porque a gente não vive mais em democracia no Brasil, já que a democracia, o parlamento virou um teatro de fantoches, porque as coisas estão previamente definidas.

De tal maneira, Marcelo constrói este contexto para ressaltar, conforme suas palavras, que “houve um despertar da juventude”, com relação a questões centrais aos direitos humanos e a política brasileira, nos dias de hoje:

Obviamente, as pessoas têm se interessado mais em debater mais política, porque estas questões vêm à tona. E aí eu acho que há um protagonismo da juventude, temos que reconhecer a importância do processo de cotas e o mínimo da expansão da universidade, porque elas geram uma contradição. Porque quer queira, quer não, o espaço universitário, ainda hoje é um espaço que concentra uma formação política, mínima que seja, através dos Centros Acadêmicos, através das assembleias de cursos, da grade curricular, então nós temos um mínimo de acesso a este tipo de debate, assim quando entram mais pessoas na universidade, mais possibilidade a discussões políticas. Aqui em Fortaleza vários debates têm chegado à periferia, não só do ponto de vista, do debate nacional, de crise do sistema político brasileiro, como os debates do extermínio da juventude negra no país, a juventude está se mobilizando contra isso.

Dando prosseguimento a entrevista, com relação aos momentos de rebelião do povo brasileiro no regime militar, Marcelo exalta a resistência dos cidadãos do campo contra os militares:

Tem uma série de lutas no campo brasileiro, que ajudam a compreender o que é o processo de resistência à Ditadura Civil Militar brasileira. Porque veja, nos anos 60, um dos projetos da ditadura militar era ocupar locais não ocupados do território brasileiro. Isso vem do que? Um dos motivos se dá a ameaça do comunismo muito forte, então é preciso que o estado ocupe certas localidades do país, sobretudo p’ra poder abafar a ameaça comunista. E outro, era necessário p’ra um novo projeto de capitalismo no campo brasileiro, expandir fronteiras, então você tem nos anos 60 e 70, uma expansão das fronteiras ali pr’o Maranhão, Pará, Amazonas, que hoje é o território da morte no país. Então, a respeito da ditadura é muito nítido os processos de luta, sobretudo no campo brasileiro, no Nordeste e no Norte. O Latifúndio no Brasil, quando a gente fala em ditadura militar, ele foi muito beneficiado, por isso, que é chamada Ditadura Civil Militar.

Neste momento da entrevista, Marcelo lembra de uma frase que Frei Tito escreveu, em uma de suas missivas:

“É melhor morrer, do que perder a vida”. Então, o que é que o Tito quer dizer com isso? É melhor morrer lutando e se indignando, se

insurgindo contra a ordem opressora deste mundo, o capitalismo, do que morrer calado, subserviente, de joelhos dobrados.

Assim, foi questionado a Marcelo, quais seriam, em sua opinião, as principais marcas deixadas pela Ditadura Civil Militar na história brasileira, ao que ele respondeu:

a atuação desoperante da polícia, não só da polícia militar, porque o extermínio da juventude negra não é uma questão que está só na polícia militar. Você vê hoje um processo de militarização das guardas municipais, acho que este é o principal aspecto, a militarização das forças armadas no Brasil e de como isso afeta o cotidiano, até hoje das periferias urbanas. Acho que o latifúndio é o outro ponto, porque a estrutura latifundiária do país não só cresceu, como permanece e é tanto que não podemos perder a importância histórica do surgimento do Movimento Socialista dos Trabalhadores (MST).

Ao ser indagado se ainda existem lideranças dentro da igreja católica que aliam a luta social à religião que, por seu caráter de militância, serão lembrados pela história, como a liderança de Frei Tito, Marcelo disse:

Tudo vai depender do trabalho da memória. A questão não é só o que tu fez em vida, é de como tu é lembrado pela posteridade, como tua memória é reelaborada. O Frei Tito é alguém p'ra nós, não só pelo que ele fez em vida, mas também pela memória que foi elaborada em relação a ele. Lutadores vão existir, a questão é se serão lembrados por existirem. Existem muitos lutadores nestas religiões, você vê surgindo setores e figuras importantes do protestantismo que tem sido ponta de lança nas ideias progressistas do país. Isso na igreja católica também acontece, você tem setores como a Pastoral da Juventude que faz política de luta, política progressista.

Neste momento, Marcelo faz uma reflexão acerca da deslegitimação de ideias propagadas pelos militares e que ficaram guardadas na história, assim ele conta:

A ditadura foi fundamental p'ra que não se falasse mais ou se abafasse o debate sobre reforma agrária neste país. A ditadura foi fundamental para apaziguar as forças progressistas, foi fundamental p'ra deslegitimar o que é o comunismo no Brasil hoje. Porque a igreja deu apoio a ditadura militar? Porque a igreja era anticomunista, isso é oficial, então assim ideias que estavam pulsantes nos anos 60, como reforma agrária, como revolução, hoje parecem estar desacreditadas.

Marcelo acrescentou à sua fala anterior, o papel que a imprensa teve na propagação da imagem do Brasil durante o período militar para o resto do mundo:

como é que eu tenho acesso ao passado? Eu tenho acesso ao passado através das fontes. E aí muitas das fontes dizem respeito aos jornais, aos produtos de hegemonia da burguesia, e aí óbvio que você tem o poder da grande mídia, a grande mídia impressa. Que vai não só fortalecer a visão de apoio a ditadura no Brasil, e aí obviamente vão passar uma visão não só p'ra dentro do país como pr'o ambiente internacional. Então a imprensa foi fundamental p'ra construção desta imagem de que a ditadura, ou a revolução de 64, como os militares gostam de chamar, deveria tirar e extirpar o mal do comunismo, nós não podemos esquecer disso.

Pela entrevista do Marcelo, se pôde ter acesso às informações necessárias para contextualizar, o que ele chama de “ausência de democracia institucionalizada, oficializada durante 1964 a 1985”, seu discurso contribuiu para que se tivesse uma visão mais detalhada de como se instaurou o golpe militar no Brasil, além da compreensão das motivações e justificativas para a investida dos militares ao poder, ressaltando as suas alianças.

De tal maneira, Marcelo dissertou acerca do interesse que os Estados Unidos tinham em apoiar a ditadura, apresentando como se encontrava a conjuntura estatal das principais potências mundiais no cenário de militarização política e de forte disseminação da “ameaça” comunista. No que concerne ao Brasil, Marcelo procurou ressaltar a massiva participação da elite latifundiária e empresária em apoio aos militares na configuração do golpe, o que para ele se justifica no uso da terminologia Ditadura Civil Militar, onde por suas palavras “colocar os militares naquele momento não era uma questão só militar, era uma questão civil”.

A entrevista de Marcelo também contribuiu para o entendimento do papel desempenhado pelas organizações de esquerda nos movimentos de resistência com ênfase nas lutas do campesinato brasileiro e nas ações contrárias ao governo militar pelas associações que optaram pela luta armada. Marcelo se ateve a falar da atuação do Movimento Estudantil, responsável por registrar as memórias da ditadura, de suas alianças com outros movimentos de resistência, da perseguição dos militares aos estudantes e da luta do M.E. pelas questões sociais e pela democracia.

Em sua fala, também houve uma crítica ao atual ensino brasileiro, onde a temática da Ditadura Civil Militar ainda é abordada de maneira simplista, em sua visão o que deveria acontecer era a disseminação da história da ditadura de uma forma mais politizada dentro das escolas, onde tal ação contribuiria para que não houvesse o apagamento da memória e nem o esquecimento de momentos significativos na luta pelos direitos humanos.

Marcelo viabilizou uma reflexão acerca do interesse das classes dominantes em não revelar a memória da ditadura atualmente. Para ele, hoje nós vivenciamos a ausência de um “debruçamento” no que ele chama de “perspectiva dos de baixo”. Ainda em sua entrevista, ressaltou o papel de Frei Tito nas lutas sociais, atribuindo isso à sua formação dentro da igreja católica. Para Marcelo Tito se destacou internacionalmente, porque dentro da perspectiva da Ditadura Civil Militar, ele era alguém ligado aos fortes dogmas e doutrinas da igreja, mas que ainda assim era subversivo aos olhos do estado. Ademais, Marcelo destaca que ainda que exista uma produção mais concentrada dentro das universidades acerca da história de Frei Tito, sua narrativa perpassa os muros da academia quando o seu nome é rememorado nos espaços de luta social, de discussão política e cultura.

Neste cenário Ribeiro (2017) afirma que o ato de memorizar necessita de algo para poder consumir, sendo a informação este algo que se inscreve e registra, tanto na memória cerebral, quanto nas memórias externas ao agente que a produz e consolida. A partir da entrevista de Marcelo, se percebe como o personagem principal desta pesquisa, ou seja, Frei Tito, contribui para a convergência viabilizada por meio desta relação existente entre informação e memória, ao ser Frei Tito a fonte de informação pessoal guardada na memória do entrevistado, ao mesmo tempo em que também é Frei Tito quem memorizou e registrou a memória da Ditadura Civil Militar.

Cícero Rodrigues

Na noite do dia 18 de maio de 2017, o senhor Cícero Rodrigues, veterano da Ditadura Civil Militar no Ceará, conhecido por ‘seu Cícero’, recebeu a pesquisadora na sala de estar da sua residência, situada na Avenida Jovita Feitosa, na capital fortalezense. De início, a pesquisadora narrou o cenário da pesquisa, contando acerca dos objetivos e motivações para a sua realização. Além disso, explicou que, se em algum momento, no decorrer da aplicação das questões, houvesse algum tipo de desconforto, constrangimento ou incômodo causado pela entrevista, esta seria interrompida prontamente. De tal maneira, a pesquisadora começou a entrevista, questionando a seu Cícero, como poderia ser caracterizada a Ditadura Civil Militar, ao que ele respondeu:

Quando a ditadura estourou, eu estava no interior. O problema da ditadura, não foi nada mais, nada menos do que a renúncia de Jânio Quadros. Partindo deste princípio da renúncia de Jânio Quadros, o substituto era o vice-presidente que era o João Goulart, que estava na China. Quando ele chega p’ra entrar no Brasil, há uma grande confusão, vamos dizer assim, porque eles não queriam, devido à renúncia de Jânio Quadros, em 1961, aí o Juscelino fez uma grande força para que o presidente João Belchior Marques Goulart fosse empossado. A partir daí, veio um atrito que balançou o Brasil, as correntes políticas e criou-se o primeiro ministro, que por sinal foi Tancredo Neves, houve um plebiscito⁴² e depois voltou ao sistema presidencial, em 1963. Passado algum tempo, há um certo levante de comunismo. O cunhado do presidente João Goulart, que foi o governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola, incentivou a campanha da legalidade.

Para completar a sua fala anterior, o seu Cícero contextualizou os governos militares, mencionando que:

⁴²A renúncia de Jânio acentuou a situação de instabilidade política. Jango estava na China e a Constituição era clara: o vice-presidente deveria assumir o governo. Porém, os ministros militares se opuseram à posse, pois viam nele uma ameaça ao país. Graças às mudanças propostas no Ministério do Trabalho, muitos acreditavam que o vice-presidente mantinha vínculos com o Partido Comunista Brasileiro (PCB) e com o Partido Socialista Brasileiro (PSB). Apesar disso, não havia unanimidade nas altas esferas militares sobre o veto a ele. Leonel Brizola, que era governador do Rio Grande do Sul, liderou a Campanha da Legalidade, para garantir que, na ausência do presidente, o cargo deveria ser ocupado por seu vice. Adotou-se, então, o sistema de governo parlamentarista, por meio do qual o poder do presidente estaria limitado (em janeiro de 1963, um plebiscito decidiu pela volta do presidencialismo). Disponível em < <http://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/joao-goulart/index.html> > Acesso em 10 jan. 2018.

O problema da revolução, que eles (os militares) chamam de revolução, foi a tomada do poder pelos militares, juntou-se o exército do Rio Grande do Sul, do Rio de Janeiro e de Minas Gerais. Então, o Castelo Branco foi escolhido p'ra assumir o governo, fizeram aquele plano militar e o escolheram, já que ele era mais estadista e preparado p'ra governar. E o Castelo Branco, revolucionário, teve grande destaque nos campos de batalha na Itália, na segunda guerra mundial, por isso foi escolhido. Assim, o Castelo Branco tinha a intenção de ficar no poder apenas por dois anos, completar o governo que não estava acabado, ele queria substituir, moralizar o país e ficar os dois anos, então quando terminasse o mandato ele entregava o poder aos civis, para continuar a democracia. Quando ele se afastou, assumiu o Castro e Silva.

Dando ênfase ao governo do general Garrastazu Médici, seu Cícero continuou o seu discurso dizendo o seguinte:

Quando assumiu o general Garrastazu Médici, que eu considero o “pai da pobreza”, porque ele quem deu a aposentadoria dos idosos do interior, os agricultores. Naquela época, era um período de seca, aqui no Ceará, no Nordeste, então ele não confiou no secretariado dele quando disseram que havia dado “uma chuvinha”, logo ele veio de Brasília e viu os pobres comendo farinha com rapadura, aí ele voltou p'ra Recife, a noite e decretou a pensão dos idosos, quem tivesse 70 anos, já tinha uma pensão garantida. O que não foi benefício p'ra democracia não, inclusive esta democracia brasileira é uma baixaria, uma vagabundagem, a gente está vendo a podridão aí todo tempo! No governo militar, houve respeito, se andava aqui em 1974 e não havia bandidagem e nem muito menos a corrupção que há hoje. Primeiro, que os bandidos que apareceram foi quando começou a revolução, que tinha este pessoal do PT. Por exemplo, a Dilma foi presa e tal, ela foi treinada lá em Cuba, ela dirigiu assalto a banco, eu tenho tudo documentado nos livros do Exército. Os primeiros assaltos a banco foram chefiados pela Dilma, ela foi treinada em guerrilha lá em Cuba, e o Lula foi preso durante a revolução, hoje a gente só vive o resultado.

Ao ser questionado sobre como se dava o contexto da sociedade brasileira na Ditadura Civil Militar, seu Cícero ressaltou que:

A gente tinha garantias, assistência policial, assistência de vida. Ninguém podia andar difamando ou atacando o governo, só existiam dois partidos o MDB (Movimento Democrático Brasileiro) e a ARENA (Aliança Renovadora Nacional). Quanto ao regime, o MDB procurava propor a volta da democracia, tinha a luta pelas diretas já.

A primeira eleição democrática, relutaram muito, mas ela aconteceu, foi votada pelo Congresso, onde o presidente Tancredo Neves e o Paulo Maluf foram candidatos e assim veio a democracia que chamamos. Mas há de se notar, que antes do governo militar nós não tínhamos transamazônica, não tínhamos a hidrelétrica de Itaipu, não tínhamos a ponte Rio-Niterói, não tínhamos telecomunicações, tudo isso foi criado no governo militar.

Dando prosseguimento à entrevista, seu Cícero discorre sobre a realidade cearense durante o regime militar, fazendo uma reflexão acerca da conjuntura política que o estado cearense tinha na época, logo ele relatou:

No Ceará, nós tivemos três governos marcantes de coronéis, o Cesar Calls de Oliveira Filho, depois o Adauto Bezerra e posteriormente o Coronel Virgílio Távora. Deste sistema de governo, que eles faziam um rodízio no poder, o melhor governador dos coronéis era Cesar Calls de Oliveira, em seu governo, construiu no Ceará o melhor setor dentário da América Latina, ele fez um sistema de saúde invejável, foi o melhor governador do período militar no Ceará.

Acrescentando à sua fala anterior, seu Cícero criticou a situação precária do sistema público de saúde brasileiro dos dias atuais, fazendo uma alusão ao período do regime militar, de tal maneira, ele comentou:

A situação da saúde pública no Brasil hoje em dia é alarmante, você chega em um hospital público deste e não tem nem gases, não tem material p'ra se fazer nenhuma operação, enquanto que na época da ditadura tinha assistência, aqui, o governo do Ceará nadava em dinheiro.

Quando foi indagado a seu Cícero acerca da luta social travada por Frei Tito, ele respondeu que:

Frei Tito sofreu com os extremos da ditadura. Ele era um religioso que foi contra a revolução. Na igreja, até hoje, se reconhece a luta pela paz e comunhão que ele buscava tanto na revolução, sei que ele foi um estudante perseguido pela polícia e que morreu jovem, quando estava exilado. A gente aqui em Fortaleza tem lugares que atendem pelo nome dele, como o posto de saúde Frei Tito, a escola Frei Tito no Quintino Cunha, mas se você for perguntar por aí, muita gente não sabe quem foi ele. No que diz respeito, ao governo da revolução, se eu quiser defender o sistema do regime militar, eu defendo, porque a

gente tinha segurança, mas eu sei que houveram torturas, muitas injustiças e uma delas foi com o Frei Tito.

Ao falar sobre Frei Tito, seu Cícero se recorda de outra pessoa que foi perseguida e presa pela Ditadura Civil Militar, seu amigo, o Dr. José Pontes Neto⁴³, que teve os direitos políticos cassados no Ceará, seu Cícero conta que:

Ele dizia que era comunista, mas o sistema do Pontes Neto, a maneira dele ser comunista, era somente dentro do partido, que na época era o PCB no Ceará, ele foi um dos maiores médicos que o Ceará já teve e mesmo assim foi preso aqui, e quando ele estava preso, tinha um general que estava morrendo no hospital, aí chegaram p'ra ele e disseram “o general vai morrer”, aí tiraram ele da prisão p'ra operar este general, e mesmo tendo salvo o general ele teve os direitos políticos cassados.

No que concerne, às manifestações sociais que aconteciam de forma combativa ao regime militar, seu Cícero descreve o seguinte:

Naquela época era um problema a ânsia de liberdade, porque no governo militar ninguém podia conversar sobre política, ou fazer rodinhas nas praças, o policiamento, a patrulha do Exército ficava em cima logo, ou eles mandavam dispersar, ou eles levavam. Por exemplo, naquele movimento de liberdade e democracia muita gente se difamava, aqui no Ceará, muitos estudantes e professores sumiram na revolução aqui no Ceará. **Existia uma democracia proibida, ninguém tinha liberdade de expressão, mas os cidadãos podiam andar nas ruas, havia respeito, apenas era vigiado. Mas mesmo com tudo isso, o governo militar fez um bom governo, você não via estas roubalheiras que se vê hoje.**

Ainda se voltando à história de Frei Tito, seu Cícero exalta a personalidade de Tito, como autor, pela escrita de suas cartas:

Eu conheci a história de Frei Tito, já quando ele estava exilado lá na França. Ele escreveu muitas coisas por lá como forma de manifestação contra aquela tortura da ditadura. Eu sempre estudei o comportamento dos governantes e o respeito que se tinha à pátria. Mas conheço outros exemplos de cearenses religiosos presos, como

⁴³ Médico do Instituto José Frota (nomeado em 1941); eleito deputado à Constituinte, em 1946, estando entre os parlamentares outorgantes da Carta Magna, promulgada em 1947; reeleito deputado estadual em 1959 e 1963. Cassado pela Revolução de 1964, foi recolhido à prisão no 23º BC e teve os seus direitos políticos suspensos. Disponível em: < <http://hotsite.verdesmares.com.br/sereiadeouro/homenageados-anteriores/jose-pontes-neto/> > Acesso em 10 jan. 2018.

o Dom Hélder Câmara, que foi amigo de Frei Tito. O Dom Hélder⁴⁴ sempre foi uma boa pessoa, um gigante apesar da estatura ser pequena, um homem de muita fé, que também foi preso na revolução.

Quando questionado a seu Cícero, quais seriam, levando em consideração a conjuntura brasileira atual, as principais marcas que foram deixadas pela Ditadura Civil Militar, ele respondeu:

O governo militar deixou marcas, marcou épocas, marcou história, agora eles tratam o governo militar como se fosse uma página negra da história do país, mas não lembram que no governo que veio com a democracia, veio o mar de lama, veio a corrupção, veio a desestruturação do Brasil.

A intenção da realização da entrevista com o seu Cícero foi coletar o testemunho de alguém que viveu o regime militar, na condição de um conservador da igreja católica e que apresenta um posicionamento favorável ao seu sistema de governo. Logo, sua fala contribuiu para que se tivesse na pesquisa, além das falas dos entrevistados que denunciam as arbitrariedades e consideram a ditadura como o cerceamento de liberdades, a fala de alguém que defende a militarização política, mesmo com os extremos de violência e a ausência de democracia, sendo assim o objetivo desta entrevista foi contrastar a fala dos entrevistados.

Posto isso, a entrevista do seu Cícero se limitou a narrar o governo militar, exaltando a ordem instalada no Brasil e o progresso viabilizado pelo o que ele chama de “revolução de 1964”. Seu Cícero contextualizou a conjuntura política e ressaltou as “assistências” que a população tinha no período militar, como saúde, “assistência policial, assistência de vida”, assim por suas palavras não havia “violência” e nem muito menos “corrupção”, diferentemente do que acontece com a democracia no sistema de governo.

⁴⁴ Além das atividades pastorais de sua Arquidiocese, atuou em movimentos estudantis, operários e ligas comunitárias contra a fome e a miséria. Teve significativa participação contra o autoritarismo praticado pelos militares. Após escrever um manifesto de apoio à ação católica operária, foi acusado de comunismo, sendo proibido de se manifestar publicamente. Na madrugada de 26 para 27 de maio de 1969 o assessor de Dom Hélder, o padre Henrique, foi preso e torturado até a morte. Nesse mesmo ano, recebeu o título de Doutor *Honoris Causa* pela Universidade de *Saint Louis*, nos Estados Unidos. Em 1970, em um pronunciamento em Paris, Dom Hélder denunciou a prática de tortura e a situação dos presos políticos no Brasil. Em 1972, foi indicado ao Prêmio Nobel da Paz. Disponível em: < <http://www.arquidioceseolindarecife.org/2017/08/dom-helder-camara-18-anos-na-casa-do-pai/> > Acesso em 10. jan. 2018.

Houve ainda, a explanação de como se apresentava o cenário político cearense na ditadura, seu Cícero ressaltou a presença do coronelismo e fez uma crítica ao cenário político brasileiro atual. Porém, seu Cícero também mencionou que houveram injustiças e uma destas injustiças aconteceu com Frei Tito, ou seja, isso exemplifica que mesmo ciente das torturas que aconteciam, seu Cícero tem um discurso saudosista no que se refere ao governo das tropas armadas, como ele disse, “ se eu quiser defender o sistema do regime militar, eu defendo, porque a gente tinha segurança, mas eu sei que houveram torturas, muitas injustiças e uma delas foi com o Frei Tito”. Para seu Cícero, embora o regime militar seja lembrado, apenas como sendo “uma página negra na história do país”, também foi uma época de ordem e progresso no Brasil.

João Alfredo

Na tarde do dia 29 de setembro de 2017, por volta das 15h00, o vereador de Fortaleza e ex-membro do Diretório Central dos Estudantes, João Alfredo recebeu a pesquisadora, em seu escritório, localizado no bairro Aldeota, em Fortaleza. De início, a pesquisadora se apresentou, contou um pouco de sua trajetória na academia, fazendo menção aos seus estudos de memória, falou sobre a sua participação, enquanto estudante, na gestão do Centro Acadêmico de Biblioteconomia na Universidade Federal do Ceará e explicou a João Alfredo as motivações e objetivos da pesquisa. Para além disso, a pesquisadora informou, que se por algum momento, houvesse constrangimento ou desconforto por parte das perguntas a serem realizadas na entrevista, esta seria imediatamente interrompida. Desta forma, a pesquisadora pediu para que João Alfredo caracterizasse o que foi a Ditadura Civil Militar brasileira. Ele, então, começou a narrar:

Quando houve o golpe civil militar em 1964, eu tinha 5 anos e meio, em 1968 eu tinha 7 anos, quando teve o AI-5. Assim, de fato eu vou começar a ter consciência disso em 1978, quando eu tinha 10 anos de idade. Então, vai ser exatamente quando vai ter no Brasil, o processo de abertura política, no período de redemocratização. Foi exatamente quando se lutava pela anistia, e a anistia veio. A faculdade de Direito da UFC, naquela época teve muitos encontros do Comitê brasileiro pela anistia, do movimento feminino pela anistia. Nesta época a gente

reabre o Centro Acadêmico, em 1979, inclusive foi um período que houve alguns atentados de extrema direita, em uma banca de revistas, na sede do DCE.

João Alfredo continua a sua fala anterior, discorrendo acerca da sua militância no Movimento Estudantil no Ceará:

A nossa militância naquela época, era de reabertura da UNE e tudo mais, era uma militância que se somava ao resto do Brasil inteiro, principalmente aos estudantes e também a classe operária que realizava, naquele momento, as primeiras grandes greves do ABC Paulista, onde o Lula aparece como o líder sindical ali em 1978 ou 1979. Você tem toda uma movimentação entre os petroleiros, os bancários e a anistia vai engrossar este caldo de luta pela redemocratização. Tanto é, que quem me deu posse, em 1979, como presidente do Centro Acadêmico Clóvis Beviláqua (Direito-UFC) foi o presidente anterior de 1968, que havia sido anistiado, hoje, juiz aposentado Inocêncio Uchôa, já que em 1968 tudo foi fechado e eles tiveram que cair na clandestinidade, então a minha geração viveu ativamente neste período de redemocratização.

Na continuidade de sua fala anterior, João Alfredo faz uma reflexão acerca da motivação da época para a realização do golpe pelos militares:

É claro que quando você olha assim p'ra trás, do ponto de vista histórico você vê que efetivamente o golpe se dá, exatamente porque as classes dominantes no Brasil, esta elite econômica, utiliza disso, sempre que ela se sente ameaçada nos seus privilégios, nos seus interesses como classe dominante, enquanto burguesia, enquanto latifundiários, enquanto banqueiros que se têm no Brasil. O governo João Goulart, naquela época era um governo reformista, não era um governo revolucionário. Era um governo que queria implantar, o que eles chamavam naquela época de reformas de base⁴⁵, então o que eram estas reformas de base? A reforma agrária, numa perspectiva de democratização do campo, a reforma do sistema financeiro, até p'ra barrar a drenagem nos lucros, eles falavam muito do controle de capitais das empresas multinacionais, a reforma urbana, com relação à moradia. Então, eram reformas progressistas que motivaram que os setores do empresariado brasileiro com os militares articulassem o

⁴⁵ Nessa ampla denominação de “reformas de base”, incluíam-se as reformas bancária, fiscal, urbana, eleitoral, agrária e educacional. Defendia-se também o direito de voto para os analfabetos e para os militares de patentes subalternas. Além disso, eram propostas medidas de corte nacionalista, com maior intervenção do Estado na vida econômica e maior controle dos investimentos estrangeiros no país, mediante a regulamentação das remessas de lucros para o exterior. Disponível em: <http://www.institutojoaogoulart.org.br/conteudo.php?id=68>
> Acesso em: 10 jan. 2018.

golpe, que a gente sabe que teve o apoio até dos Estados Unidos, que colocou um porta-aviões no Rio de Janeiro, já preparando p'ra o caso de haver alguma resistência.

Durante este momento de sua fala, João Alfredo explica a utilização do termo “civil” ao se referir a Ditadura Militar, pela sua interpretação aconteceu um golpe civil militar no Brasil em 1964, explicando que:

Como você bem denomina, a ditadura foi civil porque o que se teve foi um golpe civil militar, pois os militares são chamados para garantir a lei e a ordem, lembrando agora deste último ato aí do Temer, a lei e a ordem na perspectiva desta classe dominante. Tinha a promessa de que eles passariam pouco tempo e entregariam o governo ao povo, através de eleições diretas para presidente da república, mas o que a gente viu foi um golpe dentro do golpe. Porque em 1968, quando a junta militar ficou lá e o Castro e Silva baixou o AI-5 e aí acabou com o habeas corpus, fechou o Congresso, cassou vários parlamentares, então foi um endurecimento muito grande do golpe até para tentar barrar as resistências que começaram a aparecer pelo país. Se você olha em 1964, foi uma forma de manter a hegemonia deste grupo dominante que estava ameaçado pelo crescimento da luta sindical, da luta política, você tinha o crescimento do sindicalismo muito forte naquela época, você teve a luta das ligas camponesas, em Pernambuco, Goiás, então o golpe foi dado p'ra retirar os poucos direitos que a população alcançou.

De tal maneira, João Alfredo faz uma reflexão acerca da população civil, o que ele chama de “classes dominantes”. Ao mesmo tempo, ele as atribui ao protagonismo no golpe dado pelos militares em 1964 no Brasil:

Tem um traço muito parecido na história do Brasil, que são as elites econômicas, políticas, as classes dominantes no Brasil, desde os senhores de escravos, hoje proprietários de terra, banqueiros, industriais, eles têm duas características importantes que eu acho importante a gente falar. Primeiro, eles são completamente resistentes a qualquer forma de melhoria da vida do povo e da diminuição dos seus lucros, dos seus ganhos e privilégios, eles não aceitam isso, são aferrados a isso. Em alguns outros países, o que é chamado de “estado de bem-estar social” da democracia, o lucro diminui, o salário do trabalhador melhora, tem mais direitos sociais, em nome inclusive da estabilidade do capitalismo. Aqui não, eu não chamo de selvagem, porque não tem nada a ver com selva, aqui é um capitalismo terrível, infernal.

Continuando a sua caracterização das classes dominantes, João Alfredo disse:

Segundo, eles não são democratas, no momento que a democracia não serve mais p'ra eles, eles recorrem ao golpe, ou um golpe militar, como já tivemos no Brasil, ou um golpe institucional, que juntou congresso, judiciário e mídia, como o que aconteceu agora. Na verdade, eles têm características diferentes, nós vivemos uma sociedade da informação, hoje a mídia tem um peso muito maior do que teve em 1964, ou em 1968, hoje a gente tem redes sociais também que ajudaram a criar o clima de desestabilização no governo da Dilma.

Dando prosseguimento a entrevista, ao ser questionado acerca da luta social travada por Frei Tito, devido a perseguição militar, João Alfredo afirmou:

Eu acho que ali você tinha uma situação muito interessante, o que era? Setores da igreja que resistiam à Ditadura Civil Militar. Os dominicanos em São Paulo ajudaram muito a uma organização da época, a Ação Libertadora Nacional (ANL) da qual fazia parte o Carlos Marighella, então eles como frades, tem muito a ver isso com a Teologia da Libertação, que foi muito forte na América Latina e no Brasil, em particular. Se a gente pensar nestas figuras como Frei Tito, mas não só ele, como também Dom Aluísio e Dom Paulo Evaristo, são pessoas muito importantes, neste período de resistência à ditadura. E estes jovens dominicanos passaram a ajudar, inclusive escondendo e ajudando em fuga os guerrilheiros, que lutavam contra a ditadura.

Continuando a sua resposta, João Alfredo falou:

Pelo que a gente sabe da história de Frei Tito, aqui, ele já se sentia incomodado com a história da ditadura, até a família temia muito por isso. Então, quando ele vai p'ra São Paulo isso se intensifica, e de fato ele foi uma pessoa que sofreu muito na prisão pelas torturas que recebeu comandadas pelo ex delegado Sérgio Fleury. Frei Tito foi uma figura muito importante porque, através dele foi que se soube que tinha tortura no Brasil, através da publicação das cartas dele, através da denúncia que Dom Hélder fez lá fora da situação do Frei Tito, que trouxe uma pressão internacional.

João Alfredo contextualizou o cenário brasileiro da década de 1970, ressaltando a importância de Frei Tito como símbolo de resistência, como delator das torturas que vinham acontecendo nos cárceres brasileiros no período da ditadura, assim ele narrou:

Nesta época, era a época do Brasil “ame-o ou deixe-o”, era a época da copa do mundo de 70, a copa, inclusive, foi toda utilizada para esconder o que estava acontecendo nas cadeias, as torturas, as mortes. Até vai acontecer uma coisa curiosa, quem vai ser o treinador no Brasil na copa do México vai ser o Zagallo, mas quem tinha começado a treinar a seleção era o João Saldanha e ele era do Partido Comunista, então precisava tirar o João Saldanha da seleção, por conta da vivência dele na resistência. Então, a gente viveu uma época muito fechada, de censura na imprensa, de pessoas sendo desaparecidas, mortas e torturadas. **Eu acho que não é fácil uma pessoa ter sofrido o grau de tortura que ele sofreu e não ter entregue nenhum companheiro dele, não ter possibilitado que outros viessem a ser presos, tanto é, que muitas pessoas dizem assim: “ele não se suicidou, ele foi assassinado”. Porque eles quebraram o Frei Tito por dentro, houve uma quebra muito grande de toda a alma dele, ele não conseguia mais viver, ele sentia tudo isso, a ponto de tirar a vida, mas a vida dele já tinha ido embora, por conta de tudo que ele sofreu.**

Ainda se referindo a conjuntura política do país, com o golpe militar, João Alfredo ressaltou que:

A ditadura suprimiu a democracia, ao impedir a liberdade de imprensa, ao impedir a organização. A gente pode ver os impactos diretos e imediatos que aconteceram, como: os parlamentares e lideranças políticas que foram cassados e tiveram que ir ao exílio; jovens que enfrentaram a ditadura com armas nas mãos e foram presos, torturados, mortos e as suas famílias todas; o ensino que passou a ser um ensino manipulador com esta ideia de Moral e Cívica, de Organização Social e Política Brasileira (OSPB), de um patriotismo que escondia a real situação do país; a corrupção, ah mas as pessoas dizem que não teve corrupção? Tinha muita, qual era a questão? Você não sabia que ela estava ocorrendo, porque você não tinha imprensa livre, meios de saber, estes meios que a gente tem hoje. Estas grandes obras que teve no Brasil, a Transamazônica, a ponte Rio-Niterói, a construção das usinas nucleares no Rio de Janeiro, tudo isso levou a corrupção; Claro, que houve a modernização do latifúndio também, no sentido de que a reforma agrária não fez e o latifúndio se transformou em empresas rurais com o apoio grande destes governos e uma instabilidade política p’ras classes dominantes governarem. Porém, a luta contra a ditadura produziu um processo social muito forte no Brasil.

Neste momento da entrevista, João Alfredo fez uma explanação acerca da sua atuação do Movimento Estudantil na época da ditadura:

Você teve dois momentos na ditadura, de 1964 a 1968 e de 1968 a 1979. Neste primeiro período, ainda havia o Movimento Estudantil, ainda havia algum tipo de resistência. Quando vem em 1968 fecha tudo e aí a perseguição, onde os líderes estudantis ou vão p'ra clandestinidade ou vão p'ra guerrilha ou vão pr'o exílio. E a gente retoma em 1979, que é onde eu participo, é um momento muito forte de reabertura do Movimento Estudantil. Eu acho que naquela época o Movimento Estudantil era muito politizado, porque a gente tinha muita clareza que ainda vivia num regime militar, a gente estava fazendo algo que era contra a lei, porque tinha um decreto-lei 477, que proibia as organizações estudantis de acontecerem e a gente fazia contra esta lei.

João Alfredo continua a sua fala, ressaltando as ameaças que a juventude sofria por participar da resistência:

A gente corria alguns riscos, a gente ia pr'os congressos da UNE e era ameaçado de ser expulso. Por exemplo, a gente tinha na faculdade de Direito, um cara que era ligado aos organismos de informação e ele ameaçava a gente de expulsão, porque estávamos fazendo este enfrentamento. Então a gente vivia esta situação, porque você só derrota o regime, quando há a divisão dentro dele. A gente não vivia uma situação de tanta repressão como em 1964, mas tinha a ameaça, tinha o medo. Eu acho que tudo isso fez com que a gente se politizasse muito, porque naquela época, a gente tinha a abertura do DCE e do C.A de Direito, na UFC, então nós ocupamos uma sala e fizemos um debate com os estudantes sobre a questão da anistia e sobre a questão da reforma agrária, O DCE sofreu um atentado a bomba, nesta época. Então, o tema que foi uma discussão muito forte nesta época, era o seguinte: a gente vai cuidar das questões específicas do curso? Ou vai cuidar das questões gerais, as questões políticas e a gente disse, não, a gente vai cuidar das duas coisas, porque as duas coisas estão juntas. Naquela época, a gente não podia dizer que fazia parte de um partido político, os partidos de esquerda viviam todos na clandestinidade, a gente usava outros nomes, muitas vezes as reuniões eram reuniões clandestinas, por causa do medo da repressão.

Ao ser questionado se a memória da ditadura civil militar havia sido completamente revelada e se estava acessível para a população João Alfredo respondeu que não e continuou:

Não, inclusive porque os militares não entregaram os documentos. Então, por exemplo, a gente tem muita coisa escondida, muitos corpos ainda não foram encontrados, a gente não teve aqui no Brasil,

um processo que teve em outros países como na Argentina, ou no Chile ou na África do Sul, de levantar toda essa memória. Porque mais uma vez a transição se deu por cima, a anistia foi negociada com os militares, tanto é que a gente não teve nenhum militar processado, lá os militares foram processados e presos na Argentina pelos crimes que eles cometeram na ditadura, então aqui este processo não apareceu todo, 50 e tantos anos depois ainda tem coisas aparecendo. O que você sabe é da memória dos que sofreram e ainda estão vivos, mas dos que morreram você não tem mais, porque a própria ditadura militar não entregou, eles dizem que queimaram, mas isso é história, eles devem ter em algum local.

Neste momento da entrevista, João Alfredo relembra a movimentação entre os estudantes, grupos de guerrilheiros e sindicatos com protestos e ações contrárias a Ditadura Civil Militar, contando que na época de maior instabilidade e revolta aconteceram as grandes passeatas pelas cidades em defesa das Diretas já⁴⁶, além da luta por mudanças na constituição.

Ali naquela época já existia alguns grupos de guerrilheiros que depois se aprofundaram em 1969 e 1970 e depois teve uma grande mobilização nacional naquela época que foi pelas Diretas já. Também a luta pela anistia, os movimentos operários e sindicais, o ressurgimento da UNE, além da Constituinte. Então você teve um período que juntou tudo isso. Aí na época da Constituinte, os movimentos se organizaram para propor mudanças na constituição. Depois vem o processo da redemocratização, a censura vem diminuindo, o próprio Geisel falava numa “distensão lenta, gradual e segura” e o Figueiredo chamava de “abertura política”.

Dando prosseguimento à entrevista, João Alfredo fez uma reflexão acerca da visão do crescimento econômico que muitas pessoas defendem ter ocorrido durante a Ditadura Civil Militar, destacando que devemos contestar esta visão de desenvolvimento na ditadura.

Esta visão, que é uma visão muito ligada ao capitalismo, de crescimento econômico das grandes empresas, por esta visão é que

⁴⁶ A ditadura militar já durava 20 anos quando milhões de pessoas em todo o Brasil foram às ruas em 1984, num movimento de massas sem precedentes, pedir a volta das eleições diretas para presidente e o fim do regime militar. O povo brasileiro já deixara patente seu repúdio à ditadura nas eleições de 1974, quando impôs uma espetacular derrota ao partido oficial, a Arena, votando maciçamente no único partido de oposição permitido, o MDB. Já forçara a “abertura lenta, gradual e segura” com a campanha da anistia, que resultou na lei de 1979. Em 1982, nas primeiras eleições diretas para governador, a oposição ganhara em dez Estados – e nos mais populosos. Com as grandes manifestações de 1984, na maior campanha cívica já ocorrida no país, as Diretas-Já, o povo brasileiro cobrou o imediato fim do regime militar e o direito de escolher logo seu maior governante. Disponível em: < <http://memorialdademocracia.com.br/card/diretas-ja> > Acesso em: 10 jan. 2018.

os índios e os negros não são desenvolvidos. Então é uma visão de que estamos dentro de uma ideologia dominante que coloca isso, seguindo mesmo dentro do capitalismo. Existem países que se desenvolveram mesmo sem a ditadura militar, se você pegar os países do norte da Europa, depois da Segunda Guerra Mundial, se melhorou bastante as condições da população de forma gratuita e de qualidade, então eu acho que a ditadura aqui piorou foi o país para o povo.

Continuando o seu discurso anterior sobre a luta social das organizações, João Alfredo dissertou acerca das motivações dos jovens em buscar a reconstrução da democracia e a reabertura política no país, incluindo a sua própria experiência pessoal nesta luta, destacando o papel dos jornais da esquerda, assim ele contou:

Os militantes antigos daquela época, mais velhos do que a gente 10 anos, eles vieram com a anistia e passaram a fazer formação política p'ra gente. Tinha a imprensa, tinha os jornais da esquerda que circulavam, sofriam censura, mas as vezes escapavam. Você tinha jornais como o “jornal movimento” que trazia estas informações. Evidentemente como o Movimento Estudantil tinha sido fechado, tinha toda esta movimentação. Aqui mesmo no Ceará tivemos o jornal chamado “Mutirão” que trazia uma outra visão da ditadura, uma movimentação que estava ligada aos partidos de esquerda, para fazer formação política com os jovens daquela época. Eu mesmo fiz formação política com um cidadão que se suicidou há pouco, o Gilvan Rocha. Ele levava as pessoas na casa dele, ele ainda estava na clandestinidade e aí a gente recebia os livros, trazia um pouco da Teoria Marxista p'ra gente, então tinha uma vontade, um desejo de participar, o que acabou se tornando massivo em todo o Brasil.

As informações fornecidas durante a entrevista de João Alfredo ajudaram a corroborar a fundamentação da pesquisa, pois o seu relato é de alguém que participou ativamente da resistência à Ditadura Civil Militar. Por seu discurso, se pôde compreender acerca da militância do Movimento Estudantil, suas articulações, formas de organização e funcionamento durante os anos de chumbo no Brasil. João Alfredo explicou acerca das motivações que levaram a realização do golpe militar, atribuindo a responsabilidade disso ao que ele chamou de “classes dominantes”, alegando então que o golpe aconteceu, em virtude da ameaça que as reformas de base ofereciam para estas classes.

No decorrer de sua entrevista, fez uma explanação sobre a conjuntura política brasileira da época, contou da luta por direitos humanos empreendida por Frei Tito, narrou fatos curiosos de autoria dos militares para esconder as torturas e mortes que aconteciam

dentro dos cárceres brasileiros, ainda delatou o medo que os jovens sentiam e os riscos que passavam com a politização do Movimento Estudantil na clandestinidade, devido a perseguição militar.

Para João Alfredo, a memória da Ditadura Civil Militar ainda não foi completamente revelada, em virtude da negativa dos militares em cederem os documentos que narram esta história de luta e resistência do país à Comissão da Verdade. Nesse sentido, João Alfredo critica o fato de os militares brasileiros não terem sido presos ou processados pelos crimes da ditadura. Seu relato exalta, principalmente, a participação da juventude na resistência à militarização da política, onde a intensa movimentação entre os estudantes, grupos de guerrilheiros e sindicatos com protestos e ações contrárias a Ditadura Civil Militar denotavam uma “vontade, um desejo de participar, o que acabou se tornando massivo em todo o Brasil”.

ANEXO A- REPRODUÇÃO DA CARTA ENVIADA AO COLEGA DE CONVENTO
MAGNO VILELA

Alencar,

Caro magno:

Obrigado pela carta. Era do Miguel e vinha de pégen. Falávamos de que foi um invento prazer para ele em ter na conhecida. No final, entrou-se de companheiro e amigo.

Li, por aqui, um panfleto de mov. estudantil de São Paulo. Falava de greve de fome e de representação por parte da Oban para as companheiras freitas. Trazia uma realidade aberta à P. de Tanto Wencostan e a Frei 180 L3. Broupin. Fiquei muito feliz com a notícia.

Então, acabou-se a velha imagem de considerável como traidor de R.B. Para mim, o que houve foi um erro e que se foi superado através de uma digna autocritica na prática. A atitude heroica que ele tem levado na cadeia sobre qualquer versão falsa ou conclusão ^{do} ^{suprima} sobre o 9 de Novembro (1969).

É pena que Carlos Francisco, ~~do~~ e do Saint-Jacques, deixem-se levar-se por antigos comentários do Estado de São Paulo.

ANEXO B – FOTOGRAFIA DE TITO NO DOI-CODI

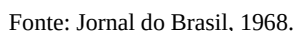
Fonte: Frei Tito Memorial Online, 2016.

ANEXO C – CARTEIRA PROFISSIONAL DE TITO



Fonte: Frei Tito Memorial Online, 2016.





ANEXO F- MARCHA DOS CEM MIL

Fonte: Gaspari, 2014.

ANEXO G – FOTO TIRADA NO DOPS PARA FICHA CRIMINAL DE FREI TITO

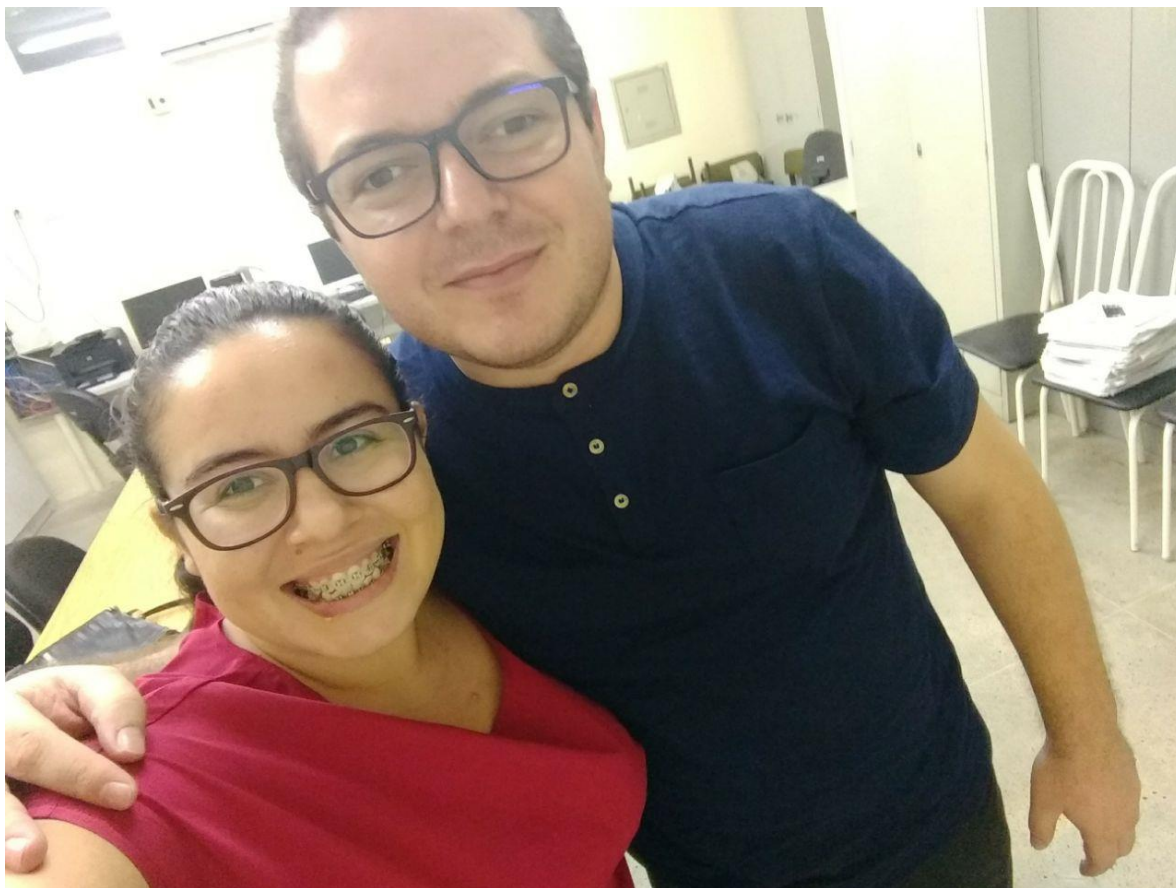
Fonte: Frei Tito Memorial Online, 2016.

ANEXO I – FREI TITO DE ALENCAR LIMA

Fonte: Frei Tito Memorial Online, 2016

ANEXO J – PESQUISADORA COM A ENTREVISTADA LUCIA

Fonte: elaborada pela autora.

ANEXO K – PESQUISADORA COM A ENTREVISTADO CLEYTON

Fonte: elaborada pela autora.

**ANEXO L – TÚMULO DE FREI TITO NO CEMITÉRIO SÃO JOÃO BATISTA
EM FORTALEZA**



Fonte: Setor de Comunicação da Arquidiocese de Fortaleza, 2014.